UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ALAN RIZÉRIO DA SILVA OLIVEIRA

ESTUDANTES EM MOVIMENTO:
CAMINHOS E PERSPECTIVAS DE DOIS MILITANTES ESTUDANTIS DO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP EM BUSCA DE TRANSFORMAÇÃO
INDIVIDUAL E SOCIAL
(Versão original)

São Paulo
2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ALAN RIZÉRIO DA SILVA OLIVEIRA

ESTUDANTES EM MOVIMENTO:
CAMINHOS E PERSPECTIVAS DE DOIS MILITANTES ESTUDANTIS DO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP EM BUSCA DE TRANSFORMAÇÃO
INDIVIDUAL E SOCIAL
(Versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientador: Professor Doutor Gustavo
Martineli Massola

São Paulo
2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Oliveira, Alan Rizério da Silva.

Estudantes em movimento: caminhos e perspectivas de dois
militantes estudantis da USP em busca de transformação individual e
social / Alan Rizério da Silva Oliveira; orientador Gustavo Martineli
Massola. -- São Paulo, 2017.

210 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) –
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Movimento estudantil 2. Militância 3. Entrevista 4. Identidade
I. Título.

HM279

AGRADECIMENTOS

A meu orientador, Gustavo Massola, que com paciência e confiança me guiou neste caminho da pós graduação.

A meus professores do IPUSP por me ensinarem tanto.

Aos meus amigos de luta e trabalho do IP, amigos da gestão do CA, do cursinho da Psico, que compartilharam comigo muitos sonhos e realizações.

Aos amigos de caminhada na pós-graduação, com quem compartilhei angústias e ideias sobre o meu trabalho e sobre a vida.

Aos meus amigos e amigas da turma 08 da psicologia, que tornaram a experiência de fazer psicologia tão mais significativa.

Aos amigos esportistas da psicologia, que tornaram o meu caminho no curso tão mais prazeroso.

Aos meus amigos do ensino médio, cada novo encontro com vocês é um reviver dos tempos de frescor da adolescência.

Aos amigos da FFLCH-USP, que fizeram deste lugar uma nova casa para mim.

Aos meus amigos do atletismo, que tornaram o meu cotidiano mais alegre e também mais ofegante nestes últimos anos.

A todos do Instituto de Psicologia da USP que cruzaram o meu caminho e me construíram de alguma forma, espero ter construído coisas boas para vocês.

Aos entrevistados, por me permitirem adentrar em suas vidas.

Aos meus tios e primos, pessoas que são meu refúgio seguro, pessoas que são inspiração de vida.

Às minhas irmãs Juliana e Lara, crescemos, brigamos, choramos, sorrimos juntos.

À memória de minha avó Celina, que cuidou tanto de mim, e de meu avô Manoel, criaram uma grande e maravilhosa família.

À minha vó Ana, tão doce e tão guerreira, sempre engordando os netos.

Aos meus pais, Reinaldo e Maria Neuza, principal motivo de eu estar aqui hoje escrevendo estas letras.

Índice

Índice.....	5
Resumo.....	8
Abstract.....	9
PARTE I: Introdução.....	10
01. Apresentação Parte I: Caminhos de sentido, de redenção, de transformação na ação política.....	10
02. Apresentação Parte II: Antes a mensagem, agora o trabalho.....	12
03. Trabalhos de referência sobre movimento estudantil.....	13
04. Conflitos e conquistas no movimento Estudantil, alguns exemplos preliminares...	15
PARTE II: Metodologia e Procedimentos.....	21
01. O método.....	21
02. O roteiro.....	21
03. Sujeitos da entrevista.....	22
<i>a. Ser da USP, do IPUSP.....</i>	<i>23</i>
<i>b. Apenas Graduandos.....</i>	<i>23</i>
<i>c. Estar em atuação no movimento estudantil.....</i>	<i>24</i>
<i>d. Período de militância.....</i>	<i>25</i>
<i>e. Atuar no movimento estudantil.....</i>	<i>25</i>
04. Sobre os diferentes Movimentos Estudantis.....	26
05. Critérios subjetivos de escolha dos entrevistados.....	27
06. Algumas reflexões sobre o perfil dos entrevistados.....	29
07. O Convite aos potenciais entrevistados.....	31
08. A Pré-entrevista.....	33
09. Realização das entrevistas.....	34
10. As entrevistas em si.....	35
11. Dificuldades nas entrevistas.....	36
12. Transcrição das entrevistas.....	38
13. Sigilo.....	41
14. Sobre a análise das entrevistas e as reflexões teóricas.....	41

PARTE III: Entrevistados e o Movimento Estudantil.....	47
01. Abertura: Minha experiência no movimento estudantil.....	47
<i>a. Um breve relato do meu caminho desembocando no movimento estudantil..</i>	<i>47</i>
<i>b. O caminho até o movimento estudantil.....</i>	<i>48</i>
<i>c. O ingresso no movimento estudantil.....</i>	<i>56</i>
<i>d. Algumas experiências e reflexões sobre o movimento estudantil.....</i>	<i>58</i>
 Amaro:.....	 64
O Caminho.....	65
01. Onde Amaro é apresentado em sua questão fundamental por ele mesmo.....	65
02. Infância e adolescência, a família.....	66
03. A entrada na psico, o choque.....	69
04. Desgosto, silenciamento, retraimento.....	72
A atuação.....	80
05. O Poder de criar: A atlética.....	80
06. Se sentindo o reaçã. Os duros autojulgamentos.....	87
07. A formação em psicologia.....	90
08. A greve, Aprendizados com a Política.....	97
09. Militante Estudantil?.....	101
10. Difícil falar do CA. Experiências que não quer lembrar.....	103
11. O CA, conflitos, reatividades, como criar assim?.....	106
Futuro e reflexões.....	118
12. Sua contribuição (criar Alianças), objetivos, autocrítica e futuro.....	118
13. Reflexões gerais.....	123
14. Reflexão sobre exclusão entre os grupos.....	126
15. O cuidado a quem se move, formação de laços.....	129
16. Reflexões sobre o ME.....	133
 Bárbara:.....	 140
O Caminho.....	141
01. Quem tem sido Bárbara.....	141
02. Questão do ônibus.....	141
03. Escolas especiais.....	146

04. Colegial e as muitas dúvidas.....	151
05. A entrada e começo da psico.....	157
A atuação	159
06. Início da política na USP, a explosão de um acúmulo.....	159
07. O CA. A greve de 2014.....	168
08. Formação?.....	177
09. A militância na área da saúde.....	178
Futuro	187
10. Futuro e Reflexões.....	187
11. Seu futuro de atuação.....	197
12. Autorreflexão.....	201
 PARTE IV – Reflexões finais	207
01. Sobre a militância estudantil.....	207
02. A macro política.....	209
03. Amaro e Bárbara, a metamorfose individual e social.....	210
Bibliografia	213

Resumo

OLIVEIRA, Alan Rizério da Silva. *Estudantes em movimento: caminhos e perspectivas de dois militantes estudantis do Instituto de Psicologia da USP em busca de transformação individual e social*. São Paulo, 2017. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Esta pesquisa pretende ser um estudo em psicologia social sobre os caminhos e perspectivas de militância de estudantes do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A entrevista aberta com um roteiro norteador foi utilizada como método de pesquisa. Dois estudantes de graduação do Instituto de Psicologia da USP envolvidos de maneira profunda com algum tipo de militância estudantil foram entrevistados.

O tema central destas entrevistas foi a militância e engajamento estudantil. A partir deste grande tema e de algumas perguntas norteadoras referentes à militância estudantil os entrevistados foram convidados a contar o percurso de envolvimento na militância estudantil.

Os assuntos abordados pelos entrevistados foram divididos em três grandes eixos: Os caminhos: Onde relatam os fatos, memórias e lembranças pertinentes ao engajamento político que desembocaram na militância estudantil. A atuação: Contam aqui os caminhos percorridos na própria militância. Futuro e reflexões: Onde discorrem sobre a perspectiva de futuro para eles mesmos no movimento estudantil e na política em geral e trazem pensamentos e reflexões sobre a militância.

A análise teórica dos relatos centra-se em acompanhar o percurso contado pelos militantes dentro de duas grandes perspectivas. A da memória e o do devir. A partir delas tentaremos mostrar as transformações de identidade dos entrevistados ao longo do caminho e as transformações conquistadas no espaço coletivo.

Este estudo pretende contribuir para a reflexão da militância estudantil.

Palavras Chave: Movimento estudantil, militância, entrevista, identidade.

Abstract

OLIVEIRA, Alan Rizério da Silva. Students in movement: paths and perspectives of two student activists from the Institute of Psychology at USP in search of individual and social transformation. São Paulo, 2017. Dissertation (Master degree). Institute of Psychology. University of São Paulo.

This research intends to be a study in social psychology on the paths and perspectives of student militancy of the Institute of Psychology of the University of São Paulo.

The open interview with a guiding script was used as a research method. Two undergraduate students from the Institute of Psychology at USP deeply involved in some kind of student activism were interviewed.

The central theme of these interviews was militancy and student engagement. From this great theme and some guiding questions regarding student militancy, the interviewees were invited to tell the story of involvement in student militancy.

The subjects addressed by the interviewees were divided into three main axes: The paths: Where they report the facts, memories and memories pertinent to the political engagement that led to student militancy. The performance: They count here the paths covered in the own militancy. Future and reflections: Where they discuss the perspective of the future for themselves in the student movement and politics in general and bring thoughts and reflections on militancy.

The theoretical analysis of the reports focuses on following the path counted by the militants within two great perspectives. The perspectives of memory and of becoming. From these we will try to show the identity transformations of the interviewees along the way and the transformations conquered in the collective space.

This study aims to contribute to the reflection of student militancy.

Keywords: Student movement, militancy, interview, identity.

PARTE I: Introdução

01. Apresentação Parte I: Caminhos de sentido, de redenção, de transformação na ação política.

Esta pesquisa, antes de qualquer outra coisa, tem uma intenção em sua concepção, intenção que é fruto de um modo de ser de um sujeito, que assim como todos os outros sujeitos, é único, sofre, vibra, pensa, reflete e que acima de tudo, pretende criar um sentido de toda esta sua jornada. A intenção desta pesquisa é que ela seja uma pequena parte de um projeto de toda uma vida que se desenhou com certo mote, uma busca pessoal que centraliza boa parte das coisas que faço. Uma história que se traduz em uma angústia de uma realização pessoal através de uma realização em prol de um coletivo, angústia esta compartilhada por muitos.

Esta pesquisa antes de tudo pretende transmitir uma mensagem, que está para além do objeto de estudo em si aqui em destaque, estudantes que participaram de movimentos estudantis.

A esta história pessoal, poder-se-ia ter dado vazão significativa de diversos modos, mas pelos mais diversos motivos o processo de participação no movimento estudantil foi por mim escolhido para que fosse o meio concreto pelo qual a mensagem deste trabalho pudesse ser compartilhada.

Escolhi este tema justamente porque foi através dele que vivi dilemas que me fizeram rever quem sou, quem fui, quem gostaria de ser. Que questioneei sobre muitas das ideias mais arraigadas da minha mente, que me vi sendo diferente daquilo tudo que idealizava em mim e que criou muitas crises sobre se estaria á altura das ideias que cultivei. Um processo orgânico de ser confrontado com você mesmo a todo o momento que revela o modo como vivi meus próprios caminhos, relacionado com o viver e estar neste mundo. O movimento estudantil me proporcionou isso, uma possibilidade de confronto com muitos dos dilemas que me acompanham e me acompanharam durante toda a vida. As ideias de sonhos de futuro e seu processo de aplicação sendo experiências na carne. Trazendo para o concreto, para o real, a relação verdadeira e difícil com outros sujeitos,

outros grupos, outras ideias, outras práticas, outros modos de vida, outros modos de vir a ser.

Assim decidi que queria que outros colegas dissessem se para eles o Movimento estudantil também significou pessoalmente o que significou para mim nesta relação confusa e ambígua de querer realizar um projeto pessoal, fruto de uma intenção para com um coletivo, e com isso necessariamente entrar em conflito com outros sujeitos, grupos, com outras ideias, outras práticas. Decidi seguir este caminho, escolhendo o Movimento Estudantil como tema para esta intenção maior pois entrei em contato com um trabalho acadêmico que me inspirou à isso, um trabalho também sobre Movimento Estudantil, mas muito mais um trabalho sobre pessoas e suas relações e conflitos consigo mesmas, com outros, com coletividades e com a política no movimento estudantil. Como ela vai te transformando, te fazendo evoluir, te tornando melhor e te fazendo aprender sobre si mesmo, sobre os outros e o mundo¹.

Um grande conflito surge a partir deste encontro consigo mesmo, e foi através desta experiência, tanto a de participar de certa forma do Movimento estudantil, quanto de ter entrado em contato com o trabalho de alguém que conseguisse traduzir e transmitir em um texto acadêmico boa parte das minhas angústias e meus desafios, que a mensagem que gostaria de transmitir aqui se tornou mais forte, mais coerente, mais pensada, mais elaborada.

Esta mensagem será transmitida por toda a dissertação através de mim e de dois amigos entrevistados que participaram e participam desta mesma saga individual pela qual passei, o movimento estudantil, e através também de outros colegas, amigos e professores que escolheram este tema de Movimento Estudantil como tema de sua preocupação e investimento individual. Também através de outros professores e teóricos que me ajudaram a elaborar esta dissertação, com pensamentos e reflexões psicológicas, políticas.

O que se pretende transmitir aqui, qual a mensagem a ser passada nesta obra?

Antecipando algumas reflexões deste trabalho, o que se quer transmitir aqui é de que há um grande poder de transformação em um sujeito e também há um grande poder de transformação nas coletividades, movimentos, instituições.

O micro (sujeito) tem a força e o poder de transformar o macro (a coletividade) assim como o macro (a coletividade) tem o poder de transformar o micro (o sujeito).

¹ O trabalho de mestrado de Samir Mortada foi esta grande inspiração no momento inicial deste projeto, e é um trabalho que permeia toda esta obra aqui.

A mensagem é que nos esforcemos e façamos isso de uma maneira a nos integrarmos e nos beneficiarmos desta relação de transformação mútua, contínua, vibrante e dinâmica entre sujeitos e coletividades, em busca de sentido e integração.

Espero que este trabalho, através principalmente do percurso dos dois entrevistados, transmita esta mensagem.

02. Apresentação parte II: Antes a mensagem, agora o trabalho.

O projeto em questão pretende ser um acompanhamento de percursos autobiográficos de alguns militantes estudantis do IPUSP e do processo de mudança e avaliação pessoal que isso despertou nestes sujeitos ao mesmo tempo em que pensaremos sobre o processo de mudança institucional que tais indivíduos foram capazes de despertar em seu ambiente de atuação.

Este tema foi elaborado depois de muita reflexão juntamente com o grupo de orientação deste mestrando e das experiências do mesmo com a militância estudantil, e confunde-se com o percurso de vida e de trabalho do pesquisador. Inicialmente o projeto de mestrado não se debruçaria sobre o tema que este trabalho irá desenvolver, e a mudança de perspectiva e de objeto de estudo se relaciona intrinsecamente com as experiências pessoais deste pesquisador depois que voltou a conviver de maneira intensa no ambiente universitário da USP durante o início do mestrado, ainda mais durante um período de greve, sempre muito intensos de discussões políticas e afetos exacerbados. A experiência de rememorar boa parte do percurso pessoal no movimento estudantil quando do retorno a USP me fez buscar trabalhos relativos ao movimento estudantil, por pura curiosidade. Quando entrei em contato com o trabalho de mestrado de Samir Mortada me veio a vontade de trabalhar com este tema, e aqui estou eu realizando um trabalho cujo “objeto de análise” são os discursos de sujeitos atuantes no Movimento estudantil.

O mote da dissertação, com o passar do tempo de trabalho também foi se transformando, creio que para algo mais genuíno, verdadeiro e natural, algo mais próximo do que realmente queria fazer e que inicialmente estava com dificuldade de objetificar. Tive grande dificuldade de definir a centralidade conceitual deste trabalho. Autocrítica? Experiência de Militância? Muitas dúvidas surgiam.

Cada membro da banca de qualificação me proporcionou um vislumbre de que caminhos seguir que desembocaram em um trabalho um pouco diferente do planejado anteriormente mas que se tornou muito mais orgânico, natural e coerente com o que sou hoje. O contato que busquei com a Hannah Arendt, através da sugestão de Samir Mortada me foi imprescindível para conseguir pensar a política na vida dos sujeitos entrevistados juntamente com suas angústias pessoais e existenciais. Além disso a dissertação de mestrado de Mortada foi a inspiração e a base de comparação que a todo momento utilizei para a realização deste trabalho.

Marcelo Ribeiro me proporcionou a confiança de me deixar dar a liberdade da forma de escrever que estava receoso de aplicar na pesquisa, deixar que as experiências dos depoimentos determinassem os caminhos que o trabalho deveria seguir, me permitir que as entrevistas me guiassem me trouxe uma grande segurança para poder dar continuidade ao trabalho. De certa forma era uma maneira de eu me deixar entender mais fluidamente em todo o processo que vivi no Movimento Estudantil.

Marcelo me falou sobre definir um eixo, e definido este eixo por mim o enfoque do trabalho também se modificou. A centralidade conceitual da crítica ao movimento estudantil, ideia muito forte presente até a qualificação do projeto passou a ser secundária e passou a ser cada vez mais importante o caminho de transformação vivido pelos entrevistados atuante no movimento estudantil ao longo deste processo bem como a transformação que este sujeito era capaz de desencadear e estimular no Movimento estudantil. Este será o eixo central do trabalho. Com isso creio que o trabalho se tornou mais autoral, mais fluido até onde me foi possível.

03. Trabalhos de referência sobre movimento Estudantil.

Gostaria de lembrar que o foco do trabalho foi sendo construído para ser em função das experiências pessoais dos entrevistados, assim, uma contextualização do Movimento Estudantil no Brasil, ou ao longo da história, não será trazida de forma sistemática ou com profundidade neste trabalho.

Há grande quantidade de trabalhos acadêmicos e livros que trabalham com a temática de fazer um histórico do movimento estudantil Brasileiro.

Entre eles destacamos o trabalho de A.J. Poener intitulado “O Poder Jovem” de 1979, que traça um histórico do movimento estudantil desde a criação das primeiras escolas e faculdades no Brasil e também o trabalho de A. Mendes júnior intitulado “O movimento estudantil no Brasil” de 1982.

Marialice Foracchi também é uma grande referencia sobre a construção do estudante Brasileiro, pensado em uma perspectiva não só no cenário específico do movimento estudantil mas de todos os aspectos sobre o ser estudante na sociedade brasileira. Seus 2 trabalhos principais sobre esta temática são “O estudante e a sociedade brasileira” de 1965 e “A juventude na sociedade moderna” de 1972.

Há também diversos trabalhos que pensam o movimento estudantil conjuntamente á uma lógica de movimento social de maneira geral. Um trabalho interessante dentro desta perspectiva e bastante recente é a tese de doutorado de Marcos Ribeiro Mesquita, defendida na PUC-SP em 2006, intitulada “Identidade, Cultura e Política: Os movimentos estudantis na contemporaneidade”.

Neste trabalho Mesquita entra em contato com toda a cultura de movimento estudantil mais recente e nos mostra a amálgama que o movimento estudantil faz com novas formas de se fazer política, novos tipos de lutas como a de gênero e novos modos de organização do movimento. Este trabalho de Mesquita me ajudou muito para realizar algumas reflexões.

Há trabalhos que se detém sobre um determinado evento estudantil de um determinado nicho específico de estudantes, o trabalho de mestrado de Marcelo Ribeiro nos traz a história e memória do movimento estudantil da Psicologia e mais especificamente do ENEP (Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia).

O presente trabalho se inspirou inicialmente no trabalho de mestrado de Samir Mortada, de 2008, intitulado “Memória e Política: Um estudo de Psicologia Social a partir do depoimento de militantes estudantis.” Foi através da leitura deste trabalho que resolvi mudar o tema de minha dissertação, gostaria de fazer algo parecido com isso pois foi um trabalho que me fez lembrar todos os problemas, lutas, vitórias, angústias e satisfações que vivi durante minha estada como graduando do curso de Psicologia da USP. Gostei do formato deste trabalho do Samir e fiz algo análogo no meu trabalho. Fiz entrevistas de profundidade com alguns estudantes ligados a movimentos estudantis. Achei que este formato escolhido por Mortada, de entrevista profunda, potencializou a humanização dos entrevistados e possibilitou a nós leitores poder vislumbrar os dramas vividos na atuação do movimento estudantil.

Já no final do processo de finalização e escrita desta dissertação, após a qualificação, outro trabalho, não diretamente relacionado ao movimento estudantil, se mostrou pra mim como um modelo a ser utilizado para a melhor comunicação de todos os conflitos e transformações vividos por estes depoentes em seu percurso no movimento estudantil. É a tese de Doutorado de Antônio da Costa Ciampa, publicada em livro em 1987, chamada “A estória do Severino e a história da Severina”. Tese de Psicologia cujo tema central é a identidade. Escrita de uma forma muito bonita e literária, neste trabalho acompanhou o percurso de “Severina”, mulher pobre, sofrida, e de todo o seu processo de transformação identitária. Muitos elementos deste trabalho de Ciampa estarão presentes aqui, pois pretendo pelo menos me aproximar o quanto puder da profundidade que o trabalho de Ciampa conseguiu para apresentar o desenvolvimento dos caminhos da vida de “Severina”.

04. Conflitos e conquistas no movimento Estudantil, alguns exemplos preliminares.

Uma grande inspiração para este projeto, como já dito anteriormente, foram os trabalhos de mestrado e doutorado de Samir Mortada, principalmente o de mestrado. Neste foram coletados e analisados relatos de antigos militantes estudantis graduados em Psicologia no IPUSP num passado recente, tendo como base teórica principal os trabalhos sobre memória e política de Ecléa Bosi.

Usaremos aqui alguns trechos deste trabalho (Mortada, 2002)² para darmos pistas sobre o que pretendemos fazer aqui neste trabalho através das entrevistas.

No trabalho de mestrado de Mortada podemos verificar nos discursos de antigos militantes estudantis, boa parte dos sofrimentos e contradições presentes na atuação política no movimento estudantil. Ao mesmo tempo em que há uma vontade de participação para transformação no movimento estudantil e grande empenho destes militantes em suas atividades, também há muitos desapontamentos, experiências de sofrer pressão e opressão por parte de membros de sua própria organização e de outras

² MORTADA, S.P. *Memória e Política: Um estudo de Psicologia Social a partir do depoimento de militantes estudantis*. (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

organizações, além de formas de organização institucional que impossibilitam aos participantes mais novos grandes reflexões sobre o seu papel na construção de novas formas de militância e também impossibilitam uma liberdade de criação e de proposição, pois apresentam muitas vezes estruturas hierárquicas muito rígidas.

Podemos observar no próprio discurso dos entrevistados aspectos que consideraram como alienantes de si mesmo durante a época de suas atividades no Movimento estudantil, aspectos estes que não possibilitavam aos sujeitos estarem abertos aos discursos dissonantes e a outras formas de discursos e práticas, outras formas de enxergar o mundo, cindindo em si mesmo a possibilidade de experienciar o outro como um sujeito por si próprio, e representando-o através da estereotipia.

Integrantes de movimento estudantil idealizam certas atuações institucionais que visam democratização e abertura, mas a prática em si, dito de maneira genérica, muitas vezes não se revela desta forma, recorrendo em todo um agir burocrático que despotencializa o intento transformador de certas ideias.

Sobre os impedimentos que uma administração burocrática pode causar em certas organizações, Paro³ nos diz que é possível pensar e agir administrativamente de uma maneira mediadora, e que esta prática é precisamente a negação do burocrático, pois possibilita o alcance dos fins objetivados sem a necessidade de trabalhos e procedimentos sem sentido. Mas para isso se efetivar deve haver um exercício de aceitação e compreensão mútua entre os agentes, dentro de um efetivo agir democrático (Idem 2002). Aí estaria o desafio institucional dos movimentos estudantis como grupo e o desafio pessoal dos sujeitos integrantes dos mesmos.

Em trechos de relatos de Simone (Mortada, 2002), militante estudantil na USP na década de 1990, podemos constatar as dificuldades de se relacionar com grupos em que não ocorria nenhuma ressonância identitária. Fala Simone:

“Numa época, quando eu me envolvi mais com o movimento estudantil, nem sabia mais quem era da minha turma. Não tinha afinidade nenhuma. Acho que eu era bem radical; achava que eram todos burgueses, reacionários, que estavam aqui para montar seus consultórios.”

Esta forma de subjetivação segmentada, tendo como mote o conflito contra um

³ PARO, V. H. Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. 28. 2002.

grupo específico experienciado como antagonista das idealizações pessoais, tem justamente como foco de luta estes representantes de tudo aquilo que consideramos como contrario ao que deveríamos aplicar à sociedade e ao mundo. Mas nisto ocorre um processo de estereotipia e de desvalorização com relação a este grupo antagonista. De Castro⁴, em seu estudo sobre Política e Juventude, nos diz que há entre jovens militantes uma tendência à minimização das diferenças intragrupos e aumento das diferenças intergrupos. Assim este grupo considerado antagônico seria experienciado como ainda mais antagônico do que potencialmente é, estimulando a crescente animosidade do militante com este grupo.

Isso estimularia o maniqueísmo e a visão baseada em estereótipos dos próprios integrantes de movimento estudantil mais radicais e infelizmente mais alienados de si dentro deste contexto, muitas vezes gerando atitudes defensivas e até muitas vezes violentas contra grupos antagônicos ao próprio grupo.

Sobre a alienação e a inconsciência das consequências nefastas das práticas de determinados grupos, Adorno⁵ diz que Marx, em sua obra, tenta prevenir a recaída na barbárie, dizendo que isto pode ocorrer através de uma crítica cega. Pode haver afinidade entre conservadorismo e revolução.

Simone (Mortada, 2002) se reinterpretou durante a entrevista como apresentando uma crítica cega para com alguns de seus colegas de curso. Diz Adorno:

“A desculpa de que contra a totalidade bárbara somente surtem efeitos métodos bárbaros soa plausível a muitos” (Idem, 1995).
Com isso a dialética Marxista corrompe-se então em sofística (Idem, 1995).

Ecléa Bosí⁶, sobre as práticas de defesa de grupos e minorias fragilizados socialmente, nos diz:

Todas as vezes que os oprimidos quiseram formar agrupamentos, tenha tido o nome de partidos ou de sindicatos, reproduziram

⁴ DE CASTRO, L.R. Participação Política e Juventude: Do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia e Política*. 16 2008.

⁵ ADORNO, T. *Palavras e sinais. Modelos críticos 2*. São Paulo. editora vozes. 1995.

⁶ WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. BOSI, E. (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

integralmente em seu seio todas as taras do regime que pretendiam reformar ou abater, a saber, a organização burocrática, a inversão da relação entre os meios e os fins, o desprezo pelo indivíduo, a separação entre o pensamento e a ação, o caráter maquinal do próprio pensamento, a utilização do embrutecimento e da mentira como meios de propaganda, e assim por diante.

Ambas as advertências, tanto de Bosi quanto de Adorno são norteadores importantes desta pesquisa, que se pretende debruçar analisando o discurso e percurso de vida dos depoentes em sua atuação no movimento estudantil. Gostaríamos de acompanhar e entender os processos possíveis de serem identificados nesses militantes que os aproximem de recair nas práticas pelas quais combateriam. Apresentando este tipo de característica, será que conseguirão elaborá-las, pensa-las, para não recair em práticas nefastas? Quais seriam os caminhos mais potentes para a ação no mundo que estes depoentes de movimento estudantil teriam a nos contar?

Ainda pensando sobre esta possível visão radical e estereotipada que determinados grupos e sujeitos tenderiam a apresentar, para estes haveria os sujeitos engajados politicamente e preocupados com os rumos universitários e sociais, buscando utilizar a universidade, pelo menos idealmente, como um espaço de debate público e democrático para as questões sociais do país e do mundo. No outro polo e segundo a visão destes mais radicais e estereotipadores, haveria também aqueles que se apropriariam da universidade de modo utilitário e individualista, corroborado por uma prática utilitária e mercadológica presente na universidade.

É nesta disputa de polos e em suas nuances que se acabam construindo os discursos de conflito contra tais e quais atores e instâncias de poder.

No relato da mesma Simone (Mortada, 2002) vemos que num determinado momento, no final do curso de graduação em psicologia, ela se reaproxima de sua turma e passa a ver algumas destas mesmas pessoas que ela estereotipava anteriormente com outro olhar, ficando amiga de pessoas que até então não conceberia se relacionar, e atribui a esta aproximação ao afeto criado entre os integrantes num grupo de estudo. Experiência esta que potencialmente trás reavaliações sobre o próprio modo de ser e agir no movimento estudantil. Diz Simone:

“Minha aproximação com a turma começou com o ELO (Estudo

e loucura)... Comecei a conversar com gente que nunca tinha conversado na vida... No quinto ano, a minha turma começou a se amar. O Uri, que tinha posições políticas muito questionáveis, virou meu amigo. Todo mundo passou a se amar. Acho que isso passou pelo afeto, não pela razão...”(Mortada, 2002)

O contato cotidiano com pessoas diferentes dela em um grupo de estudo e a perspectiva de se formar na graduação possibilitaram novas visões sobre as pessoas que sempre rejeitou como alienadas.

Apesar disso, ao assumir a identidade de psicóloga e se aproximar de sua turma, Simone se viu identificando-se com o papel de alienada política, pois estaria se identificando com um papel social contra o qual, até então, sempre lutara (Mortada, 2002), situação de grande conflito pessoal para ela.

Podemos ver nesta aproximação de Simone com sua turma de graduação a experiência de construção e reconstrução da interpretação de sujeitos que até então eram vistos como antagonistas, alienados e inimigos, pessoas que eram evitadas, se transformarem em amigos. Através de novos sentidos atribuídos a ela mesma e aos outros, novas nuances perceptivas, novos afetos e novas compreensões políticas foram acontecendo. Vemos Simone realizando uma autocrítica genuína e se transformando, mudando a sua identidade, se reconhecendo como um sujeito diferente do que era antes.

“Não é a luta o modo fundamental de relação humana, mas a colaboração” (Maturana apud Paro, 2002), e parece que Simone foi se desenvolvendo para este sentido em sua trajetória final na graduação no IPUSP, a luta deixou de ser o seu principal modo de agir e passou a colaborar com todos de sua turma, mesmo aqueles os quais considerava alienados, mas neste processo também cria uma identidade que aos olhos da “antiga” Simone seria conservadora, alienada do mundo, reacionária. Grandes conflitos pessoais e identitários nesta reconfiguração de personalidade.

Houve em Simone grandes modificações de sua visão a respeito de sua forma de participação no movimento estudantil ao longo do tempo. Como a entrevista foi realizada alguns anos após ela ter deixado a militância estudantil, verificamos ao longo do depoimento de Simone grandes modificações de visão de mundo e uma visão muito crítica da própria forma de atuação dos tempos de militância estudantil, com outros olhares e outros referenciais e parâmetros de comparação para uma boa prática militante.

Como uma das questões a ser tratada nesta pesquisa é pensar a reconstrução dos sujeitos na participação no movimento estudantil e a mudança de paradigmas do movimento estudantil a partir da força de determinadas ideias e pessoas, temos nos relatos e na análise da pesquisa de Mortada bons elementos para pensar estas articulações. Sua pesquisa de memória estudantil pode nos contar como há reinterpretação de sentido e significado a respeito da própria atuação pessoal por parte dos entrevistados.

Mas diferentemente do que Mortada fez em sua pesquisa, a nossa não se debruçará sobre antigos participantes do movimento estudantil e sim sobre os atuais participantes, o que cogitamos que nos indicará um perfil discursivo e de experiência muito diferente do apresentado na pesquisa de Mortada.

Os depoentes da pesquisa de Mortada tiveram um bom tempo para refletir, deixaram de ser estudantes. Durante as entrevistas eles eram profissionais psicólogos, tinham outra identidade, outras tarefas, outras responsabilidades. Era outro momento de suas vidas. Já tinham passado por um processo de auto avaliação de seu passado na graduação e no Movimento Estudantil. Se fossemos entrevistar Simone no momento de suas atuações políticas no movimento estudantil teríamos a entrevista de uma outra Simone, que contaria os episódios a partir de sua identidade e concepção presentes. No trabalho de Samir tivemos o privilégio de ouvir a história de dois depoentes que reelaboraram suas experiências de atuação no movimento estudantil muito intensamente. Neste trabalho estaremos captando os entrevistados em momentos específicos de sua atuação como militantes de movimento estudantil. mas que estão em continuo pensar e viver o movimento.

Assim, podemos pensar: Como será o processo de auto análise realizada pelos militantes que estão ativos em suas lutas? Que histórias eles contarão sobre si? Conseguirão ver além de seus ideais pessoais, se é que o apresentam? Será que estão presos a uma visão específica de uma construção de um grupo político independente de qualquer relação com outros grupos e sujeitos, ignorando-os na prática? Ou conseguem se enxergar dentro de um processo de transformação mútua e ajustes, deixando-se recriar a cada contato, cada momento, cada diferente que lhes são apresentados?

“Como construir outro agir político que não se torne também corrompido” (De Castro, 2008).

Questão esta que está presente nas discussões de construção de quase todos os coletivos e grupos de movimento estudantil.

Parte II: Metodologia e Procedimentos.

01. O Método.

Há diversas formas de se fazer uma pesquisa de campo como esta. Análise de documentos, entrevistas em grupo, pesquisa ação. Uma análise documental, por exemplo, traria certo tipo de riqueza para o trabalho associada tradicionalmente a análises históricas. Poderíamos por exemplo nos debruçar mais minuciosamente sobre atas de reuniões, documentos institucionais e através destes conduzir uma análise a respeito das decisões e modos de funcionamento do movimento estudantil. Porém, para além da produção escrita dos movimentos estudantis, esta pesquisa pretende ser uma que enfoque a experiência mesma dos sujeitos atuantes no movimento estudantil e como se dão as transformações dos sujeitos e dos movimentos estudantis através da atuação destes sujeitos. Poderia chamar esta pesquisa de uma tentativa de explicitar a relação dialética e viva entre pessoas atuantes no movimento estudantil e o próprio movimento estudantil, ambos se modificando, se reconstruindo, numa metamorfose rumo a uma maior integração e compreensão. Com isto, foi escolhido para este trabalho como método privilegiado um recurso muito utilizado em psicologia social; a entrevista semi dirigida ou entrevista aberta com roteiro (Bósi, 2004; Mortada, 2002). As entrevistas são um recurso extremamente rico para trazer tanto as memórias quanto as perspectivas de futuro dos entrevistados.

Esta forma de entrevista visa dar um norte e foco para o que será conversado entre pesquisador e entrevistado, ao mesmo tempo em que possibilita ao entrevistado percorrer os caminhos de seu pensamento sobre aquele tema em questão da maneira que melhor entender e desejar, estando livre para construir o seu discurso.

02. O roteiro.

O roteiro é o guia básico sobre o que será tratado na entrevista. A proposta para este roteiro é que ele permita colocar questões que estimulem o entrevistado a se sentir confortável para explicitar suas ideias e emoções, dizendo mais sobre suas experiências

no movimento estudantil e suas perspectivas e ideias para a prática militante futura. Tenta deixá-lo a vontade para que conte sobre tudo que em sua vida afetou a sua participação no ME.

Foi elaborado então um roteiro de entrevistas (em anexo, no final do documento), com algumas perguntas norteadoras. São perguntas abertas, que pretendem estimular o entrevistado a refletir e trazer elementos de sua história e de sua perspectiva como militante. As perguntas não necessariamente deverão ser feitas do modo como foram redigidas, e sim adaptadas às características de linguagem, e da percepção do entrevistador sobre o contexto adequado que deverão ser inseridas.

Neste conjunto de perguntas estão incluídas questões que tentam trazer o início do interesse pela militância estudantil e como foi a entrada do militante no movimento estudantil, os laços afetivos envolvidos em todo o processo, bem como as perspectivas que o militante enxerga como mais apropriadas para o movimento. Com estas perguntas pretendo trazer o modo como os depoentes se enxergam no meio de todo o processo de militância estudantil.

Após as entrevistas realizadas, identifiquei que seria mais interessante montar um roteiro de entrevistas muito mais conciso e aberto do que apliquei. Após a elaboração do roteiro e a sua aplicação me foi possível identificar pontos a serem modificados que possibilitariam aos entrevistados maior liberdade, mas sempre depois de uma tarefa executada pensamos nos problemas e dificuldades que enfrentamos e adquirimos conhecimento e experiência para que numa próxima vez realizemos esta mesma atividade de uma maneira mais satisfatória. Faz parte do processo de aprendizagem e execução. Adquirir experiência e conhecimento é um processo constante numa determinada atividade.

Fiz o que foi possível realizar e as dificuldades passadas ajudaram a tornar o trabalho mais rico e me ajudou a dar ainda mais valor a este método tão privilegiado de compreensão dos caminhos de uma vida humana que é a entrevista aberta com roteiro.

03. Sujeitos da entrevista.

A escolha do perfil dos sujeitos da pesquisa está diretamente relacionada com os objetivos a que esta mesma se relaciona. Esta pesquisa busca desde sua concepção inicial ser uma forma de explicitar as dificuldades e conquistas de uma trajetória pessoal

no Movimento Estudantil e o que este caminho traz de reconstrução identitária e de paradigmas para o sujeito. Também tenta trazer, inversamente, o que o sujeito imerso neste mundo consegue trazer de novo e de sua marca pessoal para este movimento estudantil, tendo como mote central deste percurso de transformação os dilemas oriundos mesmos do próprio processo de um engajamento político.

Dificuldades de se fazer compreender no grupo, fechamentos ideológicos, práticas estranhas à genuinidade do sujeito em ação. Todas estas são questões pelas quais estas pessoas estão sujeitas neste tipo de engajamento político.

Fiz então uma escolha de perfil, escolhi sujeitos que passaram pelos mesmos caminhos pelo qual passei.

Trarei mais detalhes destas escolhas abaixo.

a. Ser da USP, do IPUSP

A escolha por se restringir à USP e ao IPUSP mais especificamente se relaciona com as motivações iniciais já citadas aqui neste trabalho no início do texto. Foi o ambiente de militância da USP e do IPUSP vivido por mim durante a graduação e ainda vivido como representante discente na Pós-graduação que me motivaram a ter estas escolhas de foco de trabalho. A busca por compreender melhor o próprio ambiente a que estive por tanto tempo envolvido e que suscitaram questões e angústias análogas ao que já foi encontrado em outros relatos de militantes estudantis nos trabalhos estudados são o alimento para esta pesquisa. Poderíamos, como foco de trabalho, buscar outras instituições universitárias, com características diferentes, para justamente fazer um contraste com alguns trabalhos já realizados aqui na USP, e mais especificamente no IPUSP, mas neste trabalho se dará ênfase em tentar trazer uma nova percepção sobre os sujeitos atuantes no movimento estudantil no IPUSP e na USP atualmente, dando voz a alguns de seus atuais participantes. Penso que há grandes possibilidades de novas reflexões sobre o movimento estudantil na USP. A distância temporal com relação às últimas pesquisas realizadas no IPUSP sobre movimento estudantil podem trazer novidades devido à novas configurações sociais, políticas e culturais e esperamos conseguir problematizar um pouco esta temática.

b. Apenas Graduandos.

Buscaremos entrevistar somente graduandos. A entrevista com pós-graduandos traria um perfil de entrevistado muito diferente o buscado aqui. A pós graduação

apresenta perfil de público e preocupações muito específicas e muitas vezes muito diferentes se compararmos com os da graduação. Pós-graduandos tem em geral uma idade mais elevada, o que faz com que estejam em outro momento de desenvolvimento pessoal em relação aos graduandos. Têm um vínculo com a universidade pautado pela pesquisa e um compromisso muito forte com a mesma. Há um tipo de relação, tanto do espaço, quanto da experiência e de identidade universitária muito diferente também em relação aos graduandos.

Há movimentos estudantis específicos da pós graduação, com debates e lutas a respeito das condições de vida e trabalho na pós graduação. Estes tipos de diferenciações gerariam grandes dificuldades para comparar os relatos e as experiências dos depoentes de graduação e pós-graduação e expandiria demais as problemáticas específicas que gostaríamos de tratar aqui. O perfil do graduando que ingressa no movimento estudantil geralmente traz o sentido de descoberta de um mundo novo de atuação. Optamos então pela escolha somente de graduandos, pois são a maior parte do corpo do movimento estudantil e historicamente são eles que sustentam as maiores movimentações e ações no mesmo.

c. Estar em atuação no movimento estudantil.

Esta pesquisa não é realizada com antigos militantes de movimento estudantil e sim com estudantes que estão em plena atividade no movimento estudantil. Temos a hipótese de que isso modificará completamente o tipo de experiência a ser contada pelos nossos depoentes em comparação com os relatos no trabalho de Mortada (2002)

Assim, podemos pensar: Como será a auto avaliação realizada pelos estudantes que estão ativos em suas lutas, diferenciando-os daqueles que já passaram por um bom tempo de reavaliação de sua história de movimento estudantil? Como será a autorreflexão e o impacto emocional da reavaliação de práticas tão recentes e ainda em curso por parte destas pessoas que estão vivenciando estes dilemas no presente momento e como projetam a partir disso suas próximas ações no Movimento estudantil?

O tempo e novas experiências de vida reconstroem os significados que atribuímos às experiências passadas. A questão colocada então é pensar como se daria uma crítica e autorreflexão não em função de novas experiências de vida que reconstruam as noções e valores, mas sim como e em que termos se daria uma autocrítica dos militantes que estão, no presente momento, engajados em suas lutas, e se reconstruindo, a todo o momento, para pensar os próximos passos de si e de suas ações.

d. Período de militância.

Os sujeitos que foram buscados para esta pesquisa são jovens estudantes com certo tempo mínimo de participação no movimento estudantil. Este tempo mínimo estipulado foi cerca de um ano e não há um limite de tempo de permanência no movimento estudantil que pensamos ser necessário colocar. Este limite mínimo de 1 ano também não foi rígido, pois dependemos das contingências da pesquisa e poderia ser que fosse necessário entrevistar alguém com menos de um ano de atuação. Foi considerado o período de um ano como tempo mínimo de participação pois a maior parte dos ciclos de reuniões, eventos e ações dentro do movimento estudantil são realizados tendo como parâmetro o ciclo anual (eleições de Chapas de centro acadêmico, eleições de Representantes discentes e ingresso de novos calouros na Universidade de São Paulo apresentam este ciclo). Sem a atuação no movimento estudantil por este período de tempo o sujeito não teria passado por todas as etapas necessárias para uma visão global. Assim julgamos pertinente colocar este período de engajamento de pelo menos um ano como condição para a entrevista.

e. Atuar no movimento estudantil.

Este é o objeto imediato mais importante de nossa pesquisa. Para efeito deste trabalho estamos aqui chamando inicialmente de movimento estudantil a definição mais simples e corriqueira possível. Toda estudante ou grupo estudantil que exerce alguma atividade política tendo como campo de luta as questões educacionais de sua própria instituição de ensino, de sua região ou de seu país, pensando a melhoria desta instituição estudantil bem como pensando e atuando através destas instituições estudantis em prol de modificações da sociedade como um todo.

O ME engloba uma gama gigantesca de iniciativas e organizações. Definir precisamente o que abarca grupos que consideramos ME não é tarefa simples.

Ribeiro (1998) traz em seu trabalho de mestrado um resumo porém muito completo histórico do ME no Brasil e as diversas formas que foi tomando ao longo do tempo. Surgiram novas formas de organização, novas formas de luta, novas pautas, novos mecanismos e novas configurações sociais e políticas que transformaram o ME.

O ME não fica parado no tempo, se reconstrói ao longo da história, e isto

julgamos pertinente para reflexão neste trabalho.⁷

A partir desta primeira definição que fizemos de ME gostaríamos então de desenvolvê-la com o auxílio de nossos entrevistados. Algumas formas de atuação e novas concepções sobre o que significa agir politicamente trazido por eles levaram este pesquisador a refletir no final deste trabalho sobre o que significa hoje, pelo menos para nossos entrevistados, ser do movimento estudantil e ser um militante estudantil.

Para efeitos práticos temos então uma gama específica e privilegiada de instituições de atuação como possibilidade de atuação, qual seja:

A) C.A.I.I (Centro acadêmico Iara Iavelberg). Centro Acadêmico dos estudantes do IPUSP.

B) DCE da USP (Diretório Central dos estudantes).

C) Representação discente oficial do IPUSP e da USP.

D) Coletivos estudantis partidários presentes nas USP

E) Movimentos estudantil de Área (ENEP, COREP por exemplo)

F) Movimentos estudantis de âmbito Nacional (UNE por exemplo)

G) Coletivos estudantis de demanda social específicas (Coletivos de raça, de gênero).

04. Sobre os diferentes Movimentos Estudantis.

Nesta pesquisa, como já mencionado anteriormente, há um escopo grande de instituições que consideramos parte do movimento estudantil e que não necessariamente guardam muitas semelhanças de atuação entre si. Não estamos aqui fazendo uma pesquisa específica com relação a uma entidade em particular de movimento estudantil da USP ou do IPUSP, assim podemos encontrar depoentes envolvidos em instituições, atividades e discussões muito diferentes entre si, apesar de poderem compartilhar muitas outras coisas em comum. Por exemplo, uma atuação no DCE da USP de um estudante

⁷ Esta pequena digressão a respeito da definição de ME se credita ao meu orientador Gustavo Massola. Estava buscando uma definição clara de ME e esta ponderação feita por ele sobre o percurso dialético da definição do objeto de estudo, se redefinindo ao longo da história, foi de grande valia.

do IPUSP muito provavelmente apresentará característica de envolvimento completamente diversa de uma participação que atue através do grupo de representantes discentes da unidade do IPUSP. São ordens de grandeza institucional diferentes, uma representa toda uma universidade e a outra enfrenta problemas locais no instituto. São envolvimento e focos de trabalho de natureza completamente diversa. Assim como certo tipo de atuação desvinculada de organizações com vínculos e pautas partidárias é completamente diferente quando os agentes destas estão vinculados a um partido político.

A título de exemplo, sobre esta diferenciação entre atuações vinculadas e não vinculadas a partidos políticos, Rabelo de Castro (2008) nos diz que a juventude ligada a partidos políticos geralmente pensa em um projeto de nação relacionado com questões de ordem mais conjuntural que explicaria as relações do cotidiano, já a atuação não vinculada a partidos políticos tem um foco mais local, poderemos perceber isto em nossos depoentes.

Outra diferenciação que Rabelo de Castro (2008) nos traz em seu artigo é que nos coletivos não vinculados a partidos há um esforço muito grande para que a opinião de todos seja ouvida e as discussões se decidam por consenso, mostrando o esforço de uma meta comum que todos compartilham, há com isso enorme investimento psíquico no grupo. Nos grupos partidários a organização se dá de maneira mais vertical, com as bases levando a frente às discussões e decisões realizadas nas cúpulas partidárias.

Sabemos então que os sujeitos entrevistados, apesar de compartilharem muitas coisas em comum, terão, a partir de sua instituição de maior engajamento, de onde se origina sua vontade e sua motivação de ação no movimento estudantil, seu olhar e suas questões específicas.

05. Critérios subjetivos de escolha dos entrevistados.

Depois de realizado todo o processo de definição do tipo de perfil de sujeito adequado para a pesquisa, foi-me necessário pensar quem dentre os sujeitos que se adequam ao perfil estabelecido seria convidado para a pesquisa.

Aqui se faz necessário enfatizar que este pesquisador foi participante do movimento estudantil do IPUSP em um passado recente e conviveu com boa parte dos

atuantes do movimento estudantil que se enquadram no perfil. Assim, não sou um ente neutro ou inocente para estas escolhas.

Outro fato importante é que a partir dos critérios escolhidos, não temos um grande número de pessoas passíveis de serem entrevistadas. O Instituto de Psicologia é relativamente pequeno e seus atuantes em movimentos estudantis que se enquadram nesta pesquisa são poucos, diferente do que ocorreria em outras instituições da própria USP como a FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) por exemplo. No momento da busca por sujeitos para a pesquisa não consegui pensar em muito mais do que uma dezena de sujeitos que estariam dentro dos meus critérios já mencionados acima. Assim julgamos que critérios objetivos de aleatoriedade e estatísticos não fariam muito sentido dado a pequena amostra e sim pensar no perfil dos sujeitos que teriam a possibilidade de trazer mais riqueza.

Busquei preferencialmente pessoas que estivessem envolvidas de modo profundo com o movimento estudantil, podendo ser estas pessoas referências dentro de seu grupo de militância ou não, mas que necessariamente demonstrem ter na atuação no movimento estudantil do IPUSP um aspecto central de suas vidas.

Dada esta situação pensei em convidar pessoalmente algumas pessoas que de acordo com a proposta da pesquisa julgava ser interessante para a mesma, e assim o fiz.

Foi um processo difícil este da escolha dos entrevistados. É neste momento de escolha das pessoas convidadas para a pesquisa que boa parte da carga emocional vivida no movimento estudantil na psicologia vem à tona.

Busquei evitar a tendência de chamar para a pesquisa somente as pessoas mais próximas e com maior ressonância de atitudes e de pensamentos na atuação no movimento estudantil que a minha e optar por pensar em quais das pessoas do movimento estudantil da psicologia teriam experiências mais ricas e diversificadas e que trariam maior riqueza para o trabalho em questão. Mesmo assim sabemos que não é possível prever dentro de todo o espectro de estudantes quais seriam as melhores combinações de militantes para a riqueza do trabalho. Cada um tem a sua própria característica e visão sobre a militância e cada um traria questões e reflexões específicas que mais ninguém traria. Cada sujeito singular exporia de maneira a demonstrar a sua personalidade completa ali nos seus relatos.

Um homem não pode fazer observações gerais em qualquer medida, sobre qualquer objeto, sem trair a si mesmo, em

introduzir sua inteira individualidade, e apresentar, como uma alegoria, o tema e o problema fundamentais de sua existência. (Thomas Mann apud Safra, 2005)⁸.

Esta escolha, então, diante de todos os esforços para ser realizada da melhor maneira possível, não deixa de certa forma de ser uma escolha pessoal, dentro do que imagino que seja mais interessante para a pesquisa. Outros fatores interferiram como a não adesão de alguns possíveis depoentes para esta pesquisa, o que na prática definiu o perfil dos entrevistados que estão aqui neste trabalho. Contarei melhor sobre isso mais a frente.

Também não é possível traçar previsão nenhuma sobre o que será desenvolvido nos depoimentos. Estamos assim sempre à mercê de grandes surpresas que os nossos depoentes podem nos apresentar. A intimidade ou falta de intimidade do pesquisador com alguns dos depoentes não resolverá esta questão e esperamos que estas surpresas nos ajudem a desenvolver o trabalho e as reflexões da pesquisa.

06. Algumas reflexões sobre o perfil dos entrevistados.

O perfil dos estudantes escolhidos para esta pesquisa apresenta certas características peculiares sobre as quais irei elencar e problematizar algumas que saltam mais imediatamente à atenção. Por serem necessariamente da mesma universidade e do mesmo curso, há uma maior bagagem compartilhada e um mesmo contexto sócio institucional compartilhado pelos depoentes, o que facilitará a análise e proporcionará provavelmente um amplo compartilhamento de fatos e episódios nos relatos, podemos assim ver e analisar como cada depoente se dirigirá e se expressará aos mesmos eventos. Ao mesmo tempo, essa escolha muito específica de um público nos faz restringir a possibilidade de grandes generalizações em alguns temas e reflexões. Podemos dizer muito especificamente sobre o caminho de atuação no movimento estudantil que acontece na USP recentemente, e mais particularmente como isso se desdobra para quem é graduando no IPUSP e tem a psicologia neste instituto como base formativa. Dificilmente poderemos expandir a análise para dizer algo a respeito das

⁸ SAFRA, G. *A Face estética do self*. São Paulo. Teoria e clínica. 2005.

características de pensamentos de um militante estudantil em geral, seja na USP, em São Paulo, ou no Brasil, apesar de que muitos dos dramas, dilemas e questões políticas são compartilhados e compartilháveis. Reconhecemos muito do que um estudante do IPUSP viveu no movimento estudantil em muitos outros estudantes. Comparando com outros trabalhos vemos que são muitas as questões e experiências que são compartilhadas por estudantes Brasil afora. De qualquer forma grandes generalizações a respeito do movimento estudantil em si não poderão ser feitas, podemos apenas refletir como se ligam o contexto específico da USP e do IPUSP com os contextos mais macrossociais e conjunturais e ainda sim de forma marginal.

Outra característica importante a ser frisada é que por ser oriundo e formado nesta mesma instituição, no Instituto de Psicologia da USP, tal fato interfere determinadamente nas minhas possibilidades de análise do conteúdo das entrevistas. Então, na medida em que pretendo ter uma análise a mais justa e dedicada aos relatos dos depoentes possível, devo suspender meus julgamentos e impressões da instituição por ora. Ao mesmo tempo é importante considerar este mesmo conhecimento prévio e impressões da instituição, sejam estes de incômodo ou de visão de potencialidades, pois são estes que deram gestação às motivações e o sentido para a pesquisa aqui em voga. É uma posição ambígua esta de pesquisar as pessoas que se formaram e que estão fazendo o mesmo percurso que você. O olhar da história pessoal e das marcas emocionais da mesma, do como poderia ter sido, estão sempre presentes na memória, e elas podem servir de guia inclusive para maior compreensão das questões dos próprios depoentes. A empatia, não somente no sentido de se debruçar na direção do outro ser humano mas no sentido do rememorar as mesmas experiências vividas e refletir sobre as mesmas questões que os militantes entrevistados, pode trazer possibilidades de reflexão muito importantes para a pesquisa. Além disso, o pesquisador será um interlocutor em que o sujeito entrevistado terá como um companheiro de memórias, referências e anseios. O que torna a relação muito diferente. Para além da possível amizade que existe entre o entrevistador e o entrevistado, durante o processo de entrevista vi como este fator de conhecimento mútuo do lugar e das lutas contribuiu para que a entrevista fluísse mais naturalmente em muitos momentos.

07. O Convite aos potenciais entrevistados.

Depois de definido o perfil dos possíveis depoentes, cabe agora um planejamento da forma como convidá-los para a participação. A tarefa principal era elaborar um texto ou uma fala em que todos os elementos essenciais do projeto e das possíveis implicações para o depoente estivessem bem claras. O pesquisador deve estar preparado também para sanar as dúvidas dos possíveis entrevistados a respeito de qualquer aspecto da entrevista ou da pesquisa.

Outra questão essencial era o modo de abordagem para estes possíveis sujeitos. Alguns deles eram conhecidos de longa data deste pesquisador, amigos do dia a dia até, e a abordagem para com estes seria com certeza diferente do que a abordagem para alguns em que o contato com o pesquisador era incipiente ou nulo.

Para os que eram conhecidos e amigos do pesquisador, foi feito o convite de maneira pessoal e direta. Alguns deles sabiam que eu estava fazendo um mestrado em psicologia social com o tema de movimento estudantil. Para estes conversei longamente sobre a ideia da pesquisa e sanei as dúvidas. A conversa foi bem fluida. Foram 2 os sujeitos que convidei pessoalmente, e são os 2 que estão presentes neste trabalho.

Para os que eu não conhecia e se encaixavam no perfil, formulei um texto com a explicação da ideia da pesquisa, dos procedimentos da entrevista e dos demais detalhes, me coloquei de maneira a ficar a disposição para sanar quaisquer dúvidas, via online ou pessoalmente. Enviei estes convites via eletrônica, ou email ou através de redes sociais para estes possíveis depoentes.

Alguns não me responderam a mensagem. Outros me responderam mas não quiseram participar da pesquisa.

Gostaria de inicialmente ter entre 4 e 5 sujeitos entrevistados, num primeiro momento só os 2 que convidei pessoalmente e já conhecia previamente aceitaram participar da pesquisa.

Apenas 1 destes que enviei mensagem eletrônica a princípio concordou em participar da entrevista e marcamos de conversar depois para que pudesse dar maiores explicações.

Nos encontramos e expliquei mais detalhadamente a pesquisa e marcamos um dia e local para a realização da entrevista, mas infelizmente ele não pôde comparecer, tentamos marcar outro dia mas esta pessoa argumentou que estava com muitas tarefas no período e pediu para que eu não realizasse a entrevista com ela.

Posteriormente enviei mais convites via eletrônica para alguns outros possíveis sujeitos da pesquisa mas não recebi resposta de nenhum deles.

Assim, por fatores de corpo amostral de sujeitos entrevistados modifiquei o que seria a ideia inicial da pesquisa, trabalhar com 4 ou 5 sujeitos, e decidi trabalhar somente com os 2 que fiz o convite pessoalmente.

As características da pesquisa se modificaram em função deste número de sujeitos reduzido. A princípio este trabalho foi pensado para estruturarmos temáticas específicas que surgissem dos discursos dos depoentes e analisáramos esta temática conjuntamente dentro de um mesmo capítulo. Assim a centralidade discursiva seria os temas principais que surgissem nas narrativas dos depoentes.

Com 2 sujeitos entrevistados decidi modificar o modo de apresentação do trabalho. Ao invés de focar em temas o trabalho agora se delineou de maneira a focar os sujeitos. Cada entrevista seria então analisada separadamente, tendo o percurso de vida do depoente e suas transformações no movimento estudantil como uma centralidade importante no trabalho.

Fiquei me perguntando se fiz uma abordagem de maneira equivocada com os sujeitos que não tinha contato direto ou se realmente o fator de conhecer o entrevistador foi bastante determinante para se sentir a vontade para fazer uma entrevista de profundidade e disponibilizar um período inteiro do dia para a entrevista.

Ambas as entrevistas duraram cerca de 2 horas.

Poderia ter comparecido a algumas reuniões de coletivos, CAs, etc... que estes sujeitos participavam e fazer o convite como um informe na reunião. Talvez o contato pessoal inicial poderia ter sido determinante para uma maior abertura e disponibilidade dos sujeitos.

Da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista (Bosi, 2003)⁹.

Esta situação vivida por mim corrobora a advertência dada por Ecléa Bosi.

Fato é que esta diminuição do número de sujeitos da pesquisa possibilitou um desenvolvimento do trabalho que trouxe novos sentidos para este pesquisador. A pesquisa com mais profundidade proporcionou um olhar mais detido e a possibilidade

⁹ BOSI, E. Entre a opinião e o estereótipo. In: *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

de caminhar junto com os dramas pessoais dos entrevistados, que de outra maneira seria muito difícil de acontecer.

08. A Pré-entrevista.

A pré-entrevista é a oportunidade que o pesquisador tem de explicar o que pretende realizar com o sujeito postulante e convidado a ser entrevistado, no caso a respeito de suas experiências na militância estudantil. Com isto já se criam algumas expectativas a respeito do que ocorrerá na entrevista. Além disso, é um momento em que o pesquisador tem a oportunidade de perceber a motivação ou o interesse do postulante a entrevistado de falar sobre o tema e também de perceber algumas características de fala ou características emocionais, que ajudem o pesquisador a pensar modos mais pertinentes de apresentar algumas questões.

Podemos dizer que:

Desse encontro prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores. A pré-entrevista abre caminhos insuspeitos para a investigação. (Bosi, 2003).

Mesmo quando realizado este convite para pessoas em que o entrevistador já conhece previamente, muitas vezes de longa data e com grande proximidade, é possível que este convite para uma pesquisa sobre a militância estabeleça uma nova relação do entrevistador com o entrevistado e assim surjam nuances de discurso e expectativas inéditas sobre o que poderá ser dito. Sendo assim, independentemente de uma já existente relação entre entrevistador e entrevistado, a pré-entrevista como convite para participar da pesquisa apresenta uma grande relevância para a clareza e o bom andamento da entrevista.

Com o nosso primeiro entrevistado, amigo próximo do entrevistador, a conversa de pré-entrevista ocorreu no próprio espaço do Centro acadêmico do instituto de Psicologia. Foi uma conversa despojada e descontraída, mas importante para sentir que neste primeiro entrevistado havia grandes expectativas e receios. Me indagou algumas vezes a respeito da forma de sigilo e enfatizei que todos os nomes, tanto o do depoente quanto o das pessoas citadas seriam modificados. Ficava claro o quanto era importante

para este depoente contar sua história no Movimento estudantil, por todo cuidado e atenção que me ouvia dizer a respeito da pesquisa.

Com a segunda entrevistada, fiz o convite num encontro casual que tive com ela nos corredores do IPUSP. Falei com ela sobre querer convidá-la para ser entrevistada na minha pesquisa e aceitou prontamente. Conversamos por pouco tempo, não apresentava muitas dúvidas. Teve um trato pessoal comigo muito convidativo e cuidadoso nesta conversa.

09. Realização das entrevistas.

Depoimentos ou entrevistas?

Chamamos aqui o procedimento que utilizamos de entrevista aberta com roteiro (Samir, 2002). Como utilizamos o roteiro como eixo norteador, não poderíamos caracterizar o que fizemos como depoimento.

O depoimento seria, então, o relato de algo que o sujeito presenciou, viveu, experimentou, podendo assim dizer sobre isso, sem um roteiro previamente estabelecido, como nas entrevistas, mas num livre curso do pensamento (Ribeiro¹⁰, 1998).

Porém fizemos uma entrevista sem delimitar parâmetros rígidos. Também deixamos o pensamento do sujeito guiar ir livre dentro do tema proposto, sendo as perguntas apenas norteadoras. Fizemos um trabalho análogo ao de Mortada neste procedimento, que junto com José Moura classifica o método como sendo entrevista aberta com roteiro... “pois evidencia o caráter aberto da entrevista, apesar da utilização de um roteiro estruturado para a condução do depoimento.” (Mortada, 2002).

Ambas as entrevistas foram realizadas no próprio instituto de Psicologia,

¹⁰ RIBEIRO, M.A. *ENEP: História e memória de um movimento*. (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. 1998.

ambiente do cotidiano tanto do pesquisador quanto dos depoentes. Numa sala cedida pelo secretaria do departamento de Psicologia Social do IPUSP. Era uma sala ampla utilizada para reuniões e grupos de pesquisa, com condições muito boas para a realização das entrevistas. Não foi necessário com isso grandes mudanças de rotina para a realização das entrevistas pois ambos os entrevistados já viriam para o IPUSP para exercer suas atividades acadêmicas no dia das entrevistas, e encaixamos estas entrevistas nos períodos vagos que tinham no dia.

As entrevistas foram gravadas para que houvesse posteriormente a transcrição do áudio e a análise do mesmo. Todo o procedimento realizado com os depoentes na entrevista foi informado no termo de consentimento livre e esclarecimento e durante as conversas iniciais de convite e de pré entrevista.

Não houve nenhum empecilho ou inconveniente maior para as realizações de ambas as entrevistas. Elas ocorreram sem nenhum momento de interrupção e o ambiente estava adequado e silencioso para a realização das mesmas.

10. As entrevistas em si.

O modo de aproximação com os entrevistados foi bem simples e direta. Ambos os sujeitos entrevistados já me eram conhecidos e um deles era próximo a mim, havendo entre nós uma relação de boa amizade. Esta proximidade facilitou o convite para que eles fossem sujeitos da pesquisa e facilitou a explicação a respeito de como seria esta entrevista e a proposta da mesma.

Este momento prévio da entrevista foi um momento de muita expectativa para mim também, era uma situação nova e inusitada e gostaria de ter certeza que havia deixado toda a situação sob controle. Era o momento mais importante de todo o processo do mestrado, o momento crucial e base de todo o futuro desenvolvimento do trabalho. O que acontecesse nas próximas horas durante a entrevista seria o material a ser trabalhado por mim por todo o tempo de pesquisa posterior.

O clima descontraído foi o tom dominante e buscado nos encontros que antecederiam as entrevistas. Com ambos os entrevistados combinei de nos encontrarmos nos corredores próximos as entradas do bloco A e B do IPUSP e assim fomos nos encaminhando para a sala em que realizaríamos a entrevista. Ao mesmo tempo em que a proximidade contribui para uma leveza e uma maior abertura para a entrevista, procurei

colocar alguns limites no contato imediatamente anterior às entrevistas, pois receei que o clima demasiado descontraído fizesse com que a relação estabelecida perdesse a característica necessária de seriedade, apesar de leveza, que a entrevista demandaria.

Com o primeiro entrevistado, ao nos encaminharmos para a sala onde seria realizada a entrevista, houve uma certa mudança de comportamento, momentos mais silenciosos denunciavam uma certa apreensão e expectativa para o momento, foi assim até a entrada na sala. Na sala conversamos um pouco e retomei alguns procedimentos. Recordo-me que com o primeiro entrevistado conversamos sobre questões não relacionadas diretamente à entrevista quando chegamos à sala.

Chamou-me muito a atenção quando o gravador foi ligado para que se iniciassem as entrevistas com este primeiro entrevistado. O clima mais descontraído que estávamos tendo imediatamente antes por conta de uma conversa prévia casual, ganhou um ar de gravidade muito importante quando o gravador foi ligado e a entrevista "de fato" havia iniciado. Por mais que a relação entre o pesquisador e este entrevistado estivesse bem estabelecida e que todas as explicações e garantias estivessem bem claras, alguns receios e medos surgiram. Porém, ao longo do processo da entrevista, a relação do depoente estabelecida com o próprio discurso e com a história relatada foi sendo cada vez menos pautada pelo receio da gravação, fato interessante a ser pensado na dinâmica do processo de entrevista.

Com a segunda entrevistada também mantive o mesmo padrão do primeiro entrevistado, mas ela não se mostrou grandes diferenças na maneira de lidar a partir do momento em que estávamos nos encaminhando para a sala de entrevista e na própria sala de entrevista também. Recordo-me que ela conversou de maneira muito delicada e tranquila comigo durante todo o momento anterior da entrevista.

11. Dificuldades nas entrevistas.

Formulei um roteiro semiestruturado de perguntas e estava consciente de que não me ateria necessariamente à ordem das perguntas e nem alimentava a expectativa de que haveria respostas objetivas para as mesmas, mas durante o processo das entrevistas, dificuldades não previstas surgiram e o entrevistador teve de lidar com algumas delas, tentando sempre, como prioridade, acolher o discurso do depoente e não intervir em sua linha de raciocínio.

As memórias, os pensamentos e as relações estabelecidas entre diversos assuntos e temas são muito peculiares para cada indivíduo, compondo sua biografia, seus pensamentos, suas intenções. Com isso uma pergunta que demandava a princípio uma abertura para um determinado tema na experiência do entrevistado se relacionava diretamente com muitas outras questões que surgiam naturalmente no discurso e no pensamento. Tive que adaptar diversas vezes as perguntas do roteiro pois , muitas das questões levantadas já tinham sido desenvolvidas em diversos aspectos em perguntas anteriores. Foi um trabalho de muita atenção para com o discurso do depoente, tanto quanto com o conteúdo específico dos relatos em si quanto à atenção às reformulações necessárias na abordagem das perguntas, refazendo-as de acordo com o que já havia sido trazido pelo depoente em outros momentos da entrevista ou de acordo com o enredo e foco do entrevistado.

Hoje vejo que poderia ter deixado que o discurso dos entrevistados fluísse mais e faria o roteiro de entrevistas com menos perguntas e com perguntas muito mais abertas. A possibilidade de que assim o discurso fluísse mais seria maior.

Tive que me conter em alguns momentos por não fazer intervenções que julgava pertinentes mas que sabia que iria interferir no fluxo de desdobramentos de lembranças do entrevistado. Neste sentido a realização da entrevista se aproxima muito de aspectos que vivenciamos no setting Clínico. Possibilitar ao sujeito trazer suas questões, dentro de sua própria lógica espaço temporal de acordo com suas emoções e sentimentos torna o relato muito genuíno e dá a possibilidade de que o sujeito traga mais genuinamente sua memória, seus anseios, suas expectativas.

Na primeira entrevista, percebi que aspectos do tema central da pesquisa estavam sendo negligenciados no discurso do entrevistado, como uma fuga do assunto. Num determinado momento da entrevista me vi obrigado a pontuar esta questão, o que foi muito importante para o desenvolvimento e riqueza da entrevista, pois isto possibilitou o desenvolvimento de temas que tornaram muito rico a experiência da mesma.

Durante as entrevistas, por eu ser próximo aos depoentes e ter atuado junto com eles, fui citado em alguns momentos. Algumas vezes foram estabelecidos até certos diálogos do entrevistado com o pesquisador a respeito de situações de momentos vividos juntos em espaços ou eventos relacionados ao movimento estudantil.

Penso que tal situação enriquece e amplia as possibilidades de abertura dos depoentes com relação ao modo como vão desenvolver seu discurso e rememorar as

experiências vividas conjuntamente com o pesquisador. Isto contribui para a verossimilhança e concretude do depoimento.

“A entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade” (Bosi, 2004).

Atuamos durante o processo da entrevista como dois amigos se conversando entre si, trouxe uma leveza às entrevistas que superou as expectativas deste pesquisador.

Foi-me interessante notar também como o fato de eu ser uma pessoa que veio do mesmo meio e que é parte do ambiente do movimento estudantil contribui para que a entrevista se desenrolasse de maneira muito tranquila, como uma conversa informal muitas vezes.

Este laço de ligação entre o pesquisador e os entrevistados possibilitaram liberdades de discursos que provavelmente com um entrevistador neutro e completamente desconhecido dos entrevistados talvez não fosse possível. Eu fui parte da memória e das experiências de movimento estudantil junto dos entrevistados, assim como eles são da minha. Já construí coisas juntos, discuti, discordei, concordei, ouvi quieto, falei com eles a respeito da movimentação estudantil. Participei junto com ambos em algumas atividades relacionadas ao movimento estudantil ligado ao grupo de Representação discente. Participei com o primeiro entrevistado da organização de alguns eventos esportivos. Quando eu estava saindo da atlética ele estava ingressando na mesma.

Apesar de uma seriedade que estava além de uma conversa comum, alguns discursos não poderiam ser ditos de determinada maneira, com tal desenvoltura e liberdade se os entrevistados não soubessem que quem estava ouvindo era alguém que viveu experiências parecidas com as deles ou que compartilhava de conhecidos, amigos comuns.

12. Transcrição das entrevistas.

O processo de transcrição foi realizado por este pesquisador. Depois de gravada a entrevista num gravador comum, passei os arquivos em formato mp3 para o meu notebook e utilizei um programa de áudio para ouvi-los.

A transcrição me foi um processo bastante árduo, mas foi neste processo que

pude relembrar os momentos da entrevista e começar a fazer os primeiros apontamentos e interpretações.

Durante o processo de transcrição, em que entramos em contato com a entrevista de uma maneira mais aprofundada, aí sim conseguimos pensar em como o fluxo de ideias foi se desenvolvendo. Quais os pontos de maior dificuldade do entrevistado de falar, os temas que lhe trazem mais alegria, mais ardor, mais tristeza e revolta. As nuances e lembranças dos momentos da entrevista são revividas com as mesmas palavras ecoando diversas vezes durante a realização da transcrição e o contato pormenorizado com as letras e palavras sendo escritas lentamente na tela do computador trazendo novos sentidos onde antes era apenas uma frase solta e sem importância durante a entrevista.

Na transcrição eu diria que me foi impossível não começar uma análise. Fui achando nexos, sentidos, lógicas entre os assuntos trazidos pelos entrevistados que durante as entrevistas me seria impossível ter percebido.

A transcrição foi um processo demorado e árduo. Cada hora de entrevista levava cerca de 6 ou 7 horas para transcrevê-los.

A transformação da oralidade em texto escrito também é bastante importante. Fiz uma descrição literal completa das entrevistas. Para toda e qualquer manifestação captada pelo gravador tentei reproduzi-la em texto. Interjeições, maneirismos frequentes, frases começadas e não terminadas.

As memórias e lembranças da entrevista assim como conhecer os entrevistados foi de vital importância. Sem isso muitas das falas truncadas, difíceis de se entender, não poderiam ser transcritas corretamente sem as lembranças do contexto e as lembranças dos gestos e das expressões no momento da fala.

Após o término, decidi deixar o texto daquela exata maneira, da maneira mais fiel ao que o gravador e minhas memórias me permitiram e analisá-los daquela maneira. Os trechos citados das entrevistas estão, portanto, bem “orais” pois mantive os maneirismos, frases incompletas, sequências de frases sem sentido interno mas que no contexto se fazem entender. Assim, o movimento de pensamento do entrevistado muitas vezes se mostra explícito.

Muitas vezes esses trechos de maior confusão da fala do entrevistado muitas vezes pode tornar a leitura um pouco árduo, mas achamos interessante manter assim o texto pois inclusive será perceptível uma identidade discursiva de cada entrevistado, palavras incompletas recorrentes, além das características de falha da fala, o modo que falam quando estão em dúvida sobre como continuar a contar o que pretendem. As dificuldades e emoções dos entrevistados ficam mais visíveis com essa tentativa de transliteração absoluta da fala.

Algumas características importantes precisariam ser frisadas. Muito da linguagem utilizada pelos dois entrevistados pressupõem o conhecimento de um mundo compartilhado comum. Os entrevistados estavam, na prática, compartilhando uma experiência de vida com alguém que viveu as mesmas experiências e no mesmo lugar que eles. Muitas pessoas citadas são de convívio comum, muitos locais e nomes de locais, muitas situações implícitas no discurso consideradas como óbvias pelo entrevistado, que para o leitor que não compartilha as experiências de ter vivido a graduação no IPUSP e participado do movimento estudantil parecerá desconexa ou anacrônica.

Assim se fez necessário que eu fizesse alguns apontamentos, ponderações e notas durante a transcrição para poder tornar o texto inteligível para o leitor que não compartilha nenhuma das referências que tanto eu quanto os entrevistados compartilhamos.

Finalizado este procedimento, a última parte do processo de transcrição precisa ser realizada.

O pesquisador, depois de transcrever as entrevistas por completo, repassa as mesmas para os entrevistados. Isto tem como objetivo permitir que os mesmos entrem em contato com o seu próprio discurso, tendo a possibilidade de reverem o que expuseram e terem este arquivo como memória de suas posições e opiniões. Outra finalidade de sentido prático e ético é a aprovação do entrevistado do texto que será exposto no trabalho. Também para que façam revisões e consertem possíveis erros da transcrição. Quando foi divulgado aos depoentes que já realizaram as entrevistas que iriam receber o material transcrito, ficaram muito ansiosos por obter este material. O primeiro entrevistado me contou que após a leitura da entrevista se sentiu estimulado a produzir memórias suas.

13. Sigilo.

Por fim, nesta pesquisa foram tomados todos os cuidados éticos com os depoentes e para que os dados e informações dos depoentes fossem mantidos em sigilo.

As identidades dos entrevistados não serão aqui reveladas, usaremos nomes fictícios para os mesmos. Os nomes de boa parte das pessoas citadas nos relatos também serão modificados para preservar suas identidades.

Todos os nomes próprios contidos nas entrevistas foram trocados para fins de sigilo, com exceção de nomes que são de circulação corrente e conhecimento de todos como pessoas famosas, políticos etc... Esse tipo de citação de nomes não compromete o sigilo das pessoas envolvidas mais proximamente com os entrevistados.

No entanto há um limite no sigilo possível neste tipo de pesquisa. As pessoas mais próximas aos dois entrevistados e boa parte das pessoas que compartilharam as experiências contadas por eles reconhecerão as identidades deles pelas situações vividas e contadas.

Foi entregue aos entrevistados o “Termo de consentimento livre e esclarecido” (anexo ao final do trabalho) e nele foi posto que os mesmos pudessem interromper a entrevista ou pedir para que trechos não viessem a ser utilizados.

14. Sobre a análise das entrevistas e as reflexões teóricas.

Durante a construção deste trabalho, me foi difícil estabelecer uma forma de interpretar as entrevistas. A sugestão por um eixo central norteador sempre foi o meu foco central e o foco das sugestões de meu orientador e de Marcelo Ribeiro, membro de minha banca. Estava com dificuldade de estabelecer este eixo. Inicialmente a proposta era focar na crítica e autocrítica e trabalhar principalmente com autores da escola de Frankfurt para as reflexões das entrevistas. Senti-me desconfortável com este tipo de abordagem. Leituras de Habermas por exemplo, para pensar a questão da relação da

comunicação e da práxis me foram ásperas e não conseguia vislumbrar caminhos que ressoassem com naturalidade àquilo que pretendia imprimir no caráter deste trabalho. Por mais que fizesse sentido pensar uma teoria de ação comunicativa para analisar os problemas e potencialidades nas histórias e questões trazidas pelos entrevistados, este tipo de abordagem iria tornar o meu texto muito duro e crítico para com os entrevistados, não era isso que estava procurando.

Samir Mortada havia feito um texto com ponderações sobre o meu trabalho de exame de qualificação, e nele externou o quanto gostou de ser convidado a lembrar os momentos de sua militância, do quanto foi importante saber que alguém tinha sido tocado profundamente por seu trabalho acadêmico e que assim produziu frutos, a partir da vontade de alguém de dar continuidade a este trabalho. Samir também escreveu à mim que terminou de maneira melancólica o seu trabalho, desacreditando do movimento estudantil e da experiência universitária em um mundo de experiências esvaziadas.

Concordo com Samir que temos exemplos de experiências cada vez maiores de estarmos vivendo numa lógica cada vez mais opressora. Neste texto de avaliação de minha qualificação Samir me diz: “...a experiência de entrar na universidade, de fazer um curso de graduação, vai se esvaziando, ficando secundária, instrumental, refém da lógica da administração e do mercado.”.

A partir daí é que creio poder contribuir nesta continuidade ao trabalho de análise que Samir, Marcelo e tantos outros que fizeram no caminho de estudar, tentar compreender e fomentar discussões a respeito do movimento estudantil de maneira acadêmica.

Gostaria de ficar com as lembranças gostosas de Samir sobre sua militância e de seus trabalhos de mestrado e doutorado sobre ME. Gostaria de ficar também com a beleza do pensar os caminhos da memória e de sua flexibilidade imagética a partir dos afetos de Ecléa Bosi trazidos por Samir. Isto é o que tentarei carregar comigo nesta análise.

As análises muito críticas e muito duras às relações de sujeitos com a produção de subjetividade no capitalismo, utilizando conceitos comuns e correntes da tradição marxista e da teoria crítica, como por exemplo, reificação, alienação e outros, serão aqui

usadas somente como apoio para outras reflexões. Assim abdicarei de dar um tom muito crítico ao percurso de nossos entrevistados e do movimento estudantil. Invariavelmente a discussão e a problematização do contexto macro político do movimento estudantil e de toda sua imbrincada inter-relação também não será o foco aqui.

Mas não faço isso por querer esconder o que há de perverso no movimento estudantil e nas relações subjetivas no nosso mundo contemporâneo. Faço isso com uma clara intenção de trazer a potencialidade de nossos entrevistados e todo o seu crescimento pessoal ajudado pelas relações que criou nos seus espaços de convívio, privilegiando como espaço central aqui o ME. Acho que esta é a contribuição que estou tentando dar e que traria continuidade aos trabalhos pregressos aos meus.

Mais do que um estudo sobre o movimento estudantil em si, o que este trabalho foi se tornando naturalmente creio poder ser chamado de um estudo dos caminhos de transformação humana, no caso, os militantes estudantis, ao longo de um percurso de tentativa de transformação social a partir dos movimentos estudantis.

Assim acho que a minha contribuição para o ME seja o pensar a relação entre a metamorfose individual e a transformação social, a partir da ótica do indivíduo que luta por um ideal e um sentido coletivo em sua vida, o militante estudantil.

Se com Ecléa Bosi caminhamos junto das memórias e lembranças dos militantes, um autor que estará muito presente nas análises quando tento pensar as potencialidades e caminhos futuros a partir dos principais dilemas dos entrevistados será Gilberto Safra. Um futuro calcado no que está presente no sujeito e que precisa sair para garantir a sua autenticidade consigo mesmo.

A principal característica do Ser do homem é a angústia. O homem existe em permanente estado de tensão entre o passado e o futuro. A cada momento ele é confrontado com uma decisão: submerge a si mesmo no mundo concreto da natureza e assim perde sua individualidade ou abandona toda segurança e se compromete, sem reservas, com o futuro. Somente dessa forma alcança a

autenticidade de seu Ser. (Bultman apud Safra, 2006)¹¹.

O conceito de devir, tão largamente utilizado por Safra em algumas de suas obras me foi de grande valia para lançar luz sobre os desafios que os entrevistados se colocavam para si. As dicotomias e contradições vividas por eles muitas vezes nos mostravam um caminho de desenvolvimento e de resolução de conflitos muito claros. Uma direção e sentido de transformação, para algo completamente surpreendente e inesperado para o sujeito. Arendt¹² nos diz:

O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza. Assim, o novo sempre surge sob o disfarce do milagre. O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, de que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável.

Hannah Arendt também estará muito presente nos meus pensamentos e reflexões de análise. Ela me permitiu conectar o pensamento de Ecléa Bosi, focado nas memórias do passado afetivo e reconstruído à partir do presente, com o pensamento rumo a um futuro transformado, seja uma transformação de uma condição social seja de uma transformação nos paradigmas ou de subjetividade neste sujeito, muitos deles tão ansiado pelos entrevistados.

Assim, Hannah Arendt me ajudou a pensar a relação entre o passado e o futuro, também contribuiu para elucidar a respeito das relações entre o indivíduo e a política. Utilizei-me de algumas de suas reflexões para colocar em perspectiva esta relação tão inquietante e difícil de trabalhar que é a relação das vontades de realização à partir de um sujeito que age com o mundo político das coletividades e sociedades. Principalmente da obra “A condição Humana” e “Da Revolução”¹³.

O foco aqui então é a reconstrução do indivíduo e suas modificações de sentido

¹¹ SAFRA, G. *Hermenêutica na situação clínica*. São Paulo. Sobornost. 2006. p.63.

¹² ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p.190.

¹³ ARENDT, H. *Da Revolução*. São Paulo. Ática. 1990.

e modos de ser no fluxo do tempo, do passado ao futuro, transformação através de suas relações políticas, cotidianas, afetivas. Uma transformação de identidade aliada a uma transformação na condição social e relacional.

Outro autor se tornou importante e contribuiu para pensar um estilo de escrita e elaboração deste trabalho. Antônio da Costa Ciampa. A releitura de seu trabalho “A estória do Severino e a história da Severina”¹⁴, depois de muito tempo sem contato com o texto (tinha lido este trabalho durante o terceiro ano de minha graduação) e por pura curiosidade, me trouxe a percepção de que gostaria de imprimir o seu modo de trabalhar a textualidade nas minhas entrevistas. Assim, o percurso de transformação dos entrevistados ao longo do caminho será marcado pelo conceito de identidade e suas reconstruções a partir de suas relações no mundo, modo muito trabalhado por Ciampa.

Por último o trabalho de mestrado de Samir Mortada constitui a base sólida deste trabalho. A estrutura básica do que pretendo realizar está toda contida nele. A minha escolha de metodologia, o minha escolha no modo de apresentação da pesquisa. O modo de analisar as entrevistas, junto aos trechos da entrevista, estão todas lá no seu trabalho de mestrado. O trabalho de Samir é presente em todo este trabalho.

Poderia dizer então que estes cinco autores citados são o grande núcleo de referências teóricas para a constituição deste trabalho e para análise das entrevistas.

Dito da maneira o mais simplificada possível, poderia dizer o seguinte sobre o que cada um desses cinco autores mais me trouxeram nesta pesquisa:

Ecléia Bosi a memória e o passado; Gilberto Safra o devir e o futuro; Hannah Arendt a relação entre este passado e futuro e a relação entre sujeito e política; Ciampa a reflexão sobre a transformação da identidade e um estilo de dizer a respeito dos entrevistados; Samir é a ossatura deste trabalho, a base de sustentação.

Espero poder contribuir para retirar um pouco a sensação melancólica da militância e mostrar que há sim vida e transformação acontecendo no movimento estudantil e nos sujeitos que nela estão. Tentei enxergar estas possibilidades criadas de uma política compartilhada, essas transformações benéficas, estas transformações em

¹⁴ CIAMPA, A.C. *A história do Severino e a história da Severina*. São Paulo. Editora brasiliense. 1987.

direção à um sentido comunitário e comum que nos é permitido vislumbrar nos entrevistados, mesmo envolto num mar sem sentido de relações de trabalho e relações entre sujeitos. Creio que trazer o foco para as conquistas e vitórias pode ser a chave para pensar dias melhores para a militância estudantil, para a política, para o respeito a cada um dos sujeitos imbricados nesta luta por uma sociedade justa.

PARTE III: Entrevistados e o Movimento estudantil

01. Abertura: Minha experiência no movimento estudantil.

a. Um breve relato do meu caminho desembocando no movimento estudantil.

Agora farei aqui um breve relato de como cheguei onde estou hoje, numa dissertação de mestrado em psicologia social tendo como foco a experiência de estudantes no Movimento estudantil. Não por acaso, o meu envolvimento com este tema advém da minha vida como atuante em certos tipos de movimentos estudantis. Foram as minhas experiências e meu envolvimento com as questões relativas a ele que me motivaram a estudar mais sobre este assunto, bem como algumas leituras, em especial o trabalho de Mortada (2002), com que tomei contato no início do meu percurso como mestrando.

O meu retorno à USP como estudante de Pós-graduação em 2014, a longa greve na USP no mesmo ano, e o trabalho de Mortada me incentivaram a trocar o foco do meu projeto de mestrado para o tema de militância do movimento estudantil.¹⁵

Por isso, parece-me adequado iniciar contando este meu percurso e tentando traçar um breve relato da minha própria experiência no Movimento Estudantil, revelando assim alguns dos sentidos e motivações que me levaram a ingressar no mesmo.

Através deste pequeno relato do meu percurso experiencial e autobiográfico, tentarei mostrar alguns processos de transformação pessoal relacionados ao meu envolvimento com o mesmo, algumas mudanças de perspectivas, alguns aprendizados, alguns dilemas morais que ao longo do tempo foram reconstruindo o meu modo de ser no mundo e de enxergar a política e as relações pessoais dentro do movimento estudantil. Tentarei expor como me vejo hoje, depois de todas estas experiências que o movimento estudantil me proporcionou e que contribuiu para que eu seja quem sou

¹⁵ Inicialmente o meu projeto de mestrado estava relacionado a uma análise institucional no âmbito da secretaria de assistência social do município de São Paulo

hoje.

Quando me refiro às contribuições para quem eu sou hoje, não me refiro apenas às aprendizagens e memórias das experiências específicas do movimento estudantil e que me fizeram crescer como um sujeito que atua nesta esfera específica, mas quero dizer com isso que o movimento estudantil fez e faz parte de um modo meu e particular de atuar no mundo, e foi nesta esfera institucional que por um tempo quis transmitir uma mensagem através deste trabalho no movimento estudantil.

No meu retorno à convivência na USP durante o mestrado, retomei algumas atividades ligadas ao movimento estudantil interno do IPUSP, como por exemplo o ingresso na organização de estudantes da Pós-graduação do Instituto de Psicologia e também a representação discente.

Este processo que realizarei agora de contar uma breve trajetória minha é um processo parecido com o que eu pretendo realizar também com os entrevistados para esta pesquisa de mestrado. Através dos relatos de suas experiências no movimento estudantil da USP pretendo discorrer sobre o modo como esta experiência militante modifica e transforma os participantes, assim como enfocar também como eles são modificados por pessoas e situações vividas no contexto do movimento estudantil. Intrinsecamente a este processo pensaremos como foi o amadurecimento e evolução deste entrevistado e refletiremos a respeito de sua perspectiva ética, política e de militância que apresentam atualmente, vendo através de seu percurso as suas mudanças ao longo da sua própria história no movimento.

b. O caminho até o movimento estudantil.

Como já foi dito, o movimento estudantil surgiu como uma possibilidade de tema de pesquisa de mestrado para mim somente depois do meu ingresso na Pós graduação do IPUSP, o clima de efervescência política e o início de uma longa greve contribuiu muito para eu voltar a estabelecer o movimento estudantil como um foco em minha vida.

Em minha história pessoal, os movimentos estudantis do Instituto de Psicologia tiveram grande significado, e a minha participação neles se confunde com as minhas mudanças de percurso e de visão de mundo.

Entrei na graduação no Instituto de Psicologia depois de ter abandonado o curso de graduação de engenharia da Escola Politécnica da USP, no quarto ano, e com um estágio em curso. Estava insatisfeito com a perspectiva do curso durante este meu

quarto ano de graduação em engenharia. Não estava me dedicando ao curso, tinha acumulado muitas dependências de disciplina. Esta situação me fez tomar a decisão de tentar um estágio na área de meu estudo, engenharia ambiental, e com ele tentar me motivar para terminar o curso. Naquele momento eu tinha em mente que se eu trabalhasse na área e visse os resultados do meu trabalho, veria mais sentido no curso e na área de atuação em que me encontrava, me remotivando para o estudo, para que assim me formasse o quanto antes e começasse então a trabalhar na área como profissional formado.

Consegui um estágio na área de segurança ambiental de uma rede de postos de gasolina. Todo o processo de seleção me foi muito prazeroso, sentia-me muito confiante nas dinâmicas de grupo e também nas entrevistas. Fiquei muito contente por ser selecionado.

Iniciei o estágio muito animado. Dito de maneira geral, minhas atribuições envolviam manter as avaliações ambientais dos postos da rede em dia, trabalho este que na prática consiste basicamente em verificar e cuidar de analisar relatórios de consultorias contratadas para verificar as condições de segurança dos postos com relação a vazamentos e possíveis contaminações do solo e conter outros riscos como explosões. Sentia-me útil no início, mas com o passar do tempo, a rotina do trabalho e a percepção da burocratização do serviço foram me desanimando. Comecei a não ver mais sentido algum naquele trabalho, parecia-me tudo muito mecânico e sem a necessidade de um trabalho intelectual, percebia-me desnecessário pois era tudo muito automatizado, inclusive as análises mais técnicas.

O principal elemento que me angustiava era a sensação de que no ambiente corporativista em que eu estava inserido, a razão de se fazer as avaliações eram simplesmente cumprir burocraticamente as exigências dos órgãos fiscalizadores. Em última instância, chegou um momento em que minha percepção, talvez um pouco fantasiosa por eu já estar muito descontente do trabalho, era de que toda função do departamento em que estava inserido era de cumprir estritamente regulamentos externos, nada além disso, simplesmente para não haver problemas para a empresa e para os postos com os órgãos de regulação e fiscalização. Por mais que este serviço seja necessário, esta minha percepção de a motivação para o trabalho ser simplesmente burocrática tirou todo o sentido que via em realizar as tarefas no trabalho. Ademais, incomodava-me toda a relação hierárquica e de pressão por metas subjacente a uma empresa. Depois do quarto mês do estágio eu estava completamente desanimado, não

buscava mais conhecer e aprender sobre o meu serviço e simplesmente cumpria o mínimo que me era demandado. Não buscava conversar muito com as pessoas, só cumprimentava-as burocraticamente, o que é estranho ao comum de minha personalidade. Lembro-me de que foi a partir desta desmotivação e perda de sentido no estágio que comecei a flertar com a ideia de cursar psicologia e lembro-me de que certa vez, no próprio estágio, procurei na Internet informações sobre o curso de psicologia da USP. Fiquei lendo por um bom tempo e ao longo de alguns dias as ementas das disciplinas no sistema interno da graduação da USP. Estava adorando a perspectiva de estudar tudo aquilo que estava escrito nas ementas.

A psicologia e os assuntos relativos a certo tipo específico de psicologia já eram de grande interesse meu desde muito antes do meu ingresso no estágio em engenharia ambiental, e os caminhos que trilhei até concretizar esse objetivo de trocar de curso têm relação com isso.

Um fato importante que culminou na minha decisão de cursar Psicologia passa por uma viagem de final de ano para a praia que realizei com minha família quando eu tinha 17 anos. Era a casa de uma tia minha e sempre nos finais dos anos realizávamos esse tipo de viagem, com muita gente da família. . Em um determinado dia desta viagem choveu o dia inteiro, então ficamos dentro da casa, conversando e brincando com alguns jogos. Havia também alguns livros na estante da sala. Curioso e com muito tempo disponível nesses períodos chuvosos, escolhi um deles para ler. Tratava-se de um livro sobre espiritualidade, diferente de tudo que conhecia até então. Foi este livro sobre espiritualidade que, por linhas tortas, me levou ao curso de Psicologia.

As questões de ordem religiosa e espiritual me eram muito caras desde o início da minha adolescência. Tive uma criação católica, mas meus pais nunca me obrigaram a participar muito da igreja, mesmo porque eles também não eram frequentadores assíduos. Meus pais tinham ideias e uma formação moral muito claramente ligadas à igreja católica mas não eram praticantes. Meu afastamento desta tradição religiosa aumentou devido a minha criação escolar e científica, que me levou a um profundo estranhamento face às visões de mundo compartilhadas por minha família. Durante uma fase da minha vida, tornei-me muito crítico das concepções religiosas do catolicismo. Não via sentido nos ritos, nas práticas e, acima de tudo, na incoerência moral entre o discurso de amor e compreensão ao outro presente na doutrina e as práticas cotidianas dos católicos próximos a mim, que não prezavam e praticavam os preceitos morais assim como pregava a doutrina.

Sempre me foi simpática a ideia, dita aqui de forma genérica, de "bem coletivo", e me preocupava com a questão de como tornar a civilização mais justa. Eu era cercado por pessoas com noções religiosas muito arraigadas na família, se a religião não dava conta de tornar a vida destas pessoas próximas a mim o paraíso que prometia, ela deixava então para mim de ser tão importante.

Quando me deparei com um texto didático explicando a ideia do comunismo, quando ainda era bem adolescente, fiquei muito intrigado, e mais, fiquei pensando como realmente a religião não “dava conta” da justiça no mundo concreto bem como suas explicações sobre questões sociais e humanas de forma geral, eram frágeis e incoerentes, ou seja, naquele período eu pensava em como a religião, afinal, funcionaria como uma ilusão que aprisionaria os homens numa grande ilusão compartilhada. Tinha na minha fase adolescente esta visão sobre as questões da religião de forma geral.

Esta questão não chegou a ser um conflito existencial marcante, mas por conta de ter estes pensamentos a respeito das perspectivas religiosas, me considerava um ateu, pois julgava que as religiões só causavam mais sofrimentos e levavam as pessoas a posições éticas e morais fechadas, cristalizadas. Era assim que eu me definia, um ateu, por mais que esta posição me parecesse desconfortável pessoalmente pois sempre mantive grandes indagações metafísicas a respeito da vida e do surgimento do mundo, questões que as explicações científicas não me satisfaziam, e via sim algum sentido em algumas ideias religiosas sobre isso, além de ter muito respeito e admiração para com algumas doutrinas morais advindas do mundo religioso.

Aquele livro de espiritualidade com que entrei em contato na casa de praia de minha tia me apresentou questões referentes à doutrina da alma que me fizeram sentir como se eu estivesse lendo algo que eu sempre pensasse e concordasse, só não me havia sido apresentado antes. No início deste livro é apresentado um pouco da doutrina platônica da alma e isso foi uma novidade muito transformadora para mim. A minha sensação é de que havia encontrado algo que me dava uma explicação para toda a implausibilidade que até então via no mundo.

Comecei então a buscar principalmente na internet, textos, blogs e informações a respeito de visões de mundo de outras filosofias, pensadores e religiões. A "ciência dura", sem o mito e a metafísica, não me satisfaziam mais desde que entrei em contato com este livro o tanto quanto me satisfaziam as mitologias, as concepções psicológicas, sociológicas ou as filosofias religiosas. Foi nessa busca pela compreensão das “visões de mundo” que entrei em contato com alguns autores e textos que se relacionavam com

a psicologia. Entrei em contato inicialmente com autores que problematizavam algumas visões de mundo relativas às concepções religiosas de civilizações antigas. O primeiro psicólogo, de fato, pelo qual me interessei e do qual me tornei grande admirador foi o criador da psicologia analítica Carl Gustav Jung. Entrei em contato inicialmente com seus textos sobre a função psicológica da religião e da religiosidade para a sociedade, e como ela, de uma forma ou de outra, organizava nossas relações pessoais e institucionais.

Eu tinha nesta época, a partir do contato com este novo mundo da filosofia, da religiosidade e da mitologia que recém tinha entrado em contato, uma concepção de que o tema da função da religião na visão de mundo e na socialização dos povos era essencial para pensarmos as questões sociais, do viver bem e do sentido que atribuímos a nossa vida e a nossa sociedade. Apaixonei-me por assuntos relacionados a essas questões.

Alguns blogs eram referências para mim sobre esse assunto e a partir deles conheci muitos outros autores e pensadores, fossem eles filósofos, religiosos, estudiosos da cultura, sociólogos.

O meu desgosto frente ao curso e ao trabalho na engenharia me fez perceber que o que eu realmente queria para mim era trabalhar com questões relacionadas ao sentido criado por nós no nosso viver, relacionados à transformação social para uma vida em comunidade mais gratificante. Mas não me imaginava atuando nisto através da política comum. Gostaria sim de atuar através de pensar as formas de vida e os sentidos que as pessoas criam e atuar na vida de pessoas e comunidades para um bom funcionamento social. Queria trabalhar com pessoas em benefício delas e da sociedade e pensava que esses conteúdos e conhecimentos filosóficos, psicológicos e religiosos eram os conhecimentos centrais para atingir os meus objetivos de carreira.

Não estava muito claro para mim o que este meu “anseio humanístico” significava no contexto geral de minha vida e, de fato, até hoje, talvez não esteja claro o significado profundo e os motivos pessoais deste ímpeto de tentar trabalhar com questões sociais através da psicologia; menos ainda, talvez, como relacionar esse ímpeto com visões de mundo mais metafísicas e míticas que se tornaram tão apreciadas por mim. Estou até hoje em uma constante descoberta sobre as minhas reais intenções a respeito deste caminho que escolhi e que está sendo tão gratificante.

O que me estava claro à época é que eu queria colocar um sentido humanitário no meu fazer, e com a carreira de engenheiro eu sentia que este meu ímpeto com uma

carreira humanitária ficaria restringida. Queria imprimir uma marca criativa e humana no que eu fosse realizar em minha profissão. Eu queria me sentir como tendo um propósito e uma missão, transmitir uma mensagem que evoluísse para uma vida mais plena e gratificante. Ser humanitário no meu fazer cotidiano, na minha carreira.

Humanitário pra mim até então significava pensar e agir no mundo em prol do viver bem, contra as injustiças. Havia em mim (como ainda há) uma tendência de pensar estes objetivos através de caminhos metafísicos, de religião com algo além de nós.

Eu me constituo dentro de uma visão pessoal em que me sinto como responsável por transmitir uma certo tipo de mensagem e conhecimento. Mensagem esta que tem em seu fundo um insight que chamaria de espiritual por falta de palavra melhor. Uma mensagem que dita de maneira simples é tal que devemos conviver em harmonia entre todos e de que não somos diferentes e separados uns dos outros em muitos sentidos, de que estamos conectados e de que somos parte de um mesmo processo civilizacional, mundial e universal. Mas não queria atuar através de pregação de uma “fé”, nunca achei que se fechar numa religião ou doutrina seria pertinente ou que alguma delas era "certa" e portanto deveria segui-la. Julgava que uma espiritualidade, seja ela religiosa ou prática, era essencial para nos conectarmos e nos relacionarmos melhor com o mundo, com as pessoas a nossa volta e conosco mesmo. Enxerguei em muitas religiões, caminhos espirituais, autores sociológicos e filosóficos esta dimensão de conexão que buscava, mas enxerguei principalmente na psicologia analítica de Jung um caminho para isso, daí minha forte aproximação com a psicologia.

Retomando á época do estágio em engenharia ambiental, num desses períodos em que me sentia desanimado no estágio, o meu chefe me chamou para conversar numa sala reservada. Na sala, ele explicitou que vinha percebendo que eu estava muito quieto, só fazia o que me pediam e nada além. Eu realmente estava me vendo como um estagiário sem ímpeto de aprender e de fazer o trabalho, e isto estava sendo muito incômodo para mim também. Este foi o momento em que tomei coragem e decidi que eu iria abandonar o curso de engenharia e o estágio. Informei à meu chefe que não queria mais continuar no estágio e o abandonei. Na semana seguinte, matriculei-me num cursinho pré-vestibular semi-intensivo, já pensando em prestar o vestibular para o curso de psicologia na USP.

O maior desafio foi contar essa decisão para os meus pais. Ambos tinham muito orgulho de que teriam um filho engenheiro. Minha mãe sempre foi muito empenhada em me acompanhar nos estudos e meu pai, apesar de não fazer exigências diretas, tinha

muito orgulho do caminho que eu vinha trilhando. Meus pais foram pessoas que nasceram e viveram até a adolescência no Nordeste, em uma cidade do interior da Bahia, e que vieram para São Paulo, junto com toda a família, no final da década de 1960 buscando perspectivas melhores de vida. Com muita luta, conseguiram dar boas condições de vida para os seus filhos. Terem os filhos em uma posição de *status* e com alto rendimento financeiro significava para eles terem cumprido a missão de suas vidas, era esse um dos objetivos deles para todos os filhos. Foi muito difícil para eles verem o filho abandonar esse caminho mais seguro de carreira para fazer o curso de psicologia, um curso que, na concepção deles não traria o reconhecimento financeiro que desejavam. A relação entre mim e eles, a partir do momento em que anunciei que iria largar o curso de engenharia, ficou com um complicador a mais.

A partir de então comecei a me sentir desconfortável em casa, era claro o descontentamento de meus pais. Sentia que eles se relacionavam comigo como se eu os tivesse traído, desviando-me do projeto de vida que eles idealizavam pra mim.

Consegui ingressar no curso de psicologia na USP e, diferentemente do que ocorreu quando passei no curso de engenharia, não houve comoção na família, mesmo porque eu evitava contar a respeito de como eu estava indo no vestibular, e como era o meu desempenho nos estudos. Eu não me sentia bem dentro do ambiente familiar com a notícia de que havia passado no vestibular para psicologia. A reação foi, como eu esperava, fria. Desde então falar com meus pais sobre assuntos de estudo ficou bem menos frequente e importante, tanto para mim quanto para eles.

Quando entrei no curso de psicologia, diferentemente do que aconteceu quando eu estava cursando engenharia, tentei me envolver com o máximo de atividades possíveis e que se relacionavam com o ímpeto de colocar sentido social nestas mesmas atividades. Estava com uma mentalidade muito fresca, renovada. Para mim, eu tinha conseguido mudar de vida, feliz por estar fazendo o curso de graduação que me daria sentido aos meus anseios mais essenciais. Queria construir pelo coletivo e participar de projetos sociais ou de organizações coletivas. Estava convicto sobre o que fazer e com energia para esta realização. Depois de alguns anos não vendo sentido na carreira que tinha escolhido anteriormente, a psicologia representava, no início da minha graduação no IPUSP, todo o ímpeto de agir em prol da sociedade.

Já nas primeiras semanas como calouro da psicologia, na semana de recepção, não me mostrava mais aquela pessoa triste e cabisbaixa que estava sendo no estágio, e sim alguém com uma postura muita mais ativa e extrovertida. Como já conhecia a USP

e estava com uma mentalidade de trabalhar muito em prol do novo grupo em que acabara de adentrar, me incumbi da função de tentar acolher os meus companheiros calouros, apresentar a USP, mostrar este novo mundo em que estavam entrando, colaborando (ou às vezes atrapalhando e concorrendo) com os veteranos que nos acompanharam e nos acolheram na semana de recepção. Percebi-me muito confortável com este papel de pessoa que acolhe. Paradoxalmente sentia isso ao entrar numa instituição em que eu também era ingressante, que não conhecia, nem superficialmente, com pessoas que eu também não conhecia.

Logo busquei os membros da atlética da psicologia, pois percebi que não havia equipe de atletismo no Instituto de Psicologia e o atletismo era uma modalidade que eu treinava enquanto era graduando na Escola Politécnica. Queria cooperar para implantar uma equipe de atletismo junto com a atlética dos estudantes da graduação do IPUSP. Logo também busquei o grupo do centro acadêmico, conversava com alguns de seus membros sobre o curso, os problemas na instituição, possíveis formas de solução dos mesmos.

Um fato marcante sobre este início de graduação na psicologia é que eu e um colega da turma de ingressantes, logo no início do primeiro ano da graduação, nos propusemos a limpar os ventiladores e arrumar os armários do C.A - estavam imundos, e fizemos isso junto com o apoio da então gestão do Centro Acadêmico Iara Iavelberg. Ficamos quase que uma manhã inteira limpando os ventiladores e armários. Era um lugar que mesmo conhecendo tão pouco eu já me sentia em casa, e esta vontade de cuidar do lugar, de limpar a sala do C.A, representou muito bem isso pra mim naquele momento.

Quando conheci o projeto do “Cursinho da Psico” (um cursinho popular gerenciado por estudantes do IPUSP), também quis participar. Já havia dado aula num cursinho popular anteriormente, de física, quando ainda estava na Escola Politécnica. Não muito tempo depois de entrar em contato com alguns membros do Cursinho da Psico fui selecionado para ingressar na instituição, mesmo sendo para trabalhar em uma função que não seria de meu interesse inicialmente. Seria treinado para me tornar coordenador geral do Cursinho da Psico, pois um dos membros da coordenação até então estava de saída, concordei prontamente com a proposta que me ofereceram.

Estava querendo fazer muita coisa quando entrei no IPUSP, queria estar o máximo de tempo ali naquele espaço, espaço que significava para mim a mudança de vida em favor de uma carreira e um projeto de vida significativo.

Vejo hoje que eu mantive este funcionamento, de tentar estar o máximo no IPUSP, durante quase toda a minha graduação no Instituto. Queria estar em todos os espaços possíveis e que me achasse útil, trabalhar o máximo possível em prol da nossa comunidade. Com isso fui participando das entidades, pegando responsabilidades e compromissos. Fui membro do C.A., fui membro da Atlética, fui membro do Cursinho da Psico, participei de muitos projetos. Passava os dias e as noites, quase todos os dias, na USP, no IPUSP.

Ao longo do curso fui percebendo algumas das minhas motivações mais difíceis de aceitar que contribuíram para esse tipo de funcionamento pessoal, com tantas atividades e responsabilidades. Não era simplesmente pelo fato de querer transformar a realidade em que estava inserido devido a um novo sentido apresentado na mudança de rumo da carreira. Eu queria estar longe de casa, não me sentia confortável no ambiente de casa, e mais, sentia-me deslocado e angustiado ao ver que minha família, por mais que dissesse que aceitava minha decisão, não se relacionava comigo da mesma maneira como anteriormente. As expectativas depositadas em mim eram outras, e isso mudou o tom do relacionamento entre nós. Era contraditório pois eu adorava estar em casa, era o meu lugar de conforto, com as pessoas que me eram caras, mas se tornou um lugar angustiante pois passou a ser depositada em mim uma carga muito grande de responsabilidade devido a minha decisão de largar engenharia e cursar psicologia.

Assim, mais tarde, ao longo do curso e após o término do mesmo, ficou claro pra mim que este ímpeto por fazer tanta coisa e estar tão presente nos espaços da psicologia tinha a ver com esse meu desconforto com meus familiares e com a percepção de que eu não conseguia me relacionar com eles de maneira saudável após estas minhas novas decisões de carreira. Sentia que eu deveria fazer diferença em algum lugar, e este lugar não era o ambiente familiar, esse lugar seria o lugar que representava pra mim toda a virada de sentido que tive na minha vida até então, o IPUSP.

c. O ingresso no movimento estudantil.

Interessante para mim notar que uma sensação de desconforto no ambiente de minha família foi um disparador para que eu tentasse atribuir um sentido revigorante ao meu fazer vinculado a minha escolha profissional.

A pesquisa de Mortada (2002) levantou nas considerações finais de seu trabalho como a conjuntura histórico-social poderia levar a um maior ou menor ânimo dos jovens para a militância. Minha experiência pessoal foi algo desta mesma natureza,

porém não vivenciei meu caso como sendo decorrido de uma conjuntura macrossocial e sim uma conjuntura familiar e de mudança de foco de perspectiva de vida.

Jovens, de diversas classes sociais, com diversas expectativas de vida e visões de mundo, com diferentes aspirações e diferentes necessidades, também terão suas especificidades nas suas motivações para a atuação no movimento estudantil ou qualquer outra atividade significativa.

O que me levava a despender tamanha energia nas atividades que exercia no Instituto de Psicologia relacionadas à movimentação estudantil dizia respeito diretamente também com o sentido de missão que estabeleci para mim a partir do momento em que desisti do curso de engenharia e decidi ingressar no curso de psicologia.

O simbolismo desta mudança de carreira era muito forte e dramático para mim, ainda mais tendo percebido que criei reconfigurações no relacionamento familiar e modifiquei radicalmente a perspectiva de carreira traçada por mim. Isso reforçou ainda mais eu querer vincular a mudança de carreira ao sentido humanitário que atribuía a esta mudança.

Como apontado por Mortada (2002), o convite à política e à militância é um *"fenômeno social completo, impossível de ser compreendido de maneira partitiva"*. O que hoje penso que me levou à militância estudantil está intimamente ligado às minhas experiências com minha família e à mudança de carreira que estava em curso quando da minha desistência do curso de engenharia e do ingresso no curso de psicologia.

A vontade de participar de algo de maneira a me sentir parte de um processo transformador e benéfico para um determinado coletivo era premente para mim nesta fase da vida.

Haveria diversas formas de canalizar este tipo de ímpeto e vontade de realizar algo significativo. Esta vontade poderia ser canalizada através de trabalhos voluntários, de trabalhos em instituições religiosas, já que havia em meu pensamento uma relevância da religião para o bem estar social. Isso levanta outra questão sobre o modo de canalização desta energia, que é pertinente para pensar a motivação para a atuação no movimento estudantil.

Porque a escolha do movimento estudantil? Quais as potencialidades que jovens universitários veem nos diversos espectros de ações relacionadas ao movimento estudantil?

Poderia dar uma resposta a partir da minha perspectiva e do pensar o meu caso

peçoal. Penso que o movimento estudantil era, ao mesmo tempo, aquilo que estava mais perto para eu conseguir me engajar, e era o meio mais palpável e concreto no espaço universitário para desenvolver lutas e ações sociais. Além de tudo isso, poderia realizar esta atuação na instituição que representava a maior mudança até então na minha vida, penso que este foi um fator determinante. Não precisaria buscar outras formas de engajamento, pois as questões do movimento estudantil, dentro do mundo universitário da USP, chegam diretamente a você se você tem um mínimo de abertura para elas.

Somos convocados e chamados a todo o momento a participar, sendo estudante, de diversas organizações, com os mais diversos espectros de atuação e linhagem ideológica. Isto, claro, na experiência que tive na USP, mais especificamente no IPUSP. Penso também que a possibilidade de ter uma atuação local, no cotidiano da instituição de ensino, atuando na convivência e nas ações que afetam diretamente os estudantes, ao mesmo tempo em que possibilita pensar as questões mais macro políticas (questões referentes à educação, à saúde, à organização política, à mobilização dos interesses estudantis e da sociedade em geral) também contribuiu muito para o minha atuação no movimento estudantil.

O Movimento estudantil, em minha particular visão, é de grande potencialidade transformadora, pois nele é possível encontrar elementos formadores dos estudantes para poderem exercer sua cidadania e construírem sua relação ética com seus próximos, com coletivos e com todo o mundo que nos cerca.

O movimento estudantil é um meio que os jovens encontram de iniciar sua participação no mundo adulto da participação política, de se sentirem integrantes e participantes da comunidade a que pertencem. É onde podem manifestar sua marca pessoal cheia de significado no mundo, através de sua ação.

Nos movimentos estudantis foi gestada boa parte de nossos quadros políticos e esta pesquisa vem na direção de justamente pensar e refletir os caminhos e transformações destes sujeitos que querem colocar sua marca significativa no mundo, e que com isso acabam se transformando a todo momento também, num devir constante de si mesmos e da política da qual participam e constroem.

d. Algumas experiências e reflexões sobre o movimento estudantil.

Como disse acima, participei de muitas entidades estudantis no IPUSP, e esta participação me reconstruiu, reconstruiu alguns dos meus sentidos de luta, de vida e de

visão de mundo. Teria muito a dizer a respeito de cada entidade que participei, e dos diversos projetos em cada uma delas. O intuito, entretanto, não é que este seja um relato pormenorizado da minha vida pessoal como militante e de minha carreira institucional, e sim que este breve excerto pessoal sirva para uma reflexão prévia a respeito do ingresso e da atuação no movimento estudantil. Trouxe acima um breve relato autobiográfico sobre as motivações e condições para o meu ingresso em algumas entidades de movimento estudantil. Também trouxe como foi a minha entrada nessas instituições. Agora gostaria de trazer algumas poucas reflexões, que considero relevantes, elaboradas a partir da minha experiência nos movimentos estudantis que participei.

Estas reflexões já trazem algumas questões que julgo importantes que perpassam a vida de muitos militantes estudantis, de tempos idos e também dos atuais militantes, e tendo como núcleo norteador as minhas experiências no movimento estudantil, queria levantá-las brevemente aqui.

No início de minha graduação em psicologia, como já disse anteriormente, me envolvi em muitas entidades estudantis na psicologia. O C.A. (Centro Acadêmico), a Atlético, o Cursinho da Psico e não demorou muito para me envolver com a representação discente, relacionada com as atividades do C.A (Centro Acadêmico) e com a política institucional do IPUSP. Queria participar, envolver-me, pertencer a este espaço que para mim significava o rumo que eu havia definido para minha vida. Estava empenhado e com muita energia para trabalhar nas instituições estudantis. Para explicitar melhor de maneira simples os meus objetivos mais básicos, queria trazer uma contribuição no sentido de aproximar os estudantes, que as pessoas entrassem em contato entre si para que seus interesses mútuos se reforçassem e, com isso, potencializassem as possibilidades de criação e de trabalho dos estudantes no instituto.

Com o tempo fui percebendo como esta tarefa idealizada por mim não era tão simples de ser concretizada. Como exemplo, lembro que inicialmente, junto com mais um grupo de graduandos, logo no meu primeiro ano, tentava articular uma organização que pensasse o espaço físico da sala do Centro Acadêmico para melhorar sua utilização. Achava que aquele espaço estava sendo mal utilizado, que estava sujo e mal cuidado, e nele eram realizadas poucas atividades integrativas e acadêmicas. Conversava com algumas pessoas sobre este assunto, pessoas dos outros anos de curso e colegas meus de turma, calouros. Percebi que havia certo consenso sobre a má utilização do espaço físico do C.A. O espaço do C.A. poderia ser bem mais aconchegante e bem cuidado, atraindo

mais pessoas, pessoas diferentes, possibilitando um convívio melhor entre as pessoas da instituição. Conversávamos (eu e alguns mais animados pela empreitada) com algumas dessas pessoas, a princípio, interessadas em modificar o espaço da sala do C.A. para que formássemos uma comissão de articulação sobre o espaço físico do C.A. Entretanto a formação e articulação de um grupo para trabalhar em torno desta ideia não foi muito fácil de ser concretizada. Tinha a sensação de que muitas pessoas que a princípio encamparam a ideia de participar deste projeto não queriam se esforçar para isso, parece que daria muito trabalho para os estudantes, apesar de ser uma demanda clara. Foram poucas as pessoas que aceitaram o trabalho de articular a comissão do espaço físico e se debruçaram sobre o problema levantado de fato, com empenho. No fim, o projeto de levar esta grande reforma no C.A. não teve continuidade naquele momento.

Lembrei brevemente deste episódio pois a questão que está por trás dele permeia boa parte das reflexões que gostaria de tratar aqui sobre a dinâmica de estudantes e sua relação com o movimento estudantil. É a problemática do enraizamento dos estudantes na instituição e a relevância dada pelos mesmos para o engajamento institucional, isto me pareceu central.

Poderia resumir estas questões com as seguintes indagações que durante a minha graduação como militante sempre me fiz e para as quais a todo o momento buscava encontrar explicação: Por que as pessoas não se engajam ou se debruçam sobre aquilo que é, “a princípio” do próprio interesse delas? Será que a instituição de ensino superior em que estão não é relevante pra elas? Ou elas têm outros lugares em que se sentem confortáveis para atuar e não se sentem apropriadas dentro do escopo estudantil? O movimento estudantil, seja ele qual for, tem ajudado a engajar os estudantes ou tem afastado alguns deles devido a forma como funcionam?

Esta questão está diretamente relacionada a um processo pessoal que ao longo do tempo fui percebendo em mim e que se relaciona diretamente com o processo de transformação pessoal do estudante que se engaja no Movimento estudantil. A universidade e o IPUSP em particular tinham se tornado o espaço central de sentido para mim, como foi dito anteriormente, e eu estava atuando de uma maneira a tentar trazer todo o corpo estudantil que estava em contato para atuar da maneira como eu idealizava e como eu gostaria de atuar. Percebi-me como tendo um projeto idealizado em minha mente. Percebi-me com um sonho que gostaria que se realizasse. Que todos os estudantes do IPUSP se engajassem em tornar o espaço físico do C.A. perfeito, limpo, arrumado, cheio de atividades e que se tornasse um centro de convívio para

todos os estudantes da Psicologia. Mas este era um sonho meu, que pra mim tinha a ver com um benefício real para todos no curso de psicologia.

Mas como transmitir isso a todos? Mas será que todos os outros não tinham sonhos e projetos que nada tinham a ver com a minha idealização do projeto do C.A. perfeito?

Com certeza sim. Jamais conseguiria realizar a organização do espaço físico da maneira como eu idealizava, era um projeto completamente pessoal, descontextualizado e desvinculado de um sentido coletivo. Sempre sentiria como falta de engajamento dos outros estudantes, e por mais que houvesse um sentido justo, verdadeiro e coletivo neste meu projeto, o tipo de empenho a que eu estava me propondo a ter era total, a vida no IPUSP no início da minha graduação era o núcleo do meu sentido de trabalho na vida. Eu poderia julgar as outras pessoas por não se engajarem da maneira como eu estava disposto a me engajar? Teria eu este direito? E os projetos significativos e pertinentes das outras pessoas, diferentes completamente dos meus, como ficariam?

Esta angústia pessoal, vivida inicialmente como o fracasso em tentar organizar o espaço físico do C.A coletivamente, e que posteriormente foi pensada por mim de maneiras muito diferentes ao longo de todo o meu percurso no movimento estudantil, se relaciona diretamente com a questão de pensar a atuação institucional militante, sendo que temos projetos para o coletivo, mas que outras pessoas e grupos apresentam também outros projetos e muitas vezes completamente diferentes. É neste conflito que surgem boa parte dos problemas no movimento estudantil.

Sem pensar e considerar os sujeitos em si para construir um projeto coletivo e possível, ficamos sempre em grandes dilemas, e isso muitas vezes pode gerar desentendimentos e até violências. Sem uma autoanálise sincera, podemos cair nesta lógica violenta.

Ao longo do tempo em que participo nos movimentos estudantis uma questão que sempre me intrigou e que sempre vi como um fator que contribui para a segmentação exagerada e fragmentação do movimento estudantil é como certos discursos e práticas de determinados movimentos monopolizam o movimento estudantil e agem de maneira a se constituir como um discurso fechado e intransponível, impossibilitando a abertura para o diálogo com os diferentes pensamentos e perfis de estudantes. Traçam diretrizes e pontos de atuação sem discussão ampla e sem considerar a realidade das partes envolvidas, apenas considerando certo conteúdo programático ao qual estão associados. Há a construção de um discurso fechado em si mesmo (por mais

que não se denomine ou se reconheça assim, aliás, na maior parte das vezes é propagandeado justamente como o oposto a isso), que recebe adesão de boa parte dos estudantes que se engajam no movimento estudantil e que se colocam pessoalmente através deste tipo de discurso, com atitudes pessoais e práticas institucionais que legitimam como caminho apenas a visão de mundo de determinado grupo, e que são uma parcela insignificante do corpo estudantil. Tendo esta postura afastam ainda mais os demais estudantes do engajamento.

Criou-se uma cultura de aparelhamento das entidades estudantis que reforçou no interior do movimento estudantil um *habitus* político muito ligado à política tradicional e suas formas de atuar, o que acabou, de certa forma, distanciando as entidades do estudante comum que não conseguia dominar esse tipo de linguagem política.

A profissionalização da militância, as lutas e disputas pelo espaço do movimento estudantil, a observação de práticas autoritárias, a tecnização da política – observada tanto através do estilo como do discurso político – , e uma reprodução um tanto automática das pautas dos partidos no interior das entidades são alguns elementos que, possivelmente, tem afastado os estudantes da política produzida nas entidades. (Mesquita¹⁶, 2006)

O sonho idealizado por um indivíduo ou um coletivo sem o devido sentido compartilhado no seu espaço de engajamento pode levar a estes graves problemas acima apresentados no processo de construção de um corpo político.

No trabalho de Samir Mortada (2002), vemos, através de entrevistas com antigos militantes estudantis que não se vincularam a partidos, certo sofrimento e reconhecimento de falta de autocrítica e falta de sentido em práticas institucionais. Sempre tive a percepção de que tal tipo de característica do movimento estudantil atual, principalmente aquele mais vinculado a questões mais macro políticas e de certa forma com construções programáticas mais bem definidas em seu modo de funcionamento padrão acabam mais causando desagregação no desenvolvimento das pautas levantadas

¹⁶ MESQUITA, M.R. *Identidade, cultura e política: Os movimentos estudantis na contemporaneidade*. (Doutorado). PUC-SP. 2006.

pelos estudantes do que benefícios para seus representados ou para a sociedade.

Com a ajuda de nossos entrevistados gostaria de trazer mais exemplos de situações possíveis de se pensar formas de transcender esta problemática. Outras soluções diferentes e melhores do que as que eu encontrei em lidar com tanta divergência e desagregação. E principalmente, como nestes contextos tão complicados, com relações de convivência às vezes tão estremecidas entre as pessoas, podemos ser um vetor de transformação no modo como nos relacionamos, e também como certos grupos, pessoas e instituições podem nos dar meios para tornar nossos projetos pessoais uma parte contributiva de grandes projetos coletivos.

Vamos agora à parte central deste trabalho. Com a voz, os entrevistados.

Amaro

Estudante de graduação do IPUSP no momento da entrevista. Ingressou em 2011. Teve atuação institucional na Psicologia USP inicialmente na atlética de meados de 2011 até 2013. A partir de 2013 se engajou na grande greve que houve dos estudantes no fim do ano e então se tornou figura sempre presente nas pautas estudantis do IPUSP. Depois se tornou representante discente da comissão de graduação, atuando para pensar a reestruturação do projeto pedagógico e também membro da gestão do CA. Á época da entrevista pretendia continuar participando do CA e das discussões sobre educação de maneira geral.

O Caminho

01. Onde Amaro é apresentado em sua questão fundamental por ele mesmo.

A vida de Amaro, como veremos, sofreu grandes transformações desde que ingressou na graduação de psicologia na USP. Começamos com Amaro pelo tema que aparentemente circula toda a sua narrativa durante a entrevista, uma busca por criar laços verdadeiros entre pessoas, e através desses laços manter uma vida que corre através das buscas mais genuínas.

O curso de psicologia e a participação na política desencadearam conflitos pessoais muito intensos nele. Houve e está havendo um processo de amadurecimento muito grande em Amaro. A pessoa que se ressentia e se fechava dos males que o mundo lhe direcionava no início da jornada da graduação aos poucos foi se trabalhando e mudando de atitude no mundo. A vontade de criar laços, que ficava presa e não encontrava vazão devido a muitos medos conseguiu encontrar vazão neste seu processo de transformação. O ME foi um desses acontecimentos em sua vida que lhe proporcionaram caminhos para se transformar. Através do ME Amaro via caminhos para a criação do que ele chama de laços e de amor. O ME na Psico se beneficiou muito desta sua busca.

eu queria pensar, criar alguma coisa que tivesse um impacto pras pessoas, e talvez haja, num sei... algo no sentido de... como ter uma vida... que não fosse uma vida só de trabalho no sentido, agora penso, no sentido financeiro, econômico, sobrevivência somente. Mas como ter uma vida que prezasse por um certo lazer, uma vida que fosse dedicada por exemplo ao espírito e a alma e ao amor entende? Como ter uma vida, que é uma vida de filósofo né? Aí depois mais pra frente li um pouquinho da Hanna Arendt, só um pouquinho mesmo. E dizia “Como ter uma vida contemplativa”.

Amaro nos conta que o pensamento de buscar um sentido para além do simples trabalhar para o sustento sempre esteve presente. Buscava ter uma vida que alimentasse

o espírito, os anseios, a busca por conhecimento. Nos mostra que queria buscar isso não só para si mas para todas as pessoas. Buscava uma vida que não o alienasse de si mesmo no trabalho, em prol de uma vida de filósofo, contemplativa. Arendt¹⁷ nos mostra que a palavra labor, originária da palavra trabalho, estava relacionada à dor e atribulação. Não era este tipo de trabalho que Amaro gostaria de exercer ao longo da vida. Queria o trabalho humano, compartilhado.

Esta é a tônica do caminho de Amaro através do ME, criação de laços para uma vida desalienante de si e de quem com ele caminha. Quando sentia que os espaços em que se encontrava iriam tornar seu cotidiano alienado, sua reação inicial era de afastamento, muitas vezes com alguma magoa e ressentimento. Mas isso proporcionou uma tarefa existencial para Amaro. Era dar-lhe maturidade intelectual e emocional para conseguir seguir no seu projeto de alianças entre pessoas, de tornar a vida de com quem criou laços menos alienantes e mais contemplativa e integrada com os coletivos. Nos termos de Arendt Amaro queria exercer uma condição humana de ação¹⁸, condição contemplativa com seus companheiros, na psicologia, na vida.

02. Infância e adolescência, a família.

Amaro conta um pouco de algumas experiências durante a sua infância e adolescência que nos dão pistas deste seu foco tão marcado na busca de laços. O que o marcou muito foi vê-los rompidos por questão de necessidade.

...como me dedicar à questão “O que é o amor”? Mas começa a haver vários entraves, um deles é o entrave econômico, precisa ir trabalhar, precisa gastar seu dinheiro, tempo, a não ser por essas questões e aí eu começo a pesar. Como alguém poderia começar a se dedicar as questões que importam de verdade? ... Desde que eu era criancinha eu fazia jiu jitsu. Tive que largar o jiu jitsu por que tinha que estudar.

¹⁷ ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Nota p.90

¹⁸ Op. Cit. Para Hannah Arendt, a ação é a condição humana por excelência, condição de exercer nossa humanidade entre os pares através do diálogo, reflexão e de uma vida contemplativa, desejo de Amaro.

Porque minha mãe falou que tinha que estudar. Como se dedicar a algo realmente importante pra você..., muitas (pessoas) são privadas disso de forma violenta e brusca né? E aí os meus ideais da política é pensar a questão da formação, pensar tipo... será que uma formação violenta abrupta, sobrecarregada, obrigando você... não só a formação... será que a vida precisa ser dessa forma? De cobranças e sobrecarregar. E as questões relevantes pra você? As questões fundamentais do seu ser ficam aonde nesse espaço todo?

Inclusive afirma que não prestou o curso de psicologia querendo ser clínico, atender, mas entrou justamente para entender como se formam esses vínculos de amor.

...não entrei querendo atender. Não entrei querendo ser um profissional de Psicologia. Até hoje isso não é o que me motiva. Queria entender como as pessoas formavam vínculo de amor. Homem e mulher e amizade por exemplo. Como que se formam vínculos de amor?

Amaro quer ir no sentido de descobrir o que motiva as pessoas a quererem ficar perto umas das outras, a se unirem, seja o amor romântico, seja o amor fraterno entre amigos.

Pode-se compreender o amor não só como um sentimento, mas como lugar e como posição. Neste vértice, o amor é acolhimento do Outro, o que significa um sair de si¹⁹.

Amaro se desenvolverá para este sair de si ao longo de sua jornada na psicologia e nos movimentos estudantis.

Mas de abandonar a prática de Jiu-jitsu aparentemente foi um trauma muito grande em sua vida. Não discorre muito na entrevista sobre como foi esta obrigação que a mãe lhe impôs mas retoma este tema do abandono do Jiu-Jitsu mais de uma vez durante a entrevista. Este episódio exemplifica toda uma busca posterior que o anima nas atividades que se propõe a fazer. A escolha pelo curso de psicologia e os interesses e modos de agir e de pensar durante a graduação e no ME são mostras disso. A forma “violenta e brusca” como diz que isso ocorreu lhe marcou muito. “A vida precisa ser

¹⁹ SAFRA, G. *Hermenêutica na situação clínica*. São Paulo. Sobornost. 2006. p32.

desta forma?” é a questão que se coloca sobre esta forma de vida “Sobrecarregada e de cobranças”. Um outro plano se manifesta para Amaro, o econômico.

Eu vim com uma cultura de quem veio de (cidade)... não morava em barraco, tinha uma vida razoável... assim, uma vida de classe média baixa sabe... Nunca tive uma vida sossegada financeiramente mas sempre teve comida (em casa) e uma assistência, teve épocas de fartura, outras não, mas era uma vida modesta, não era uma vida de esbanjar viagens para a Europa (risos), não era isso, era uma vida que dá pra viver bem. Fazia escola pública no ensino fundamental, no médio fiz ETEC, meu irmão fez escola particular. Meu irmão tinha bolsa na verdade. O cursinho que fiz era etapa e tinha bolsa e fazia a noite. À noite as pessoas eram mais ou menos da mesma classe social que eu. Não eram pessoas condenadas a sofrerem da pobreza, mas não eram pessoas que podiam fazer Etapa de manhã. Eram pessoas que trabalhavam, tinha vida boa, digna, só que batalharam bastante e faziam cursinho a noite.

Sabe que teve um respaldo financeiro de sua família para poder se dedicar ao estudo. Inclusive sua mãe lhe impôs esta dedicação, isto gerou muitas indagações posteriores e contribuiu na sua entrada no ME. Mesmo enfatizando que não eram pessoas “condenadas à pobreza”, tiveram que batalhar e se dedicar muito. O cursinho que fez para entrar na faculdade era pago, mas ele e o irmão tinham bolsa.

Morador de uma cidade periférica da grande São Paulo, com uma vida digna, porém simples, sem luxo, e tendo que batalhar para conquistar todas as coisas que tinham na vida, abdicando de muitas coisas também, assim era como Amaro interpretava a sua família. Inclusive teve que deixar de realizar atividades e participar de grupos que lhe eram muito caros como o Jiu jitsu para estudar.

Não foi este perfil de identidade que Amaro encontrou quando entrou no curso de Psicologia da USP.

Amaro nos conta outra questão de sua vida familiar que foi definidora de sua vida inicial na Psicologia da USP, a sua formação religiosa.

... minha família tem raízes cristãs evangélicas,... é da congregação cristã do Brasil, uma igreja super tradicional, BEEEM tradicional, eu vim com essa carga familiar forte entendeu?

Amaro nos conta que teve uma formação religiosa cristã evangélica muito forte. Afirmar que carrega consigo essa formação familiar forte. Não explicitou se era devoto desta religião e ou praticante da mesma, mas o que ficará evidente com o desenrolar da entrevista é que a sua formação moral e de costumes, provinda de sua formação religiosa, entrou em fervente contraste com o ambiente que encontrou no Instituto de Psicologia da USP e na USP como um todo.

03. A entrada na psico, o choque.

Quando o questioneei a respeito da sua vida política anterior, do que pensava e como tinha atuado antes na política, demorou muito a responder, ficou muito pensativo. A Política e toda a sua participação no ME parece ter sido decorrida desta sua busca por laços, muito mais do que uma cultura política inicial forte antes da entrada no curso de psicologia. Sua compreensão sobre política se caracterizava por pontos bem específicos e algumas ideias básicas. Ele nos conta:

...antes de eu entrar na psico, eu tinha certos ideais políticos, assim, certos ideais que eu acho que... era ideal de um menino imaturo até, imaturo pois não fazia muita noção das coisas, mas tinha uma noção de lutar por um direito... foi na época do cursinho, tava fazendo cursinho, tentando entrar no vestibular e questões como... não tive uma formação tão boa... Comecei a ver sentido na educação no cursinho, e aí me lembro que era época de eleições... Acho que épocas de eleições são mobilizadoras, ou de mobilizações intensas. Aí eu me lembro que eu fiz um cartazinho. A Dilma passou na minha cidade, via a Dilma, a Marta... -Olha só, a Marta do lado da Dilma, na eleição de 2010... e aí fiz um cartazinho escrito: Mais qualidade na escola pública, algo desse tipo, e fui lá mostrar... Mais qualidade, escola pública não é boa... Então eu tinha esses ideais.

Coloca-se como um menino imaturo, fala de seus ideais com um ar de desdém para consigo mesmo, desdém de quem ele era naquele período. Durante boa parte da entrevista tentou mostrar como a Política entrou na sua vida de fato dentro da

universidade. Sua formação nas escolas durante os anos de estudos anteriores não lhe marcaram. Diz que sua formação não foi boa, estudou nas escolas públicas de sua cidade durante toda sua formação não superior. Mas foi no cursinho que viu um sentido para a educação. Sentido este que fará da educação o seu maior campo de atuação nos anos posteriores na graduação da IPUSP.

Essa empolgação com a política cresceu na época das eleições. Conta sobre um episódio em que fez um cartaz pedindo por educação quando a Dilma visitou sua cidade, mas deixa claro até no modo como conta este episódio que aos seus olhos aquilo foi uma intervenção de um menino que ainda não sabia o que estava fazendo.

Já ingressante no curso de psicologia relata que a calourada unificada, organizada pelo DCE e coletivos políticos da USP, foi um momento em que entrou em contato com a política que acontecia dentro da universidade.

Me lembro que na Calourada unificada, teve uma fala de um professor , quando eu era bicho(calouro), achei sensacional, saí com o espirito inflamado.... falava como a universidade foi se operacionalizando.

Impressionou-se com a fala de alguns professores sobre a educação e o papel da universidade. Nesta fala citada acima Amaro nos conta que o professor discorreu em seu discurso sobre determinados momentos da universidade ao longo da história e o papel dela na sociedade. Amaro se impressionou com o que ouviu e se empolga com este novo mundo que lhe estava sendo apresentado, o Mundo universitário.

Via o pessoal com os folhetinhos, via os folhetinhos, folhetinhos da hora, interessante, e eu fiquei empolgado, mas eu não tinha né?...

Demonstra um interesse por tudo aquilo que estava vendo de movimentação política na USP. Os integrantes dos diversos grupos de ME entregando folhetinhos, divulgando os problemas da universidade, as lutas que defendiam, convidando-o para participar de seus movimentos.

O período de início das aulas, principalmente a semana inicial, em que há atividades especiais de recepção para os calouros, é um momento importante para os coletivos e movimentos sociais da USP, é o momento de se divulgarem e de se apresentarem aos

ingressantes, e assim tentarem trazê-los para colaborar e integrarem seus movimentos. Muitos dos ingressantes ficam como Amaro estava, inflamado, empolgado, e assim adentram em algum ou alguns dos movimentos estudantis da universidade. Mas Amaro não se sente confortável para isso, demonstra um incômodo que lhe era difícil de explicitar “...*Mas eu não tinha né?...*”

Explicita este incomodo e estranhamento quando nos conta sobre sua chegada na universidade.

... quando eu entrei na Psico, primeiro foi um choque, porque eu vim de outra realidade. Era (a Psicologia USP) uma realidade por exemplo que o filho ganhasse carro quando entrasse na faculdade. Nas férias as pessoas viajavam para a Europa... Eu não vim dessa realidade entendeu... Vim de outra realidade. A maioria das pessoas aqui falavam inglês, isso pra mim foi um contraste.

O convívio inicial com seus colegas de graduação do IPUSP mostrou o quanto ele diferia de origem e de cultura dos demais. Não era tão comum no ano de 2011 entrarem pessoas da classe social de Amaro, vindas de famílias simples da periferia da cidade de São Paulo que estudaram em escola pública. Percebe que o tipo de cultura, as conversas e as atividades que realizavam eram diferentes das suas. Faz-nos notar que a diferença econômica e os hábitos decorrentes desta diferença foram o que o chocou muito inicialmente.

Mortada²⁰ nos mostra com seus entrevistados este mesmo tipo de incômodo de pertença ao lugar, principalmente com a entrevistada Simone, começara a odiar sua turma. Não pensava como aquelas pessoas, odiava o pensamento político delas. Eram de classes completamente diferentes. Amaro não sentiu ódio inicialmente mas percebeu o quanto era diferente e tentou se adaptar a este ambiente.

²⁰ MORTADA, S.P. *Memória e Política: Um estudo de Psicologia Social a partir do depoimento de militantes estudantis*. (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

04. Desgosto, silenciamento, retraimento.

Continua contando sobre o início de sua graduação e depois demonstra que este ímpeto inicial para o ingresso na política foi se esvaindo, não só pela questão de não se sentir adequado no ambiente em que estava entrando, mas outros fatores começaram a ser importantes para Amaro.

... comecei a perder o gosto. Porque? Na verdade eu nem fazia ideia de movimento estudantil. Acho que é um linguajar próprio do movimento, da universidade. Fui perdendo o gosto pela política entende?...E eu sempre tive alguma coisinha assim, um ímpeto, de criar...

Não traz os motivos para o desgosto com a política. Isso talvez esteja relacionado a eu conhecer o Amaro e já termos conversado sobre alguns fatores que desestimulam estudantes a participar do ME. Diz sem dizer, eu na verdade já sabia o que ele gostaria de dizer, mas de qualquer forma era difícil para ele falar sobre esse assunto. Amaro prenuncia aqui as emoções defensivas que desenvolveu em relação ao ME quando ingressou. Como contraponto a este seu desgosto pela política nos fala do seu ímpeto de criar. Relaciona o movimento estudantil, mesmo no início de sua graduação, quando apenas o estava conhecendo, com a sua impossibilidade de poder criar. Vai revelando as ressalvas que tinha para com o ME que lhe foi apresentado e como se sentiu no convívio com as pessoas do ME na psicologia.

...sempre tive um pouquinho esse espírito(de criar), não lembro se antes eu tinha, mas lembro que no cursinho eu tinha, pois lá eu tinha contato com pessoas de outra classe, com ideais de outras classes, enfim...

Não estava se sentindo a vontade com o ambiente e as pessoas da psicologia e para contrastar compara com a época do cursinho, em que as pessoas eram da mesma classe social que a dele e tinham ideias que se alinhavam mais com as dele. O ímpeto de criar não estava se manifestando na psicologia e estava em dúvida se isto estava relacionado com estar com pessoas muito diferentes de si. Mas não era este o fator central de sua angústia.

No cotidiano aqui da Psico eu fui sentindo um discurso bem moralista em alguns sentidos. Moralismo inverso. Tipo...

Sentiu no seu cotidiano na psicologia um discurso bem moralista. Era isso que centralizava as questões relacionadas a seu refugio de entrar no ME no começo de sua graduação, apesar do grande ímpeto inicial. Mais do que isso, começou a se sentir julgado e se retraiu muito no início de sua graduação. Não se sentia pertencente àquele meio, se sentia muito diferente, e ainda havia um discurso moralista que lhe confrontava em seus valores mais arraigados. Os valores que aprendeu e cultivou durante toda a sua vida entraram em choque com os valores deste novo perfil de pessoas que acabara de entrar em contato na universidade.

Eu vim de uma cultura onde droga é um pecado, e uma coisa que... quem usava droga era muito mal visto, maconha... até hoje eu não fumo maconha. Talvez muito por certo preconceito de família, e até hoje não me interessa... não é uma coisa que me cativa... mas tinha começado um certo moralismo com quem não usava ou era contra, então foi um processo também de reconstrução de identidade. Não é que me forçavam a usar, mas quem não era a favor... não deveria usar. É o que acontece... Minha família tem raízes cristãs evangélicas, é da congregação cristã do Brasil, uma igreja super tradicional., BEEEM tradicional., eu vim com essa carga familiar forte entendeu? E aí fui tendo que... não sei se você se lembra de mim no primeiro ano e agora, a mudança que ocorre.

Uma grande confusão foi para Amaro este início de graduação. Um mundo novo, com pessoas novas e completamente diferentes dele, mais abastadas. Ele era de uma cidade periférica da grande São Paulo, estudante de escola pública, se sentia muito distante destas pessoas. Além disso havia esta discrepância de valores que entrou em um choque existencial gigantesco em Amaro. Aprendeu e internalizou para si durante toda a sua vida, através de sua família evangélica, que as drogas representavam o mal e deviam ser evitadas a todo custo, esta eram suas raízes. Este era o comportamento desejável e valoroso, evitar as drogas.

Amaro se sente deslocado neste mundo, estava longe de suas raízes:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente²¹.

No IPUSP convive com pessoas nas quais o não aceitar e o não usar a maconha por exemplo é que era mal visto. Ele chama aqui inicialmente de um moralismo inverso, não explicitando ainda o que ocorria exatamente, simplesmente dizia que era mal visto. Seus receios de se sentir ainda mais distante e excluído da turma ressaltam ainda mais na entrevista.

E aí eu cheguei aqui e não concordava muito, não me achava adequado, não julgava, mas não queria me envolver, tinha toda essa fantasia, esse medo, por exemplo com a droga, que é uma dimensão que faz parte do discurso da militância de esquerda, de legalização de... enfim. Isso foi uma coisa que me pegou um pouco, a galera que usava droga..., era uma coisa natural(para eles).

Não se identificava nem com o discurso nem com o comportamento da maioria de seus colegas da graduação. Tinha MEDO das drogas. As drogas, como disse, estimulavam fantasias ruins nele sobre o que poderia acontecer caso entrasse em contato com as mesmas. Aprendeu que as drogas deveriam ser evitadas a todo custo e era um mal em si durante toda a sua vida. Havia um novo modo de se relacionar com as drogas que Amaro não estava apto a desempenhar. Sabia da existência das pautas da militância de esquerda por legalização das drogas desde antes de entrar na USP, mas agora estava sentindo na pele a convivência com estes discursos e estas pessoas tão diferentes do que esteve acostumado a vida inteira. Além disso, a convivência com as pessoas usando drogas cotidianamente foi difícil para ele, teve que aprender a conviver com o que para ele era imoral. De repente o que aprendeu durante toda sua

²¹ WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. BOSI, E. (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p411.

vida como sendo correto, neste novo ambiente em que acaba de se inserir é que se torna imoral. É o que entendemos quando diz sobre sofrer “moralismo inverso”. Usar as drogas e aceitá-las normalmente é o que era desejável.

Um ambiente novo, com pessoas de uma classe social completamente diferente, com culturas diferentes, e além de tudo os seus valores entravam em choque direto com os valores dominantes de seus colegas da psicologia. Amaro se sentiu muito retraído.

Havia um discurso que eu achava moralista, na época eu sentia assim, não posso discordar disso... eu guardava muito as minhas opiniões quanto a isso entendeu? Eu sentia que haveria uma chance mesmo de ser excluído daqui(do IPUSP).

Sente então que quem ele tinha sido até então deveria ser mudado, sua identidade antiga deveria ser desfeita, pois ele estava praticamente só com suas opiniões advindas de seu mundo pregresso à entrada na psicologia e não queria entrar em choque com este novo mundo. Mas e seus valores? Como ficaria? Sentia que se expressasse suas opiniões sinceras sobre o que achava das drogas por exemplo seria repreendido, ignorado, deixado de lado. Não queria ficar isolado e ser excluído pelos colegas.. A sua sensação era de que se revelasse suas opiniões iria ser excluído, mal visto, julgado pelas pessoas. A sua prioridade entrando neste novo mundo era formar laços, não queria se sentir só, mesmo discordando de tudo o que presenciava também não iria mudar suas opiniões assim prontamente. Como agir então? Guardou então suas opiniões. Se fechou.

Podemos ver aqui como esta questão relacionada à busca de laços de amor se reflete em seu jeito de ser tateante e defensivo neste primeiro momento da graduação. A sua busca por construir estes laços se relaciona diretamente com este medo de julgamento e exclusão.

Como se dá a convivência entre a diversidade de culturas e pessoas que chegam à universidade? Amaro não se sentiu bem acolhido. Interessante notar aqui o que poderíamos chamar de choque da cultura tradicional com a cultura progressista. Amaro foi quase que um elemento isolado da cultura de valores tradicionais, advindo de uma família de classe média baixa e religiosa entrando em um curso onde quase a totalidade dos ingressantes advém de classes mais abastadas e tem uma cultura completamente progressista. Seus valores iniciais se relacionavam com aquilo que chamaríamos de

cultura conservadora, pelo menos em 2 questões, quanto às drogas e quanto a meritocracia. Cultura esta que não encontra ambiente ressonante no instituto de psicologia e nos ambientes de cursos humanas de maneira geral na USP.

Amaro se sente de outro mundo e indefeso, e ainda por cima sente que não há um ambiente em que possa explicitar suas opiniões sem ser estereotipado, julgado. Não estava preparado neste momento inicial de sua graduação a por em risco a sua aceitação no grupo. O medo era seu guia neste momento pois a possibilidade de sofrer um estigma seria a situação mais desestruturante para ele naquele momento. Cita um outro exemplo.

...(Sobre os Movimentos) Raciais, eu não sei se concordo ou não (com a pauta do movimento negro da Psicologia e da USP), não sei, teria que me aprofundar na discussão, só que é difícil você discordar...(da pauta dos movimentos). Se você discordar você... Você autoriza as pessoas a não te ouvirem mais.

Hoje Amaro, mais maduro politicamente, pesa muito melhor um assunto político e pensa em função da apropriação de toda a problemática por traz do assunto em questão para opinar. Mas á época de seu ingresso no ME tinha valores muito bem delimitados e toda uma construção de personalidade e identidade que não lhe permitia internalizar pontos de uma discussão que até então eram determinantes para esta sua identidade. Abrir a cabeça para novos olhares e mudar de opinião passava por um processo de reconstrução identitária árdua. Ele demonstrou estar aberto para isso posteriormente, seus anos posteriores e a sua mudança de mentalidade ao longo do curso e da militância demonstram isso. Mas não estava preparado naquele momento inicial de sua graduação para suportar estar no papel de excluído do grupo. É esta a questão em voga neste momento inicial de suas discussões políticas na Psico USP para Amaro. Não haveria debate, ele simplesmente seria excluído do mesmo se ele discordasse. E é isso que parece ter acontecido com ele no tema das questões raciais. Dentro de um consenso que para ele parecia não pertinente, colocar uma visão diferente não estimulava o debate, e sim “*autoriza as pessoas a não te ouvirem mais*”. Foi assim que suas opiniões divergentes foram vivenciadas por ele.

A falta de espaço pra isso(dialogar) me impediu até hoje, eu acho, de tentar me apropriar do tema (questões raciais) de alguma forma, que tem muita coisa, num dá

pra se apropriar de tudo de uma vez, entende o que eu quero dizer? Eu vim com uma cultura pra cá.

Amaro é o exemplo de uma pessoa que viveu um grande choque cultural quando entrou na universidade. E dentro de toda a fragilidade neste momento inicial, não houve dentro dos movimentos sociais e estudantis da Psicologia USP espaço para que ele pudesse ser quem é e opinar de maneira livre, entrar nos debates sem que de alguma forma fosse excluído ou sofresse represálias ou estigma. Mesmo Amaro admitindo hoje que aprendeu muito com as discussões que teve no IPUSP, sabe que é um processo lento e gradual a apropriação de novas formas de pensar e de viver. Amaro nos conta de uma impossibilidade de compreensão do argumento divergente de forma pacífica. Os temas de disputa como questão de drogas e questão racial ou feminismo já eram apresentados de maneira pronta. Como ele iria se permitir desconstruir sem espaço de reflexão? Simplesmente aceitando as premissas que lhe são apresentadas agora? Sem contrapor de maneira reflexiva e formativa tudo o que aprendeu a vida inteira e que lhe constituiu da maneira mais orgânica?

Eu tinha medo que qualquer conduta minha (pudesse) ser vista como machismo, entendeu? Qualquer expressão... enfim... poderia ser mesmo, só que isso me colocou... calou minha boca aqui dentro.

Uma pessoa, que dentro dos valores evangélicos, aprendeu durante toda a sua vida que homens e mulheres tem papéis bem definidos, com condutas bem definidas, de repente entra num ambiente em que seus valores são tidos como antiquados, antiéticos, e até imorais e desrespeitosos. Tudo isso dentro de um ambiente em que discordar ou tentar questionar certas premissas dos movimentos sociais levariam, como dito anteriormente, ao estigma e à exclusão. Os procedimentos que o Movimento feminista utilizavam, segundo Amaro, também não o ajudavam a se sentir livre para dar opiniões sinceras que entrassem em choque com as posições do movimento para haver um debate. Além disso, poderia representar uma rotulação de Machista discutir e opinar sinceramente sobre estes assuntos. Isso “calou minha boca aqui dentro”.

Amaro poderia enfrentar este debate de maneira franca e aberta e não o fez. Não foi “culpa” dele não se posicionar e assim estimular o debate, para colocar suas posições e assim trocar experiências e opiniões, fazendo com que todos aprendessem com aquilo?

E a responsabilidade dos movimentos sociais e estudantil de se abrirem para o debate, de se abrirem para o divergente sem a necessidade de destruir pessoas que querem ouvir e aprender assim como querem transmitir seus valores e modos de ver?

A fragilidade de Amaro neste momento inicial de sua graduação aliada a falta da possibilidade de dialogo verdadeiro e inclusivo, e retóricas afirmativas dos movimentos sociais e estudantis gerou este cenário aterrorizante para ele e para o ambiente de discussão política saudável que poderia haver. Esta situação é infelizmente muito comum de ser encontrada em diversas situações nos MEs.

não sei se existe evolução, mas eu mudei bastante minha visão sobre as mulheres, graças muito aos discursos, mas ainda conservo um certo padrão(de comportamento) sobre todo esse tema entendeu?

Amaro dá crédito aos movimentos. Transformou-se na universidade. Começou a compreender desde o inicio de sua graduação as nuances das lutas sociais, raciais e de gênero. Hoje não se coloca mais na posição ingênua que se colocava antes e é muito apropriado de boa parte das pautas dos movimentos progressistas, mas mesmo assim ele mantém um comportamento mais resguardado, emitindo opiniões geralmente quando seguro da possibilidade do debate e de que não haverá produção de novos estigmas.

Há um modo estereotipado de se fazer ME, e é esse modo que Amaro nos revela como também lhe afastando do movimento estudantil.

...porque a Cibeles era uma figura emblemática. Fez biologia (a disciplina da graduação) no meu ano, caia matando, tinha um discurso muito repetitivo, incomodava... incomodava, não sei porque incomodava, mas incomodava, era uma forma mecânica, um discurso muito bem elaborado que não dava espaço, não te convidava, era imposto, parecia uma testemunha de Jeová, que a pessoa tá falando da salvação, mas você não consegue ouvir e começa a se irritar, entendeu? Por essa forma, por ser dessa forma, acho que não era uma questão só de conteúdo, conteúdo também talvez, mas era por ser dessa forma entendeu?

Aqui está um exemplo de modos de transmissão das pautas do ME. Cibeles era uma militante do ME muito engajada e atuante. Participou da gestão do DCE e tentava de todas as formas chamar mais pessoas para se juntar ao seu grupo de militância. Mas

para Amaro, não havia esta possibilidade de discussão. Eram discursos prontos, fechados e repetitivos. Mantras que não comunicavam uma mensagem de diálogo, presentes muitas vezes em intervenções de salas de aula ou em reuniões de discussão política. Interessante a associação que Amaro faz com a testemunha de Jeová, é como a transmissão da salvação das pessoas dessas lideranças estudantis. A pessoa realmente acredita que é aquele discurso, aquele modo, aquele procedimento que irá resolver os problemas. É uma fé ideológica tremenda, mas que não dialogava com os demais, não convida para uma aproximação, deixava os ouvintes receosos de discordar deste discurso, enfrentar, construir, não estava pautada pela experiência dos estudantes.

Com a cooptação das lideranças, a fonte de legitimidade dos discursos e origem mesma destes se desloca dos estudantes para a verdade revolucionária de que estas organizações se dizem portadoras, Não se trata mais de pensar fatos contingentes, os acontecimentos, ainda que visando à revolução, mas de, em se tendo a verdade da revolução, como revela-la aos estudantes através de fatos contingentes; isto é como inscrever o movimento dos estudantes no movimento geral da história... impõe-se um discurso predefinido, elaborado de “fora” do movimento em organizações hierarquizadas e disciplinadas militarmente. (Neto apud Mortada)²²

Ribeiro Neto nos dá uma explicação para esta sensação de incômodo de Amaro. Um discurso que vem de fora, não foi construído junto, é predefinido. Não há a abertura tão buscada por ele.

²² MORTADA, S.P. *Memória e Política: Um estudo de Psicologia Social a partir do depoimento de militantes estudantis*. (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002. p119.

A atuação

05. O Poder de criar: A atlética.

O poder de criar. CRIAR. Palavra que Amaro usou tantas vezes na entrevista e que representa a válvula de escape para suas angústias e medos. A criação é o que move os sujeitos a se sentirem diferenciados dentro de sua comunidade. A ter reconhecida sua importância e a se sentirem parte integrante e atuante dentro de um todo. A criação própria coordenada a uma atividade coletiva é o que traz vida e motivação para as atividades de Amaro. E as instituições da psicologia, principalmente os movimentos sociais e estudantis, não estavam sendo convidativos para que esta vazão pudesse ser canalizada por Amaro.

...discurso e que eram bem fortes e que eram bem impositivos no sentido não de maldade, mas julgador. Te julga, te classifica, entende? Isso fez eu pegar um desgosto. Por uma certa expectativa que eu tinha e fui pegando esse desgosto... aí eu não lembro o que eu fazia. Fiquei em outras, entrei pra atlética. E aí eu fui me achando na Psico pela atlética.

Não havia a possibilidade de Amaro se adentrar nos movimentos políticos. A empolgação das semanas iniciais se transformou em desgosto. Amaro não queria se sentir classificado, julgado, rotulado neste ambiente que a princípio já lhe era inóspito por toda a carga cultural, social e econômica diferente das de sua origem. Se sentindo um estranho na psicologia e buscando uma inserção que lhe fizesse se sentir pertencente e criador no novo espaço que estava inserido, era disso que Amaro estava em busca.

A instituição que lhe proporcionou poder criar sem julgamentos foi a atlética. Foi através dela que o desenvolvimento da personalidade de Amaro começou a sair de uma atitude mais defensiva, convidando-o à conhecer o mundo da USP mais de perto.

É nítido que Amaro quer se inteirar dos assuntos e quer ajudar, criar, deixar sua marca e

contribuição, mas o retraimento e o sentimento de aparente inferioridade não lhe permitiam. Fala superficialmente sobre a Empresa Júnior neste sentido, nunca sabendo como se posicionar. Fala também superficialmente sobre as discussões da greve na USP de 2011, seu ano de calouros, e depois reafirma o que a atlética lhe proporcionou, o que nenhuma outra instituição proporcionou num primeiro momento na Psicologia da USP para ele.

Teve a discussão da Empresa Júnior²³, não sabia se eu era contra ou a favor da Empresa Júnior... Eu... Sei lá. Eu concordava com quem falasse primeiro. Eu achava certo. E aí mano... Teve isso, aí teve a invasão da reitoria em 2011 ou 2012? Em 2011 que era “fora PM” e aí eu pensava, entrou a cavalaria, e aí a galera acampou lá, e eu não apoiei muito a galera ter ocupado. “Fora PM”, tava perdido. E aí comecei a me encontrar na Psico e na USP pela atlética. A atlética foi me dando um papel, um lugar aqui dentro.

Na discussão sobre a implementação de uma empresa Junior pelos graduandos no IPUSP, não se sentia apto e apropriado para emitir opinião, mas estava lá presente. Sinalizava a intenção de querer se adentrar em algum grupo para dar esta vazão criativa de que tanto falou.

Posteriormente, houve a ocupação já mencionada por parte dos estudantes do prédio da reitoria e a polícia militar entrou com a cavalaria no Campus para a retirada dos estudantes do prédio. Esta situação gerou muita revolta nos movimentos estudantis e essa greve ficou conhecida e marcada na memória como a greve em que a cavalaria da PM entrou no campus contra os estudantes. Por isso Amaro diz da greve “Fora PM”. Fica nítido no modo como Amaro fala desta greve como não se sentia apropriado e integrado com as questões da universidade, por mais que se interessasse em saber e participar. “Tava perdido”. Mas a atlética foi lhe dando este lugar que buscava neste seu novo reduto chamado Instituto de Psicologia e que até então não via por onde se adentrar. Ele nos conta um pouco o que foi que a atlética lhe proporcionou.

Quando eu saí da atlética. Me lembro da Fabiana falando, mas você sempre vai ser da atlética Amaro, ela falava. Porque eu vestia a camisa, fui vestindo a camisa. No

²³Houve uma discussão institucional entre estudantes e as instâncias de poder do IPUSP sobre a criação de uma Empresa Júnior de Psicologia no IPUSP. Se formou um grupo de estudantes favorável que gostaria de encampar o projeto e outro grupo que era contra o projeto

começo da atlética eu via muito trabalho, muita coisa pra fazer, mas quando a Jussara foi embora e eu estava lá no comando foi uma delícia, muito trabalhoso mas foi uma delícia. E aí, nessa época, comecei a ver como uma empresa funcionava e tal, mas nessa época eu comecei a ver que eu podia criar.

Foi muito bem recebido pela atlética. E como todo começo numa instituição que tem muitos projetos e poucas pessoas participantes houve uma grande carga de trabalho e muito aprendizado. Mas não muito depois do momento de seu ingresso, suas veteranas saíram da atlética e deixaram Amaro e um outro grupo mais novo como os responsáveis pela instituição. Mesmo no começo, antes de tantas responsabilidades, já ocorreu uma grande satisfação para Amaro. Teve sua oportunidade de se sentir parte de um projeto que lhe permitia criar. Criar coisas, criar eventos, criar laços e encontros. Depois que Amaro se tornou uma das pessoas incumbidas de gerenciar a atlética, entrar em contato com certas responsabilidades até então desconhecidas para ele e ter o poder de decisão dos caminhos a seguir da instituição em suas mãos foi um grande prazer. Entrou em contato com a responsabilidade de planejar a prática e viabilidade dos projetos da Atlética. A criação de que tanto falou se fez presente finalmente.

Na atlética eu aprendi o que é o mundo empresarial... Eu comecei a ser tesoureiro da atlética e via a atlética como uma empresa. Não como uma empresa mesmo, mas via que tinha gastos, lucro, e comecei a ver como uma empresa funcionava por exemplo.

Seu cargo inicial na atlética foi de tesoureiro, cargo de extrema responsabilidade, e por estar no papel de ser o responsável pelas finanças, enxergar a atlética no sentido de ser uma empresa foi um passo natural. Não relatou na entrevista sobre outras experiências administrativas em sua vida, esta seria a primeira. Isto o marcou muito, posteriormente demonstrou uma preocupação com as questões práticas de tudo que faz.

Além de tudo isso ele galgou um espaço que também lhe foi muito prazeroso. Todo o medo anterior de ser um excluído no mundo da psicologia USP, que o fez ser tão receoso com toda sua forma de agir, que fazia com que não emitisse suas opiniões e que se fechasse, não aconteceu na atlética. Ter este papel de centralidade na atlética lhe trouxe reconhecimento e um lugar de integração que tanto almejava.

*Um reconhecimento dos alunos, um respeito, ser uma referência do corpo estudantil.
Uma referência pela atlética, mas era uma referência.*

Este reconhecimento dos alunos de maneira geral o colocou num lugar de foco e atenção. Percebe-se nele uma busca por reconhecimento de seu trabalho e também por esta posição de referência. Amaro posteriormente reconhecerá que são sentimentos ambíguos estes e que lhe fizeram repensar muito a respeito das suas verdadeiras intenções com esta busca por um lugar de destaque. Ele era uma referência da atlética agora com todas as implicações que isso acarretava. Muito reconhecimento, mas também muito trabalho e muita demanda da parte de muitos estudantes. Mas como disse, isso era vivido por ele como muito trabalhoso mas estava adorando. A atlética lhe tornou uma referência num sentido diferente. Sabia que o reconhecimento através da atlética não era da mesma ordem do reconhecimento do movimento estudantil. “*Uma referência pela atlética, mas uma referência*”. Apesar de que para ele a importância da atlética era tremenda, queria de fato participar dos grupos políticos.

Tava no comando da atlética e aí eu via que as tradições como por exemplo Interanos, Interpsico, Bixusp²⁴, eram tradições.. e eu comecei a ver o sentido da tradição, a primeira experiência de criar foi a festa dos bichos, foi numa baladinha e tal, e eu falava.. Poxa!!... e nessa época eu comecei a conversar bastante com a Sara, falei com a Alice, falei com a Luci (pessoas de antigas gestões da atlética), falei com um pessoal da atlética e fui vendo que as coisas tinham uma história. E fui vendo... meu.... Qual o sentido da festa dos bichos? é recepcionar os bichos... Vocês são bichos e sejam bem vindos a essa comunidade. Ter um ritual... não precisa ser uma baladinha na Vila Madalena como sempre foi. Pode ser um ritual num caráter de receber e ter recepção entendeu?

Primeiro a atlética lhe proporcionou um entendimento e uma experiência sobre a construção de um projeto. O cargo de tesoureiro lhe permitiu compreender o funcionamento financeiro de uma instituição. Como ele mesmo disse, começou a entender como funciona uma empresa. Com o tempo Amaro foi tendo novas percepções de seu trabalho na atlética. Agora nos conta como foi percebendo as certas tradições

²⁴ Interanos: Competição esportiva interna entre as turmas da Psicologia, muitas vezes com participação de funcionários e professores. Interpsico: Competição Universitária com outras faculdades de Psicologia. Bixusp: Competição esportiva entre as atléticas da USP em que só calouros participam.

passadas ano a ano através das instituições da Psico e entendendo o seu significado mais profundo. A festa de recepção dos calouros então para ele agora não era simplesmente uma festa, era um ritual de recepção e integração dos calouros. Tinha um sentido, uma intenção. Amaro foi aos poucos amadurecendo e compreendendo coisas que no início de sua graduação estava fechado para compreender, tudo isso graças a sua participação na atlética. O sentido de potência pessoal e a confiança de poder criar, que Amaro não tinha antes de ingressar na atlética, foram sendo desenvolvidos.

... a gente fez Samba-canção (para vender aos estudantes). Uma experiência de a gente poder criar aqui dentro. Pode criar tradição aqui dentro. Até hoje a samba canção da Psico é o mesmo modelo que eu e o João escolhemos em 2013.

Amaro se sentiu parte de uma longa cadeia de pessoas que trabalharam na atlética. Mantendo certas tradições institucionais e criando novas possibilidades, proporcionando aos estudantes da psicologia da USP uma experiência única de pertencimento. Sendo representante de seus antecessores, mantendo uma história e uma tradição institucional que proporcionava integração e sentido aos estudantes da psicologia USP, ao mesmo tempo em que tinha a possibilidade de criar novos projetos que poderiam então virar novas tradições e modificar o modo como as relações iriam se desenvolver na psicologia USP através da atlética, Amaro agora se sentia parte da comunidade através da atlética.

...e a atlética foi me chamando a atenção pois o esporte faz parte da vida universitária. Criação de laços afetivos faz parte da vida universitária. Encontros estudantis faz parte da vida universitária entendeu? E é parte fundamental entendeu? Que é onde você vai ter contato com outras pessoas, outras maneiras de ver o mundo. Vai criar laços importantes pra você. A atlética foi o que me proporcionou encontros com a USP...

O esporte faz parte da vida universitária e propicia uma porção de experiências de convívio e contato com a universidade e suas pessoas. Amaro defende que o a atlética, assim como muitas outras instituições não diretamente ligadas ao movimento político são de extrema importância durante a passagem das pessoas pela universidade e modificam a visão e as atitudes das mesmas. São lugares de possibilidades de transformação. Amaro através da atlética conheceu pessoas de muitas outras faculdades e trabalhou junto delas na promoção de alguns eventos conjuntos. Conheceu muitas

peessoas de outras faculdades de psicologia. Criou novas redes de relações e amizades e novas redes de construção de novos projetos. A atlética foi o lugar que proporcionou Amaro sair do seu fechamento e sair dos seus medos iniciais para se tornar alguém que passou a estar aberto a conhecer o mundo universitário e novas possibilidades. A atlética foi o que integrou e deu sentido a todo o seu pertencimento dentro do mundo universitário. Nela toda aquela lógica das outras instituições estudantis, que sentia como exercendo um peso exagerado e excesso de julgamento não existia. No entanto a atlética estava imersa num meio universitário com diversas instituições de movimento estudantil no instituto de psicologia que não viam com bons olhos uma instituição que promovia competitividade, sendo que alguns de seus procedimentos eram taxados como sendo segregadores e violentos.

Alguns até falavam que (atlética) é coisa de bitolado em esporte. O próprio Hermes falava: Atlética e negócio de esporte é segregacionista. Eu começava a me irritar com isso. Um dia a gente escreveu algo sobre o Inter (Psico, competição universitária), estava eu e o A gente escreveu Chupa Mackenzie (Num cartaz de divulgação de uma competição universitária) e a galera: Pra que chupa Mackenzie? Por que esta hostilidade? Eu comecei a ficar irritado:... “Não, mas a gente tá dentro de um jogo e num jogo tudo bem falar isso, não é de verdade”. Eu comecei a me irritar com esse tipo de “ser bonzinho”.

Amaro vestia a camisa da atlética. Foi uma instituição de muita importância para ele. Foi nela que teve a experiência de acolhimento e aculturação na instituição psicologia USP que nenhum outro grupo ou instituição lhe proporcionou. Amaro, durante seu início de graduação tateou e se aproximou de diversos grupos. Principalmente aos ligados diretamente ao movimento estudantil. Veio de uma classe muito menos abastada que a maioria de seus colegas. Amaro se sentia muito fragilizado no início da graduação pois via a diferença de origem e de visão de mundo entre ele e a grande parte de seus colegas e buscou nas instituições políticas amparo para si mesmo e um sentido de construção e de luta no início de sua graduação. Mas paradoxalmente ele não conseguia se sentir a vontade nessas outras instituições que a princípio seriam de seu interesse direto por ser advindo de uma classe mais pobre, pois a sua identidade, modos de ser e opiniões eram incompatíveis com as opiniões dominantes destas instituições e sofria julgamentos. O medo de exclusão e de retaliação afastaram Amaro inicialmente

dos movimentos sociais e estudantis da Psico. Ficou em silêncio e num fechamento pessoal num momento inicial. Até que então, por ter interesse esportivo (lutava Jiu jitsu e jogava vôlei) se aproximou da atlética e nela foi acolhido independentemente de suas opiniões de mundo e visão. Segundo Amaro o propósito da atlética era as atividades esportivas, diversão e a integração da comunidade da psicologia USP. Amaro se sentiu acolhido e respeitado dentro de sua individualidade na atlética. Lá suas opiniões divergentes sobre diversos assuntos e modos de encarar as drogas, as cotas e demais questões não eram motivo para exclusões, rótulos, estigmas.

Ter a instituição que lhe acolheu e que o integrou dentro do instituto de psicologia e na USP como um todo, proporcionando encontros, contatos, conhecimento, lhe dando confiança para poder criar e se sentir parte de uma comunidade, sendo chamada de segregadora era de uma afronta muito grande para ele. Era o paradoxo explícito a instituição lhe acolheu o estudante de classe mais popular ser chamada de segregadora.

Vemos aqui visões diferentes sobre o que seria violência ou não. O que Hermes no exemplo dado por Amaro acima chama de hostilidade, dentro do mundo esportivo em determinados contextos seria válido para Amaro. O “Chupa Mackenzie” seria um procedimento de estímulo de rivalidade em uma competição. “É só um jogo, o xingar não é de verdade”. Para Amaro isto não acarretaria demais consequências. Assunto difícil de ser discutido, muitas questões envolvidas. Qual seria este limite? A outra parte se sente violentada? Amaro defenderia até o fim estes procedimentos da atlética pois inclusive dentro do campo esportivo este “Chupa Mackenzie” era interpretado com naturalidade, como fazendo parte do jogo, inclusive para os integrantes do Mackenzie. O “Chupa USP também ocorria da parte deles. Não seria esse o fator determinante para a diminuição de violência para Amaro. “ *Eu comecei a me irritar com esse tipo de ser bonzinho*”. Amaro não concordava que isso seria uma violência e ao mesmo tempo sentia que era julgado por defender que esse tipo de procedimento deveria continuar a ser feito para se estimular a rivalidade entre e a competitividade.

Amaro em 2013 começa o seu processo de saída da atlética. Não explicita os motivos, não estava claro para ele o processo que culminou na sua vontade de sair.

Porque sair da atlética? Porque era a tradição. Você sai (risos). Fiz o inter (Psico), foi bem desgastante o inter. Já estava há um tempo, tinha gente pra assumir o posto, sei lá. Eu e o João saímos juntos.

Tinha crescido muito através da atlética. Da pessoa ressabiada e com receio de tudo que a cercava no início da graduação se tornou confiante e com um papel na atlética, referência para muitos estudantes da Psico. Sentiu que seu papel na atlética estava cumprido, e o papel que a atlética desempenhou para ele também se havia cumprido.

Se for levar pela minha concepção. Eu entrei no movimento estudantil pela Atlética.

Veremos adiante que em 2013, ano de seu processo de saída da atlética, foi também o ano em que teve outra grande greve na USP, esta realizada e organizada principalmente pelos estudantes, e não por funcionários. Esta sim foi uma greve importante para Amaro. Ele tem memórias de como a partir desta greve se apropriou finalmente do movimento estudantil, movimento este que até então Amaro não via possibilidades de se sentir parte. Amaro pode não ter explicitado isso na entrevista mas parte dos motivos que fizeram ele sair da atlética se relacionam com a vontade dele querer dar outros voos, agora em direção ao movimento estudantil político, e a greve de 2013 foi o ponto de viragem para que ele se adentrasse nos movimentos políticos. Se não fosse a sua passagem pela atlética muito provavelmente não seria possível a sua participação no movimento estudantil. A atlética lhe proporcionou experiência de gestão, de passagem de tradições, de criação, de se sentir referência para os estudantes da psicologia. Agora ele estava preparado para continuar o caminho em outra seara. Ele de fato ingressou no movimento estudantil através da atlética, e as referências e aprendizados da atlética estarão presentes por todo o seu caminho desde então.

06. Se sentindo o reaçã. Os duros autojulgamentos.

Como já dito anteriormente, seus valores quando ingressante da faculdade, tradicionais, advindos de uma formação religiosa familiar e advindos de uma cultura de periferia, entraram em choque frontal com os valores correntes de seus colegas da psicologia da

USP. Queria participar dos movimentos sociais e estudantis mas não encontrou respaldo, se fechou, se sentia julgado. Isso foi um grande trauma inicial para Amaro no seu ingresso na psicologia. Só entendeu concretamente que suas opiniões iniciais sobre drogas e costumes eram consideradas fora dos valores sociais compartilhados pela maior parte de seus colegas através de silenciamentos sofridos e julgamentos morais. Começou a entender que muitos de seus posicionamentos eram enquadrados numa categoria que era o atestado da imoralidade neste novo meio que estava adentrando. Boa parte de suas posições eram consideradas a de um REAÇA²⁵.

Eu me lembro que eu apoiei o Brinco (Jornal feito por alguns estudantes da Psico para criticar o movimento estudantil da Psico. Brinco como referencia satírica a Anel, movimento de estudantes do PSTU), não apoiei diretamente mas eu falava.. tem que ter uns caras que fazem algo como isso.. Eu era um reaçã cara (risos), se você me olhar eu era um Reaçã.

Fala em tom de brincadeira neste trecho sobre o apoio que realizou a um jornal que satirizou o Movimento estudantil. Amaro não concordava com a forma como o jornal feito por alguns estudantes que discordavam da maneira que o ME procedia externalizou suas insatisfações neste jornal. Eram sátiras bem pesadas. Mas achava que alguém tinha que criar o que posteriormente começou a nomear como uma oposição ao ME padrão. Ele viveu na pele o sentimento de se sentir excluído. De não haver possibilidade de debates com as pessoas do MEs. Sentia que por simplesmente discordar das pautas poderia ser taxado e estigmatizado. Este jornal Brinco foi uma vazão possível para estas insatisfações. Quem o apoiava era tido pelo MEs como o Reaçã. Amaro não concordava com tudo que este grupo que organizou o jornal fazia, mas por concordar com algumas críticas, era taxado por muitos como sendo um Reaçã.

Isso foi muito difícil para Amaro. Jamais quis ser identificado com a direita ou com ser antidemocrático. Mas por discordar de algumas posições do ME seria automaticamente classificado por boa parte dos militantes do ME como tendo este perfil. Seu afastamento se deu justamente pela não possibilidade de crítica, pois a fazendo seria taxado, excluído, estigmatizado. Tem muitas crises pessoais com isso, principalmente no início da sua graduação e durante o seu início de trabalho na atlética.

²⁵ Abreviação de reacionário. Termo pejorativo para designar pessoas que são contrárias a democracia e que se aproximam do espectro da direita política.

Num posso falar nada meu! Tudo tem que ter um cuidado extremo com o outro, não pode tocar ninguém...

Brincadeiras habituais para ele, fora da USP, que faziam parte do cotidiano e não eram interpretadas como ofensivas, agora, dentro deste mundo universitário, não seriam mais assim julgadas. Não entraremos no mérito aqui da questão em si de quais ou quais brincadeiras ou tipos de conversas e falas poderiam ser demonstrações de machismo, homofobia etc... Não está dentro do escopo de análise deste trabalho, mas podemos ver aqui o quanto esta mudança de ambiente e seus novos códigos culturais trouxeram para Amaro outro olhar sobre hábitos, modos de comunicação. O que antes era trivial agora se tornou ofensivo, grosseiro, preconceituoso, insensível. Amaro foi se sentindo de fato neste lugar de reaçã.

Com a experiência da atlética eu vi que podia criar aqui dentro, mas não na época da Jussara, a Jussara que comandava. Quando eu e João estávamos no comando eu vi que a gente comanda ... bem militar (risos). O Reinaldo um dia virou pra mim e disse “No fundo você é um fascista”. (risos)

Muitas vezes durante a entrevista fez em tom de brincadeira referências a ser reaçã ou fascista. Difícil dizer o quanto realmente fazia a brincadeira consigo mesmo em tom de sarcasmo, brincando de se colocar no papel do ME julgador ou o quanto realmente era penoso para ele ter sido colocado neste papel. O fato é que não queria ser considerado Reaçã só por criticar ao ME, mas ao mesmo tempo começou a tomar consciência de que muito de seus sentimentos relacionados a ter um papel na psicologia e de estar na função de comando da atlética por um bom tempo lhe deram um prazer, o que ele começou a relacionar diretamente com um gosto pelo poder que adquiriu. Aspecto este que está presente desde o início de seus trabalhos na atlética e mesmo relacionado com o sentimento de inferioridade que sentia bem no começo da graduação. Reconhecerá posteriormente que havia de fato uma busca pelo poder. Quem ele era então? Alguém que queria fazer parte da comunidade e trabalhar em prol do desenvolvimento dela, se sentindo integrado mas promovendo a liberdade e a inserção das pessoas na comunidade ou ele era somente um reaçã fascista que queria ter o poder de comandar? Agiria como alguém que imporá suas vontades aos outros, como julgava que muitas das instituições de MEs fizeram com ele ou usaria esta sua posição conquistada para possibilitar maior abertura para as pessoas com que se relacionava? O que tinha em mente e

principalmente as atitudes que tomaria nesta posição de poder tornariam ele um reações ou uma pessoa que defenderia a democratização dos espaços. Esta crise intensa será de certa forma absorvida por ele durante a greve de 2013 quando se sente mais seguro de suas intenções e projetos.

07. A formação em psicologia.

Amaro ao longo de seus anos iniciais na graduação sofreu muitas transformações. Foi se adaptando e se entendendo neste mundo novo que adentrou e aos poucos, principalmente através de todo desenvolvimento pessoal na atlética, foi ganhando confiança em si mesmo ao ponto de começar a se sentir seguro em tomar certas atitudes que antes lhe seria impossível. Tem clara noção deste seu processo de transformação e localiza no tempo os momentos de viragem de sua personalidade e identidade.

Terceiro e quarto ano que eu mudei bastante.

Mais de uma vez durante a entrevista localiza no seu terceiro e quarto ano de graduação, entre os anos de 2013 e 2014 o seu processo de transformação pessoal.

Ele, como já foi apresentado, dá muito crédito desta sua transformação para a atlética, que lhe propiciou espaço para criação. Soube concretamente que poderia transformar a realidade e isto transformou muito a sua postura perante os problemas enfrentados na universidade e seus problemas e questões pessoais enfrentados na USP.

Vi que era possível criar mudanças dentro do espaço. Mas só fui percebendo isso quando vi que as coisas tinham uma história, e que a história é construída. Eu queria conhecer a história das tradições, o porquê, qual o motivo de ser assim ou assado. A partir disso, você começa a criar. Você pensa. Dá pra criar. A atlética foi me dando essa experiência aqui dentro, já foi me dando certa experiência aqui dentro.

A história se tornou muito importante para ele durante a sua permanência na atlética. Os processos de duração de uma determinada cultura e as mudanças possíveis de um tipo

de cultura para outra passou a ser de grande interesse para ele. A sua sensação de potência quando percebeu que na atlética poderia criar mudanças estruturais e duradouras na comunidade a que direcionava suas ações lhe trouxe uma nova visão sobre a construção de um processo histórico. Pela primeira vez se viu tendo um potencial criador e de mudança que o conectava com todos aqueles pelo qual sua instituição se responsabilizava. Viu-se como um agente da história através da atlética.

...(Sobre o ingresso na Política) muitas das coisas foi relacionada as disciplinas que eu fui tendo,

Durante este processo, ao longo do curso de psicologia, através da formação que o curso foi lhe dando, começou a se interessar de uma maneira diferente por Política. Afirmar categoricamente que a formação que o curso de psicologia lhe deu o influenciou muito para que posteriormente se voltasse para as ações políticas. Localiza em algumas disciplinas em específico a motivação a voltar o seu interesse mais diretamente para a política.

Agora, como que a coisa foi se voltando pra Política? Ééé... tem uma disciplina, esqueci de que ano que ela é, é uma disciplina que se chama personalidade.

tive a parte do Leon onde ele pegava o sujeito psicanalítico e colocava na perspectiva psicanalítica, na perspectiva de classe e de sociedade, não só do indivíduo, era a perspectiva do indivíduo e como ele se constituía socialmente, dentro da história. A palavra história vai ganhando vários significados... vai começando a ganhar um borbulho que em 2013 sai, entendeu? Isso... não vou fazer análise agora... Então a teoria crítica foi me puxando pra um lado meio social da coisa mesmo. É meio pessimista, mas eu adoro coisas pessimistas. É da tragédia que vem a esperança.

Teve uma disciplina em especial, a disciplina de personalidade, ministrada no primeiro semestre do segundo ano. É uma disciplina em que 3 docentes ministram teorias diferentes sobre a constituição da personalidade. Amaro cita especificamente a parte que mais lhe tocou, ministrada pelo professor Leon, que através de autores relacionados à escola de teoria crítica contextualiza o modo de constituição do sujeito. Amaro localiza neste momento o novo significado que a palavra história vai ganhando em sua vida. Ao mesmo tempo em que estava compreendendo novos modos de entender a história

teoricamente, através da disciplina, via-se sendo um criador de uma nova história na psicologia durante a sua participação na atlética. A sua transformação pessoal estava acontecendo e muitos foram os espaços que contribuíram para isso. Já prenuncia que em 2013, durante a greve, se sentiu preparado, depois de percorrida toda a nova apropriação que vinha tendo ao longo de sua graduação na psicologia, para entrar na política, depois de tanto desgosto ocorrido nos seus momentos iniciais na Psico. Se antes se concebia como tendo ideais políticos ingênuos, começa a ter uma apropriação dos temas políticos que lhe dá cada vez mais segurança sobre seu conhecimento, e que aliado a confiança de se sentir criador na atlética mudará em breve a condição como se colocará perante as suas situações vividas. Foi sendo seduzido pelo lado da crítica social. E revela uma impressão que o liga com a teoria crítica. *“É meio pessimista, mas eu adoro coisas pessimistas. É da tragédia que vem a esperança”*. Talvez isto esteja relacionado diretamente como percebia sua vivência da graduação. No início se sentia dentro de uma tragédia, mas que dali surgiam movimentos, pessoas, lugares que lhe permitiram ter esperança e viver esta esperança.

Esperança como capacidade que uma pessoa tem de se posicionar no futuro do que ainda não é²⁶.

Amaro via nisto que estava aprendendo agora nestas aulas uma possibilidade de compreensão do trágico já ocorrido, como possibilidade de tornar o futuro ainda não acontecido diferente. Sente a sua evolução em conhecimento e assim sente sua evolução como potencialidade de ação.

Muitos outros saberes foram construindo um novo Amaro na graduação.

...são vários atravessamentos no meu caso. A teoria critica me deu a dimensão de que a gente tá dentro de uma história e de uma sociedade e aí o que eu gostei muito é que ... dá pra falar do indivíduo através de atravessamentos macros. Isso me encantou bastante, assim como a psicanálise fala do indivíduo, sexualidade, foi me encantando, eu pensei... O indivíduo está numa instituição chamada família, está numa escola. No amor entre pessoas existe um monte de componentes de classe, de gênero, um monte de

²⁶ SAFRA, G. Notas de aula do curso: *Diálogos Clínicos: A contribuição de Pavel Florensky*. Pós Graduação. IPUSP. 2014.

coisas que são de âmbitos históricos e sociais, de dimensões macros, que atravessam de tal forma as relações que o micro reflete isso numa história de amor por exemplo.

Amaro explicita aqui os principais temas de sua formação que contribuíram para uma nova visão de construção individual e social que foi adquirindo durante o curso. Pensa em como as condições histórico sociais e as instituições de onde viemos configuram aquilo que somos, e de como estas “*dimensões macros*” condicionam o pequeno, o individual, de tal maneira que todo aquele contexto determina uma experiência de uma história de vida. Amaro fala daquilo que nos torna nós mesmos que está para além de nós mesmos e que muitas vezes não nos damos conta. “*Dá pra falar dos indivíduos através dos atravessamentos macro*”. Por ter esta noção começou a dar outra importância para as questões de educação, família, instituições.

Outras disciplinas e outros atravessamentos na formação de Amaro contribuíram para a forma como Amaro vê a política e a ética, mas aparecem de forma tão orgânica que se confundem com o próprio desenvolvimento de sentido de seu fazer e de suas intenções.

... Como pequenas relações tem um reflexo histórico. Como pequenas relações escrevem a história, como pequenas relações não só escrevem a história mas a história possibilita que elas sejam escritas e que elas seriam diferentes se estivessem, em outro lugar, em outro contexto, em outra instituição entendeu? Eu e você só nos encontraríamos se tivéssemos determinadas condições pra se encontrar. E criar o que a gente criou com determinados contextos pra além da gente. Isso foi me... isso foi... me encantou.

Amaro apresenta uma característica muito peculiar de problematizar as questões. Vemos uma perspectiva em que a história individual, micro, de um sujeito, ganha uma importância muito grande quando pensada através de tudo que a envolveu e suas consequências para além do indivíduo. O micro, a vida individual, assim se torna grandiosa, reflexo de algo muito maior. Amaro cita inclusive a experiência que tivemos juntos de atuação na atlética da Psicologia USP e no grupo de representantes discentes. Atuamos juntos, por pouco tempo mas atuamos juntos nesses espaços. Amaro nos conta que se não fosse determinadas condições na psicologia da USP, na minha formação familiar como na dele, nos meus interesses como no dele, não teríamos nos encontrado para construir o que construímos.

Amaro ganha aos poucos uma força muito poderosa com esta visão. Ganhou força para fazer certas contestações.

Contestar muitas coisas que são tabus normais. Então o que é universidade? Qual o papel da educação? Educação é só sala de aula? Educação universitária é o que? O que significa isso? Foi muito importante pra mim e ainda é.

Estas indagações, advinda de uma nova consciência política que foi se formando em Amaro, nos mostra claramente a força de um contestador em potencial aqui que gostaria de contribuir para repensar a sua trajetória e a trajetória de muitos de seus colegas na universidade, de repensar também a educação num sentido mais amplo e de repensar a universidade. As questões de educação começaram a se fazer muito presentes na vida de Amaro. A relação entre a história das instituições e a formação educacional passou a ser um tema de grande relevância para ele. Conta a importância de sua iniciação científica neste seu novo pensar.

... Então né, eu tô com esse rolê de história, o filho de não sei quem de não sei das quantas (risos)... e vi esse documentário que conta um pouco da história da USP até o final da década de 80 e como a Usp... e os atravessamentos históricos foram influenciando a USP. Era o que tava faltando né?

“Era o que tava faltando né?” Agora a cereja do bolo estava posta. Durante o seu projeto de iniciação científica com a professora Sandra, começou a ver filmes sobre a história da USP. Já tinha reconhecido em si um interesse em história, pensando a constituição de indivíduos através das instituições e atravessamentos sociais. Já concebia sua participação na atlética como tendo um viés claramente de construção histórica, se via como um mantenedor e construtor de uma continuidade na história, e agora neste projeto de iniciação lhe é apresentado alguns documentários a respeito da fundação e objetivos da USP, como ao longo da história ela foi se constituindo, se modificando. Ele então inserido no meio de toda a grandiosidade que esta instituição representa.

É... Tipo eu aqui, humilde garoto que veio de..., entro numa universidade que se originou dos ideais de... Júlio de Mesquita filho da folha de São Paulo ou do Estadão. Ideais de formar uma classe política e dirigente do país fundada na universidade de

São Paulo, e um monte de coisa aconteceu, e aí eu comecei a brisar mesmo... tipo... esse concreto aqui... essas paredes tem história, e as relações que eu criei aqui dentro são relações históricas e que vão construir uma história. Aí eu comecei a pirar.

Ocorreu-lhe este grande insight. Tem agora a dimensão da grandiosidade do projeto e dos objetivos da USP. Projeto de âmbito nacional, de ter como função criar a elite política e técnica para comandar o Brasil. Isso foi de grande energia psíquica para Amaro. Reconhecer que aquelas paredes tem tanta história assim e de repente se reconhecer como sendo parte integrante e co-criadora desta história “Comecei a pirar”. O “humilde garoto” entrou nesta universidade. Amaro estava se reconstituindo como um sujeito de importância histórica, isto deve ter sido muito transformador para ele. A sua potencialidade de criação jamais seria vista na mesma escala. O seu poder de criação ganhou novos significados. Significados que transcendiam a sua relação imediata com as pessoas, agora concebia como vindo de um passado bem distante e se projetaria para um futuro igualmente distante, construindo uma nova história ainda por ser escrita. Como ele mesmo e os grupos poderiam através desta compreensão construir espaços mais significativos? Esta se tornou uma tarefa para Amaro.

... como que os alunos se apropriam do espaço. Não só os alunos, é uma questão que eu tô mais a frente agora (estava á época da entrevista á frente de um projeto de pensar o espaço físico do IPUSP), mas como que as pessoas se apropriam do espaço? E aí a resposta que eu encontrei é conhecendo a história de como esse espaço foi construído, quem foram as pessoas que construíram e quais os ideais delas... e agora, quais são os nosso problemas e nossos ideais e o que todas essas construções que as pessoas foram fazendo podem nos ajudar a continuar ou criar uma nova história dentro desse lugar.

Agora este humilde garoto estava transmitindo esta noção de tradição histórica para seus colegas, pensando em ajudar a pensar a utilização do espaço. Que novo espaço pode ser construído no IPUSP? Esta era a pergunta que Amaro estava trabalhando no momento da entrevista e que tem origem em todas estas reflexões a respeito da história da universidade. Ele agora se reconhecia como um agente deste mundo uspiano. Outro filme contou-lhe muito sobre outras paredes uspianas das quais ele conhece bem.

A experiência Cruspiana²⁷ do Nelson, que conta a história do CRUSP, e ver que esse lugar que eu tô, o CRUSP, já foi o centro do movimento estudantil nacional. Uma briga contra o regime militar. Só isso! (ironia) (risos). Aí junta um pouco do que era da teoria crítica... um detalhezinho de uma pessoa, como elas tem influências macro sociais. Como uma pessoa pode produzir mudanças tão grandes? Fiquei pensando. E do filme saí inflado por esse tipo de sentimentos né? Até que passou-se a atlética.. teve junho(movimento político de junho de 2013)...

Amaro veio morar no CRUSP um pouco depois que ingressou na universidade. E reconhecer que ali, logo ali onde está morando, foi o “centro do movimento estudantil nacional” foi um outro reconhecimento do poder do lugar em que morava. Sente grande orgulho de saber que está morando num local que manteve uma “briga contra o regime militar. Só isso!”. Deste filme sai inflado com este sentimento de potência. E aí a pergunta que muitos do ME gostariam de saber responder prontamente ele também se fez. *Como uma pessoa pode produzir mudanças tão grandes?* O sentimento de potência advinda da força do lugar foi mais um elemento deste processo de transformação de Amaro.

Aqui podemos entender melhor talvez o que foi diminuindo a importância da atlética para Amaro. Aos poucos foi ganhando uma confiança de poder agir por uma transformação na ordem social de maneira mais direta. A teoria crítica, os atravessamentos históricos, a experiência e o lugar social conquistado na atlética culminaram em se sentir preparado para dar este voo político maior que desde o início da graduação demonstrava querer dar. Um voo na direção da política mesmo, direta. O conhecimento lhe abriu portas, possibilidades. Pensar a educação, a universidade, os atravessamentos institucionais, o cotidiano das pessoas. Ele nos contará mais sobre suas noções políticas que foi desenvolvendo. “Até que passou-se a atlética.. teve junho”.

²⁷ CRUSP: Conjunto residencial da USP. Conjunto de moradia para os estudantes da USP que não apresentam condições financeiras de bancar moradia própria.

08. A greve, aprendizados com a Política.

Amaro se considerava muito ingênuo, imaturo e com grande desconhecimento sobre as questões da política quando fala de si antes da entrada na graduação.

antes de eu entrar na psico, eu tinha certos ideais políticos, assim, certos ideais que eu acho que... era ideal de um menino imaturo até, imaturo pois não fazia muita noção das coisas...

Foi aqui na universidade que considera ter se desenvolvido politicamente. Quando fala de seus pensamentos políticos anteriores, não tem memórias de reflexões profundas. Apenas lembra de seu ímpeto de fazer diferença no mundo.

(Sobre o interesse Politico) Na verdade foi algo que foi sendo construído intensamente aqui dentro e minha história anterior... não sei... é um sentimento assim de fazer a diferença, não sei. Não sei exatamente o que da minha história anterior...

Este interesse político foi sendo construído através de seu percurso nos anos iniciais de graduação, mas Amaro tem para si dois eventos muito próximos no tempo entre si que marcaram o seu processo de transformação política durante a graduação.

Existe duas coisas, uma é o momento inicial que eu achei que eu entrei no movimento estudantil e o momento real, não, o momento real no sentido... eu fui me envolvendo com as questões aos poucos, mas houve um momento que eu assumi uma postura, uma postura tipo.. sou um porta-voz, ou eu posso articular alguma coisa sabe? E esse momento concreto foi em 2013, logo após junho, não sei se junho (manifestações de junho) teve alguma influencia sobre mim, mas a greve de 2013, que foi uma greve GREVE,. Até hoje eu não concordo com greve estudantil, mas naquela eu concordava bastante, mas essa greve foi dos estudantes, não teve funcionário nem professor, foi algo dos estudantes.

Diferencia de modo muito claro dois momentos. No primeiro estava começando a se envolver com política. Foi todo o momento pregresso à 2013, seus dois primeiros anos de graduação, sua primeira tentativa de participar do ME que foi frustrada por se sentir

silenciado, seu período de atuação na atlética. Revela que o marcante neste período, independentemente de se envolver diretamente ou não com a política institucional, foi ser um período em que não se sentia apto e confiante para atuar, propor. Isto foi conquistando com o tempo através dos conhecimentos que foi adquirindo com a sua formação na psicologia e também através do lugar e papel que foi desempenhando na atlética. Até que caracteriza de forma muito precisa o segundo momento. Este sim seguro de estar pronto para participar do ME. Assumiu uma postura e tornou-se porta voz. Foi a partir da greve de 2013 este momento.

Revela algumas opiniões a respeito da greve. Não é muito fã deste método. Mas nesta greve em especial achou necessário. Foi uma greve de estudantes feita e organizada por estudantes. Historicamente os estudantes dificilmente conseguem sustentar por muito tempo uma greve sem o apoio de funcionários e docentes na USP. Esta greve teve como mote exclusivamente pautas estudantis referentes à democratização da universidade, moradias estudantis, transporte no Campus, reajuste de auxílios e bolsas estudantis. Fala com gosto desta greve.

...foi quando eu fui tendo uma ideia de concepção de história, do espaço onde eu vivo. A ideia de que eu posso criar a partir do momento que eu tenho uma consciência maior dessa história. Uma apropriação maior do lugar de onde eu vim... enfim. Teve a greve de 2013 que foi uma greve fantástica... foi ali onde eu comecei a mudar bastante.

Toda a bagagem adquirida anteriormente encontrou vazão nesta greve para Amaro. Sentia-se muito mais apropriado para falar e atuar, ainda mais em temas que lhe diziam respeito diretamente, como bolsas de auxílio e moradias do CRUSP.

me despertar a questão da história da universidade, da história da política... comecei a ficar interessado, depois da greve, não sei porque exatamente. Acho que já teve toda uma coisa construída que a greve... me lembro que o pessoal ocupou a reitoria lá na hora e ... “Democracia, tem que ter democracia na universidade”, aí começou a ter as greves e eu... Que autonomia universitária? Comecei a ler sobre autonomia, uma parte do livro da Chauí.

Estava realmente interessado em compreender mais concretamente o que se passava na universidade. Tinha visto anteriormente que foi uma universidade fundada para formar a

elite política e dirigente do Brasil. Vira o quanto aquelas paredes, inclusive de onde ele mora, tem grandes histórias, referentes à luta contra a ditadura militar. Amaro vinha de um momento de grande interesse pelas teorias sociais e de interesse nos atravessamentos “macro” como família, escola, universidade etc... Como tudo isso constituía a vida de cada indivíduo. Mas também compreendia que a ação de um indivíduo poderia transformar uma grande coletividade. Interações micro e macro produzindo novos sentidos, novas criações. Agora munido desta compreensão macro política quer compreender como isto se dá no seu cotidiano, na sua prática. Não basta mais tentar entender como foram os atravessamentos de constituição de subjetividades durante a segunda guerra mundial como estudara na disciplina de personalidade. Agora quer utilizar estes conhecimentos e esta noção política para afetar o seu cotidiano. Para isso precisa compreender as relações políticas desta realidade concreta em que vive. Suas indagações a respeito dos termos da greve e do que estava acontecendo na universidade se transformaram em busca por conhecimento do funcionamento de sua universidade em particular e do funcionamento dos poderes públicos de maneira geral, de tudo que afeta as relações institucionais. Ele foi estudar política, sociologia, economia, e a discutir com os amigos.

Comecei a discutir com o Luciano (aluno) que era liberal, liberalzaço, e ele falava: “ - Meu... O Estado não tem que tomar conta” e eu: “O Estado tem que tomar conta sim.” Foi no final de 2013, comecei a ler um pouco de Marx, comecei a ler artigos da escola austríaca de economia. É o Luciano, ele foi pra FEA. E a gente era opostos, a gente era oposições, e aí eu discutia com os meninos liberais, tentava discutir e eles vinham né?(Com os contra argumentos) Tem que estudar né? Não sei nada de economia, não sei nada de nada e eu comecei a me envolver, a estudar. Aí foi bom, comecei a ter outra relação com a universidade, e não só com a universidade e sim com a política em geral, com o Estado. Qual o papel do Estado? Questões macroeconômicas, comecei a estudar. Comecei a estudar o direito, comecei a ler leis. Comecei a ficar mais interessado por história. Isso a partir da greve de 2013, mas já tinha todo um burburinho que foi naquela situação, e as situações de greve mudam muito as relações. Acho que tem que se estudar os efeitos psicológicos da greve. Que muda muito as pessoas, principalmente as pessoas que estão mais engajadas. São situações interessantíssimas, e aí eu comecei a me apropriar mais dessas pautas, entender mais, estudar mais.

Como o próprio Amaro disse, épocas de greve são impressionantes. Proporcionam experiências enriquecedoras para muitos e ao mesmo tempo produzem afastamento de muitos. Amaro estava ávido por compreender o que estava acontecendo nesta greve de 2013. E muito provavelmente as manifestações de junho de 2013 contribuíram muito para que ele se engajasse e se interessasse também pelo contexto macro político Brasileiro e a relação deste contexto com a universidade. Neste período participou de muitas atividades de greve, de discussões e teve a contribuição de muitos dos colegas e amigos para seu aprendizado político. Aqui cita Luciano. Amigo que era o seu contraponto a respeito de assuntos de modelos políticos. Amaro era defensor de políticas mais de esquerda, estatais, distribuição de renda, enquanto Luciano defendia o espectro liberal, posição inclusive incomum de ser colocada abertamente pelos estudantes da Psico. Amaro começou a ler desde Marx até a escola austríaca de economia, escola esta representante do pensamento liberal pró mercado. Impressionante como uma amizade pode estimular o crescimento das pessoas. Amaro estava vivenciando com Luciano aquilo que ele esperava encontrar no início de sua graduação. Abertura para poder discutir sem ser julgado. Nem ele nem Luciano se julgavam mutuamente. Nesta discussão era Amaro que representava o papel da posição dominante na universidade, com visões mais no espectro da esquerda, defendendo posições que beneficiavam diretamente a distribuição da renda e políticas de participação popular. Luciano era a visão do liberal, pró mercado, visão associada pelo ME à manutenção do status quo e do poder de uma elite que mantém a estrutura de poder. Mas ambos se conversavam, buscavam conhecer os argumentos do outro, tentavam entender qual a lógica de pensar daquela outra maneira, tão oposta. Luciano seguiu o seu caminho, que não era na psicologia e ingressou na FEA.

Amaro comenta como a situação de greve transforma muito o cotidiano da universidade. Esta situação de grande discussão entre ele e Luciano foi potencializada com a greve. Dificilmente estas discussões aconteceriam em tempos em que o cotidiano não foi quebrado. Durante a greve os diversos grupos sociais organizam reuniões de debate. Muitos estudantes não acreditam que as discussões sejam proveitosas e não tem esperanças que as organizações estudantis possam construir algo nestes debates, assim nem comparecem na universidade nos períodos de greve. Pros engajados na greve é um momento muito transformador interessante e também cansativo. Para os que não desejam a greve é um momento de muita angústia.

Amaro identifica os períodos de greve como sendo de grande transformação nas pessoas mais engajadas. Para Amaro esta greve foi diferente da greve de 2011, em que sentia perdido. Nesta aprendeu muito, o ápice de seu aprendizado político.

... as pautas que eram sobre cotas, algumas coisas sobre feminismo, algumas sobre drogas, outras sobre... o papel do Estado, sobre trabalho, sobre... Eu fui me organizando melhor e entendendo e estudando mais sabe? Conhecendo melhor. Acho que isso... acho que passa por isso.

Depois da greve o menino que se achava inocente e imaturo não existia mais. Amaro foi se apropriando, estudando, tentando entender e compreender as diversas visões e se apropriar das discussões centrais que pautam o ME. Viu-se desde o começo da graduação com a necessidade de se apropriar desses assuntos para poder se ver legitimado como sujeito, para se sentir integrado neste novo mundo que inicialmente lhe foi tão hostil. E nesse processo se viu mais senhor de si, mais conhecedor.

Você entra de uma forma e na graduação você está completamente diferente. Difícil você se manter o mesmo. Foi uma experiência muito forte.

09. Militante Estudantil?

Esta entrevista foi organizada tendo como princípio a militância estudantil. Foram as pessoas que tradicionalmente chamamos de militante estudantil que foram as escolhidas para participar. Logo no começo da entrevista, quando indagado a respeito de seu processo de entrada no ME como militante. Amaro nos responde

Primeira coisa é que eu não me identifico com o termo militante, não me identifico. Pra mim, quando a gente fala militante, tem muito mais uma cara de estar em um grupo mais fechado, entendeu... Eu considero que eu sou do movimento estudantil. Acho que todos os estudantes são do movimento estudantil... mas a figura do militante estudantil eu não me identifico.

A partir desta resposta de Amaro já temos a primeira impressão que ele tem a respeito do funcionamento dos MEs. O termo militante estudantil se refere tradicionalmente, às pessoas que participam dos ME de maneira organizada, sistemática e com grupos políticos específicos, geralmente vinculados a organizações político-partidárias. Amaro não exercia nem nunca exerceu este tipo de atuação.

onde há um coletivo mais coeso, onde há esse envolvimento com partidos e com correntes políticas mais estruturadas, mais tradicionais, não me identifico tanto, apesar de aí me identificar como estudante e que estou dentro de um movimento.

Para ele, ser chamado militante estudantil era uma afronta, pois as atitudes dos verdadeiros militantes estudantis eram justamente aquelas atitudes que Amaro não gostaria de se identificar. Inclusive sofreu muitas represálias destes tipos de movimentos, gerando ainda menor identificação. Porém considera-se ser do movimento estudantil, pois está atuando na organização estudantil.

Então acho que falar de militante... Agora sou militante. Agora sou do movimento estudantil. Acho que isso não é tão verdade entendeu? Isso são histórias de vida que são construídas e o movimento estudantil auxilia, ajuda, serve como uma experiência para que você viva determinadas coisas da sua história de vida.

O termo militante em sua concepção, ficou reservado para aqueles atuantes do ME macro-organizados, através da superestrutura de partidos. Vemos como a formação da psicologia e sua visão adquirida a partir da sua noção de história foram importantes para ele ter uma visão diferenciada a respeito de si e dos estudantes como força política. Para ele o ME é um instrumento coletivo que ajuda no desenvolvimento de uma história de vida individual e como ela se relaciona com os atravessamentos com outros indivíduos, na busca de um determinado caminho. Ele tenta responder o que é Movimento Estudantil.

E aí o que é o movimento estudantil? Pra mim são os estudantes.....Quem são os movimentos estudantis? São os coletivos, as disputas, as correntes políticas, mas pra mim movimento estudantil ... são os estudantes no geral... nas atléticas, nos CAs, das Empresas Juniors, seja aonde for, se organizando e se articulando como estudantes.

Concebe o movimento estudantil como sendo qualquer atitude que os estudantes fazem de forma organizada e com um certo objetivo. Sua história de atuação é uma prova disso. Foi ganhando uma identidade atuante ao longo do seu processo de trabalho na atlética. Para Amaro é inconcebível uma concepção de movimento estudantil limitada aos movimentos “diretamente” ligados à política. Ele se desenvolveu como pessoa, como alguém capaz de criar e de transmitir uma história numa instituição não ligada ao que convencionalmente chamamos de instituição política. Amaro concebe movimento estudantil tudo aquilo que te integra, te dá noção histórica, te dá possibilidade de criar e te faz sentir parte atuante de uma comunidade. Uma noção expandida de política.

10. Difícil falar do CA. Experiências que não quer lembrar.

Vimos muito até aqui a transformação de Amaro nos seus momentos iniciais na universidade e no curso de psicologia. Seu trajeto de desenvolvimento pessoal, de cura das feridas iniciais que sentiu quando ingressou na universidade, sentindo-se deslocado por provir de uma classe social e ter bagagem cultural completamente diferente do perfil padrão dos colegas de graduação. Mas aos poucos foi se integrando, se sentindo potente, tendo como ápice até então o momento da greve de 2013 como sendo o seu momento de maior apropriação.

Ao longo da entrevista fui perguntando do processo de entrada no Movimento estudantil político mais diretamente, quando tinha ingressado no C.A. e se tornado representante discente, mas Amaro sempre se esquivava muito de entrar nestas questões. Diz um pouco sobre o adiamento na entrada no ME quando insisto que está difícil para ele contar sobre as experiências concretas do C.A e dos momentos posteriores a isso.

O Que adiou a entrada no movimento estudantil, adiou minha entrada em um determinado estilo de se fazer política, de se pensar a universidade. Que é um estilo conhecido como os CAs trabalham, que os DCEs trabalham, em termos não de grupo e sim de entidade. De Rds, que o pessoal fala que é política, mas pra mim política acontece com todas as pessoas. Até quem não vem aqui é um ato político. Mesmo que

não seja... talvez que não seja apolítico. Considero político se for consciente, como ato ético também. Mas mesmo que seja inconsciente, você causa efeitos. Chamar ato político o que causa efeitos, enfim. Mas é um estilo de movimento estudantil. Eu não me ausentei, eu ocupei outros espaços que foi a atlética. Então talvez... porque a atlética e não o Centro Acadêmico? Talvez muito porque o discurso foi muito impositivo (Do CA), não foi convidativo e mobilizador, não acalorou meu coração entendeu?

Fica explicito seu incômodo com o ME tradicional, o quanto ele concebe o ME de uma maneira muito mais ampla do que formalmente se concebe. Porque a atlética e não o Centro Acadêmico inicialmente? Já contou sobre isso. As pessoas diretamente relacionadas com o movimento estudantil não propiciavam abertura ao diálogo, eram discursos impositivos e fechados, e que inclusive tendiam a estigmatizar os discordantes. Eram identidades que chocavam com a sua identidade de maneira a desestruturá-lo de uma maneira destrutiva. Ele encontrou outros lugares que lhe proporcionaram a possibilidade de ser quem ele é e ir se reconstruindo sem a necessidade de se autodestruir como identidade.

Finalmente, quando aponto diretamente durante a entrevista que ele não está entrando na parte de sua vida relacionada ao seu percurso no C.A. da Psicologia, justamente o que mais diretamente estaria relacionado ao tema da entrevista, ele se abre.

É... É um pouco difícil(falar da experiência do C.A.), não sei. Por exemplo, o CA no ano passado. Vim com bastante ideal, bastante energia, mas eu fui tendo conflitos, principalmente com a Bárbara.

Depois de sentir que lhe aconteceu uma transformação gigantesca durante a graduação. Com o episódio da greve de 2013 como sendo o momento mais marcante e final deste processo de transformação que atribuiu a si mesmo, agora estava preparado para participar de maneira mais apropriada da política. Assumiu uma nova postura e um novo poder de articular. Em 2014 participa da gestão do Centro Acadêmico da Psicologia. Mas parece que apesar desta sua nova postura, os conflitos que aconteceram na gestão mexeram muito com ele. Especialmente os conflitos com Bárbara.

Fui tendo bastante conflito com ela porque eu pensava um estilo de fazer, de mobilizar os alunos... de fazer os alunos... não fazer, mas que os alunos se apropriassem de

determinadas questões... eu pensava um estilo... que poderia estar equivocado, mas era um estilo. Não sei, eu não tive muito contato com os coletivos, entendeu. Por isso que eu acho que eu não sou um militante.

Amaro tenta pensar e elaborar o que foi que aconteceu neste seu tempo de gestão que tornou sua experiência no C.A. tão difícil de ser contada. Diz sobre estilos de fazer diferentes de Bárbara, de modos diferentes de fazer os estudantes se apropriarem dos assuntos. Por não estar próximo da militância estudantil de partidos e coletivos organizados Amaro sente que perdeu espaço no C.A. O seu afastamento da militância formal e organizada foi um fator determinante para os conflitos que o afetaram tanto. Revive de certa forma a experiência de se sentir diferente e excluído no grupo. Alguns dos fantasmas que lhe afetaram durante o início da graduação estariam de volta. O conflito é a tônica de tudo o que diz a respeito à gestão do C.A. Conflito que aparentemente era de seus projetos e ideais em relação aos projetos dos demais integrantes do grupo do C.A.

...no começo de 2014 fundamos uma chapa do C.A. Eu e uma galerinha de 2013 (ano de ingresso). Deu varias tretas. Dado o que é hoje. Mas as minhas questões principais eram... como deixar uma memória estudantil, como fazer um processo de construção de memória? Como pautar um projeto único de construção dos estudantes? Até hoje eu tento trazer isso. E aí um envolvimento foi acontecendo por essas vias.

Logo após a greve do final do ano de 2013 funda junto com alguns estudantes de turmas mais novas que a dele uma nova chapa para concorrer à gestão do C.A. Deixa claro os seus objetivos principais em participar da gestão do C.A. A questão histórica e de memória continua muito presente em seu discurso. Trazer a memória estudantil e trazer uma unidade entre todos os estudantes na construção dos projetos seria o seu foco principal de sua atuação. Amaro não conta como foram as discussões de construção da chapa do C.A. Só diz que “deu várias tretas”, e traz como consequência dessas tretas a situação atual do C.A. Como era hoje o C.A. para Amaro? Para ele o C.A. está desintegrado, sem organização, um vácuo.

11. O CA, conflitos, reatividades, como criar assim?

Para contextualizar sua experiência no C.A., conta como via a dinâmica de uma reunião de assembleia organizada pelas gestões do DCE ou de coletivos para deliberar a respeito dos temas e posições unificadas dos estudantes, principalmente durante as épocas de greve.

- Vim aqui falar em nome dos estudantes(Como Amaro interpreta o que estava por traz das falas dos militantes)... Hoje eu sinto dificuldade em entrar como voz lá(No movimento geral). Aqui (na psicologia) é mais fácil. Por isso eu foco minha energia aqui. Aqui tem uma reverberação maior, aqui é mais fácil. O Carlos também fez esse movimento. Se dedicou aos Rds aqui. Peguei um pouco do que o Carlos fez. E eu sempre quis trazer as questões do íntimo daqui e tentar transpor pras questões gerais da universidade. Sempre foi um movimento. Pegar o particular e ver quais são as questões do macro que atravessam esse particular.

Nos movimentos estudantis organizados através dos coletivos sociais e partidos, Amaro nos conta que há uma tentativa de tornar a fala de determinados grupos como sendo representante dos estudantes em geral. Amaro nunca concordou com este procedimento, achava desonesto. Sabia também que discursos no sentido de tentar maior integração com os estudantes, sem colocar as pautas tradicionais como foco ressoariam bem menos nestes espaços coletivos, e não ficaria confortável em saber que poderia ser taxado novamente, ainda mais nessas reuniões e assembleias tão grandes. Por isso diz da dificuldade pessoal de ter voz nestes espaços. Na psicologia há maior abertura e espaço para construir coletivamente. O curso é pequeno, com poucas pessoas, e elas são mais abertas para o diálogo. Conta-nos isso para explicar o porque de nunca ter entrado nos coletivos sociais ou nos partidos políticos.

Cita uma grande referência pra ele no IPUSP, Carlos. Carlos foi um estudante da graduação que teve grande atuação na construção das pautas políticas internas da Psicologia atuando no C.A, mas teve grandes conquistas atuando principalmente como Representante Discente (RD). Amaro gostaria de atuar da mesma maneira que Carlos. Trazendo as pautas políticas do cotidiano, e através delas pensar como as questões

estruturais e macro políticas da universidade e da política nacional afetariam este contexto específico.

Amaro pensava num modelo prático, pragmático de gestão no CA. Mas muitas dessas ideias não eram consenso dentro do grupo.

Então minha postura no CA foi essa. Quais são as questões Macro que atravessam o particular e como tentar articular os estudantes. Eu pensava... tem que ter reunião mensal, com data certa. Mas foi criando-se impasses de métodos com outras pessoas. Que outras pessoas achavam que não precisava ter reunião. Que tinha que ter posicionamento político muito claro.

Nos conta sobre impasses de métodos com os integrantes da gestão. Problemas de Amaro com o grupo da gestão ficam claros. Os motivos latentes, escondidos, do porque de tanta esquivas por contar o seu percurso na gestão começam a aparecer no discurso de Amaro.

É inexperiência. A questão principal é inexperiência, como as pessoas lidam com ela. Uns lidam te xingando, te massacrando, outros lidam se perguntando...

Os conflitos e discordâncias parecem não ser o grande problema para Amaro. Também discordava de muitas coisas de seu amigo Luciano a respeito de assuntos políticos, sobre a conjuntura da universidade e sobre os problemas de macro política. Mas isto era vivenciado entre Amaro e Luciano como uma riqueza do debate. Isso os estimulava e reforçava a amizade. Amaro na gestão do CA se sentiu atacado quando houve divergências, ocorriam ataques pessoais, xingamentos e massacres. Era assim que via como muitos do grupo da gestão lidavam com os outros discordantes. Não achava que o grupo do CA estava sabendo lidar com a tarefa de gestão.

Amaro achava que a prioridade deveria ser coletivizar ao máximo os espaços de decisão, acima de tudo. Maior democracia dentro da própria gestão. Mas parece que na prática estava sendo bem difícil de realizar este ideal.

Como o Centro Acadêmico funcionava? A chapa foi eleita, e aí muitas das coisas começaram a ser decididas no facebook na hora. Ah...Tal fulano precisa de... tal grana por exemplo. A maioria das coisas se decidia pelo face tá ligado? Vamos assinar ou não

aquela nota? Eu comecei a contestar. “ Galera, é serio?

Na prática as decisões eram tomadas muito rapidamente. Ser gestão de um Centro Acadêmico é ter muitas responsabilidades e tarefas a cumprir. Não é incomum utilizar de procedimentos burocráticos ou de centralização nas decisões para agilizar determinados processos. Amaro fala aqui que este tipo de procedimento estava descaracterizando a gestão. Fazendo com que ela funcionasse não conjuntamente com os estudantes comuns e sim a despeito deles. A ideia de caminhar junto com os estudantes estava na prática indo por água abaixo e Amaro se preocupou muito com isso. Mesmo nas reuniões presenciais da gestão, parecia que não havia compromisso. Não era dada importância às reuniões.

Amaro viu muita importância na utilização das assembleias para a tomada de certas decisões da gestão, em que fosse necessária a consulta aos estudantes como um todo. Para ele uma coisa são as decisões pertinentes à gestão do CA e outra muito diferente são as decisões de outra ordem em que se deve convocar a participação de todos os estudantes. Para ele houve muita confusão nisso na gestão do CA. Dá um exemplo de uma assembleia que ocorreria no dia mesmo em que a entrevista estava acontecendo. Assembleia organizada para que se formassem novas chapas concorrentes ao CA (Logo mais ocorreria as eleições para a nova gestão do CA.)

...Mas que a gestão nunca substitua a assembleia. E a outra (reunião da gestão) acontece hoje, a gestão substitui a assembleia, não era pra ser assim. E tipo... vamos marcar a reunião de formação de chapa, vem todo mundo.. não é assim. Tipo reunião de formação de chapas... venham todos... Mano, não! Formem a sua chapa e chamem todos pra uma assembleia pra discutir questões dos alunos todo mundo. A chapa não substitui a assembleia. Até hoje as pessoas não compreendem e não fazem questão de compreender. Ai chamam uma assembleia, divulgam mal. Depois ficam reclamando do grupo de Rds que atrapalhou a assembleia... naquela segunda... Que não houve assembleia naquela segunda. Ficaram falando mal do grupo de Rds. Brisa cara... a nossa reunião (De RDs) foi muito boa. Foi divulgada, foi construída entendeu? Num foi jogado, num foi mal feito. Sei lá... Tem muita gente foda também. O Carlos é foda, eu, você, o Zequinha, a Natalia...A galera toda é fudida entendeu. Pessoas top no bagulho, sei lá qual que é. Eu começo a ficar indignado sabe? Que é uma lógica estranha, uma lógica que exclui discursos diferentes sabe? Tipo... pessoas ficam irritadas com a

diferença entendeu?

Amaro estava numa situação realmente muito difícil na gestão. Discordava veementemente do modo como as decisões estavam sendo produzidas. Todo o seu ideal inicial de fazer parte de uma gestão que caminharía junto com os estudantes estava indo por água abaixo. Este exemplo é mais um em que Amaro tenta demonstrar que na prática o grupo privilegiou tomar decisões de forma rápida, tendo cada vez menos trabalho, do que estimular debates e discussões sobre o que deveria ser feito e os caminhos a seguir.

Durante este seu período de grandes dificuldades no C.A. Amaro também estava participando do grupo de representantes discentes (RD). Ele era o representante dos estudantes na comissão de graduação do IPUSP. No grupo de RDs Amaro se sentia respaldado. O período que Amaro nos conta a respeito do grupo de RDs foi um em que houve um aumento da relevância deste grupo dentro do IPUSP. O grupo estava bem organizado, havia reuniões constantes e as pautas eram discutidas por todos. O grupo de RDs se aproximava muito do que Amaro desejaria que fosse o grupo do CA. Colocou muito de suas energias neste grupo pois sentia que estava sendo útil, criando, que o que produzia e fazia estava sendo compartilhado e que ressoava em toda a comunidade do IPUSP. Estava à frente de um projeto de tentar repensar a estrutura curricular da graduação juntamente com uma comissão de estudantes e docentes. Amaro então defendeu este grupo com unhas e dentes. Quando o pessoal da gestão do CA que não participava do grupo dos RDs criticava os RDs ele ficava indignado. Talvez pudéssemos pensar que o grupo de RDs estava concorrendo em papel no Instituto com o grupo do C.A. e isso poderia ter estimulado as animosidades. Amaro atribui esta rivalidade à não aceitação do discurso de grupos diferentes. Explicitou algumas vezes que gostaria que o CA e o grupo de RDs trabalhassem juntos, seria o cenário perfeito para ele. Mas isso até então não estava acontecendo de maneira efetiva. “Isso daria muito trabalho”.

... a Bárbara se posicionava assim: Esse povo é folgado, esse povo só critica e num vem e num faz. A gente faz tudo. Então vou fazer tudo e não vou ligar pra ninguém. Mais ou menos isso. A Bárbara pega muita coisa pra ela e faz muita coisa, menina espetacular... mas num faz questão de passar pra ninguém. Passa pra quem é próximo, amigo, concorda, e é confortável. -Ah, se quiser, vem falar comigo. Como se tivesse que estar lá o dia todo... esperando encontrar ela entendeu? É uma postura que eu acho que tem

a ver muito com a postura de... Dá trabalho... é... abrir determinadas portas, dá trabalho interno, é desgastante, produz pouco entendeu? Mas tudo bem. Vamos separar (tarefas) quando a gente se abre para as pessoas... é desgastante, produz pouco e quando a gente se foca num trabalho mais individual, trabalha melhor e produz mais entendeu?...)

...Todo mundo sabe que tá rolando eleição de RDs Porque? Porque deu trabalho velho, num foi fácil. Não foi fácil! Uma das coisas que o Carlos reclama é que o pessoal gosta de falar bastante mas na hora da mão na enxada poucas pessoas põem. Ou de fazer o trabalho de... não só do trabalho escrito mas de publicização das coisas. Enfim, o que eu quero dizer e que sirva pra você é que se apegar a um grupo, diminui a angustia, diminui ... estar com amigos estar só com quem concorda dá menos trabalho sabe? Porque provavelmente tá numa logica que exige muito da pessoa. Tem que dar conta de um monte de coisa e acaba se fechando no mesmo para ter uma relação de cuidado, de acolhimento. Porque pra você acolher alguém, ter cuidado com alguém sem ficar julgando, você precisa ter um p... processo de elaboração. Não é fácil cara.

A Bárbara surge como seu principal contraponto. Pessoa que representou a imagem do CA durante esta gestão muito conturbada para Amaro, pessoa com a qual ele teve um grande problema pessoal por apresentar postura agressiva, e paradoxalmente Amaro mostra uma admiração por ela, pois bancava muitas coisas, fazia, tentava resolver os problemas. Mas eis aí uma discordância fundamental para Amaro. Isto gerou uma grande centralização. E é isto que Amaro tenta aqui demonstrar. Bárbara fazia muita coisa, mas do que adianta se não há uma apropriação coletiva? Para Amaro não basta fazer e coletivizar com o seu próprio grupo, seu grupo de amigos, e era assim que interpretava o que a postura de Bárbara estava gerando na gestão. Uma passagem somente para amigos e pessoas com quem se era confortável de se lidar. Desta maneira as discordâncias entre ela e Amaro não poderiam ser conversadas e assim haver o crescimento da discussão a respeito de um assunto. Amaro enfatiza que a produção da democratização e a transmissão dos assuntos e pautas da maneira mais aberta possível dá “muito trabalho”. Mas que deve ser feito, é este o principal propósito de uma gestão para Amaro. Criação de um sentido comunitário formando assim uma rede de laços entre a própria comunidade.

Para ele o grupo de RDs, naquele momento representava o cuidado de compartilhamento e democratização que gostaria. O grupo de RDs produziu um trabalho de divulgação das eleições que deixou Amaro orgulhoso. Foi um processo de divulgação em que informava a respeito das responsabilidades dos RDs, demonstrava o sentido deste grupo no cotidiano para todos os graduandos e com isso conquistou um lugar de respeito no IPUSP entre estudantes, funcionários e docentes muito importante. Gerou debates, críticas, mas isto fazia parte do processo de democratização. Você se verá confrontado por pessoas muito diferentes e com opiniões muito divergentes da sua, mas este é o verdadeiro debate democrático.

Este era o grande ponto de Amaro. Estar entre os seus, com opiniões convergentes é muito confortável. Agora se ver numa situação em que se está sendo criticado, com pessoas que não são suas amigas gera muita angústia. Amaro sabe muito bem disso. Lutou contra esses sentimentos de aut fechamento desde o início da graduação e viveu e vive até hoje um processo parecido na gestão do CA. Talvez por isso mesmo enfatize tanto a importância de acolher bem o diferente, por saber o quanto sofreu por não ter tido esta experiência de acolhimento. Sabe o quanto que dá trabalho, não o trabalho concreto, de simplesmente contabilizarmos uma tarefa a ser feita, mas dá um trabalho emocional gigantesco enfrentar pessoas e grupos tão diversos do nosso e acolhe-los. Mas é isto que Amaro acredita ser o correto a ser feito. Apesar de todas as dificuldades, isto seria o que produziria o senso coletivo da comunidade em questão *“Porque pra você acolher alguém, ter cuidado com alguém sem ficar julgando, você precisa ter um p... processo de elaboração. Não é fácil cara”*.

Dá um exemplo sobre uma reunião. Amaro ficava indignado com a irrelevância das reuniões presenciais da gestão. Abaixo um trecho que demonstra o sentimento ruim que nutria com o grupo da gestão perante a postura nas reuniões. Via-se impotente, tudo que fazia não era respaldado, todas as transformações que gostaria de programar e tudo que se propunha a fazer não era ressoado dentro do grupo.

...acho que eu comecei no horário a reunião, saí mais cedo da aula pra começar no horário. E aí a reunião... pessoal do nada foi saindo, se dispersando sabe, pessoal do próprio C.A. Tipo deu meia hora, uma hora de reunião o pessoal começava a ir embora. Implodiu o bagulho. Não se resolvia nada.

Amaro fala de uma maneira como se o grupo todo da gestão parecesse distante entre si. A reunião presencial não causava debate interessado, não produzia novas ideias. As pessoas não sentiam vontade de ficar nela. As decisões necessárias a serem tomadas ocorriam de maneira centralizada, sem ampla discussão, ou pelo facebook. Não se resolvia nada presencialmente. Nesta característica de funcionamento as pessoas não sabem o que as outras fazem, não conversam sobre a dificuldade do trabalho. A relação afetiva desgastada entre os membros do grupo coopera ainda mais para ainda maior desgaste, desinteresse e perda de sentido das reuniões. Amaro vai fazendo novas revelações de como se sentia completamente deslocado do grupo.

O que acontece... O grupo desse centro acadêmico, eles são do mesmo ano percebeu? Tudo mesmo ano. Eles se viam. Existia comunicação entre eles. Quem não era do ano? Eu,... eu era do outro ano, não era do mesmo ano, eram meninas muito apegadas ao discurso... meninas que já tinham uma base relacional e de confiança mais sólidas. Qualquer pressão que eu fazia em cima do grupo era mal visto. Ou eu aceitava o que o grupo queria ou eu tava fora entendeu? Era isso. Não tinha uma boa base de aliança dentro do grupo. Era eu espartano, entendeu?

Não necessariamente por ele não pertencer à turma de mesmo ano de ingresso da grande maioria das pessoas da gestão ele deveria ter menor comunicação com o grupo, claramente. Mas com todos estes desgastes relatados, Amaro percebe que ele era um elemento estranho ao grupo. Evidencia em muitos trechos da entrevista como se sentia deslocado naquele grupo da gestão. As outras pessoas da gestão decidiam muitas das coisas se encontrando fora dos espaços de reunião formal, na sala de aula, em conversas informais. Era um grupo de amigos, ou melhor, amigas...

Um grupo identificado muito pelo gênero também... eu acho. Eu e o Ivo somos... a gente aparenta ter uma identidade masculina mais forte né?

As primeiras meninas que começaram a falar de feminismo foram elas entende (as meninas da gestão)? Então era um grupo de mais mulheres, bastante mulher. Porque eu era o cara de fora. O Amaro entendeu? O Amaro... não era do ano. Eles se falavam, eles conviviam. E eu brigava por um espaço aberto, que tivesse reuniões semanais, com horários específicos, em horários determinados, entendeu? Que houvesse uma maior divulgação, mesmo que as pessoas não viessem no começo, que viessem depois. Tem

uma experiência com o samba. (festa mensal) Começou pequeno, começou com 3 caras tocando, ficou várias sextas assim até que o samba virou o que é hoje entendeu?
Tradição.

Amaro sabia que estava entrando na gestão do CA com um grupo que não era de seus amigos. Quase a totalidade das demais pessoas da gestão do C.A. eram de outra turma da dele, mais novos, e com grandes laços de amizade. Eram estas meninas da gestão que iniciaram um movimento feminista bem forte na Psicologia e que tinham um senso de grupo muito forte entre elas. Dentro do grupo do CA havia praticamente só meninas e 2 membros homens que tinham identidade masculina mais forte segundo Amaro. A construção deste grupo do CA muito se deveu a questão da pauta feminista que Amaro até então jamais tinha se aproximado de maneira militante. Não previra que encontraria tantos problemas relacionados ao não pertencimento do grupo de amizade da maioria da gestão e por ter uma identidade masculina forte. Vemos o tanto que ele apostava nas decisões coletivas e nas reuniões presenciais. Seria isso que manteria ele presente e atuante no grupo e que daria um sentido coletivo e de integração ao que estava fazendo. Tinha a esperança de que mesmo não sendo do grupo de amizade da gestão, a gestão do CA poderia ter um funcionamento que lhe permitisse espaço, nas concordâncias e discordâncias. Parece que não foi o que ocorreu. Não haveria esta possibilidade de pessoas que não são da gestão atuarem sem estas reuniões e encontros periódicos. Justamente um dos principais objetivos de Amaro não estava sendo cumprido. A participação de todos. Agora ele se sentia como sendo um destes que estava tendo seu espaço de construção e criação tolhido, mesmo pertencendo à gestão. Cita o exemplo de outras organizações da Psico que segundo ele funcionavam desta maneira.

Golpsico²⁸ ... Como que o Golpsico se organiza e decide? É quem tá no C.A. bebendo breja, eles conversam e decidem. Ou na hora da festa. Ótimo, só que acho que o pessoal, a Bárbara principalmente, começou a acreditar bastante nisso (para ser usado na gestão), de num precisar reunir. Pra que reunião? Reunião toda hora pra quê? Reunião toda hora num serve pra nada, e eu não tinha pautas concretas bem consolidadas e trabalhadas como eu tenho hoje pra falar: Olha, essas pautas precisam sim de encontros para acontecer. Pra serem trabalhadas melhor. Num precisa ser semanalmente mas com uma frequência.

²⁸ Grupo de estudantes da graduação que se juntaram para articular festas e outras atividades no IPUSP.

Bárbara era também o seu principal contraponto na gestão do CA sobre o modo de agir com as pessoas. Bárbara era a grande referência do C.A. nesta gestão. Era ela quem acaba centralizando boa parte das ações. Para Amaro ela começou a realmente acreditar neste método centralizado de decidir as coisas, se encontrando casualmente na sala do CA com poucas pessoas e sem aviso prévio, decisão de amigos. As reuniões foram perdendo importância, assim como o grupo da gestão e próprio Amaro.

Fazer um jogo político melhor pra que o grupo andasse. O grupo do CA andasse. Não houve..., houve muita energia, muito ímpeto que entrou em conflito e gerou cisões. A tal ponto que a Bárbara falou que ia sair do CA, eu falei que ia sair do CA, até hoje a gente se estranha, entendeu? E, mas... A gente fala do caso pessoal, mas na verdade é como os grupos funcionam aqui dentro. Porque eles se dividem ou não? Acho muito isso... muita falta de noção histórica, noção de ter veteranos pra amenizar as coisas muitas vezes, que já passaram por situações parecidas... ajuda. A presença dos veteranos ajuda... eu acho.

Amaro levanta aqui uma questão que é recorrente nos grupos estudantis organizados do IPUSP. Falta de passagem da memória das instituições e noção histórica. As tradições se perdem, as pessoas passam e o conhecimento delas não são transmitidos. Aí novos grupos se apresentam mas sem conhecimento e noção histórica nenhuma sobre grupo que vão gerir. Esses grupos então são geridos por pessoas que não tiveram nenhuma experiência neste tipo de organização. Amaro já tinha a experiência de ter participado da Atlética, em que foi bem recebido, em que lhe foi apresentado os procedimentos, as tradições, os modos de se organizar, havia uma base que lhe foi transmitida. Ele era o único do grupo do CA de seu ano que já tinha tido uma boa experiência de gestão prévia. Sente falta disso. Onde estão os veteranos do CA para compartilhar suas experiências em momentos de crise? Esses veteranos não existiam. Faltavam espaços para diálogo entre turmas e entre os velhos e os novos estudantes. Faltavam trocas de informação para criar o sentimento de comunidade. Era isto que Amaro tentava comunicar ao grupo do CA e que foi se desmantelando ao longo da gestão. Os conflitos se tornaram irreconciliáveis. Para Amaro não havia experiência e maturidade no grupo para sustentar os problemas que foram surgindo. Todos queriam sair, estava insuportável. E Amaro aponta que isto é recorrente nas organizações estudantis da psicologia. Já ocorreu o desmantelamento do CA outras vezes assim como da própria

atletica, e Amaro sabia disso. É para ele um funcionamento dos estudantes da psicologia. Muitas vezes os laços não são suficientes para uni-los.

Faltou uma base de laço afetivo, de parceria, de amizade, de consideração, o suficiente pra suportar conflitos, e houve conflitos, não houve laços que suportasse. Acho que o trabalho parou, não houve mais trabalho entende? Houve o que está sendo até agora Pergunte pra qualquer pessoa o que você acha do CA? C.A. não constrói nada, não construiu nada.

O principal problema para Amaro era o grupo do CA não ser um grupo coeso e de amizade. As pessoas não queriam se ver. Era tudo muito reativo, defensivo. A espontaneidade não acontecia, não era possível abertura de seus integrantes de maneira verdadeira para com o outro e isso impede o funcionamento do grupo. Amaro se via assim, deslocado. Como haver um trabalho significativo se não há confiança e cumplicidade? A natureza do trabalho de uma gestão do CA depende de ideais e planos comuns que precisam ser trocados e compartilhados. Não é como um trabalho mecânico qualquer.

Amaro pensa em alguns atravessamentos da gestão da universidade que possivelmente contribuíram para agravar esta situação estudantil. A perda de espaços dos estudantes durante os últimos anos na USP produzindo um maior fechamento e ensimesmamento.

Eu escrevi um negócio sobre bebidas no campus, lazer na universidade, convivência estudantil, espaço estudantil né? E porque deveria ser autônomo(o espaço estudantil), qual a importância para a formação. Escrevi no começo de 2014. Eu tava prevendo um pouco (as retiradas de espaços estudantis e de proibição de festas na nova gestão da reitoria). Eu mostrei o escrito pro Toledo e falei... -Mano, se pá to prevendo que ia rolar isso né velho. Escrevi 5 paginas, espaçamento simples sobre o tema. Justificando a importância de um espaço. Justificando a importância de confraternizações para que “anos” pudessem se comunicar, pessoas de outros institutos pudessem se comunicar...

Para Amaro a importância de espaços de convivência e de confraternização era vital para a vida na universidade. Amaro foi integrado no meio universitário através da atletica, através dos espaços de encontro que os eventos esportivos, os treinos, as festas, as organizações de campeonatos lhe proporcionaram. Talvez ainda fosse um estudante

completamente retraído e receoso se não fosse a sua experiência na atlética. Agora estava vendo espaços estudantis sendo retirados e eventos estudantis sendo proibidos no campus. Para Amaro era um fechamento, uma falta de comunicação, um isolamento. E também foi assim que sentiu sua experiência de gestão no C.A.

Como foi minha experiência no CA? Foi muito conflituosa, meio difícil e muito focada aqui dentro. As questões aqui dentro.

Como membro do C.A Amaro cuidou do blog da gestão no seu início, mas todas as suas iniciativas e projetos posteriores não se desenvolveram. Participou de um projeto sobre reestruturação do bloco de aulas, mas pelos desencontros e intrigas na gestão não foi possível de se dar continuidade. As suas principais áreas de foco eram as atividades relativas aos problemas internos da Psicologia.

Apesar de todas estas críticas à gestão do CA, Amaro sabe também que não conseguia lidar muito bem com discordâncias de suas ideias.

Fui muito cabeça dura. Aprendi a jogar melhor também sabe? Era muito tem que ser do meu jeito. Hoje em dia não é do meu jeito, não é do seu jeito mas da pra andar. Mesmo não sendo do meu jeito dá pra andar.

Amaro achou que tirou várias lições desta gestão do C.A. Uma delas é que se viu muito relutante em aceitar ideias diferentes das dele. Durante a gestão da atlética ele viveu os opostos. No início não se propunha a pautar nada e sim a aprender os procedimentos. Quando esteve no papel de gestor da atlética num momento posterior, o grupo da atlética era formado por seus amigos e suas ideias eram plenamente aceitas, e se eram contestadas, eram contestadas por pessoas que lhe eram próximas, dentro do seu ciclo de amizade, não havia agressão, estigma. Esta experiência de ter seus projetos contestados por pessoas que não são de seu círculo social foi inédita para Amaro, e ele viu que não reagiu muito bem a este tipo de situação. Teve que aprender a fazer muitas concessões. Isso ficará evidente no seu uso corrente da palavra aliança. A partir da experiência do CA Amaro tornou seu foco em sua atuação institucional a formação de alianças.

No momento da entrevista Amaro cogitava montar uma nova chapa para concorrer ao CA, mas desta vez faria muitas coisas diferentes. Tentaria formar uma oposição, ideia

esta que começou como uma brincadeira, devido as suas discordâncias de como a sua atual Chapa está atuando, mas que com o tempo foi se tornando uma ideia séria.

E aí ultimamente eu to conversando mais com o Jonas(Graduando de origem humilde do IP que apresenta posturas declaradamente conservadoras), estou fazendo questão de falar mais com o Jonas. Antes eu dava uma excluidinha nele, principalmente na greve de 2013 e 2014 inteiro. Que o Jonas fala muita besteira... e eu.. não..., um dia vou me aproximar do Jonas. Tem eu, Reinaldo, aí veio o Jonas, tava meio desconfortável mas topava ficar com o Jonas, que eu e o Jonas eramos bastante próximos, conversávamos bastante, até ele se rebelar e eu também me rebelei. (Se rebelar contra o que eles chamam de uma esquerda ruim) E aí uma hora eu falei pro Jonas: - “A oposição da Psico é ruim. Por que não se faz uma oposição melhor? Eu vou te dar umas dicas (risos)”. Porque fica melhor o jogo. O jogo fica sem graça sem uma oposição, oposição.

Amaro não se identificava com os pensamentos políticos de Jonas. Comenta que até evitou se aproximar de Jonas principalmente na greve de 2013 e durante o começo de sua gestão do CA em 2014. Época em que Amaro estava na sua fase de aprendizagem sobre as pautas políticas e se identificava fortemente com os movimentos mais a esquerda, apesar de nunca ter se colado a nenhum deles. Mas se reaproxima dele muito por conta desta sua visão mais clara sobre os processos de transformação que veio sofrendo ao longo do tempo.

Amaro queria ver o debate ocorrer. Queria algum grupo que confrontasse esta forma de ser da gestão que participou. Desejava ver um grupo de direita que se confrontasse com o grupo do atual CA, não porque se coadunava com a visão de grupos de direita, e sim porque gostaria de ver uma discussão de mais alto nível, mais debates públicos.

Conversas que estimulassem a discussão e os pontos de pauta divergentes dos 2 grupos chegarem aos estudantes em geral da psico e que isso criasse um ambiente político mais intenso. Uma chapa única é sempre muito ruim. Há menos motivo para o interesse na política. O vencedor já estaria dado.

Amaro tenta então estimular Jonas a formar esta oposição e estaria disposto a contribuir para isso. Formar uma oposição contra a “esquerda”?

Sim, contra a esquerda. Pra ficar melhor, um jogo melhor. Aonde eu mais aprendi sobre economia e função do Estado? Foi com o Luciano, que era Liberal, que me contestou entendeu? É um grupo extremamente fechado (a esquerda da Psico e do ME em geral). Aí formou o grupo dos LGBTs.. É.. aqui na psico, fechado só pra quem é LGBT...

Amaro demonstra querer ver um crescimento da política no Instituto, mesmo que para isso apoie alguém que discorde fortemente no espectro político. Tudo por “um jogo melhor”. Aprendeu muito com as pessoas que discordavam politicamente dele. O maior exemplo era Luciano. Agora queria que a próxima chapa a gerir o CA fosse estimulada a debater e a construir suas bases e suas práticas no enfrentamento com outro grupo. Amaro estaria disposto a participar e contribuir para isso.

Futuro e reflexões.

12. Sua contribuição (criar Alianças), objetivos, autocrítica e futuro.

Pra mim, pra haver uma chapa, ela tem que ser coesa... não pode haver muita divergência à ponto de haver rupturas. Senão fica o que tá havendo até hoje. É... por isso que talvez eu até me ausente na formação dessa chapa que vai se formar e tente criar uma oposição de chapa mesmo... quero construir uma nova galera. Outros ideais, tentar criar uma oposiçãozinha. Talvez não dê certo a oposição mas tomara que dê certo. Ia ser muito bom. Os grupos iam se organizar, formar laços mais sólidos entre si. Poder trabalhar melhor. Esses laços sólidos formados né... Acho que é isso(pg33,41)

Criar uma chapa sem coesão não dá mais para Amaro. Na chapa de 2014 não houve essa conversa de ajuste de expectativas e de alinhamento de ideias. Amaro gostaria de formar uma oposição, mesmo que seja só para que ocorra um debate construtivo e que isso estimule a participação e o sentido que os estudantes veem na gestão do CA. Só com

isso, mesmo perdendo as eleições, as principais metas de Amaro que o motivaram a ingressar no CA estariam contempladas. Quais eram seus objetivos?

...o objetivo concreto é construir uma base argumentativa, uma base de grupo, uma tradição aqui dentro de grupos que se encontram, uma base argumentativa que este grupo vai se orientar. Escrita também, argumentativa em termos de escrita. A base que possibilite avançar no sentido de se ter uma formação menos burocratizada e menos operacionalizada, menos alienante.

Amaro foi desde a greve de 2013 e durante a gestão de CA focando cada vez mais em adquirir conhecimento e com isto ter a capacidade de argumentar, seja na escrita seja na fala. O interesse pelo direito depois da greve de 2013 foi grande e leu muitas das leis relacionadas ao mundo da gestão política e da educação. A educação foi se tornando aos poucos um foco concreto para ele. Do interesse pela memória e história da USP para pensar melhor a gestão da universidade não foi um passo tão grande. Focou na formação das universidades e em especial na formação em psicologia.

...fazer um mestrado sobre esta experiência, sobre a questão da formação... é... questão da operacionalização do ensino,... tem que questionar tudo isso, tentar entender a área específica da psicologia. Que tipo de formação mais interessante para determinado tipo de psicologia. Vou trabalhar isso no mestrado possivelmente... e continuar atuando né?

Amaro vê um vínculo muito forte entre a forma de constituição da universidade e a formação em específico dos cursos. Para ele a estrutura hierárquica da USP, o plano de carreira docente, o foco em pesquisa e ranqueamento e a estrutura departamental são alguns de muitos problemas na formação do curso de psicologia da USP. Muito destas ideias tiveram origem em seu trabalho como representante discente na comissão de graduação.

(Lidando com os MEs)... É formando alianças, pelo menos é como eu lido. Depende do nível da diversidade (quis dizer diferenças entre grupos). Na diferença muito frontal, muito direta, não tem outra coisa a não ser se defender e criar alianças e conquistar. Se você está sozinho, negocia. Tenta conquistar, criar um clima favorável de alianças. É assim. Agora se não é um ataque tão frontal... tipo bateu ali e respingou em você, dá pra compreender melhor, dá pra lidar melhor entendeu? Precisa também se preparar

para a guerra.

Amaro foi criando estratégias ao longo do tempo para conseguir lidar com todos os conflitos pelos quais passou, que não foram poucos. Relata aqui um procedimento que passou a utilizar para não se ver sendo destruído por outras pessoas e grupos. No início da graduação e durante a gestão do CA, de tanto se ver em encruzilhadas, Amaro criou este procedimento de tentar formar alianças nos momentos de maior tensão. Utiliza justamente a linguagem bélica. Mas Amaro evita ao máximo a última consequência do confronto. A guerra.

É mais uma contribuição de construção argumentativa, talvez num espaço de ... construção argumentativa mesmo. Associar ideias. Não é estar na linha de frente armado. Tipo to aqui no ato, dando a cara a tapa. Acho que não é essa minha contribuição, é mais argumentativa.

Amaro nunca foi afeito a participar de protestos e atos. Não se identificava muito com isso e não via muita finalidade nisso para construir o que era mais importante para ele. As construções argumentativas para um debate.

Não existe um antagonista claro, personificado em alguém. Não acho frutífero sabe? Só isso sabe? Fora Zago²⁹. Não é só isso.

Essa sua tentativa de entender todo o processo político envolvido também contribuiu para que evitasse ao máximo determinar certos antagonistas claros. Desde o início da graduação não gostava e achava improdutivo este tipo de procedimento. Achava estereotipado. Ele quer elaborar, construir e debater.

Pensar mais profundamente mas, já tá muito ruim, muita coisa, o espaço dos alunos sendo cortados, sem muito diálogo sabe? Enfim, pipocando um monte de questões entre os alunos e professores por exemplo.

Amaro reflete aqui sobre a realidade imediata da Psicologia USP. Os espaços estudantis sendo cortados e um clima de reatividade muito forte e crescente ocorrendo entre professores e estudantes no curso de psicologia

²⁹ Reitor da USP durante o período da entrevista.

“Os representantes discentes” . Acho que está evoluindo sim. No que eu to focado agora é com os RDs e pela via institucional. Tentar trabalhar por aí. Uma hora isso vai ganhar uma... tá ganhando já. Um corpo bom. Logo logo, acho que vai ser uma coisa interessante assim sabe? To vendo que está progredindo, tá saindo. Não numa velocidade espetacular nem nada. Nem sei se é pra ter uma velocidade tão rápida, mas está acontecendo.

Excetuando-se o seu período de atlética, o grupo de RDs foi o grupo em que Amaro conseguiu mais se estabilizar e construir coletivamente. Atribui ao grupo de RDs uma grande possibilidade de se fazer a diversidade. O grupo de RDs do Instituto de Psicologia construiu muita coisa e se tornou referência inclusive para muitos dos docentes. Houve uma aproximação com os estudantes de pós graduação do instituto e muitas conquistas dos estudantes neste passado próximo tiveram o grupo de RDs como os atores principais. O grupo está crescendo e se organizando cada vez mais. Amaro está a época da entrevista muito focado em construir junto com o grupo dos RDs.

Amaro tenta refletir sobre o que poderia fazer melhor.

“Sua autocrítica” Demoro pra fazer muitas coisas, demoro. Ah, que eu to no meio disso tudo que eu critico um pouco também, também estou. Mas sei lá... a principal autocrítica, nunca parei pra pensar.

Difícil fazer uma autocrítica. Pra Amaro não seria diferente. Primeiro pensa numa coisa concreta e direta. É lerdo para fazer as coisas, principalmente para escrever. Já teve muitos problemas em atrasar projetos que se propôs a entregar, inclusive na gestão no CA. Inclusive faz a sua própria mea-culpa. “to no meio disso tudo que eu critico um pouco também...”). Sabe que alguns compromissos firmados por ele não foram cumpridos por mais que se relacionem com uma já tensa e pressionada situação que se encontrava na gestão do CA. Pensando um pouco em tudo que ocorreu no CA e todas as situações tão dramáticas e complicadas que viveu nesta gestão explicita algo difícil de admitir.

Num sei se é autocrítica mas eu não sei porque mas eu não consegui... não consigo não ter raiva, raiva não, uma mágoa de algumas pessoas do movimento... que eu tenho muita mágoa... bastante(Silencio pensativo)... . As aproximações poderiam ser boas.

Mas existe muita mágoa e acho que não vai ser nessa graduação que a gente vai resolver isso.

Amaro entrou na psicologia sem lugar. Outra classe social e outros valores. Desde o começo de sua graduação teve problemas para afirmar sua identidade, mas aos poucos foi se reconstruindo, se modificando, principalmente através das pessoas e grupos que o acolheram e o aceitaram como era. Mas também muitas pessoas bateram de frente com ele. Tentaram destruí-lo, desestabiliza-lo. Para estas pessoas ele sabe que o sentimento ruim por elas nutrido não será fácil de ser sanado. Se ressentiu muito por isso.

Crescimento pessoal e de expansão da consciência para além das minhas relações individuais e que pensar política não é só pensar relações macro e estruturais. É pensar suas relações individuais numa estrutura maior. Isso foi uma contribuição boa. Sou um cara que to aprendendo a conquistar melhor as coisas que eu quero, que eu gosto, dando mais valor ao trabalho, trabalho no sentido de... não trabalho de produzir, ganhar dinheiro, mas no sentido de esforço, na alteração de uma situação, dou valor a isso entendeu? To aprendendo a ... sei lá. Aprendendo a lidar melhor com o mundo. Tá indo pra algum lugar.

O movimento estudantil colocou Amaro em situações muito difíceis pessoalmente. Situações que o levaram a buscar maior conhecimento e também a pensar estratégias e formas de se relacionar com pessoas e grupos. É este o trabalho valioso. Como disse em outro momento da entrevista, integrar pessoas muito diferentes dá trabalho. Fazer tarefas e coisas sozinho, sem discordâncias, é bem mais fácil. A proposta de compartilhar a construção do espaço conjunto exige muito das pessoas que se propõem a trazer novos sentidos de relação. Amaro vê como necessidade ética trazer estes novos sentidos para as pessoas que só viam a universidade como um espaço de adquirir um diploma.

Foi boa porque eu pude rever muitas coisas. Poder falar de coisas que eu nunca falei por exemplo, até escrever eu nunca escrevi. Umas coisas que eu não parei pra pensar sobre

Comenta sobre o que esta entrevista lhe trouxe. Reviu muitas coisas de sua atuação no movimento estudantil. De sua história na psicologia. De contar coisas que nunca contou

a ninguém, como um segredo sendo revelado. Comentou que pensou em escrever sobre o seu caminho no Movimento estudantil. Talvez esta entrevista o estimule a dar continuidade a este projeto.

13. Reflexões gerais.

Na parte final da entrevista Amaro reflete sobre muitos dos seus dilemas vividos em sua história dentro da USP e na graduação da Psicologia. Suas reflexões em geral tentam pensar aquilo que desde o início lhe tocavam. Questões que se relacionam com os seus afetos mais intensos, e isso passa pelas transformações de identidade que sofreria durante o curso. Seus valores sofreram grande choque no seu ingresso. Explicitou por exemplo que tudo que aprendeu sobre drogas na sua formação não era aceito neste mundo novo da USP. Tem total noção de que entrou no mundo da USP inocente politicamente e que foi se construindo ao longo da sua graduação. Talvez justamente por isso tenha plena noção do quão fortemente foi afetado pelo meio em que entrou. Seus afetos defensivos e seu fechamento no início e sua mudança através da atlética e de sua formação acadêmica são contadas por ele mesmo. Diz-nos o quanto os atravessamentos macro são importantes para o desenvolvimento de uma história individual. Do quanto foi importante para suas escolhas as pessoas que o fizeram se sentir estigmatizado, que o fizeram evitar aqueles grupos, e ao mesmo o quanto as pessoas e as instituições que o acolheram foram importantes para suas outras escolhas. Isto o tornou plenamente consciente de que viveu uma vida de muitas possíveis. Talvez tenha sido esta noção que lhe possibilite compreender tão bem as diferentes identidades que podemos agregar durante nossa vida. Interpreta essas construções de identidade como construções principalmente baseadas nos afetos. Foi assim que constituiu sua identidade política na USP.

As vezes a pessoa escolhe uma orientação política não por... porque é racionalmente escolhida, é porque os amigos dela são (do movimento) e (Comigo) foi assim. Eu poderia, se eu entrasse em outra faculdade, eu poderia muito bem tá sendo da chapa

Reação³⁰ (risos), sou da chapa Reação feliz, num sei? Será? E achar que todo mundo que é de esquerda é malvado. Ó que maluco, poderia ser assim. Tem tudo. Minha família não é tão reaçã não, mas tenho família de tradições religiosas fortes e tudo. Eu tinha tudo para ser um reacinha... Política são laços afetivos também, como se constroem laços afetivos, e acho que a psicologia contribui muito... no sentido de... facilita você a se adentrar em um grupo. Criar possíveis alianças dentro do grupo. A Adriana (Professora do IPUSP) trabalha assim né? Cria aliança com os professores(da rede pública). Dá pra trabalhar junto, construir junto. Não pra sair aí metendo o pau... não, calma, vamos trabalhar a angustia de outra forma. Qualquer grupo político, desde os grupos políticos mais idealistas, tem conflitos semelhantes a de outro grupo de outra direção política. Questão de dimensões afetivas, que constitui as relações e fazem história né?

Ele crê que a sua escolha na decisão política está intrinsicamente relacionado com as ideias do lugar em que convive e com os grupos de amizade que forma. Se ele entrasse numa outra faculdade e fizesse amizade com muitos amigos de visão conservadora, talvez tivesse outra visão política. Tem muitos amigos de visão conservadora na Psicologia, como o Luciano por exemplo. Com certeza estas pessoas ajudaram Amaro a construir uma visão mais segura e firme de suas convicções políticas. Mas sabe que o ambiente mais progressista e de uma visão bem mais a esquerda política o influenciou muito também, inclusive nas disciplinas que tanto contribuíram para a formação de sua visão de historicidade, tão marcada nele.

Para reforçar esta ideia cita o exemplo de uma professora do IPUSP, da área de escolar, muito querida dos estudantes, que trabalha muito com esta noção de formação de alianças que é tão cara a Amaro, promovendo solução de problemas na área da educação das escolas públicas utilizando este conceito. Formação de alianças através do amparo e da compreensão. É o afeto, é o afeto que desune, e é ele também que une.

Amaro tenta deixar clara a importância do acolhimento do diferente de si mesmo. Cita o exemplo de um estudante de graduação conservador que explicita o seu descontentamento e discordância dos grupos sociais e dos grupos do ME de maneira muito debochada e crítica. Ele é por isso taxado por muitos no IPUSP. Amaro tenta

³⁰ Chapa que concorreu para o DCE de caráter liberal e mais a direita do espectro político

mostrar que há muito mais ali do que simplesmente alguém conservador e que odeia a USP, há muita angústia também.

Um dia o Severo comentou que ele adora almoçar com o Jonas. E eu acho o Jonas muito engraçado. Ele é muito engraçado. Os professores tão acolhendo muito o Jonas. E ele fala assim (Imitando o jeito de falar do Jonas): “-Eu atendi lá o menino (estudante da USP)e ele falou que não gostava da USP e aí quase que eu falei pra ele, larga a USP, aqui é uma merda (risos)”...

Aí o Severo viu no facebook do Jonas. “Todo mundo no vale encantado do butantã (risos)”... criticaram muito ele, mas ninguém se pergunta como que eu tô (Jonas escrevendo no face). Existe uma angústia ali entendeu (no Jonas)? Reconhecer isso, no mínimo, já é uma vitória, você não precisa nem olhar pra pessoa, mas se você reconhece isso é uma vitória.

Algumas pessoas extravasam as suas insatisfações de maneira corriqueira e cotidiana na USP. Jonas é por isso muito excluído por muitos. Amaro antes de estar mais seguro de si e de suas convicções confessa que tentava se afastar de Jonas, mas com seu amadurecimento político e com sua compreensão desta mutabilidade identitária, Amaro se aproxima de Jonas. Reconhece que naquela insatisfação, naquela raiva explícita há muita angústia. Entende que um amigo como o Jonas muitas vezes se vê só por estar indo contra um pensamento corrente ou por explicitar problemas e opiniões que muitos não teriam a audácia de realizar. E como Jonas está? Reconhecer esta angústia e empatizar com um sofrimento é para Amaro o primeiro passo para ter uma possibilidade de enxergar um sujeito que vive e que sofre, para além dos estereótipos. Que você, ao lado dele, em contato com ele, pode se transformar, criar. E isto, para Amaro daria muito trabalho também. Quando algo não é uma questão crucial para nós é fácil lidar, não damos muita importância mesmo. Mas quando mexemos com o núcleo das coisas que consideramos as definidoras de quem somos, isto sim mexe muito conosco.

“Sobre a aproximação com o diferente” Quando algo não é tão importante é mais fácil ouvir o outro. Bem mais fácil. Agora é isso. São momentos de vida... somos jovens, somos imaturos, não temos tantos conhecimentos... mesmo assim depende da historia de vida. Muitas vezes determinadas questões pra você, você vai lidar de uma determinada forma, reativa muitas vezes. E vai demorar um tempo pra você poder se aproximar do

diferente, não vai conseguir se aproximar de primeira. Talvez a pergunta certa é... existe uma dificuldade? Existe uma questão pra você difícil de lidar?

Criticarem nossa visão política, criticarem nossa faculdade, criticarem nossos ideais norteadores de vida. Geralmente não suportamos com tranquilidade estas situações, pois são elas que dizem a respeito a tudo que somos até então. Quando atacadas são desnorteadoras de quem somos, de tudo que acreditamos. Agora se não for tão importante assim tudo bem. Se forem, levantaremos todas as nossas armas para mantermos a nossa identidade intacta de invasores que a querem destruída. Amaro de alguma maneira mostra aqui que reconhecer esta zona de nossa dificuldade relacional e reconhecer assuntos, temas que são o núcleo de quem somos, talvez seja justamente a chave para a possibilidade de maior abertura e maior compreensão de nós mesmos.

14. Reflexão sobre exclusão entre os grupos.

Amaro viveu o sentimento de exclusão desde o início da graduação, de uma maneira nunca antes vivida por ele. O que aprendeu ser o certo a vida inteira, sobre como agir perante as drogas por exemplo, foi um dos desencadeadores desta sua exclusão. Não era possível discordância para o debate sem agressão e estigma. Amaro não estava preparado para se reconstruir tanto e ver suas crenças destruídas. Fecha-se, se cala. Amaro na universidade entra em contato com grupos que defendem uma pauta que provavelmente era estranha a Amaro antes de seu ingresso na USP. O movimento feminista. Para além de qualquer questão de conteúdo de pautas, Amaro também sente uma lógica de funcionamento de alguns destes grupos feministas que não propiciam debates e discussões com posições contrárias. As discordâncias geravam agressões e, taxações.

Fui acusado de machista sem saber porque. Já levei xingo, já me xingaram!...Me xingaram. Porque eu não concordava com algumas coisas (da pauta feminista) sabe? Um rolê bem tenso. Um rolê bem tenso sabe? Violentas, bem difícil. Pessoas explosivas...

Vai contrariar o grupo feminista pra ver o que acontece com você? Vai contrariar o grupo feminista? Aonde é o grupo onde há mais diversidade? Grupo dos RDs. Que o cara pode não ir mas ele é RD e ele pode ir lá fazer a diversidade.

...Acho que é legal pegar alguém do grupo feminista pra falar. Acho que tem que falar baixo (Risos)... Persecutoriedade. É muito foda isso. Não sou só eu que sinto isso cara (a persecutoriedade por fazer críticas ao grupo feminista).

Foi lhe imposta a identidade machista. Nada mais terrível para alguém que vem buscando como Amaro uma participação política que viabilize a escuta entre todos e que seja possível a formação de laços entre toda a comunidade. Agora é colado nele uma identidade retrógrada e dominadora. Ele seria um machista.

Muitos são os grupos feministas e muitas suas definições, pautas e formas de atuação. Não caberia aqui tratar especificamente sobre o que julgáramos machismo ou não. O que estamos desenvolvendo aqui e que é de importância crucial para Amaro são como as relações, mesmo de diferentes e divergentes atores e sujeitos, podem se dar de maneira a construir laços ou destruí-los, além de propiciarem transformações de identidade. Amaro sente como uma afronta, uma injustiça, ser simplesmente chamado de machista por discordar de algumas das pautas do movimento. E o debate, e a democracia?

Segundo Amaro, argumentar contra certas ideias já é ser considerado por este grupo por estar no espectro das pessoas são “alienadas, fascistas machistas”. Esta agressividade de que se viu alvo vai totalmente contra o que espera conquistar no seu percurso no ME e o que tenta nutrir entre os grupos de pessoas que pensam de forma diferente da dele.

Há uma grande categorização do outro, eliminando a possibilidade de enxergá-lo como ser em mutação. Tornando rígida a sua identidade

O eu é sempre fenômeno de mutação descontínuo, a racionalidade moderna está assentada na identidade, mas nunca somos os mesmos, a cada momento somos outro diferente de nós mesmos³¹.

³¹ SAFRA, G. Notas de aula do curso: *Diálogos Clínicos: A contribuição de Pavel Florensky*. Pós

Como contraponto prático a este enrijecimento novamente cita o grupo de Representantes Discentes como sendo um grupo da diversidade no IPUSP. E também entende que não são todas as pessoas do grupo feminista que agem desta maneira a todo o momento. Dá o exemplo da Bárbara, a pessoa com quem teve as maiores crises no CA, muito atuante no movimento feminista.

E um dia com a Bárbara a gente senta, eu e a Bárbara a gente tem coisas bem semelhantes politicamente. De métodos não, mas politicamente. E a gente senta e discute todo mundo, e o grupo acontece.

Amaro sabe que é possível abrir este diálogo.

Ele enxerga na conduta de muitos grupos feministas o mesmo problema que enxerga em outros grupos que foram se constituindo no IPUSP. São os grupos que se caracterizam por ter uma identidade muito clara e fechada.

” Aí começa a surgir o grupo dos não monossexuais. Não monossexuais não sei do que. E um grupo fechado só pra quem não é monossexual... pra quem é bissexual, sei lá. Concordo, acho legal, mas esses grupos vão dialogar? Aí eu fiquei zoando com os meninos né (Não quis expor quem eram esses meninos)? E se eu for bissexual só no samba da... e tomando tal breja?... (risos). Que os grupos começam a fechar o seu ciclo de amizade, com discurso aberto de vamos dialogar, mas não são abertos, que não tem essa postura. Tem postura que vai te excluir.

Amaro entende que está acontecendo um processo de hiperidentidade na Psicologia, com o argumento da defesa de pauta destas minorias identitárias. A crescente importância das pautas feministas, LGBTQs, de liberdade sexual e de liberdade identitária de maneira geral possibilitou a formação destes grupos.

Mas Amaro identifica um processo que está para além de qualquer defesa de qualquer grupo identitário. A finalidade de juntar tais e quais grupos está propiciando o diálogo entre os mesmos e com o restante das pessoas? Amaro diz que não são abertos e que procedem de uma maneira a tornar o debate e a compreensão mútua cada vez mais

raros. Amaro enxerga estes grupos como grupos de exclusão muito mais do que inclusão.

Eu tenho que fazer um grupo dos que não são dos coletivos (risos) Quem não é (dos coletivos) é o grupo... (Risos). Eu to meio vingativo, to caindo na mesma logica de acabar sendo meio na defensiva também... não, temos que mudar com essa postura defensiva...

Amaro percebe que cada vez mais no IPUSP as pessoas necessitam de uma identificação forte dentro de um grupo pelo qual se reunir para que assim se sintam protegidos do restante. Isto acontece quando o debate público e aberto se torna impossível. O exagero da identificação grupal acontece quando a sua existência se vê ameaçada no campo da interação social comum. Isto é um sinal da impossibilidade de uma vazão emocional sincera e plena nos espaços públicos. Reflexo de um novo modo de ser desta nova geração de jovens relacionada com o nosso modelo de vida? Não cabe aqui tentar pensar uma resposta para isso, mas fato é que estes grupos hiperidentitários que se fecham em si mesmos ocorrem com muita frequência no IPUSP e tem causado desconforto para muitos que defendem que os espaços públicos e a conversa franca sobre as divergências estão se perdendo. Para isso ocorrer um ambiente de escuta e de abertura ao outro se faz necessário. Amaro é um dos que acreditam nesta possibilidade se tornando real.

, as forças são tantas que é muito mais cômodo, econômico e menos angustiante, se fechar no seu grupo, nas suas questões... fo...-se a oposição.. isso aê. O problema é quando isso fala em nome dos alunos. Quando isso fala em nome de muita gente.

15. O cuidado a quem se move, formação de laços.

Amaro tem vivido muitas dificuldades por se manter ativo no ME. Estar em constante necessidade de realizar tarefas, de pensar ações coletivas. De discutir com colegas e amigos, fazer reuniões, se desgastar com outros membros do movimento estudantil por lutas de espaço simbólico e lutas por poder é realmente muito desgaste. Ter os seus

projetos e ideais colocados a prova a todo o momento é desnorteador para muitos. E Amaro não era o tipo de militante que estava engajado em ações de ocupação e protestos como os militantes estudantis ligados a partidos e a coletivos geralmente estão. Nestes os participantes estão a todo momento sujeitos a reações violentas e a ficar dias e dias revezando em ocupações e coisas afins. É uma entrega muito forte, muitas vezes sem respaldo financeiro ou das famílias. Deixam suas graduações de lado e também sofrem muitos estereótipos. Alguns não veem mais sentido em permanecer neste tipo de movimento.

Tenho um colega que chama Morato. Mora no CRUSP. E ele era militante forte do Movimento estudantil, era. Saiu nessa greve, ela (a greve) fez ele sair fora. E ele fica bem transtornado. Diz que tem que ter um cuidado com o militante. Militante, talvez uma entrevista com ele... talvez eu conseguiria até fazer uma indicação. Militante tem conta, militante tem vida e eu preciso correr atrás da minha vida, num dá mais né? Porque... ele falava assim: -Você tá numa organização... coletivo... você tá numa organização. Você vai fazer uma operação de ocupar um lugar... a reitoria... você tá lá, seu psicológico tá ali. Você precisa de cuidado... Estar num grupo é um grupo de trabalho, não é só uma empresa que produz e tem suas questões, o grupo político é um grupo de trabalho, por um certo ideal.

Muitas vezes a imersão de muitos do movimento estudantil é tal que todo o resto da vida é deixado em segundo plano. Para alguns como Morato chega um ponto em que não é possível mais continuar. Esta imersão é com todo o seu ser. Seus sentimentos, seu pensamento e a organização de todo o cotidiano estão envolvidos, e muitas vezes você se vê só e sem nenhum cuidado consigo mesmo. Morato, nas palavras de Amaro, enfatiza que a militância é como um trabalho. Há um trabalho por certo ideal, que desgasta, que é um tempo que se está deixando de fazer outras coisas.

Amaro cita o caso do enfrentamento com a reitoria como um momento de tensão para muitos militantes. Sabe que muitos destes que ocuparam a reitoria sofreram muitas sansões e alguns foram expulsos da USP. Amaro não se vê neste tipo de ação. Fala com ironia e admiração sobre a disposição de alguns se sacrificarem no ME no combate às medidas da reitoria.

...é difícil bater de frente com a reitoria, com... muito difícil, tem que ser muito louco pra fazer isso, pra mim pelo menos. Você vai ver muito cara louco, eu sou bem de boa, tem cara que é maluco.

Tão difícil que pra ele é inconcebível algumas atitudes que certos militantes tomam. Mesmo não vendo sentido nestas ações, sabe a força mental necessária para conseguir tomar estas atitudes. Às vezes surge um processo tão grande de alienação de si, e de uma idealização tão forte, que esta loucura metafórica se aproxima de uma loucura real. Uma fuga da realidade.

Questionar as coisas é meio difícil. Exigem muito de você. Muita estrutura, muita... você precisa ter um cuidado. Será que as pessoas tem um cuidado. Foi a forma que elas encontraram... apesar de serem filhas da p.. pra car... existe um sofrimento ali. E qual o destino que a pessoa põe para seu sentimento, sua angustia? A loucura. Gostaria de estar louco e nem perceber, ia ser bom pra caramba. Outros é ficar lunático, pirar, sair da realidade também. Acho que o desafio é não ser um deprimido, e também não ser um maníaco, lunático, alucinado, só sabe brigar com o grupo oposto. Só sabe falar do... Calma. Tenhamos comunhão, tenhamos esperança e vamos construir alguma coisinha e tentar transmitir esse espírito também. Esse é o desafio cara. E nesse processo muita gente surta, muita gente desilude, não é fácil. Dá pra compreender um pouco por que é assim meio bizarro né (risos) o movimento estudantil.

Esta loucura é muitas vezes completamente desadaptada. Foi produzida em uma luta por um ideal inatingível tantas vezes buscado. Há um sofrimento gigantesco ali. De busca deste ideal que muitas vezes não enxerga pessoas, vidas, sujeitos. São todos empecilhos para a conquista deste ideal. Muitos não aguentam. Ou saem do ME para a saúde mental se manter intacta, ou deprimem, ou se tornam lunáticos. A grande luta pessoal nessas situações limites é por se manter no mundo real dentro de tantos sonhos e sofrimentos.

O respaldo de um coletivo e dos ideais em comum dentro de um grupo é o que dá força para estas pessoas continuarem nessas ações “malucas”. Amaro sabe que em tudo que se luta por um ideal e por um sentido para além de si a força do grupo se torna tremenda. Reconhece nisso um analogia com grupos de trabalhos, assim como em uma empresa. Para ele o ME se organiza como uma empresa ou um trabalho qualquer, mas com algumas diferenças.

Por exemplo, eu dou aula de ética, e você é ensinado que você precisa saber quais são os ideais da empresa, o código de ética da empresa, infelizmente penso, é... as empresas, os profissionais que estão dentro de uma empresa, infelizmente ou não, não sei, estão mais pelo dinheiro do que pelos ideais daquela empresa. Mas não importa, a organização humana tem ideais, e é triste ver uma pessoa num lugar só pelo dinheiro. A pessoa... o mínimo de ideal... sentir que tá fazendo política sabe? No sentido de transformar a realidade além do dinheiro. Ter o valor além do valor de troca. Mas é como se fosse um grupo de trabalho, que tem tarefas, obrigações, compromissos, relações, laços, ideais, concepções, valores, entendeu? Acho que é bem semelhante a isso (o Movimento estudantil), grupo de orientação, grupo de partido, que tá num projeto, empresa, tem suas diferenças né? Então os laços formam...

De certa forma Amaro vê este tipo de ímpeto que há no grupo de trabalho do ME como sendo o modelo de trabalho ideal. Um modelo significativo de trabalho que nos move àquilo que dá sentido ao que queremos fazer. Na prática o próprio ME se torna operacionalizante e alienante muitas vezes. Mas esta força de trabalhar justamente com pessoas que apresentam e querem realizar as mesmas ideias que você é de uma força que impressiona. E assim os laços se reforçam através destas formas de pensar coadunadas, através destes valores em comum e da amizade surgida durante o processo de trabalho. Amaro vê nestes laços internos ao grupo uma grande respaldo para os objetivos do grupo.

O laço é importante... ter laço de confiança. Dependendo do que você vai fazer. É importante ter. Não dá pra você confiar em alguém que é oposto do que você quer. É meio difícil, tem limites. Por isso dentro do grupo você forma muitas vezes aliança. Importante esse trabalho político de formação de aliança pra conquistar determinada coisa, importante. E também de acordo, de negociação. Se a aliança não é tão forte assim, pra destruir o outro né? Você tem que negociar. Senão você sai perdendo tudo (risos). Senão te destroem.

Já é difícil realizar tudo que grupos de ME se propõe quando estão juntos, imagine sem a força do próprio grupo. Era assim que Amaro se sentia no grupo do CA. Sem alianças internas como realizar tudo o que planejava? Gastava muita energia que não se constituía em concretização nenhuma. Energia em desfoco como diria. Não só ele mas seus colegas de gestão de CA também não concretizavam suas aspirações, não havia

trabalho conjunto. Sem os laços o grupo se desfez. Autodestruíu-se. As pessoas do CA precisavam de mais cuidado. Para Amaro, sem laços é impossível conquistar e trabalhar.

16. Reflexões sobre o ME.

Amaro, quando perguntado sobre o que pensa do ME em geral, enfatiza em pensar o que o ME quer de fato. Fala sobre qual guerra o ME gostaria de ganhar. Amaro tenta elaborar os termos desta “guerra”, o que seria a vitória e a derrota do ME na USP para através disso pensar melhor sobre o ME.

...a guerra na verdade seria contra a estrutura da universidade que de alguma forma sufoca e impossibilita da gente ter uma experiência com o conhecimento que não seja uma experiência burocratizada, que seja... É uma guerra contra uma estrutura que impossibilita ter uma experiência genuína. Muitas vezes difícil angustiante, demorada, mas genuína com o conhecimento entende?

Aqui Amaro define melhor qual acha ser o papel do ME dentro da USP. O que chamou de “contra quem seria esta guerra” que o ME trava. Para ele é a guerra contra uma estrutura burocratizada de ensino. Tem uma visão ampla de formação dentro da universidade e não vê a forma como a USP funciona propiciando espaços abertos de formação. Amaro, desde que se engajou nas pautas da educação vê todo o sentido de seu agir no ME para transformar o que ele chama de:

sistematização pouca reflexiva, uma sistematização que é feita pra economizar tempo e agilizar processos, mas é pouco refletida no seu aspecto formativo, e até mesmo afetivo do sujeito, é contra isso entendeu...

Amaro agora projeta os seus anseios no ME e diz como enxerga esta guerra. Para ele é em função de um novo sentido de formação na universidade. Mais reflexivo, considerando os aspectos afetivos. Para ele não é contra alguém em específico. Nunca conseguiu enxergar com bons olhos colocar nas figuras de poder o objetivo das lutas.

Não existe um antagonista claro, personificado em alguém. Não acho frutífero sabe? Só isso sabe? Fora Zago (atual reitor da USP, alvo de muitas críticas dos MEs em sua administração). Não é só isso.

Como agir assim se entende que a transformação dos agentes, das pessoas ao longo do processo também faz parte da “guerra”? Para Amaro a principal parte é formar laços. Amaro não vê o rebaixamento e críticas a pessoas em cargo de poder como um caminho. Para ele são laços que poderão gerar uma transformação, novas formas de organização, novas formas de poder. Não o embate contra um antagonista em específico.

A sua experiência inicial na psicologia o fez refletir muito sobre isso, sofreu muito no seu início de graduação. Não desejaria esta experiência de exclusão nem para essas figuras que supostamente representam a burocracia e o engessamento da universidade. Amaro está consciente de que o jogo político de escolha de antagonistas também é uma estratégia dos MEs tradicionais para simplificar o foco afetivo de raiva nos militantes. Sabe que há um jogo complexo por trás destas figuras de poder e que a solução passa longe de retirar tal ou qual pessoa do poder. Mas aqui seu foco é pensar como lidar com alteridades que a princípio desestruturam o que somos e desejamos. Amaro foi uma dessas alteridades indesejadas no início da graduação. Já se sentiu no papel de antagonista, e hoje entende este papel de uma maneira compreensiva.

Muitas vezes esse antagonista é uma alteridade. Me ajuda... Me ajuda a construir um repertório melhor entendeu? É mais um mito de alcançar ideais do que ter um antagonista

A alteridade muitas vezes precisa ser compreendida. Provavelmente não é este o caso do reitor Zago, mas de muitos pelos quais o ME luta contra. Esses diferentes estão muitas vezes no lugar simbólico no qual achamos que vão contra o que lutamos. A luta muitas vezes é por simplesmente permitir que o diferente possa surgir.

Amaro também sabe que as intenções de muitos militantes e grupos não são simplesmente lutar por certos ideais. Os sentimentos e intenções se confundem no ME, como em qualquer outro grupo. Às vezes a militância se deturpa na vontade de poder.

É, acho que o movimento estudantil... é bem imaturo cara. Muita gente querendo... querendo status, querendo se aparecer, do que fazer um trabalho bem feito. Pra mim é isso... que nem a manifestação que teve hoje no bandejão. As pessoas estavam no bandejão, duas semanas antes da eleição e ainda antes da semana santa. Na quinta feira... o DCE nunca fez por... nenhuma pra permanência estudantil, por... nenhuma pra nada, em assembleia, nada, pra permanência, pra bandejão fod-... Chega hoje eles fizeram manifestação sobre as filas do bandejão que estão grandes. Numa quinta feira antes da semana santa. Depois da semana santa eles que são do DCE. Quem puxou a manifestação de hoje? O DCE. Muito eleitor olha isso cara, entendeu?

As campanhas das chapas para DCE da USP geralmente só são realizadas na véspera das eleições. Amaro vê que muitos grupos agem com muito oportunismo nestas épocas. Cita aqui o exemplo de uma ação da chapa da situação do DCE. Aparecem muito nas vésperas da eleição defendendo certas pautas que não se debruçaram em nada durante todo o ano.

Carreira Política é querer ter nome aqui dentro. Eu também quero ter nome aqui. Eu quero ser um veterano conhecido depois que eu for embora. Óbvio. Dá orgulho entendeu? Quero ser reconhecido principalmente... pelo meu trabalho, pelo que eu construí pela categoria de verdade. O legado que a categoria ganhou. E não construir algo pra categoria e tipo.. e a categoria não se apropriar disso, é um egoísmo enfim. Essa é uma crítica.

Reconhecimento é importante segundo Amaro. Reconhece que nutre em si este desejo. Deixava claro este sentimento durante o processo de amadurecimento que sofreu na psicologia enquanto era gestão da atlética. Mas não quer reconhecimento a qualquer preço. Quer um reconhecimento pelo seu trabalho e seu legado. O que mais lhe orgulharia seria ter um reconhecimento que possa ser compartilhado com os outros, apropriado por todos. Infelizmente diz não perceber que isto ocorra no modo de funcionamento dos MEs. Eles querem um legado para o grupo deles, não se juntam, não criam alianças.

A outra crítica é no sentido de que os grupos não se conversam, não se formam aliança entre os grupos. Não se forma. Alianças quebradas de grupos que tem a mesma orientação política. Aliança quebrada de graça. Sabe? Mano, você é contra o DCE

então argumenta, faz uma oposição boa. Não ficar brigando assim, ficar falando da sua vida e brigando. Isso não constrói, isso é energia gastada. Elabora isso em outro lugar, tenta, junto com a galera que opõe, construir alguma coisa. Mesmo que você acha que são uns filhos da p... eleitores, f...-se. Vamos tentar construir alguma coisa entendeu? Fazer uma oposição boa entendeu? Acho que falta essa maturidade de formar alianças certas ou de não destruir possíveis alianças sabe? Falta essa maturidade. Essa destreza política, sei lá entendeu? Falta isso e falta também... parar de pensar na sua vidinha e pensar na categoria, no direito à educação.

Alianças e construções conjuntas são deixadas de lado, mesmo quando orientações políticas de determinados grupos são quase idênticas por conta de disputas por micro poderes. Oposições que se focam no lado pessoal das pessoas em questões não relacionadas diretamente com a política. Intrigas, desmoralização pública de uns contra os outros. Para Amaro o cenário de caos. Energia completamente mal gasta, não visando a construção de algo verdadeiro no movimento.

Amaro buscou através dos estudos e da compreensão dos grupos antagonistas formar uma ideia o mais justa possível do cenário todo com o qual estava atuando. Se via nesta necessidade pois se compreendia de início muito inocente politicamente. E para poder atuar teria de compreender o que estava acontecendo. Agora mostra sua indignação com o baixo nível que na maioria das vezes vê no ME. Boa parte do tempo se perde com acusações pessoais. Oportunidades de formar alianças entre grupos por haverem ideais comuns se perdem. Acha que os grupos estão pensando muito em si próprios. No poder que desejam ter. Difícil construir algo assim.

Vemos algumas analogias entre a forma que Amaro fala dos MEs gerais na USP e de sua experiência muito caótica no C.A. Nenhuma aliança. Sentimento de impotência.

No movimento estudantil. É um grande sentimento de impotência. Isso é o mais difícil.

Esta foi sua experiência no CA. Impotência. Muitas pessoas gastando muita energia, mas energia sem foco, mal direcionada, pouca construção. Vê pessoas próximas, que idealmente deveriam ajudarem-se na construção de objetivos comuns destruírem mutuamente seus trabalho, suas ideias. Isto é muito difícil para as pessoas engajadas no movimento.

Ah, o próprio Safra (Gilberto, professor do IPUSP) tava falando hoje (Teve uma supervisão de atendimento com ele na manhã do dia da entrevista) que o paciente da menina falou, que a “Minha vida é zicada” sou assim mesmo. E o Safra falou, isso é muito perigoso, muito ruim de ter falado isso. Ela falou, é ruim isso porque... Ela se desresponsabiliza né? Não é só se desresponsabilizar, existe algo superior que vai te ferrar, te zicou, teu destino é esse. E ele comenta que é como nas tragédias gregas. Quem decidiu as tragédias gregas? Foram os Deuses. Há muito sentimento de : “Ah, não dá pra fazer nada. Não se pode fazer nada.” Sentimento ruim né? E eu acho que não, dá pra fazer. Ou a pessoa não consegue fazer nada, ou ela quer revolucionar o universo, o mundo inteiro. Calma, mas existe uma realidade, uma realidade difícil. É difícil mudar qualquer coisa. A gente não tem a salinha pra fora como a gente queria (do C.A.). A gente não tem questões do currículo do jeito que a gente queria. A gente é sub-representado na instituição. Tem um monte de coisas que está a tempos sendo martelada, e aí? Num vai mudar nunca? Há então um sentimento de impotência. Talvez a potência é construir algo sério com uma base boa. Mesmo que com a base boa seja difícil. Se esse espírito for transmitido, uma hora surge algo consistente.

O próprio Amaro responde a si mesmo sobre as angústias do sentimento de impotência. Teve muito este sentimento, mas soube se reinventar. Amaro se viu em diversas situações difíceis. Aliás, quase a totalidade de suas experiências no MEs foram muito pouco construtivas no coletivo, cheia de conflitos. Grupos se desintegrando. Pessoas tentando lhe destruir. Como Amaro conseguiu ficar firme como está hoje?

O que dá segurança para Amaro continuar acreditando e trabalhando com a política institucional sem cair no sentimento de impotência se resume á seriedade com que se imprime esta ação. Para Amaro a seriedade é formar laços, é estudar bem. É planejar o que se propõe a fazer. Ele vê muitas possibilidades de criação.

Carlos se desiludiu. Ah, se desiludiu com o movimento estudantil. A forma. Mas a esperança dele foi aqui dentro com os RDs. Ele construiu um espaço. Nítido. E ele foi reconhecido sabe.

Uma de suas grandes referências é um exemplo de como resistir a tudo isso. Para Amaro, Carlos se desiludiu no ME. Mas em um grupo que conseguiu manter um

trabalho, contínuo, sério, encontrou respaldo e possibilidades de criação. O grupo de RDs funcionou para Carlos como este espaço de refúgio construtivo.

Amaro conta mais sobre como vê o papel de pessoas como ele agora nos espaços de construção estudantil, e fala justamente no papel que ele quer exercer no grupo dos RDs.

Querendo ou não o grupo dos RD's está bem mais sólido do que o do ano passado num todo. Acho que sim. Porque tem gente legitimando isso. Porque tem gente que contagia as outras pessoas nisso. É isso, quando você contagia, ele vai pegando, vai passando, a ideia é essa. Eu já to no final da graduação. Não tenho muito o que construir; tenho que contagiar. Construir bases para que o contágio se sustente entendeu? E tentar transmitir pras pessoas mais próximas, mais novas, esse sentimento histórico. Não vai morrer comigo, tenho que passar. Então a gente tem que se referenciar no coletivo, no grupo.

Contagiar. É a isto que Amaro está se propondo nestes seus anos finais na graduação. Metáfora interessante. É como a transmissão por um vírus, simplesmente pela presença do outro. E o contágio neste sentido benéfico a que Amaro está se propondo a realizar só é possível quando há um reconhecimento em si próprio e do grupo do valor e importância que aquele grupo produziu, da forma mais genuína possível. A pessoa tem que estar com este “vírus” da confiança e da esperança no que está fazendo para ser possível contagiar os seus próximos. Amaro quer contagiar seus colegas com tudo aquilo que aprendeu. Não é só transmitir um conhecimento, contar as histórias, motivar os novos ingressantes. É passar a transmissão desta sua visão significativa de tudo que viveu na psicologia com todo a sua carga afetiva. Foi um processo longo de transformação que culminou nesta pessoa que acredita naquilo que está construindo apesar de todas as dificuldades. Ele se tornou o que é hoje graças a tudo que outros contagiaram ele. Processo de sujeito a sujeito, que irradia uma intenção. E agora Amaro se sente preparado para ser esta pessoa, que deixará este legado aos ingressantes nesta esfera da militância. Que transmitirá, como um vírus, a força para permanecer construindo o movimento e depositando nele um sentido.

Ter esperança, esse é o desafio, mas que não seja uma alucinação (risos). Tem gente que a esperança das pessoas é tipo ... sair voando, descola da realidade. Esperança

não é fé. O Safra falou isso hoje. Ter esperança, não fé. Não é fé no socialismo, não é fé nos ideais. Fé tem a ver com ignorância, não no sentido pejorativo, mas ... eu não sei o que me espera e eu vou lá e seja o que Deus quiser. "Vou na fé". Não é fé. É esperança, você está lidando com uma realidade, você está pensando, está sendo impactado, elaborando. E isso não vai te deprimir, você vai ter uma certa esperança, um norte referencial, isso não vai te deprimir, apesar da realidade ser difícil, e também não vai ser um maníaco.

Amaro encontrou um equilíbrio estável em seu modo de ser, por onde a partir de agora encontrou um caminho significativo para agir apesar de todas as dificuldades que tem encontrado em seu percurso no ME. Não desistiu, não saiu, pois vê uma importância muito forte nisto que está construindo. Está intrinsecamente ligado àquilo que é central em sua vida, esta busca de laços entre pessoas. Aqui conseguimos enxergar o panorama completo do percurso de Amaro. Alguém que se reconstruiu muito fortemente durante os seus anos de graduação. Passou por períodos de grandes mudanças. E agora encontrou um caminho muito seguro por onde caminhar. Isto está relacionado com diversos agentes em sua formação como o professor Safra, que é o seu supervisor de atendimento clínico. Os conceitos que foi aprendendo com ele, assim como com outros em sua formação o tornaram aquilo que ele é hoje. Talvez o curso de psicologia proporcione esta experiência mais do que qualquer outro, por estudarmos o que justamente o que nos torna quem nós somos em certo sentido. E nesse estudo muitos de nós vamos nos estudando a nós próprios, nos contrapondo, nos transformando muito mais do que imaginaríamos que ocorreria.

Amaro criou um sentido muito claro para continuar firme em seus desafios. Diz baseado nas experiências que teve com seu supervisor que é a esperança e não a fé. Fé é quando não há conhecimento e responsabilização. Esperança é quando se busca conhecer e há uma responsabilização própria nisso tudo. Talvez desde o começo de sua caminhada na Psicologia o conceito de esperança assim como descrito por Amaro agora fosse o que mais se relacionasse com o seu percurso. Permaneceu firme neste mundo. Está junto com os outros, nesse mundo. Não fugiu dele. Não se fechou em si para sempre. Está aberto a todas as experiências que o mundo for lhe proporcionar e aberto a construir através das mesmas.

Bárbara

Ingressou na graduação do IPUSP no ano de 2012. Sua atuação política no ME começa através da pauta feminista em 2013 e logo se engaja em participar das discussões do ME gerais da USP e do IPUSP. Foi membra do C.A.I.I., sempre muito atuante. Grande aproximação da militância geral da USP apesar de nunca ter participado formalmente de nenhum grupo. Grande proximidade em suas lutas com os trabalhadores da USP e com o SINTUSP (Sindicato dos trabalhadores da USP) Também participava do fórum da Saúde das faculdades da USP. Muito atuante como RD do CEIP, junto ao projeto de reformulação da clinica escola. Á época da entrevista pretendia fazer uma passagem para nova gestão do C.A. e participar mais das discussões da área da Saúde.

O Caminho

01. Quem tem sido Bárbara.

Bárbara apresenta um perfil bem diferente do nosso primeiro entrevistado. Será interessante acompanhar duas histórias e duas formas de encarar a vida tão diferentes, mas que se aproximaram por objetivos e interesses comuns. Para começar vamos perceber uma clara diferença sobre o modo de exercer sua própria narrativa. Amaro contava histórias curtas, e sempre enfatizava uma reflexão ou uma crise que motivava estas histórias. Bárbara organizasse de modo muito diverso. O foco central de Bárbara para contar o seu percurso no ME são justamente suas histórias, tão cheias e ricas de detalhes. Diferente de Amaro, para cada situação importante em seu percurso Bárbara tinha uma longa e vívida história em sua memória. As memórias de Bárbara sempre são marcadas por uma busca de choque, busca por entrar em conflito com situações de tensão com aquilo ou aqueles que julga tornar a experiência deste mundo mais opressora, mais pobre. Bárbara se indigna, e é esta indignação que a faz acumular energia e vontade para realizar, para entrar em ação. Amaro buscava se resguardar. Não se apresentar de modo conflitivo ao mundo por receio da destruição de seu eu, de tudo que acreditou e por medo de represálias. Bárbara, ao contrario, busca o embate quando quer mostrar que poderia ser um diferencial no mundo, quando se engajava em algo. O seu modo de se apresentar como um agente de transformação é explicitando todos seus afetos da forma mais genuína e passional possível. Seria através da organização e da definição desses polos de embate que Bárbara organiza suas ações.

02. Questão do ônibus.

Bárbara nos conta suas primeiras experiências relacionadas a política. Ela é de uma

família do interior de São Paulo em que há uma presença muito forte de imigrantes japoneses. Sua família pertence à esta colônia japonesa. Conta um episódio que marcou muito a sua infância. Episódio este que segundo ela foi a primeira experiência em que começou a pensar em política. Foi uma greve de ônibus na cidade.

Eu comentei da greve que teve nos ônibus na minha cidade né? Isso aconteceu quando eu tinha uns 15 anos ou um pouco antes. Lá na minha cidade desde os 10 anos eu pegava ônibus. E eu morava 5 quilômetros afastado da cidade. Na minha escola tinha muito filho de político da cidade e eu estudava com a filha mais velha do prefeito da cidade, e toda vez que dava um problema na cidade ela defendia. Ela falava: Não, é porque meu pai tá fazendo isso por causa daquilo. Ah, porque o vereador Fulano tá colocando isso por causa daquilo. Então a política meio que permeava já o meu cotidiano.

Bárbara vive uma experiência de potência política desde muito jovem. Bárbara desde pequena conta que convive com parentes da classe política de sua cidade. Estudava numa escola particular e lá estavam muitos filhos de políticos. Convivia com a filha do prefeito em sua turma, e algumas das conversas era sobre as decisões políticas da cidade. Situação diferente das que encontramos nas grandes cidades, mesmo para boa parte das classes mais abastadas, aonde a sensação de poder e conhecimento sobre as decisões políticas do cotidiano parecem tão distantes. Isso dá a Bárbara uma percepção da política muito diversa das que a maioria da população apresenta. Ela estava, de alguma forma, próxima ao poder.

E aí quando teve a greve... não foi bem na greve (De ônibus). Tinha uma companhia na cidade e tinha uma companhia que tava entrando. E a companhia que tava entrando pra tirar a companhia municipal ela é privada que era do irmão do prefeito e aí o que ele fazia? Ele só rodava da periferia pro centro e não passava entre os bairros. Então ele não passava pelo meio da cidade. E a minha cidade é de morro. Então pra você ir da cidade pra pegar o ônibus novo da ponta, mano ou você anda ou você pega o ônibus, e aí eu ficava p... com isso porque era difícil né? Tava com material de escola andando o dia inteiro já e aí um dia eu cheguei em casa de noite já. Eu lembro que era a época que eu comprei meu celular e eu liguei pra mim mãe e falei: Mãe, não tá

passando ônibus aqui no centro. Aí ela, ah eu acho que não está mesmo. Fulano falou que os ônibus só estão passando na marginal,. E eu, p... merda. Desci, e era o mesmo horário que tinha um monte de estudante de escola pública saindo em duas escolas que são perto da marginal. E todos eles falando né? Ah, a gente tem que vir até aqui pra pegar o ônibus, porque eu vou demorar 2 horas pra chegar em casa. Porque agora o ônibus faz o caminho das 2 estradas, porque as estradas, elas se conectam. Se você tá num bairro aqui o ônibus ia direto... Depois disso quando entrou a outra companhia, ele (o ônibus) dava a volta na outra estrada lá. E depois de escutar aquilo eu cheguei em casa, nossa, xingando todo mundo assim. Falei pra minha mãe: Isso é um absurdo, porque esse prefeito blablablá.

Ela fala primeiro como se fosse uma greve mas logo veremos que não foi bem isso que ocorreu. Parece ter sido vivenciado por Bárbara como se fosse uma greve pois ficou muito mais difícil de se pegar os ônibus da cidade. Houve este problema nas rotas dos ônibus, que afetou diretamente a sua vida. Teria que caminhar muito mais para pegar este ônibus para ir à escola. Bárbara tem vívidas memórias dos momentos de indignação. Tanto suas quanto a indignação de outros, e isto aparentemente vai criando dentro dela uma força contida esperando uma oportunidade para extravasar. Lembra da indignação e reclamação dos estudantes da escola pública que pegavam este mesmo ônibus que ela. Chega em casa e solta toda esta sua raiva e indignação com a situação para a sua mãe. O pai de sua amiga de colégio torna-se o alvo dessas indignações. Ele como prefeito teria a responsabilidade perante esta situação.

Aí minha mãe virou assim e: Tá bom, você tá reclamando aqui dentro de casa. A gente tá jantando e o que que você vai fazer? E eu : Sei lá o que a gente faz. Esse prefeito tá na segunda gestão dele, ele tá a muito tempo na gestão. E é uma prefeitura “PSDBista”, há muitos anos o PSDB. Eu perguntei pra minha mãe e ela falou que não lembra uma época que não era PSDB. E aí ela comentando: Se você acha que tá tão ruim assim, você sabe onde é a casa do prefeito, você sabe onde é a casa do vereador, você sabe aonde é a prefeitura. Vai lá, bate na porta deles. Aí eu falei: Ah, então tá bom.

Sua mãe a estimulou a fazer alguma coisa. Sua mãe aqui fez o papel de trazer Bárbara para a política propriamente dita. Bárbara mostrara sua indignação com a situação, vendo outros estudantes também sofrerem com a situação, indignada também com a

gestão do partido que há tanto tempo estava no poder na cidade. Mas até então Bárbara estava simplesmente soltando essa raiva, esbravejando. Sua mãe de certa forma mostrou à ela o caminho do fazer, da ação. Transformar esta indignação em algo que modificasse a situação. Bárbara sabia alguns políticos da cidade moravam. E sua mãe disse: Vai lá, faça algo. Bárbara pareceu atônita com a situação. Será que deveria mesmo fazer? Será que poderia transformar algo na situação?

E aí num dia desses eu tava no busão e tinha uma mulher grávida com um bebê de colo e ela comentando disso que ela precisava descer do centro pra marginal pra pegar o ônibus . E eu falei: Éh, acho que a gente tem que fazer alguma coisa, acho que a gente tem que bater na casa do prefeito. E eu lá com 14 anos. E ela: A não menina, você tá louca. Não pode fazer essas coisas, porque esses caras são muito poderosos. E eu, tá bom, mas eles não podem fazer isso com a gente. E ela: Não calma, a gente tem o nosso ônibus e blablabla. E eu ah tá bom. Eu acho que você é mãe e tem que cuidar das suas crianças, mas acho que alguém tem que fazer alguma coisa.

Situações muito concretas são as que marcam a vida de Bárbara. Esta situação difícil de uma mulher grávida com bebê de colo tendo que andar tanto para pegar o ônibus a sensibilizou. Como que a gestão pública pode deixar isso acontecer? A necessidade de enfrentar este problema foi crescendo nela. Já explicitava para esta mulher grávida o seu desejo de tomar alguma atitude concreta.

E aí em outro dia, eu fui pra casa... era terrível, eu tinha que andar mais 1 quilometro e meio pra chegar em casa, depois de descer do ônibus, e quando eu tava indo pra casa tava pensando no que eu ia fazer. Aí um dia na escola, eu falei com essa menina (filha do prefeito) e a gente ficou muito amiga porque ela era muito isoladinha sabe? E aí eu cheguei e falei: Olha Karen. Eu acho que a gente tem que fazer alguma coisa sabe? Seu pai tá fazendo isso. A gente sabe que a empresa que tá entrando aqui é do seu tio. Porque você não troca uma ideia?

Bárbara, na tentativa de fazer algo, conversa com a filha do prefeito sobre o assunto na escola. Sugere à ela que conversasse com o pai dela sobre o problema. A empresa que cuidava do transporte público era também da família do prefeito. Bárbara faz sua primeira tentativa de ação. Tentando ser uma agente nesta situação tão ruim para muita gente em sua cidade. Conversa simples, inocente com a sua amiga. Sabe que assim seria

difícil conseguir algo de concreto.

E aí depois disso teve a festa de aniversário na casa deles. Era uma chácara enorme, aquela coisa, riqueza. E aí eu olhei aquilo, assim, e tal, carrão, uma festa com buffet, aquela coisa, tudo. E aí pensei: Como ela é rica, car...e aí eu falei: Acho que vou trocar uma ideia. Aí eu cheguei assim. Tava lá ela, com os parentes dela e aí eu falei: Então gente, será que não dava pra dar uma ajudada nos negócios do busão, não sei que lá. E aí todo mundo me olhou na cara assim e falou: É, acho que a gente tem que fazer alguma coisa, mas tudo bem. E Isso não é da sua conta. Aí eu falei: Puts. Aí nisso, meu, é muito treta mesmo né? Depois eu não fui mais chamada pro aniversário dela (risos)...Continuamos amigas, foi tudo bem, na escola. Mas depois cada uma foi pra um lado que eu fui fazer colegial em outra cidade. Foi aí que eu comecei a pensar política, entender os partidos. Era a época que o PT tava entrando no governo federal, comecei a discutir. A minha irmã tinha acabado de tirar título de eleitor por Ibiúna e começou a discutir a votação em casa...

Bárbara, na festa de aniversário desta sua amiga filha do prefeito, toma uma atitude e vai conversar diretamente com os parentes políticos dela sobre o problema dos ônibus. Recebe uma resposta seca, não a consideram como agente qualificada no assunto. Uma adolescente no meio de uma festa de aniversário tenta conversar com os grandes atores políticos da cidade para resolver um problema de transporte público. Talvez Bárbara já soubesse que seria muito difícil conseguir algo. Quantas pessoas já não deveriam ter falado com esses mesmos políticos sobre estes mesmos problemas? Tantas coisas complexas ao redor do problema. Conta que depois disso não foi mais chamada pra nada da família do prefeito apesar de continuar amiga da menina. Mas esta atitude, mesmo sendo inocente ou despropositada, foi um marco na vida de Bárbara. Este evento contribui para Bárbara realmente começar a se adentrar no mundo político. Outros 2 eventos sincronicamente aconteceram com este fato e contribuíram muito para a inserção de Bárbara no agir e pensar político. A entrada do PT no governo federal e sua irmã ter tirado o título de eleitor. Isso estimulou muito conversas políticas na época das eleições na casa de Bárbara.

03. Escolas especiais.

Bárbara nos conta outro episódio que a marcou. O fechamento das escolas especiais de sua cidade. Conta de uma forma imbrincada com as suas convicções político partidárias. Bárbara não separa os problemas específicos e concretos vividos com a política partidária e suas convicções políticas.

Aí minha mãe virou e falou: É, dá pra votar no professor Eduardo. Que era um cara da oposição, do PT. Que falava que a educação não podia continuar do jeito que tava. Porque o prefeito antigo tinha tirado todas as escolas especiais. Tinha acabado com as escolas especiais. Não tinha contratado professor pra atender a demanda de aluno especial. E eu, nossa...

O candidato de oposição da cidade, que era do PT, era para ela a melhor opção para a cidade. O prefeito anterior tinha fechado as escolas especiais. Com isso relembra o contato que teve com essas crianças quando ainda era pequena.

É muita coisa da infância mesmo. Quando eu tinha uns 5, 6 anos, eu comecei a tocar piano. E a gente fazia apresentação nos auditórios municipais e eram convidados alunos da escola Nova Esperança que era uma escola que era só pra aluno especial, então tipo, tinha desde aluno surdo, até aluno com paralisia cerebral. Enfim, era um monte, e eu olhava aquilo... eu era uma criança, tinha 6 anos. E eu olhava as crianças com paralisia. Aquela coisa atrofiada, com cadeiras de roda, e eram da minha idade assim, criancinha. E eu ficava machucada com aquilo, e mesmo assim eu ia lá, tentava conversar, enfim, criança né? E eu ficava olhando, assim, as professoras, bem fofinhas, tentando explicar a diferença (entre as crianças ditas normais e as deficientes). Foi a primeira vez que eu tive contato com criança surda.

A pureza de uma criança, ela mesma, vendo crianças com deficiências das mais variadas com espanto e tristeza. Ela ainda muito pequena, com 5 ou 6 anos. Era difícil para ela entender estas crianças. Seus professores tentavam explicar a diferença entre ela e essas crianças. Ela se lembra da maneira “fofinha” com que as professoras tentavam fazer isso. Tudo muito novo para Bárbara. Novas experiências de contato com pessoas muito

diferente dela. Até hoje se lembra que este foi o seu primeiro contato com uma criança surda. Bárbara ficou muito sensibilizada por aquelas crianças. Esta experiência da infância introduziu um novo paradigma para ela. Um encontro com um diferente. E este diferente estava sendo ignorado pelas prefeituras recentes até então. Bárbara via uma esperança numa nova administração, com um novo partido no poder.

E quando eu fiquei sabendo... que minha mãe tinha muito contato com as escolas porque ela fazia material didático pras escolas municipais. Então as professoras, elas iam lá em casa, tomavam café, contavam o que tava acontecendo. E quando uma professora dessas escolas especiais veio e falou isso (de acabar com as escolas especiais), eu fiquei indignada, que é isso que vocês vão fazer sabe? E aí eu tava contando isso... porque na época do... de eleição pra prefeito minha mãe falou: Eu acho que dá pra votar mas não sei se dá, porque ele era do PT né? Isso é um problema. E eu falei mãe: Se liga. Ele tá lá pra colocar a educação da cidade em ordem. O hospital municipal tava fechando as portas e ele tava colocando profissional para ser contratado como vereador né? Eu falei: Mãe. É nele que tem que votar, não tem opção. Não dá pra gente continuar votando no pai da Fulana lá. Aí ela falou. Ah, tá bom né? Aí ele ganhou, foi aquela festa toda na cidade. A oposição ganhou. Nossa foi fantástico. Eu tinha 16 anos. Foi ótimo.

Palavra recorrente para Bárbara no cenário político é indignação. Indignação com o desrespeito à essas crianças que precisam de tantos cuidados. Agora ouve da própria boca das professoras das escolas especiais, contato direto de sua mãe, que as escolas iriam fechar. Bárbara tinha esperança para que estas medidas fossem revertidas com a troca de gestão da cidade. Que a cidade saísse do controle das gestões do PSDB e que o candidato do PT ganhasse a eleição na cidade.

A sua principal interlocutora de política aparece novamente. Nas histórias de sua adolescência sua mãe é sempre a pessoa com quem Bárbara faz o enfrentamento de opiniões. Discordam muito. Bárbara parece querer mostrar à mãe outros lados e outras visões do assunto. Tentava mostrar para a mãe que a opção do PT, estigmatizada pela família, seria interessante para a cidade e interessante para que as escolas especiais não acabassem. O candidato do PT ganhou. Para Bárbara a vitória eleitoral da oposição foi uma vitória pessoal.

Logo depois o prefeito teve um infarto dentro do gabinete. Quando aconteceu isso foi uns 4 ou 5 meses depois dele assumir o mandato. E aí eu fiquei chocada né. Porque eu falei, gente. Como que a política pode fazer essas coisas com a vida da pessoa assim. Nesse nível. O nível de estresse. Eu sabia disso porque o jardineiro que trabalhava em casa e a moça que ia lá pra fazer a faxina uma vez por semana contavam as coisas que vinham da periferia da cidade e eles contavam assim (sobre o prefeito) que a pressão dele tava assim descompensada fazia muito tempo por causas das coisas da prefeitura e blablabla, e o vice prefeito era um japonês da colônia que enfim, não era da esquerda, esquerda, mas ele tava lá e aí a colônia começou a se envolver mais na política. Começou a cobrar mais, começou a colocar dentro das questões da colônia a política do município.

Uma quebra de continuidade havia ocorrido na cidade. Depois de muitos anos de gestão PSDB haveria agora uma gestão do PT. Mas o prefeito morre de infarto. Bárbara fica sabendo através das pessoas que trabalhavam na sua casa, que moravam na periferia, diziam que a “pressão dele estava descompensada”. Bárbara associou o fato do infarto com o nível de stress a que um prefeito estaria submetido. Parece que era isso que falavam na periferia. Um prefeito diferente não aguentou a pressão da cidade. O vice prefeito, que assumiu o cargo, era da colônia, e assim Bárbara conta que através dele a colônia começou a se envolver mais com a política.

Esta é mais um episódio que marcou a vida de Bárbara. A forma como ela conta e os fatos a que dá importância indicarão um pouco o seu jeito de atuar no ME. Tudo muito marcado por muito afeto, principalmente nas situações que lhe despertam revolta e indignação. Ela as situações de conflito e identifica imediatamente os atores que deve combater e os que ela deve defender. Essa será uma marca de suas posturas futuramente em sua atuação política. Defender posicionamentos claros.

Não somente na conjuntura macro política, e nas situações mais marcadas por injustiças sociais que Bárbara se posicionava desta forma combativa. Nas situações do cotidiano também. Era uma maneira de ser sempre presente na personalidade de Bárbara. É a sua maneira de mostrar a sua insatisfação com as situações vividas por ela para que possa mudar a sua realidade presente.

Eu tinha muito embate com professor dentro da sala de aula. Assim, tinham duas

professoras que eram absolutamente autoritárias, bizarras. Tipo carcereiras assim. E era uma escola particular de interior de uma sala de no máximo 30 alunos. E ela era escrota. Foi por isso que eu saí do colégio inclusive. Eu briguei tanto, tanto com ela, que tava insuportável, e ela virou coordenadora depois. Era por isso que eu chegava em casa e falava: -Meu a professora não pode fazer isso. Minha mãe falou, meu, mas ela é professora, ela tá lá pra cumprir esse papel e enfim. O meu embate com a minha mãe começou aí.

O tom forte e revoltado com que Bárbara demonstra sua insatisfação com as professoras em seu colégio nos mostram novamente a força emotiva por traz das situações que lhe incomodavam, que considerava injusta. A metáfora de carcereira nos sugere um tipo de tratamento aos estudantes análogo ao de presidiários. Seu estilo de falar com quem ela se indigna é bem agressivo. Teve tantos problemas com esta professora que saiu da escola. Contava para sua mãe as situações que a professora fazia os estudantes passarem e sua mãe tendia a concordar com a professora pois era este o papel dela. Fica claro uma diferença de modo de enxergar o papel da professora. Para sua mãe a autoridade era próximo do inquestionável. Para Bárbara a autoridade tinha que ser questionada.

E aí dentro de casa a gente não discutia política, no máximo quando a gente tava ou tomando café, discutindo qualquer coisa que tinha acontecido, tipo greve dos ônibus ou quando a gente tava assistindo jornal nacional e minha mãe: Ah, é um absurdo isso que o PT faz mesmo. Aquele discurso bem de direita assim. Mas aí dava pra falar algumas coisas, e aí eu lembro umas vezes que minha mãe me explicou como funcionava o congresso, como funcionava o senado. Minha mãe sabe mais ou menos porque... quando ela trabalhava aqui em São Paulo ela trabalhava numa empresa de... sabe aqueles tubos de televisão? Que era filiada ao sindicato de metalúrgicos. Então tinha discussão do sindicato ali todo o dia, e ela contava dessas experiências assim e por isso que ela era tão contra o Lula e tal e enfim. Ela tava certa de ser porque enfim, o Lula se vendeu pra burocracia e tudo, pra burguesia também. E aí era essa a discussão política que tinha em casa.

Conta um pouco como eram as discussões políticas dentro de sua casa, com seus familiares. Enxerga a posição de sua mãe como sendo de direita, conservadora, e desejava transformar a visão política de sua mãe. Mas ao mesmo tempo a sua mãe foi a pessoa que lhe apresentou melhor a política. Conta que sua mãe lhe explicava como era

o funcionamento do congresso e também lhe contou como era as discussões de sindicato. Fala que sua mãe era contra o Lula por causa da discussão que via no sindicato mas explicitou estes motivos. Demonstra a todo momento suas ideias sobre a macro política, uma delas a decepção que foi a gestão Lula para ela.

...aí quando eu mudei de cidade, quando eu fui estudar em outra cidade, que é uma cidade do lado, era uma cidade totalmente diferente, absolutamente diferente. É uma cidade de colonização hispano-americana que não tinha japonês. Quando eu entrei no colégio eu fiquei assustada que só tinha carinha branco e mina loira e eu fiquei né, meio sem saber o que fazer, tentando achar o meu espaço ali, porque eu saí brigada da outra escola. Cheguei lá já p... da vida com essa coisa da educação e aí lá eles falam mais abertamente de política porque lá tem mais oposições dentro do colégio. Também tinha muito filho de político. Acho que é uma realidade do interior ter muito filho de político nas escolas particulares e eram colocadas as questões assim. Quando veio esse projeto de inclusão em muitas escolas, com alunos especiais, de como a gente lida com isso. Tinha bolsista dentro da escola e como que a gente lida com isso? Era uma discussão bem assim? E aí veio esse professor da UNICAMP. Colocamos todas as questões, dos anarquismos da vida, discutindo o capital, mas mais radicalmente. Mas ainda a minha família não tem abertura para discutir política. A não ser pra dizer, ah, política é uma coisa que existe lá e a gente tá aqui pra viver a nossa vida.

Brigou muito no seu colégio anterior. Então foi estudar num colégio em uma cidade próxima, sente um grande choque. Não mais teria tantos descendentes de japoneses em sua turma como tinha em sua cidade. Só tinha gente branca, loira. Ficou meio perdida, agora ela era a diferente. Mas é nesse colégio que houve uma maior possibilidade de discussão política nas aulas. Se no colégio anterior entrava em embate a toda hora por conta das posturas autoritárias das professoras, neste colégio ocorria muito maior abertura quanto as diversas questões. Tinha bolsistas nesse colégio, e isso era uma questão para os estudantes, como lidar com isso? Conheceu neste colégio um professor que foi uma grande referência para ela, e que abriu muitos dos seus caminhos para se adentrar cada vez mais no mundo da política. Fala dele como um divisor de águas. “E aí veio esse professor da Unicamp”. Discutia sobre anarquismo, sobre capital. Adiante veremos mais da importância deste professor em sua vida.

04. Colegial e as muitas dúvidas.

Muitas dúvidas passaram na cabeça de Bárbara para finalmente escolher psicologia. Um professor em especial e sua família a influenciaram de maneira decisiva. Tudo começa com o seu prévio interesse por fazer o curso de moda.

Eu entrei (na psico) porque eu... no terceiro ano eu tava bem perdida, não sabia o que eu ia fazer da minha vida... não sabia o que fazer. Acho que vou fazer moda, porque é legal, é interessante a discussão de... como as pessoas produzem o que consomem, e aí essas questões de roupa, mercado fast fashion. Que tinha entre as minhas amigas e tal, então eu acho que eu posso ir por aí, começar a questionar... não questionar... Não usava essa palavra mas.. Sei lá, ver como que é esse lance de produção industrial de roupa e tal.

Para ela explicar o porque da escolha por psicologia, hesita em falar diretamente. Terá de contar o seu percurso no colegial para que assim faça sentido. Estava, como é muito comum nos estudantes á véspera das escolhas da profissão, perdida. Cita o curso de moda como uma opção. Parece que era um curso de interesse dela e das amigas. Havia um interesse por este mundo da moda, e este era o motivador central. Mas parece que ao mesmo tempo, ao longo da sua crescente apropriação política, ela foi querendo se apropriar da discussão da produção e consumo das roupas e idealizava trabalhar no ramo da moda pensando novas formas de consumo e produção.

Havia, no entanto, uma evidente contradição para Bárbara. Ela sabia que seria difícil trabalhar de uma maneira crítica neste meio. E tinha consciência disso, mas aparentemente não parecia se importar tanto na época.

Não, não. Eu sabia que era um lugar falido... totalmente capitalista, totalmente vendido... enfim... pra esses ideais do capital.

Um professor foi decisivo em sua formação no colegial.

... no primeiro colegial eu tive um professor que ele era um “anarco” da UNICAMP que dava aula no objetivo numa cidade do interior. Olha só que rolê? O cara era um

economista, anarquista, historiador. Professor da UNICAMP. Que falou ah. O que que eu vou fazer da minha vida? Vou dar aula na UNICAMP mas vou dar aula no colégio também. E aí ele dava aula e colocava as questões. Eu lembro que eu era... eu brigava muito...brigava muito, brigar de tipo apontar o dedo na cara dele, levantar e sair da sala, e assim, todo mundo sabia que tinha um problema ali, enfim, mas a gente se gostava muito apesar disso.

Uma grande admiração Bárbara alimentava por este professor. Foi através dele que Bárbara se inteirou de muitos assuntos da política, da sociologia. Bárbara conta que ele colocava as questões para debater. Conta de sua formação ampla e o amor que este professor apresentava pela educação. Era um professor universitário e decidiu dar aula em colégio. Bárbara o admirava muito por tudo isso.

Bárbara conta que também entrou em muito conflito com este professor. Ambivalência de sentimentos vivida por ela. A pessoa de quem mais fala com admiração de seu período de colegial também era a pessoa com quem teve os maiores conflitos. Bárbara se constrói no conflito não somente com as pessoas que discorda e desconsidera, se constrói no conflito também com as pessoas que são referências para ela. Bárbara nos indica aqui que é a sua oposição às figuras de poder que vai permitindo que ela se expresse de maneira genuína. A oposição com as figuras de referência trazem à Bárbara o sentimento de potência e de individualidade, isto a singulariza. É nesta chave que devemos entender as ações de Bárbara, ao longo de todo o seu percurso.

Foi com este professor que Bárbara teve algumas de suas conversas mais marcantes a respeito de sua escolha de carreira. Conversando com este professor se sentiu segura para cursar moda. Era mesmo a sua vontade, por mais conflitos ideológicos que tenha era a área que gostaria de fazer.

No fim do terceiro ano do colégio foi então correr atrás de seu desejo. Planejava os passos para conseguir fazer o curso de moda.

Aí quando eu falei pro meu pai que vou fazer moda... Vou pegar uma bolsa de 100% na Anhembí (Anhembí-Morumbi, faculdade particular), eu tava estudando pra conseguir, pra tipo, pegar bolsa, por que lá é... ou você entra em primeiro lugar no vestibular ou você faz uma prova que é mega fu... depois que você entra. E aí eu fui, fiz a prova,

consegui uma bolsa não 100%, era tipo oitenta e pouco, pela minha colocação...

O plano era fazer Moda na faculdade Anhembi com 100% de bolsa. Na prova de bolsa conseguiu uma boa porcentagem de abatimento. Conseguiu uma bolsa em torno de 80%. Todo um percurso, um esforço foi realizado para que trilhasse este caminho. Conta ao pai que iria fazer moda. E recebe um pedido do pai que desencadeará toda uma mudança de planos.

, e... meu pai sentou comigo depois da janta e falou: Ah, eu acho que é bom se você fizer mas seria muito melhor se você fizesse a USP.

Difícil entender o tipo de relação aqui entre ela e seu pai. O fato é que a autoridade e os desejos do pai nos mostram uma influência enorme nas decisões de Bárbara. Há uma questão de tradição e cultura familiar que transcende as possibilidades desta pesquisa.

Que meu pai ele é formado na ESALQ³² e ele ama USP assim... então lá é o lugar que vai formar pessoas assim, fenomenais. Enfim. E aí eu falei tá. Então você quer que eu faça USP? É eu quero que você faça USP. Então se eu fizer qualquer outra pública... e ele: Não, pode fazer qualquer pública que você quiser. Aí eu peguei o catálogo da USP e falei: O que é que eu vou fazer?

Aqui sentimos com todo o peso a carga e a importância que os desejos do pai tem nesta sua decisão tão crucial em sua vida. Seu pai é formado na ESALQ. Bárbara conta do apreço que ele tem pela instituição USP. A formação na USP para o pai de Bárbara traria um grande diferencial. As pessoas formadas na USP são “fenomenais” segundo a concepção de seu pai.

O pedido do pai para que ela fizesse USP tem quase o valor de uma ordem. Bárbara então faz algumas perguntas para o seu pai. Tentando entender quais eram os limites e liberdades que estavam implicadas no desejo dele. O pai afirmava o desejo para a carreira de Bárbara com relação a fazer USP, mas ele deixava em aberto a possibilidade dela fazer qualquer pública, era este o grau de liberdade dado nesta situação à Bárbara. Uma relação muito ambígua. De grande tensão.

³² ESALQ: Escola superior de agricultura Luiz de Queiroz. Pertencente à USP, voltada à área de ciências agrárias

Primeira vez que identificamos uma postura não combativa de Bárbara com uma figura de autoridade. Talvez a principal figura de autoridade.

Bárbara vai procurar as profissões que deseja no catálogo da USP. Por mais que houvesse um combinado com o seu pai de que ela poderia fazer qualquer pública, a sua busca, pelo menos neste momento, estaria de acordo com o pedido do pai. Entrar na USP.

Não havia moda na USP como graduação. Bárbara vai escolher o curso que fará em função da USP. A escolha por psicologia foi fortuita.

Aí eu comecei a ler as coisas. Aí eu, engenharia não, esquece. Descartei engenharia, tudo. Descartei medicina, e as outras coisas, tipo... Pensei em arquitetura, pensei em Psico, pensei em... sei lá, agora num lembro mais, mas eu lembro que eu pensava nessas áreas assim e aí eu tava lendo lá. E aí eu conheci uma psicóloga numa dessas feiras assim e... Acho que é legal, vamos ver lá e fui fazer Psico.

Conheceu uma psicóloga numa feira de profissões. Foi neste episódio despretenso, sem nenhuma convicção de sua decisão que ela escolheu o curso de psicologia.

E aí eu não passei aqui (USP) mas eu passei na federal de Minas, e aí eu falei: Ah, então, eu vou pra Minas, é federal e tal...e meu pai virou e falou: Se você fizer um ano de cursinho acho que você passa na USP. E aí eu fiquei puta assim sabe, e eu já era meio brigada lá em casa, já tinha muitos problemas... não muitos como hoje, mas alguns(risos). E aí eu falei: Tá bom, se você queria que eu fizesse USP, você tivesse me falado sabe? E enfim, aí que meu pai viu que não era muito brincadeira as minhas posições.

Passou em uma faculdade federal mas não na USP. Estava dentro dos planos combinados com o seu pai. Mas seu pai a estimula a fazer um ano de cursinho para conseguir entrar na USP.

Situação difícil para Bárbara. Se seguisse os desejos do pai teria que fazer mais um ano de cursinho. Era todo um ano de dedicação e esforço. Bárbara fala pela primeira vez na entrevista de uma situação de choque com o pai. Ele tinha deixado claro que uma federal era uma das opções para ela e este novo pedido, para fazer necessariamente a

USP, deixou Bárbara muito revoltada.

Como Bárbara agiu? Primeiro confrontou o pai, mas em sua decisão considerou o desejo do pai, mesmo estando muito contrariada. Uma relação muito difícil entre ela e o pai. Mas deste confronto vemos uma nova faceta na relação.

Foi inclusive a primeira vez que meu pai pediu desculpas pra mim e falou “ Não quero ficar brincando com a sua vida mas eu acho que os pais tem esse dever de falar o que é melhor ou pior”. Tá bom. Coisa de japonês, eu acho (risos). E aí eu falei, então tá bom. Vou fazer um ano de cursinho. Aí eu fiz cursinho na Tamandaré (Anglo). Morava na liberdade com a minha irmã.

O pedido de desculpas do pai foi marcante para ela. Diz que foi a primeira vez que o pai pediu desculpas para ela. O confronto com o pai, mesmo que de maneira não tão drástica, parece ter sido muito importante para o sentimento de ter conquistado uma autonomia, uma individualidade ali. Esta conquista vem através do embate, sempre é assim para Bárbara.

O pai indica uma assertividade e um poder de decisão sobre a vida dos filhos de uma maneira muito incisiva e até opressiva, mas ao mesmo tempo demonstra um cuidado e um carinho muito grande. Além disso, Bárbara se mostra consciente de que por ser de uma família japonesa tradicional essas questões de família funcionam de um jeito diferente para ela.

Concorda em fazer cursinho para passar na USP. Vem então morar em São Paulo com a sua irmã mais velha que cursava letras na própria USP.

...e aí eu morava na liberdade com a minha irmã mais velha, que fazia letras. E aí a gente tava discutindo as coisas da USP e tal, todo dia. Acho que isso também influenciou bastante. 2011 foi... é foi logo depois que o Rodas (Reitor) entrou. Então é... tava bem caótica a situação (na USP).

Morar com a irmã durante o seu período de cursinho foi muito importante para Bárbara ter um panorama do lugar que estava querendo entrar. Conversava muito com sua irmã e esta lhe contava o que estava acontecendo no mundo da USP. Isso foi em 2011, um ano em que teve uma greve muito intensa na USP. Sua irmã deve ter lhe contato muitas das

questões e da rotina da universidade. Bárbara estava focada em passar no vestibular e iniciou já nesse ano de cursinho uma transformação muito grande em sua vida. Veio para São Paulo, largou tudo e todos em sua cidade.

...o meu ano de cursinho foi só o ano de cursinho. Eu não fazia mais nada. Assim, não ia quase pra festa de família, não via mais os meus amigos. Foi a época que eu perdi contato com todo mundo do interior, todo mundo mesmo. O único contato que eu tinha era com o meu ex-namorado e com os amigos dele. E nisso eu comecei a me distanciar da minha vida.

Bárbara conta de um isolamento muito forte vivido neste período. Perdeu contato com os seus amigos, perdeu o contato com a família, com o mundo inteiro do interior. Sente que começou a se fechar, a se alienar de si mesma.

Durante seu ano de cursinho Bárbara confirma a intenção de fazer o curso de psicologia. E revela desejos ambíguos que perpassam o caminho de muita gente.

... eu já tinha decidido (cursar psicologia), porque é isso que eu tenho que fazer. Porque eu tenho que fazer qualquer coisa que seja na USP e não vejo nenhum outro curso que faça sentido... Talvez ciências sociais, mas é aquela coisa né, de profissão, depois a gente fica perdido. Na psico pelo menos... você tem um futuro. No começo, no começo, eu falava. Não... vou entrar em RH³³, ficar rica e aquela coisa né?(risos). E aí mudar as estruturas por dentro, aquelas coisas que eu acreditava quando eu tava pensando em fazer moda.

A escolha por psicologia passou por 2 intenções prioritárias segundo o que nos traz Bárbara. Teria que ser um curso significativo pra ela e que tivesse um claro caminho a seguir como carreira. Coisa que o curso de ciências sociais, pelo menos em sua concepção, não apresentava.

Uma ambiguidade importante se apresenta para ela. Inicia com a ideia de prestar o curso de psicologia com uma ideia de conciliar o ganho financeiro com os ideais que tinha de atuar na transformação no funcionamento das empresas. Aos olhos de hoje entende este ideal como sendo muito inocente. Assim como Amaro a menina que queria fazer moda

³³ RH: Recursos Humanos, área de trabalho para os Psicólogos no mercado de trabalho.

se transformou muito ao longo do curso de psicologia. A força combativa de sua personalidade foi ganhando consistência, conhecimento.

05. A entrada e começo da psico.

Bárbara fala muito pouco sobre como foi o seu início da graduação na Psicologia. Também não atribui ao curso de psicologia motivos para a sua entrada no ME.

Alguma coisa da Psico? Assim, fora o episódio da carta da Suzana? Teve muito conflito da minha turma mesmo... com as coisas mais de fora da psico, eu comecei a enxergar a psico de um outro jeito.

A participação dela no ME aconteceu apesar do curso. Inicialmente coloca que o curso não contribuiu em nada para a sua apropriação política. Dá importância aos demais aspectos da USP que foi vivenciando para seu ingresso no ME. Esforça-se por pensar algo da psico que tenha contribuído para a sua formação no ME mas não consegue nomear nada, nenhum aspecto.

Nossa, é tão difícil, sabe porque? ... Eu tinha muita resistência. era tipo... a psico tá aí, pra eu me formar e ir embora. Num é aqui que eu vou ficar. Eu não gostava da USP, eu achava que era chata, enfim. Acho que tinha muito a visão do meu pai em cima disso. De falar que lá era o lugar que ia formar os melhores profissionais e blablabla. Eu era bem, não quero aceitar que isso aqui é meu. Mas da graduação, pontualmente?... Das disciplinas não teve nenhuma que eu falasse que essa abriu uma discussão.

As consequências de sua relação com o seu pai vão se revelando. Aceitou fazer a USP, era o desejo do seu pai, mas isso afetou de forma muito marcante a sua relação com a USP, com a faculdade. Fica claro como não estava querendo cursar a USP, por mais que tivesse aceitado o pedido de seu pai. A USP representava um lugar que não era seu. Não se sentia pertencente. Parece-nos que era simplesmente o lugar de desejo de seu pai, e não o dela, e isto criou um ranço dela com a USP e consequentemente com o curso de graduação em psicologia.

Um lugar de passagem e sem nenhuma ligação com a sua vida própria. Era isto que a USP e a psicologia representavam pra ela, e isto contribui para que tudo que tivesse origem na psicologia não fizesse parte de sua vida.

Mas se o curso e a USP como um todo, no seu sentido acadêmico, era insignificante pra ela, com o tempo foi conhecendo pessoas que começaram a lhe dar um sentido no espaço da psicologia. Durante todo o seu primeiro ano de graduação era uma menina muito quieta. Vinha para as aulas e ia embora logo depois. Aos poucos foi conhecendo pessoas que foram lhe tirando desta rotina. O convívio com algumas pessoas foi tirando o seu ranço com a Psicologia e com a USP.

(Sobre o que gostava na Psicologia) Mas das convivências sim. De conhecer o pessoal que já era organizado. A Vivian, a Tati, a Cibele. Esse pessoal mais velho. Depois conhecer o pessoal de hoje, que formou a chapa do C.A. Começar a discutir coisas mais internas. Começar a entender os RDs, aí tipo, o Robson que tava no CTA³⁴, e começamos a trocar umas ideias. A Giovana que tava na CG³⁵. Acho que essa era a convivência... sabe aquela história de conversa de corredor que a gente sempre fala. Era mais ou menos isso.

Foi conhecendo as pessoas. E a partir destas amizades que foi conquistando, vai se aproximando de pessoas que seriam importantes para o seu ingresso no ME. Desde o início de sua graduação se aproxima de pessoas que estavam em convívio com pautas políticas. Interessante notar que de outro jeito, Bárbara revive a situação de seus anos de colégio, em que estava na presença e se aproximava dos filhos dos políticos da cidade. Agora ela estava se aproximando também de pessoas vinculadas a política, mas ao invés de ser a política governamental seria agora a política estudantil. Citou vários amigos que tiveram participação em movimentos políticos.

... E teve também um lance que era...2013 entrou a galerinha do Golpe né? E aí eles começaram a fazer festa, a fazer cervejada. E eu falei ah... legal. Vamo lá né? (Risos) Só que era a época que eu tava com o meu namorado ainda, meu ex-namorado, e tipo, e ele era... ahh... escroto. E ele falava: Ah porque eu não quero você na festa da USP,

³⁴ Conselho Técnico Administrativo: Órgão colegiado dos institutos e faculdades da USP responsável por decisões técnicas e administrativas.

³⁵ Comissão de graduação: Órgão responsável pelas decisões acadêmicas relativas aos cursos de graduação das unidades.

porque festa na USP é só putaria, pegação, os caras não respeitam as minas. E tipo eu sei que você vai ser agarrada e vai me trair. Mesmo que você não queira. E aí nossa, foi um estresse. E eu acho que foi por isso, porque a minha vida pessoal estava muito acima da minha vida universitária. E aí começou a mudar isso, essa convivência. De querer estar mais na Psico.

No início do seu segundo ano de graduação, entraram alguns calouros que formaram um grupo que começou a fazer muitas festas e happy hours nos espaços da psico. Bárbara se aproximou muito deste grupo. Começou a ficar cada vez mais na USP. A psicologia estava se tornando aos poucos, para ela, um espaço agradável, um espaço significativo.

Então surge um empecilho muito forte para Bárbara. Ela sente que precisaria criar uma unidade em sua vida. Num primeiro momento a sua vida de verdade não estava na psico. Tinha sua irmã, sua família, seu namorado. Com o tempo a vida na universidade vai se tornando a sua vida de “verdade”. Aquela vida com significado, aonde ela gostaria de estar. Conta que seu namorado à época teve uma grande crise de ciúmes pois não queria permitir que ela ficasse nas festas da USP, achava que ela o trairia pois festas na USP são “putaria, pegação”, que ela iria ser agarrada de qualquer jeito. Bárbara fala o que achou desta atitude dele com muita ênfase. “Foi um escroto”. A vida universitária começa a ser cada vez mais a sua vida pessoal.

A atuação

06. Início da política na USP, a explosão de um acúmulo.

Bárbara surge no ME da psico como que de repente. Era uma estudante que no primeiro ano da graduação, principalmente no começo, não queria ficar na Psico e na USP. Ia para as aulas e ia embora. No seu segundo ano já surge com muito ímpeto de realização. A USP, a psico, tinham se tornado o seu espaço de significação.

...foi quando eu comecei a rever, que tinha um sentido eu estar na Psico. De estar presente dentro dos espaços. De estar conversando com as pessoas e aí quando veio essa questão da Suzana foi só mais um motivo para eu conversar mais com essa galera que ficava mais mesmo.

Houve um episódio de estopim, o episódio da intriga em aula com a professora Suzana, que fez de fato ela ingressar no ME com todas as suas forças. Mas sabe que no fundo o que estava por traz de sua entrada no ME era a vontade de conviver, conversar com algumas pessoas que foram se tornando muito importantes para ela e de tornar o espaço da Psico o seu espaço de cuidado.

... lembro que a Mirtes teve um papel bem fundamental assim. Uma porque eu achava ela fofinha... E aí ela começava a falar tipo: Mas isso é um absurdo, é um absurdo o que tá acontecendo, essa professora não pode fazer isso com a gente e taltaltal. E aí eu lembro da Jamila também, fofinha, tudo, tal, e metendo o pau. E assim. Eu lembro da Jacque também. Que ela já era mais assim, da perifa, tal, vinha com discurso e tal, e eu achava tão esquisito né? E depois eu comecei a entender. Depois da carta da Suzana começou a fazer um monte de sentido o que ela tava falando.

Bárbara se identificou com algumas pessoas que se tornaram posteriormente suas amigas. O jeito e a forma de ser de algumas delas representavam aquilo que Bárbara queria se tornar nesse novo espaço de significação que estava criando. Uma nova identidade para Bárbara na psicologia estava sendo criada nesta identificação com estas meninas. Aquela postura e aquele jeito contestador que tinha durante os anos de seu colégio estavam prestes a retornar. A Bárbara confrontativa iria voltar.

Bárbara organiza o modo de se colocar no mundo através dos conflitos que desenvolve com as situações ou pessoas que para ela representam o poder. Afirma a sua singularidade e posição nestes embates. Vimos isso nas suas atitudes com as professoras com quem teve diversas brigas no colégio e também com o professor que ela admirava tanto. Foi através de um conflito análogo ao que já vimos na adolescência de Bárbara que ela inicia sua jornada no ME.

Ela conta a história deste conflito com a professora. Deste conflito surgiria um grupo

feminista na graduação do IPUSP.

Assim... Esses dias eu tava até contando pra um pessoal mais novinho né? Que eu comecei a militar aqui na USP depois do episódio da carta da Suzana... que a gente teve na nossa turma, não sei se você ficou sabendo?

Este episódio se desenvolve através de um exemplo de aula sobre o conceito de histeria. A professora conta que participou de uma reunião de pesquisa e que estavam nesta reunião alguns pesquisadores homens e uma pesquisadora mulher, que estava de saia envelope.

...Sabe aquelas saias que tem um pano por baixo e outro por cima? E ela foi com uma saia dessas, só que a saia ela não fechava exatamente, ela ficava com um pedaço aberto, a saia era curta, tipo... e ela dizia (a Suzana) e a mulher lá se ajeitando, toda hora na cadeira assim, pra tentar fechar a saia, virando a perna pra um lado, virando a perna pro outro, aí teve uma hora que a gente ficou numa sala só com pesquisadores homens, tava eu, ela e os pesquisadores homens.

Bárbara tenta reproduzir as palavras que a professora teria usado em seu exemplo de histeria.

- “Quando uma mulher, sabe que vai pra um lugar desses. Cheio de homens, com uma saia dessas. E tem que ficar se arrumando, é... no mínimo pra chamar a atenção.. Aí você começa a falar, você tá lá. Teve uma hora que eu fiquei muito incomodada, saí da sala e deixei ela lá com os Leões que eu acho que era isso que ela queria”.

Depois de tentar reproduzir a fala da professora. Bárbara expressa como se sentiu diante do exemplo.

E aí a gente ficou p... da vida né? Assim eu fiquei meio daquele jeito assim. Naquela época eu não era tão crítica eu acho. E aí ela começou a falar e ela disse que isso era exemplo claro de histeria porque depois ela voltou com uma saia muito parecida numa próxima reunião, e ela ficava de novo se arrumando na cadeira e blablabla. Isso tem a ver com a sexualidade.

Um grupo de meninas da turma se sentiu muito incomodada com o exemplo da

professora em associar o comportamento da mulher com o fato de querer simplesmente chamar a atenção dos homens.

. E aí eu... a sexualidade bizarra da psicanálise, mas tudo bem. Aí aconteceu isso, e aí as meninas que hoje são também do movimento (feminista) daqui da psico, elas escreveram uma carta falando porque que achavam que aquele exemplo era machista. Só que... Eu acho que elas foram infelizes na hora de escrever a carta, assim. Eu não participei disso porque eu não era tão próxima delas assim e aí elas colocaram várias coisas e tal... e a Suzana ficou muito brava.

Bárbara á época não era muito amiga destas meninas, que posteriormente viriam a constituir o grupo feminista, não participou da elaboração desta carta. Estas meninas escreveram criticando a postura e o exemplo da professora. A carta tentava explicar o porque daquele exemplo ser machista.

Bárbara não dá muitos detalhes do conteúdo da carta, mas afirma achar que as meninas foram muito infelizes na redação da mesma. Não seria difícil argumentar contra a carta. A professora não gostou nem um pouco e elaborou uma resposta.

E ela (A professora Suzana) pegou aquilo e escreveu uma resposta. Só que ela escreveu e leu na sala só que ela não entregou. Assim... foi o fim, porque ela desmoralizou todas as meninas, e aí toda a sala ficou contra elas, e aí a gente achou que ia ser mó picuinha de sala, que mexeu muito com as meninas, que elas ficaram com medo da Suzana. Ficaram achando que iam ser reprovadas, enfim... um monte de stress assim pras minas, e aí depois ela piorou, a Suzana piorou a situação porque ela levou isso pro conselho de departamento.

Suzana escreveu uma resposta e leu na sala de aula e não entregou a mesma por escrito. Para Bárbara esta atitude da professora desmoralizou as estudantes que escreveram a carta contra o exemplo de Suzana. Bárbara nos conta que muitas pessoas da turma que não concordaram com a reação das meninas ficaram contra elas, e pior, as meninas ficaram com medo de represálias da docente. Achavam que poderiam ser reprovadas, pois a fantasia criada pelas meninas é que a docente poderia prejudica-las na avaliação da disciplina.

Para piorar a situação das estudantes, a professora levou o caso para a chefia de

departamento analisar.

E aí ela levou e aí o Júnior (Chefe de departamento) falou... que os alunos não podiam fazer aquilo. E que por ele e pelo departamento eles podiam abrir um processo pros estudantes. Eram uns 8 estudantes que tinham assinado a carta. ...Ah 3 professores falaram que se não... mesmo que não houvesse processo a gente tinha que fazer os alunos pararem de achar que podiam fazer qualquer coisa contra docente. Foram essas as palavras que eu lembro que ela usou (A representante discente que repassou a conversa da chefia do departamento). Isso na verdade é perseguição, é chegar na sala de aula e começar a perseguir aluno.

Um claro conflito se desenvolveu entre um grupo de estudantes e alguns docentes. Bárbara conta que os professores falaram que os estudantes tinham que parar de achar que podiam fazer qualquer coisa contra docente. Para Bárbara esta situação mostra um claro abuso da autoridade docente.

O ambiente conflitivo entre estudantes e professores estava cada vez mais exacerbado neste período no IPUSP. Nos anos subsequentes ocorreram outros episódios como este. Num deles um dos professores se afastou das aulas de graduação e em outro caso um surto maníaco de um estudante foi atribuído pelos estudantes ao descaso dos docentes com o cuidado aos estudantes. Difícil dizer motivos para estas ocorrências frequentes de embates entre estudantes e docentes. Este assunto poderia merecer uma atenção e um trabalho em específico, mas suponho que a sequência de muitas greves, aliada a uma estagnação da classe docente como um todo em tentar compreender as características e perfis dos novos estudantes ingressantes, e ainda uma cultura dos ME e sociais dentro da universidade produzindo muitos grupos de minorias hiperidentificadas são alguns dos fatores de estímulo para o sentimento de rejeição entre os diversos grupos.

A zona de conforto de Bárbara. Reviveu seus tempos de colegial em que esses conflitos em sala eram uma constante e era ela a personagem principal. É nestas situações que Bárbara se vê potente.

...e aí, enfim, foi o maior stress e eu coloquei a crítica pra carta e que as pessoas foram infelizes, uma vez que a Suzana tava dando um exemplo de histeria, que é um conceito machista, ela não ia conseguir dar um exemplo que não fosse minimamente condizente

com isso. A gente ia ter que fazer a crítica pra psicanálise em si, e conhecendo a Suzana, tipo, pela militância dela, daria pra trocar ideia com ela, tipo. Ó Suzana...

Bárbara tem uma clara posição do porque acha que as meninas foram infelizes. O conceito de histeria está dentro do corpo teórico da psicanálise freudiana. Segundo Bárbara, o mais correto seria fazer uma crítica feminista à psicanálise como um todo, para desconstruir o conceito de histeria.

Vemos aqui um outro lado da Bárbara. O que esperaríamos de Barbara seria uma reação furiosa contra este abuso que considerou ter sido feito contra as estudantes. Ameaçar os estudantes de processo por conta disso era demais para Bárbara. Mas ao mesmo tempo em que teve uma reação de indignação, também teve uma elaboração para compreender o que estava acontecendo. Até então não tínhamos visto por parte dela esta postura compreensiva, tentando criar uma estratégia prévia para lidar com a situação. Bárbara, conhecendo a professora, sabia que seria possível conversar com ela sobre a impertinência do exemplo dado em sala e que ela acharia muito pertinente uma discussão de conceitos Psicanalíticos. Será que era o seu aprendizado no curso fazendo efeito no seu modo de agir? Ou que então estava consciente desde o começo que a crítica da carta não era tão coerente? Difícil dizer. Mas Bárbara ao longo do seu percurso no ME nos mostrará esses dois lados. O passional e o estratégico e acolhedor.

E aí depois disso eu comecei a acompanhar mais o movimento, fiz as paralizações, numa primeira assembleia aqui, eu até tava contando pros mais novos, tinha um pessoal da minha turma que falou: É... foi a primeira vez que a gente viu a Bárbara na assembleia né? Porque enfim, eu não participava. Em 2012 até metade de 2013 eu era descrente da Psico. Eu vinha aqui assistir aula e ir embora. Aqui não era um lugar tipo meu assim sabe? Eu... enfim... não gostava da USP, não gostava da Psico, não gostava das pessoas. Era meio isso.

A partir deste evento começa a participar bastante. Mas com certeza o seu envolvimento gradual com as pessoas, as amizades, o querer estar nos espaços e nas festas fizeram com que ela quisesse se envolver. O episódio contado acima foi o gatilho para algo que estava prestes a acontecer. Seu envolvimento no ME.

...foi a mesma época que a Maria entrou no JUNTOS³⁶. E então eu acabei discutindo isso com ela. Foi a mesma época que a Cibele voltou pra Psico e começou a discutir PSTU, então era umas coisas assim. Tinha a Tati, que tava... que é... Não sei se ela ainda é da LSR³⁷. Também começou a colocar as questões da LSR na ocupação. Ela apresentou a LSR pra gente. Então eu fui conhecendo mesmo.

Bárbara, através destas pessoas, destas amizades, conheceu muitos dos Movimentos de Estudantes da USP relacionados aos partidos políticos. Tudo isso foi construído nas amizades ao longo de seu segundo ano de curso. Não ingressou em nenhum desses movimentos, mas foi conhecendo todos eles através de suas amizades. Quando do episódio da carta aconteceu ela já tinha um acúmulo de conhecimento do funcionamento e das discussões de muitos dos coletivos, grupos partidários e diversos outros movimentos estudantis. Viria a conhecer muita mais.

... que eu já tava acompanhando as coisas. Já tipo... fazia crítica principalmente pro circular, pro bandeirão. E era movimento estudantil, só movimento estudantil. Não sabia o que era movimento de trabalhador da USP, não sabia o movimento da ADUSP³⁸ e era bem... sei lá. Sabe quando você tá conhecendo as coisas?

As principais pautas estudantis, bem como suas razões, argumentações, já faziam parte do cotidiano e do dia a dia de Bárbara. Futuramente Bárbara conheceria e ajudaria muito os movimentos dos trabalhadores da USP.

Grandes mudanças ocorreriam ainda na vida de Bárbara. Esta aproximação com a USP deixaria a sua vida pessoal em cheque. Os conflitos com o seu então namorado estavam cada vez mais nítidos para Bárbara. Os motivos eram sempre o seu envolvimento com o ME e com o ficar mais tempo na USP. Num dos momentos em que Bárbara estava completamente envolvida pelas questões da greve de 2013 o seu então namorado questiona este tamanho envolvimento. Conta o episódio em que os estudantes estavam votando em assembleia a respeito da manutenção ou não da ocupação da reitoria da universidade.

...tava se arrastando de um jeito bizarro (a assembleia). Ai eu vi aquela assembleia de

³⁶ Grupo Político de jovens ligados ao Partido PSOL

³⁷ LSR: Liberdade, Socialismo, revolução. Ala do partido de esquerda PSOL

³⁸ ADUSP: Associação de docentes da USP. Entidade sindical dos Docentes da USP

um jeito bizarro, uma vez que os movimentos estudantis foram responsáveis pelo movimento, uma vez que metade falava que tínhamos que ficar na ocupação, sabendo dos riscos. Sabendo que ia ser reintegrado. Ia até a PM. E aí... assim... Pra minha vida pessoal foi bem marcante, porque nessa assembleia é... era bem a noite já, umas 22h e pouco de uma sexta feira eu acho. E eu tinha combinado com o meu ex namorado de voltar pro interior pra ficar com ele lá. E aí eu liguei pra ele e falei: to no meio da assembleia, não vou conseguir voltar agora, to muito cansada, ta muito desgastante, vou voltar amanhã de manhã, na hora que eu acordar. Só que no sábado a gente tinha marcado de fazer alguma coisa que eu não lembro mais o que era também. Aí ele brigou comigo... ah Porque você tá me trocando pelo movimento... porque blablabla. Porque faz muito tempo que a gente não se vê. Porque a greve é desgastando mesmo. A Psico não parou também. Ela paralisou 2 dias. É que... fiquei muito desgastada com isso. Aí eu saí no meio da assembleia e voltei só pras deliberações assim. E aí foi aí que eu vi, tem alguma coisa muito errada na minha vida. Porque não tava dando certo sabe (risos). Não tá condizendo as coisas que eu faço aqui da USP com o resto da minha vida. Aí eu comecei a repensar mais os meus projetos de vida.

Bárbara percebe neste episódio que a vida que queria seguir, de participação nos Movimentos estudantis na USP, não estava condizente com a vida que mantinha antes deste seu envolvimento. O querer participar e se envolver cada vez mais nos MEs foi ganhando cada vez mais força para Bárbara em detrimento de querer voltar para sua cidade e ficar com o namorado nos fins de semana. Bárbara estava revendo os planos de sua vida. Seu plano inicial de quando entrou na graduação da Psicologia USP não estava mais fazendo sentido para ela. Inicialmente ela queria se formar apenas e ir embora. Agora ela estava descobrindo um novo sentido a todo o estar na universidade. Estava ávida por combater em prol da defesa da universidade.

Outro episódio a estimula ainda mais a ver sentido no seu recente engajamento. Uma professora que era tida como carrasca e que não pensava nas questões políticas do instituto se mostra de um jeito diferente durante uma tentativa de paralização de sua aula para que fosse possível discutir assuntos relacionados às pautas das greves dos estudantes.

...que a Brenda (Professora da Disciplina) é daquele jeito. A gente não vai conseguir paralisar a aula da Brenda. Como que a gente vai fazer? Aí chegou o Carlos, a Tati, a

Vivian. O Kléber (todos veteranos da disciplina ministrada pela docente) acho que tava também...A gente que já passou... por TEP... vamos trocar ideia (Com a Brenda). E aí o Carlos tinha umas perguntas muito boas. Por que ele sabia da vida de militância da Brenda e então perguntou. Me explica o que aconteceu desta vez(De ações estudantis do período que a professora era estudante). E ela começou a contar... Ela tava contando a história(de sua militância passada) e a sala tava cheia, e todos tavam muito curiosos pra saber o que tava acontecendo na aula da Brenda... aí ela (A Brenda), começou a falar de sua militância, a falar da estrutura da USP. Começou a falar de... carreira docente, de como é, de como são as tretas...

Neste episódio Bárbara nos conta como foi interessante ver esta docente, Brenda, de uma maneira que completamente inesperada. Muitos estudantes fantasiam o comportamento geral dos docentes através apenas do seu papel na aula e da maneira como se portam nela. Brenda era uma docente que não costuma entrar em assuntos políticos durante a sua aula, além disso é muito exigente com as avaliações em sua disciplina. Os estudantes associavam esta postura rígida de Brenda com a total falta de engajamento político dela na instituição.

Quando os estudantes pretendiam conversar com ela para paralisar a aula para discutir a greve os estudantes não sabiam o que fazer. Alguns estudantes que já conheciam a professora, dentre eles Carlos, foram ajudar nesta turma a tentar convencer Brenda da importância da discussão da greve. Carlos, uma das referências para Amaro, foi reconhecido aqui por Bárbara por fazer perguntas muito boas para a professora a respeito de sua militância no passado. Carlos conhecia muitos dos docentes e a história de muitos deles. Participou das reuniões da Congregação³⁹ do IPUSP por alguns anos e nisso conheceu mais de perto muitos dos docentes, além de entender muito bem o funcionamento institucional do IPUSP. As perguntas de Carlos estimularam a professora Brenda a relembrar seu passado de militante. Bárbara nos conta como a sala ficou imersa de interesse por ver a professora Brenda, símbolo de rigidez e do status quo da universidade, contando de sua atuação política do passado.

...era muito bom ver a Brenda falando assim e aí foi demais. Nossa caramba, realmente acho que foi importante, que uma professora como ela. ... E aí depois, em 2014. Já tava

³⁹ Instância colegiada decisória máxima das faculdades e institutos da USP.

com os meus problemas da minha vida particular postos assim. Não ia ter como ir pra trás.

Importantíssimo para Bárbara ver o percurso da professora Brenda. Uma perspectiva histórica é reforçada neste momento. Os estudantes desta maneira não se sentem tão só como categoria para defender as causas que julgam pertinentes para a universidade. Os estudantes saberem através de histórias como essa que os docentes também se implicaram e ainda se implicam nos assuntos da universidade é muito importante. O embate identitário entre estudantes e docentes foi aqui neste episódio completamente quebrado.

Não era mais a professora rígida e carrancuda que estava falando. Alguém que eu deveria temer e a princípio e obedecer. Era uma pessoa que tinha vivido experiências muito parecidas com as dos estudantes que ali a estavam ouvindo atenciosamente. Uma aproximação ocorreu entre estas “categorias” que tanto se diferenciam e se chocam. Foi nesta aproximação que este reconhecimento de algo em comum entre todos eles deu um novo sentido ao espaço. Se não para todos pelo menos para Bárbara. “Ver a Brenda falando assim...foi demais”.

Depois deste episódio Bárbara se engajou ainda mais. Em 2014 já sabia que era um caminho sem volta. O ME e o estar na USP já fazia parte dos seus planos. A sua vida particular teria que se ajustar em função deste seu novo compromisso.

07. O C.A. A greve de 2014.

Amaro e Bárbara participaram da mesma gestão do CA. Tivemos já a visão de Amaro a respeito da gestão. Teremos agora a visão de Bárbara. Veremos como os fatos relevantes e o modo de interpretar a gestão do CA é completamente diferente em ambos. Bárbara nos mostrará o seu grande envolvimento com as assembleias e com a greve de 2014.

E aí eu lembro que no comecinho do ano (de 2014) a gente tava discutindo um Centro Acadêmico né? Que no final de 2013 a gente falou, a gente tem que ter um CA forte pra

conseguir construir um movimento aqui dentro. Aí a gente fez a chapa.

Todo esse compromisso e empenho de Bárbara pelas questões da Psicologia culminariam em sua participação na formação de uma chapa para a gestão do C.A. Formaram a chapa, mas Bárbara tinha suas ressalvas quanto ao modo como ela estava sendo constituída.

...Gente, não dá pra ser uma chapa que tem muita divergência, mas aí eu fui voto vencido, por isso foi uma chapa complicada. Era uma chapa que tinha eu Amaro, Maria, Ivo, Sheila, que eram assim, as discordâncias postas vamos dizer assim. E aí, deu muito problema no começo, por causa disso. Porque eles tinham um modo de ver o movimento e a gente tinha outro. A gente queria construir um movimento da Psico, que as pessoas se inteirassem, e eles não, tem que trazer a política da USP, colocar os assuntos da USP...Eu e a Maria, Eu e o Amaro, eram discordâncias que não eram conciliáveis na ação. Eram no objetivo final, mas na ação elas não eram. Então a gente ficava tanto nessa picuinha interna.

A constituição do grupo do CA se deu por um grupo de pessoas que se juntaram a partir da empolgação da movimentação estudantil do final da greve de 2013. Juntou-se nesta mesma chapa pessoas que tinham visões de política e métodos de ação completamente diferentes. Esse foi o principal motivo pelo qual Barbara vê o porque de tantos conflitos durante a gestão. Sabia que tinha muita gente com opiniões diferentes, avisou, mas foi voto vencido. Bárbara sabia que uma parcela das pessoas da chapa queria trazer a política do ME geral da USP para dentro da psicologia. Este era o objetivo de Maria por exemplo. Bárbara e Amaro queriam construir um movimento pensando os assuntos da própria psicologia, mas mesmo assim ambos tinham focos e modos de agir completamente diferentes. Amaro concebia um modo menos através de enfrentamento direto e mais através de alianças entre docentes, funcionários e estudantes. Bárbara defendia posicionamentos claros e enfrentamentos claros. Não houve consenso nem definição de projeto comum. Teve apenas esta chapa concorrendo à gestão do C.A. Logo esta viria a ser a futura gestão. Problemas surgiriam á frente por conta destas divergências.

Em 2014 há no meio do semestre o início de uma das maiores greves da USP. A reitoria da USP, alegando estar numa grande crise financeira, deu reajuste de 0% para os

docentes e funcionários da universidade e começou a arquitetar um plano de cortes de funcionários para conter gastos. Logo após estes fatos as três categorias universitárias (professores, funcionários e estudantes) foram entrando em greve. Bárbara nos conta do processo de assembleia para a deliberação de greve feita pelo C.A.

...Foi aí que a gente construiu duas assembleias antes da greve, e aí depois a assembleia que votou greve, em maio. A gente deliberou greve da unidade. Ai foi um mês mais ou menos de fazer paralisar mesmo. De todas as aulas serem paradas, e de intervenção em todas as aulas, rolê de conversa, com todos os bixos.

Bárbara era uma das mais engajadas na construção das pautas da greve e queria que isso circulasse para todos os estudantes da Psico. Ela e as pessoas da gestão ligadas a partidos enfatizaram muito a importância da paralização e conversas sobre a greve. Amaro era um dos poucos da gestão que não concordava muito com esta ênfase, pois o modo de construir esta greve pelos estudantes batia de frente com muitos dos docentes que pretendiam continuar ministrando suas aulas. Depois que houve a votação de greve Bárbara e boa parte da gestão se esforçou muito por tentar convencer todos os docentes a paralisar as aulas para conversar sobre a greve com os estudantes. Neste processo, que demorou cerca de um mês para a paralisação das aulas, a gestão teve que se deparar com algumas situações de choque com alguns docentes. Era aí que Bárbara vê uma oportunidade de mostrar a alguns docentes que os estudantes sabem do que estão falando.

A greve começou dia 28 de maio mais ou menos. E aí a primeira aula que eu entrei foi a de pesquisa. A Bruna, A Amanda tava lá. A Lara, esse pessoal de pesquisa (As 3 docentes da disciplina). Aí elas estavam comentando de como o movimento estudantil não fazia sentido de ser de apoio a greve de funcionários, tudo mais. E eu falei não gente? Faz sentido, uma vez que a universidade não funciona sem os funcionários. Se os funcionários aqui do bloco falaram vamos parar, vamos fechar o bloco e não vamos abrir o que que a gente vai fazer né? A gente vai tá lá na praça⁴⁰ ... Mas enfim..., e no meio do caminho a Amanda falou assim: Que na verdade vocês são é um bando de papagaio, só ficam reproduzindo o que vocês veem no movimento. Aí a gente começou a destruir... era um pessoal mais velho mesmo(do ME que interveio na discussão depois).

⁴⁰ Praça do Apego: Pracinha com bancos atrás do bloco de aulas onde muitas vezes os estudantes se reúnem para assembleias e discussões.

Era um pessoal mais do primeiro... ou do segundo ano que tava questionando mais (no início das falas). E eu falei vamos lá intervir né. E quando a Amanda falou isso a gente começou a falar do movimento estudantil, de como a gente se organiza, de como a gente é sim responsável e como ele (o ME) tem toda essa questão da formação, na militância, como os militantes conseguem se inserir dentro de um contexto político que a gente não é preparado pra gente tá aqui na universidade, nenhuma escola prepara a gente pro movimento político.

Bárbara se engajou muito para conseguir paralisar as aulas, para que ocorresse a transmissão das pautas da greve para os estudantes, além de fomentar algumas discussões em sala de aula. Na primeira aula em que entrou na sala para conversar com os professores sobre a paralização, encontrou muita resistência e teve os seus esforços desdenhados por uma das docentes. A Docente disse que o ME só reproduz o que outros movimentos dizem. Bárbara teve a postura de confrontar as ideias desta docente, tentando mostrar que o ME da qual ela participava tinha uma grande organização. Bárbara entraria em choque com muitos dos docentes diversas vezes. Foi esta postura que construiu a sua marca registrada no ME da psico e fez dela uma voz muito ativa nesta gestão do CA e no IPUSP como um todo.

Tinha uma discussão muito forte de reforma curricular. Porque eu lembro que o Pet... um dos objetivos era a reforma curricular dos cursos de saúde das universidades, pra trabalhar no SUS. Esse é o objetivo final do projeto (PET). E aí eu lembro que eu tava bem de cabeça nisso, comecei a me aproximar da CG(Comissão de graduação), e eu lembro que o Amaro tinha bastante essa discussão, então foi bem por aí. Depois disso discutir saúde mesmo foi onde eu entrei mais de cabeça. Fortalecer o CA pra estar mais presente dentro dos núcleos de estudantes da saúde.

Bárbara aos poucos foi se aproximando muito da área dos MEs relacionados à saúde. Foi a sua área de maior engajamento. Vemos que no início, apesar de todas as discordâncias, Amaro foi uma pessoa que indiretamente a inseriu neste debate. O projeto da militância da saúde se relacionava com a mudança da estrutura de currículo e Amaro era representante discente da comissão de graduação, que estava trabalhando na análise da mudança de currículo.

Diferentemente de Amaro, Bárbara viu muitas mudanças positivas realizadas pelo CA,

apesar de todas as intrigas. Talvez por ela ter se engajado muito no projeto da greve, que construiu algumas boas discussões tenha tido essa percepção tão diferente de Amaro.

Mas a gente conseguiu colocar o debate político. Acho que nesse ponto a gente mostrou que existe movimento estudantil na psico e ele existe na discordância, dentro da USP. Hoje, o balanço que eu faço da gestão. A gente falou, foi o que deu pra fazer. Dentro da conjuntura da psico era como dava pra organizar. Era mostrar que tem sim discordância no movimento e que as pessoas precisam ser críticas no momento pra ver de que lado se posicionam.

Bárbara se sente muito confortável nas discórdias. Para ela os maiores progressos acontecem nos debates políticos, muitas vezes acalourados e apaixonados. Ela demonstra aqui qual é a sua visão de progresso “Mostrar as discordâncias no movimento e que as pessoas devem criticá-los e se posicionarem”.

Se por um lado a gestão deste CA não conseguiu trabalhar unificada e isso atrapalhou quase todos os projetos, por outro lado, a gestão, na figura de algumas pessoas, estimulou uma visão muito crítica para com a reitoria e para com a estrutura da USP e do IPUSP. Bárbara, apesar das discordâncias com boa parte das pessoas da gestão que enfatizavam o foco no ME geral, com pautas macro políticas e da USP, endossava muito as críticas destes membros da gestão ao funcionamento do IPUSP e da USP institucionalmente. Se realmente houve algo que esta gestão construiu, foi a crítica à estrutura funcional da USP.

Bárbara foi a pessoa mais ativa da gestão. Propunha e organizava as mesas de debates. Também fazia a maior parte das ações burocráticas da gestão. Era a voz mais marcante do CA nas assembleias e reuniões. Sua postura ácida e extremamente crítica constituía muita presença.

Mas dentro do CA eu acho que eu centralizei muitas ações. Tomei pra mim muitas responsabilidades porque eu não via isso acontecendo nem do lado do Amaro nem do lado da Maria. E as outras pessoas tavam ali tipo... sabe quando elas tão ali e tipo: O que que a gente veio fazer? Num eram elas que propunham.

Atribui muito esta sua postura por achar que Amaro e Maria, as duas pessoas que ela considerava mais centrais na gestão, não estavam tomando as responsabilidades. Quanto

às outras pessoas do C.A. Bárbara não sentia que elas se apropriavam e propunham questões. Diz de um jeito como se elas estivessem perdidas. Talvez as consequências de formar uma chapa tão heterogênea e com pessoas tão sem experiência estivessem aparecendo agora.

Com a falta de diálogo e muitas discordâncias as pessoas começaram a se sentir isoladas para realizarem os projetos pelo CA. Amaro atribui muito dos problemas da gestão a falta de veteranos com experiência de gestão no CA que pudessem mediar e transmitir a sua experiência das gestões anteriores. Algumas das pessoas do CA em seu primeiro ano de gestão devem ter ficado completamente perdidas. Mas Bárbara não enfatiza as discordâncias internas. Ela enfatiza as pessoas não cumprirem o que era esperado delas.

A Maria largou o movimento da Psico pra fazer a campanha do juntos porque era época de eleição. O Amaro não sei porque largou mão desistiu do movimento. Não colava mais nas coisas. Na greve ficou muito ausente eu acho e não levou pra frente aquilo que a gente precisava levar que era a organização dos estudantes. Colocar eles pra discutirem. E aí nesse ponto, eu acho que o fato de eu conhecer muito a burocracia da universidade e da Psico e o fato deles falarem: Vamos conversar, e conversar, o psicólogos da vida. (Acabou ficando como contato do C.A. para a administração e diretoria do IPUSP.

Nos momentos de crise as pessoas se isolam, desistem dos projetos por não verem por onde caminhar. Foi o que aconteceu com Amaro. Tudo que queria construir não havia respaldo. Ele realmente afirma que em determinado momento desistiu de trabalhar pelo CA. Podemos ver que realmente houve muita falta de diálogo na gestão. As razões de cada um para a desistência ou não cumprimento das tarefas é desconhecida pelos outros membros. Bárbara não faz ideia dos motivos de Amaro sobre esta sua desistência. Bárbara não estava vendo esses motivos para que houvesse uma desistência dos outros membros. Com estas desistências tomou para si muitas ações.

”As coisas não iam pra frente. E eu falei, gente, se a gente não for mais combativo, não for mais pé na porta, a gente não vai levar isso pra frente. Mesmo a questão da lanchonete, acho que não iria pra frente se a gente não tivesse radicalizado(a lanchonete da psicologia deveria ter fechado as portas por determinação judicial e não estava cumprindo), mandando uma carta aberta, a questão dos colegiados. Se a gente

não tivesse feito as intersetoriais eu acho que a gente não conseguiria levar pra frente, e na intersetorial eu via que eu tava tomando muito pra mim o movimento estudantil, que toda vez que precisava de um posicionamento dos estudantes todo mundo vinha falar comigo. O olhar pra mim, e aí que que a gente vai fazer.

Bárbara se vê identificada pelos estudantes com o ME da psicologia. A sua postura combativa e o fato de tomar a frente de quase todas as discussões com bastante ênfase e de forma bem agressiva fez dela o sinônimo do ME da Psico. Ela ajudava a construir as plenárias e também era uma das vozes mais influentes nas mesmas.

Sua postura e suas falas sempre eram muito marcantes. Muitas vezes explicitava uma crítica ferrenha a alguns personagens, seja da política do IPUSP, seja da USP. Além de centralizar as tarefas estava fazendo o papel de centralizar as decisões políticas. Muitos tinham medo de discordar e enfrentar a Bárbara nos debates. Com o tempo foi percebendo que as decisões em assembleia e fóruns estavam seguindo os rumos dos seus discursos geralmente.

Nesse momento eu vi que o meu papel não só como CA, mas como Bárbara, dentro do movimento estudantil, tava sendo de centralizar a organização, de tomar as decisões pelo movimento, e aí eu vi que tinha alguma coisa errada. Aí eu coloquei essa crítica em uma das ultimas assembleias que a gente teve (do CA) e eu falei: Gente, não é bem assim. Mas ao mesmo tempo era um pouco isso pois eu era uma das únicas que tava todo dia na greve. Todo dia da greve eu tava aqui na USP, então eu sabia pra onde o movimento tava indo e sabia pra onde ele não tava indo, que era o caso do movimento estudantil. O movimento estudantil não tava indo pra nenhum lugar.

Bárbara reconhece o poder que adquiriu, mesmo sem querê-lo explicitamente. Ditava os rumos do ME na Psico. Sua postura combativa e intimidadora nas falas tornava muito difícil para outros a questionarem. Ela era de fato a maior autoridade entre os estudantes para pautar os assuntos da greve pois era uma das únicas que estavam presentes todos os dias nas discussões de greve e tinha este poder de persuasão muito marcado.

Bárbara se viria neste papel de ditar os rumos desta gestão do CA até o momento da entrevista, períodos finais desta gestão tão conflitiva. A gestão estava organizando as eleições para a próxima gestão do CA.

Na greve as intervenções que a gente fez foi basicamente ligada aos estudantes da saúde, que a gente pautou o HU, que a gente fez assembleia na Medicina, que a gente conseguiu paralisar o CO sobre a desvinculação do HU, que a gente conseguiu fazer movimentação na feira de profissões, que a gente tirou a feira de profissões daqui e foi lá pra não sei aonde. Era isso.

Dá-nos um exemplo do tamanho de sua influência da gestão do CA. Bárbara estava num engajamento muito profundo à época da greve com o Fórum de Saúde. Por conta disso enfatizou muito as intervenções de greve relacionadas as pautas da área da saúde. Realmente foram muitas conquistas que Bárbara nos relata. Muitas conversas e debates sobre temas relacionados à área da saúde foram feitos. Muitas conquistas de seus projetos no Núcleo de estudantes da saúde.

Mas por um pequeno período de tempo Bárbara parou de se mobilizar. É o que ela chamou de desmantelamento do CA.

Minha mobilização se desfez quando o CA se desmantelou no meio da greve. E depois, no final da greve, o CA voltou com uma força porque a gente precisava assegurar algumas coisas. Reposições de provas, aulas, trabalhos. A gente teve que negociar. A gente foi comissão assessora junto com a CG. Fez reunião com a diretoria. Daí que saiu varias reuniões com a diretoria que a gente tem hoje, que é reunião CA, Atlético e Golpe (3 entidades estudantis da Psico). Reunião que a gente tem com a diretoria pra discutir várias coisas do movimento estudantil. Acho que isso deu muita força pro CA. O CA conseguiu encampar essa discussão dentro da estrutura da Psico...aí o CA pra mim, começou a fazer menos sentido a partir daí. Gente, a gente já conseguiu colocar pros estudantes da Psico que tem que ter critica, tem que ter mobilização, discussão politica, e era essa a função fundamental da chapa, que a gente se colocou.

Bárbara já nos tinha mostrado algumas conquistas do C.A. no início da greve. Agora nos conta também algumas conquista do final da greve. Para Bárbara foi o único momento em que parou de se mobilizar, talvez porque o pouco respaldo que tinha de alguns do grupo do CA se esvaiu completamente. Mas foram muitas conquistas posteriores, na qual esteve muito engajada. A negociação de reposição de aulas e provas junto com a Comissão de graduação (CG) mostra o respaldo que o CA estava tendo. Também foi construído um espaço de reunião de entidades estudantis com a diretoria.

Depois das tarefas do pós greve construída pelo CA foi tendo cada vez menos interesse na gestão. Sua mente estava voltada para os trabalhos do Núcleo de Saúde.

Apesar de ter tido uma gestão bem complicada, ela considera que houve muitos ganhos na administração que realizou a frente do CA. Bárbara também vê o ME na Psico muito a frente de outros lugares. Não só como movimento estudantil mas como convivência e conversa política entre os estudantes de maneira geral. Bárbara conheceu muitos outros movimentos estudantis de outros cursos e outros CAs na USP. Para ela nenhum deles se compara em capacidade de diálogo com os da Psico.

... aqui na Psico é uma realidade... meu... quase singular, não vejo isso acontecendo em nenhum outro curso na USP. Talvez na educação exista um pouco isso de todo mundo tá todo dia trocando ideia no corredor, de falar, de pensar, de ser uma assembleia orgânica. De ter uma assembleia mais participativa, isso que a gente construiu aqui na Psico não existe quase em nenhum lugar. Por exemplo a Bio (Biologia), a bio é CA de autogestão. Eles não sabem quem é o RD da congregação deles sabe? Não é uma organização orgânica assim sabe? Então as relações do movimento estudantil são muito desgastadas nas relações interpessoais.

Interessante notar isso pois esta é uma das reclamações mais correntes dos próprios estudantes do IPUSP. A capacidade de diálogo. Talvez o lugar da psicologia seja sempre questionar o seu próprio lugar de fala.

Bárbara sabe que ajudou a construir este espaço. Se sente muito orgulhosa disso. É desses ganhos que vem a sua sensação de conquista à frente da gestão do CA.

O grupo de RDs também foi um espaço que Bárbara esteve presente e atuante. Bárbara dá muito respaldo para esta forma de atuação de movimento estudantil na Psicologia. As discussões conjuntas entre os RDs e o CA proporcionam projetos e ações muito mais coerentes. Bárbara viu que em muitos outros cursos de graduação da USP não havia este intercambio entre CA e RDs. O espaço da psicologia é para ela privilegiado. O lugar do qual odiara tanto no início de sua graduação era agora um dos espaços de maiores diálogos que para ela existia.

08. Formação?

Bárbara relutou em considerar que a formação em psicologia, as disciplinas, os professores, tivessem alguma contribuição em sua formação humana e política. Disse que suas maiores referências eram as suas amigas. Elas eram o modelo de militância para Bárbara. Também conta que foi o próprio ME que a formou para atuar e discutir.

Nitidamente a formação em psicologia lhe transformou. Mas ela reluta por admitir que isto ocorreu. Já nos disse antes que no começo de sua graduação tinha muita resistência com a psicologia. Talvez isso tenha influenciado profundamente a sua visão sobre o curso.

Mesmo não querendo falar de maneira geral que o curso contribuiu em sua vida, nos conta de episódios marcantes em sala de aula. Situações que fizeram ela se direcionar para a área da saúde.

...nessa matéria de OP⁴¹ que eu tava falando antes, foi o que mudou um pouco o modo como eu via... (A partir da disciplina) Eu via a Psico de um modo mais amplo né? Um leque de possibilidades.

Nos mostra outro exemplo. Agora numa situação vivida por ela no fórum da saúde, sobre o quanto uma visão diferenciada que aprendeu na psicologia contribuiu para que ela pudesse trazer coisas novas para o projeto do núcleo da saúde. Nos conta as diferenças que julga haver entre o funcionamento dos MEs tradicionais e do Núcleo.

...tem muito influencia disso que to falando da ideia de trabalhar em grupo, dessa coisa que vem da escuta psicanalítica, de diferenciar as pessoas pra um projeto comum, a gente (Núcleo da Saúde) tem um pouco isso que o movimento estudantil não consegue desempenhar. O movimento estudantil acha que todo mundo tem que pensar as mesmas coisas e fazer as mesmas coisas pra ter um projeto comum.

Claramente Bárbara nos mostra que o espaço mais significativo que vivenciou como experiência política foi o Núcleo de estudantes de saúde. Faz uma crítica aos MEs e

⁴¹ Orientação profissional

mostra como esta visão que a psicologia te deu está ajudando a pensar os problemas que está encontrando nas discussões do núcleo de estudantes da saúde.

da Psico, que aí eu num sei se dá diferença, mas eu acho que dá, de se formar psicólogo, pra ter esse tipo de visão do outro. Isso pra mim tá sendo fundamental. E eu percebi muito isso quando eu comecei a discutir feminismo dentro dos coletivos.... a militância coloca um pouco de ... não ser humilde o suficiente... Então acho que tem uma coisa que a militância faz que é isso, de dar muito... de você pode resolver tudo. A militância se coloca nesse posição. Você sabe, faz a critica, entende e consegue responder a tudo? Meu, você não consegue, não vai dar conta, seja eles próximos a você, seja ele estrutural, ou superestrutura que existe hoje do capital. Enfim, não vai dar conta. E dessa questão da humildade, da autocrítica, do outro como outro e não como mais um que tá ali pra construir o movimento, eu acho que é o que falta... e é o que a psico faz muito... ... de abertura ao outro mesmo, acho que a psico faz bem.

A psicologia deu à Bárbara, segundo ela própria a capacidade de ter a humildade de saber que não vai conseguir dar a resposta a todos os problemas e que ouvir as pessoas, seus sofrimentos, suas angústias, é parte fundamental do processo de participar dos grupos de militância. A psicologia humaniza e possibilita que você enxergue o outro como outro e não como mais um “que irá construir o movimento”. Bárbara aqui finalmente reconhece profundamente o quanto a formação em psicologia contribuiu para ela ter o conhecimento e sensibilidade que adquiriu. Sua visão na relação com os outros foi transformada ao longo de sua graduação. O seu estilo agressivo e crítico ganhou novas colorações com o que aprendeu no curso e nos estágios em psicologia.

09. A militância na área da saúde.

Bárbara foi uma das pessoas que criticaram muito o modelo dos estágios do instituto de psicologia da USP na área de saúde mental. Não teve boas experiências com os estágios obrigatórios relacionados com o contato com pacientes internados nestas instituições.

A discussão sobre mudança nos estágios de saúde mental é antiga no IPUSP,

questionando o modo como os estudantes entravam em contato com pacientes de saúde mental. O contato era muito incipiente. Na medida em que o tempo passava a confiança entre estudantes e pacientes ia crescendo, tornando o trabalho mais interessante. No entanto a disciplina se encerrava ao fim do semestre e ocorria então um rompimento brusco de contato dos estudantes com o paciente.

Bárbara ficou inconformada com esta experiência nas disciplinas de saúde mental. Muitas das principais pautas que ela trouxe posteriormente quando se tornou gestão do CA estavam relacionadas á questionar o currículo da área da saúde no IPUSP.

Bárbara no entanto encontrou um lugar em que a sua atuação na área da saúde a deixou esperançosa, vendo grande potência de ação. Foi o Núcleo de estudantes da área da saúde.

Bárbara nos conta sobre o seu estágio no PET (Programa de educação pelo trabalho) na área da Saúde. Programa que a introduziu de forma mais marcante na área da saúde.

É um programa do ministério da saúde (Sobre o PET-Saúde)... que dá bolsas, que é um projeto que foi conquistado dentro do ministério da educação junto com o ministério da saúde, porque os professores eram militantes aqui da USP e aí ele (um estudante que fez PET-Saúde) falou disso e eu falei. Ah, eu to precisando de bolsa. Pode ser que isso seja interessante né. E aí, logo depois, duas semanas depois, a Emili (docente responsável pelo projeto) mandou um email pela CG. Não sei porque chegou em mim primeiro, falando assim: Tá abrindo bolsa pro PET e... eu falei tá beleza, vamos, não conheço esse rolê. E aí eu fui e... fui selecionada de cara assim. Era eu e a Yasmin do meu ano da psico.

Bárbara entrou em contato por acaso com o projeto PET-Saúde. Um colega da Psicologia que havia feito o projeto comentou com ela a respeito do mesmo. Falou que havia bolsa para o projeto e Bárbara se interessou a princípio não por causa do projeto em si, mas estava precisando do dinheiro da bolsa. Em pouco tempo chega então em sua caixa de email a divulgação da seleção de bolsistas para participar do projeto PET-saúde. Bárbara e uma amiga de sua turma foram selecionadas. A partir de então ela entra em contato com este mundo da área da gestão de saúde.

E aí eu comecei a acompanhar a UBS. Comecei a participar das discussões do

conselho gestor também, que é aqui na USP. Comecei a perceber essas dinâmicas de como funciona a universidade. De como a política dela era sempre barrada na... prô-reitoria de graduação, é, enfim. Aquela coisa toda. E as duas professoras que eram aqui da USP que eram da coordenadoria do projeto... Elas começaram a falar várias coisas assim, da militância delas, da história delas. Um dos seminários tinha a Mirtes, professora da saúde pública, que contou a história de construção do Pet. da área da saúde, a treta toda, os ministros, blablabla, o governo federal. E eu falei nossa né? O negócio é mais em cima... então..., dá hora.

O PET-Saúde permitiu à Bárbara conhecer as políticas públicas relacionadas à área da saúde. Acompanhou discussões dos principais docentes da área e também das discussões dos conselhos gestores. Conheceu a burocracia universitária através deste projeto. Também entrou em contato com a história de militância das docentes que a estavam acompanhando. Histórias estas que mexeu muito com o que Bárbara vislumbraria de possibilidade de atuação na área da saúde. A história destas docentes inspirou Bárbara a querer se envolver cada vez mais com esta militância.

A compreensão que o PET-Saúde deu à Bárbara a respeito das questões macro políticas envolvendo as decisões da área da saúde e a compreensão da influência destas macro políticas no cotidiano da gestão dos hospitais, UBSs e outros equipamentos de saúde deixaram ela muito animada das possibilidades de trabalho. Respeitou muito o caminho trilhado por estas professoras que compartilharam com ela estas discussões a respeito da macro política. Bárbara de certa forma estava sentindo se aproximando do poder de novo. Do mesmo modo como se sentiu potente na sua adolescência para conversar com o prefeito de sua cidade para tentar resolver o problema dos ônibus, Bárbara estava se sentindo com este poder de mexer nas estruturas de novo. Com isso começou a ver muito poder do conhecimento da psicologia para transformação de algumas áreas, da política em geral, e do poder da psicologia e de sua formação para todo seu sentido de engajamento futuro.

Nisso eu comecei a acreditar que a psico poderia ser um lugar de intervenção num negócio mais macro político. De achar que as coisas da USP não são só da USP. Enfim... E aí, em contato com os trabalhadores da UBS,... projeto da região Oeste da

FFM⁴². Comecei a ver toda essa coisa de fundação, enfim. Aí eu me aproximei do pessoal da saúde, que faz hoje o núcleo de estudantes da saúde. Pessoal da enfermagem, que tem uma militância muito mais antiga, pelo fórum popular de saúde também. Aí comecei a entrar nisso. Aí entrei aqui na... não entrar, comecei a conhecer, era uma coisa distante ainda, mas aí, quando veio 2014, depois de formar o CA, eu comecei a entender um pouco mais, e aí começou a fortalecer a (área da) saúde, a organização dos Centros acadêmicos e o CA da Psico entrou também por mim e pela Maria, no núcleo de estudantes da saúde. E aí eu comecei a discutir mais a macro política.

Bárbara começou a entender mais claramente que a função da USP não era tratar das questões internas à ela. A USP, como universidade pública, teria como obrigação pensar e agir para fora dela. O PET-saúde proporcionou esta visão para Bárbara.

Através deste projeto conheceu estudantes de outras áreas da saúde e com eles conheceu melhor a militância específica da área da saúde.

Quando formou a chapa do CA, um de seus maiores objetivos era fortalecer o intercambio e o contato do CA e dos estudantes de psicologia com outros estudantes da área da saúde. Nesta empreitada conheceu o Núcleo de estudantes da área da saúde, projeto de estudantes para pensar a área de gestão de saúde de maneira conjunta entre todas as profissões ligadas à área da saúde. Quando conhece o Núcleo e conviveu com as pessoas dos outros cursos da saúde fica com muitas dúvidas se a psicologia teria condição de formar alguém para trabalhar na área da saúde de verdade. Achava que o curso de psicologia da USP não daria condições para esta formação em saúde.

Começou (O núcleo de estudantes da saúde) dentro do C.A da MED (Medicina) que lá eles também estavam numa discussão de mudança curricular desde 2005 e o pessoal tá até hoje lá fechando as mudanças estruturais. A Nutrição e a enfermagem tinham acabado de passar por uma mudança no currículo, então era uma questão que juntava todo mundo ali (A questão curricular) e foi quando eu comecei a pensar em deixar o curso de Psicologia pra fazer o de saúde pública. Comecei a pensar que não é bem por aqui que eu vou conseguir me formar na saúde, mas ao mesmo tempo é aquele medo né, eu tava no segundo ano, mas aí eu pensei que dava pra fazer a psico e depois fazer

⁴² Fundação Faculdade de Medicina

outra coisa. (pg29).

Pensa em desistir do curso de psicologia e fazer o curso de saúde pública. Quer se formar para a área da saúde. Surgem outras questões em sua vida familiar que a fará decidir, por fim, qual carreira decidirá por seguir.

Foi a época também que eu comecei a trabalhar com o meu tio na perfumaria. É outra história mas tem a ver com isso, que eu via que a minha família começou a fazer negocio próprio e meu pai ficou pensando em como ia dar continuidade nisso e eu pensei: Meu, to no lugar errado, porque ninguém da minha família é da saúde e não vai ter o porque eu continuar aqui (psicologia) se for pra tocar as coisas da família, então talvez faça mais sentido eu fazer alguma coisa de administração, pensei em fazer economia, enfim, comecei a questionar a minha formação. Mas aí pensei, eu tenho que dar um norte pra isso aqui e eu curti estar na psico e eu montei chapa e eu vou ter que ir com a chapa até o final. Então no terceiro ano eu falei: Preciso ficar aqui. E aí foi quando as discussões da saúde começaram a fazer mais sentido. O negócio da família, minhas irmãs que se virem pra tocar, ou meu pai dá um jeito de fazer qualquer coisa e eu desisti disso (dos negócios da família) e quando eu me formar vou trabalhar na saúde.

Muitas encruzilhadas apareceram na vida de Bárbara neste período. Estava em seu segundo ano da graduação, começando a tornar o espaço da universidade e suas pessoas como seu espaço de significância. Tinha ingressado a pouco tempo no estágio do PET saúde, que foi um grande alento para sentir a prática no curso de psicologia. Tinha agora muitos amigos na militância. Agora Bárbara realmente teve que escolher entre algumas possibilidades de vida que se desenharam a ela. Deixar de se envolver na universidade e manter sua vida voltada para sua família, amigos e namorado do interior? Se engajar na psicologia de vez pois estava começando a se sentir parte do IPUSP e de sua comunidade? Largar a psicologia e fazer o curso de saúde pública para se formar melhor na área de engajamento que acabara de encontrar? Trabalhar com seu tio na perfumaria e dar continuidade aos negócios da família, talvez fazendo uma formação mais administrativa? Decisão difícil para Bárbara, ainda mais sabendo a importância que ela dava para as opiniões de sua família.

Quando monta a chapa do CA decide manter-se na psico e manter seu foco na área da

saúde. Precisaria “dar um norte” para tudo que estava gostando tanto de participar; o PET-saúde, o núcleo de saúde, a política universitária. Tinha decidido neste período os caminhos que iria tomar dali em diante. E realmente mergulhou profundamente neste caminho. O CA fazia pare disso.

Aí eu comecei a articular mais com os cursos da saúde. 2014 foi quando a gente tinha a chapa do CA, temos que fortalecer o CA e tem que estar pra além da psico... No meio da greve, em 2014, que 2014 só foi isso... teve um ato em conjunto, do SINTUSP⁴³, o fórum popular de saúde da capital, periferia ativa, um pessoal que tava discutindo fazer uma ação muito grande na cidade batendo (criticando) nas secretarias de saúde. Era a secretaria estadual, secretaria municipal, de Embu, de Santo André e Taboão da Serra. E eu falei, nossa, esse negócio é muito da hora.

Bárbara se envolve de uma maneira muito intensa com as militâncias da área da saúde e queria trazer a gestão do CA da psicologia para estas discussões e ações. Bárbara cada vez mais se envolve com os trabalhadores da USP, muito por estar em contato com muitos dos trabalhadores da saúde da universidade por conta dos projetos do PET saúde e do Núcleo de estudantes da saúde. Ela se envolve com atos e protestos contra medidas da secretaria estadual, que pretendia reformular e desestruturar o funcionamento do HU (Hospital universitário da USP). Bárbara estava vendo suas ações terem consequências, terem sentido. A grandiosidade das manifestações e o vislumbre de poder mexer em estruturas tão fundamentais na gestão da área da saúde a empolgaram bastante.

Aí eu fui numa reunião, que o Kauê que trabalha aqui foi, foi no fórum popular de saúde que teve lá no centro. A gente tá pedindo ajuda do SINTUSP que a gente sabe que vocês tão lá em greve em defesa do HU⁴⁴ também, então a gente queria que vocês estivessem junto com a gente pra ir lá na Secretaria estadual.... Achei ótimo ,achei lindo, achei que os estudantes tinham que estar também. Falei pro núcleo que a gente topa, e aí eu vi que o núcleo não tava pronto e eu acho que as pessoas não estavam convencidas o suficiente que a gente tem que ir lá bater na secretaria. Eles estavam convencidos de que tem uma estrutura da universidade que é bizarra, que é a reitoria e tal, e tem que bater na reitoria. E aí eu vi que eu tava descompassada com o modo como eu tava na militância. Eu tava com um ideal de levar a militância pra fora da

⁴³ Sindicato dos trabalhadores da USP

⁴⁴ HUUSP: Hospital universitário da USP

universidade e eles (O núcleo e outros CAs de saúde) não. E o próprio CA da psico também não.

Esta empolgação em se envolver com os movimentos de trabalhadores da área da saúde, com críticas as secretarias, seja no âmbito estadual, seja no municipal, não era a intenção do núcleo de estudantes da Saúde da USP aparentemente. O foco do Núcleo de estudantes da saúde era realmente um contraponto as medidas da reitoria. Bárbara sempre nos conta esta história do modo como achava que deveria ser o tipo de militância. Agressiva, muito critica. A palavra que usa é bater para se referir às atitudes que queria tomar com relação à secretaria estadual.

Bárbara, pelo seu impulso de achar que o projeto desta militância era completamente pertinente ao Núcleo, disse que topou participar desta manifestação contra as secretarias, mesmo sem uma discussão prévia com o Núcleo. Nisso Bárbara percebeu claramente como os seus objetivos estavam descompassados do núcleo. E também com o CA da psicologia.

Independentemente destas divergências, o núcleo da saúde continuaria um espaço muito significativo para Bárbara.

Na saúde faz muitos anos que existe esse núcleo de estudantes da saúde. Que ele era muito mais ativo a uns 3 anos atrás e aí o ano passado meio que a gente reviveu ele e falou que aqui não é só os centros acadêmicos que tem que estar, são os estudantes da saúde que tem que tá. Então que que os estudantes da saúde vão pautar. E aí a gente reconstruiu o núcleo, refundou o núcleo para pautar a saúde na Universidade. E aí foi quando eu me aproximei. É uma coisa meio de frente única, de quem tá aí pra fazer os corres do núcleo estar participando. Bem autogestionado e participativo, bem diferente.

Bárbara gastou muito de suas energias para ajudar na reconstrução do Núcleo de estudantes da saúde, tentando trazer as discussões e a integração das profissões relacionadas à saúde para o máximo de estudantes possível. Fez um grande esforço para pautar diversas discussões no IPUSP através da gestão do CA sobre pautas do núcleo. Fala sempre muito bem da forma como as conversas e discussões acontecem no núcleo. Foi um espaço de muito compartilhamento e aprendizagem, um espaço potente para realizar seu sonho de atingir o máximo de estudantes possível da área da saúde.

Contrapõe a forma de gestão do núcleo à forma de gestão do DCE da USP. Criticando muito o funcionamento do movimento estudantil geral.

Na última reunião que a gente teve, inclusive foi na Psico, do Núcleo, a gente tava falando, não da pra gente jogar a responsabilidade pro DCE. Se a gente quiser fazer alguma coisa pelo Movimento estudantil a gente vai ter que se mobilizar porque o DCE faliu. O pessoal começou a fazer critica pro DCE, gente criticando.

Bárbara nunca se envolveu diretamente com a política do ME geral da universidade e os grupos vinculados à partidos políticos. Não via por onde a gestão do DCE pudesse fazer alguma coisa pelas pautas da área da saúde. Para Bárbara a gestão do DCE não propiciava os debates e reflexões genuínas do Núcleo.

Ela nos dá um exemplo de como era uma discussão de projeto e politica no Núcleo de estudantes.

Era importante para o Núcleo de saúde e para o curso de saúde pública organizar uma feira de profissões, para inclusive divulgar o curso, mas para esta feira acontecer, uma greve de trabalhadores teria que ser quebrada. Como solucionar este impasse?

Eu lembro que quando a gente tava discutindo a feira de profissões. Pra saúde Publica era essencial que a feira acontecesse, porque é um curso novo. Precisa ter a feira de profissões, pra falar o que é o curso, pra chamar as pessoas que estão na duvida entre medicina e enfermagem. Pra falar: “Olha tem um curso de saúde publica” porque, assim que é difícil o curso se manter. Que tinha tão pouco ingressante e muita desistência que o curso tava correndo o risco de não existir mais. Então foi através da feira, deles investirem muito nisso que o curso conseguiu continuar. A gente entendia a importância disso. Mas a gente não pode comprometer uma greve de trabalhadores de não sei quantos dias, por uma questão destas. Então o que a gente vai fazer? A gente vai fazer uma feira de profissões alternativa? Vamos. Como que a gente vai fazer? Ai tava posto. Se a gente viesse com uma direção do tipo: “A gente não vai fazer a feira de profissões porque a gente não é a favor do projeto da reitoria” a Saúde Publica tinha saído em peso. Não há mais participado da organização. E nisso eles poderem chegar e falar: “ Gente, vocês estão questionando a feira, tudo bem. Mas a gente precisa fazer alguma coisa. Então a gente vai questionar junto a feira de profissões da reitoria e

fazer uma outra alternativa.” Então, assim. Essa é a relação pessoal que existe. E brigando. Um pessoal p... comigo. Porque velho, Vocês tão apoiando um treco que tá destruindo, você quer mesmo que seu curso seja financiado pela FFM. A não, não é isso que to falando. A não é isso, mas você quer que a feira de cursos aconteça, quebrando o trabalhador, falando que a universidade é linda? Que é aqui que as pessoas tem que estar? Não, eu quero que exista pra garantir que meu curso continue existindo. E aí toda a critica foi feita. A critica da própria feira. Critica da reitoria. E aí a gente conseguiu pensar num projeto juntos... Aí todo mundo, não só quem tava mais forte na greve, mas todo mundo que tava interessado na feira tava nessa feira alternativa.

Relação de interesse ao outro interno ao grupo é de extrema relevância pelo que nos conta Bárbara. Sadala⁴⁵ (1999) nos conta sobre a importância da noção de alteridade para pensar as práticas de saúde, sendo que em períodos anteriores a noção de razão abstrata como fundadora do sujeito era predominante. Vemos esta noção de alteridade sendo transmitida internamente ao grupo de discussão do núcleo.

Conseguiriam pensar num modo de fazer uma feira de profissões que contribuísse para a divulgação do curso de saúde pública e ao mesmo tempo não quebrar o movimento de greves dos trabalhadores? Se a feira fosse feita nos moldes convencionais, muitos dos trabalhadores da USP em greve deveriam retornar ao trabalho, furando a greve.

Não sem discussão e intrigas o grupo do núcleo de saúde conseguiu pensar num modelo alternativo de feira de profissões que contemplasse as demandas do curso de saúde pública e não afetasse os trabalhadores em greve. O mais importante para Bárbara foi que durante este processo realizaram toda uma discussão crítica a respeito da feira de profissões, critica à reitoria, que tornava aquele grupo mais apropriado e consistente para pautar suas ações com plena convicção do que estavam realizando. Todas as faculdades presentes no núcleo de saúde encamparam a ideia de construir uma feira de profissões independente e alternativa. Teriam que todos trabalhar e organizar muito bem para ela se efetivar com sucesso.

⁴⁵ SADALA, M.L.A. A alteridade: O outro como critério. In: *Revista da escola de enfermagem da USP*. 1999.

O movimento de saúde dentro do movimento estudantil foi o que de mais importante aconteceu para Bárbara. Vislumbrar os caminhos de sua carreira naquele momento de sua vida. Trouxe-lhe animo e lhe deu o sentido que faltava para o curso de psicologia. Este grupo construiu uma apropriação crítica muito interessante e foi o que manteve Bárbara presente no curso de psicologia. Foi aonde ela também conquistou uma tranquilidade de pensamento e uma compreensão muito profunda de lidar com as diversidades de pessoas e pensamentos em um coletivo. Se o curso de psicologia contribuiu teoricamente para pensar em ouvir mais o outro e entender seus motivos, o Núcleo de estudantes da saúde permitiu a Bárbara vivenciar isso na prática cotidiana.

Futuro

10. Futuro e Reflexões.

Bárbara diferencia o ME tradicional, o que se organiza geralmente por partidos políticos ou grupos políticos organizados por diretrizes e ideologias claras, dos movimentos estudantis que geralmente não se apegam a esta nomenclatura⁴⁶, como os ME de curso, os CAs, os grupos de RDs e também o Núcleo de estudantes da saúde, do qual participa.

Para Bárbara, quando falamos de ME falamos de tudo aquilo que ela abdicou de participar, pois não achava que teria algum propósito dentro do seu projeto de ação política. Tudo que participou não considera pertencente na categoria ME, nem o CA, nem o núcleo de saúde.

Movimento estudantil, na concretude dele hoje é uma coisa bem bizarra, assim. Porque o movimento estudantil ele não constrói a categoria no sentido de não constrói a base pra levar os estudantes pra um certo tipo de questionamento sobre que tipo de educação que a gente quer. Eu não vejo o movimento estudantil sendo alguma coisa

⁴⁶ A discussão sobre como estamos o significado de ME previamente está na parte metodológica.

nesse sentido. Pra mim, o movimento estudantil é uma disputa da juventude. Uma disputa declarada dos movimentos organizados, de quem que vai levar a juventude pra si.

Esta visão de Barbara mostra sua descrença aos ME que conheceu na universidade. Tamanha era a impressão de que todas as argumentações e ações tinham o único propósito de disputar entre esses grupos qual deles vai direcionar a juventude. Bárbara não vê os MEs tradicionais enfatizando a problemática da construção de uma categoria de estudantes no cotidiano, pautando as questões educativas.

Então pra mim, movimento estudantil é meio essa questão assim. De uma disputa interna. Principalmente desse movimento estudantil que a gente vê na USP, é uma disputa interna na esquerda, pra ver quem vai dirigir o movimento sabe? Não constrói a categoria, não constrói a base. Não constrói a discussão da educação. Tipo ontem, teve a discussão do CONUNE e da UNE⁴⁷... do CONUNE e da ANEL, que o congresso da UNE e o Congresso da ANEL⁴⁸, que vai acontecer no mesmo feriado né? Eles tavam falando: Não, tem que construir a ANEL, por causa disso, disso e disso, porque a UNE é falida. E os outros, não, tem que construir a UNE, porque a UNE é onde estão os estudantes e blábláblá... E isso eu concordo com o Cristian que tava falando lá que, tipo, não adianta a gente ficar discutindo como a gente vai construir o congresso se no dia a dia a gente não tá lá construindo o movimento, questionando, presente no dia das pessoas, vendo qual a treta do FIES⁴⁹, vendo qual a treta do PROUNI, vendo qual é a treta das Estaduais, das Federais (Universidades).

Bárbara nos conta sua impressão das discussões dentro deste ME mais macro político. Os grupos tentariam construir as discussões e enfatizar os eventos que privilegiariam os seus próprios grupos. As discussões teriam como prioridade a manutenção de tal ou qual grupo no poder e no comando. Por mais que as argumentações não transpareçam o foco na manutenção de poder, o motivo implícito de toda a retórica discutida seria defender o próprio grupo.

⁴⁷ CONUNE é o congresso da UNE. UNE: União nacional dos estudantes. Entidade que representa oficialmente a categoria estudantil no âmbito nacional.

⁴⁸ ANEL: Assembleia Nacional dos Estudantes Livres. Assembleia construída pelos estudantes ligados ao PSTU

⁴⁹ Ambos são programas governamentais de financiamento de estudos por parte do governo federal em faculdades particulares.

Os grupos para Bárbara não se preocupam com o que seria mais crucial de se pensar. A construção de uma união com a maior parte dos estudantes universitários.

E aí teve uma fala de um cara da “Juventude as ruas” que apesar de não concordar muito é a política que eu mais me aproximo hoje. E ele falou: Eu não vou convidar ninguém pra construir um ou outro. Porque não é por aí que a gente vai conseguir unificar os estudantes. Se a gente falar: A ANEL que vai unificar os estudantes ou a UNE que vai construir o caminho, a gente nunca vai chegar no macro que é construir a categoria de estudantes.

Bárbara gostaria de pensar uma possibilidade de unidade entre esses diversos grupos que tentam angariar o poder de levar a juventude para o seu lado. Enquanto os grupos tentarem levar para si a responsabilidade de construir a voz da categoria sem antes construir de fato o diálogo entre estes estudantes, o movimento continuaria sendo muito distante dos estudantes.

...mas tem que construir uma outra via que é construir a base dos estudantes né? Chegar nas faculdades particulares, que é o grande número, noventa e tantos por cento de estudantes universitários estão nas particulares e ... tudo bem, tem o PROUNI, o FIES, que são ótimos pra vocês estarem na universidade mas não são a saída para a educação de qualidade. E isso nenhum dos 2 congressos (Da UNE e da ANEL) tentou fazer, nenhum. E nem as oposições assim.

Bárbara pensa na quantidade de estudantes universitários, principalmente nos que estão nas faculdades particulares, que não encontram representação nem voz nos MEs. Quando fala de base é conseguir construir esta rede que conseguiria significar as pautas deste grande número de universitários, que apresentam representação pífia nos MEs, para que juntos destes construam projetos para pensar a classe de estudantes universitários como um todo.

Como contraponto ao funcionamento do MEs aqui de São Paulo ela cita outros lugares em que julga há um funcionamento do ME muito mais interessante segundo sua opinião.

Mas por exemplo, o movimento estudantil do Nordeste, ele é bem diferente, ele é bem mais radicalizado. Bem mais organizado entre as Federais e tem bem mais discussão.

Eles levam muito mais a sério os encontros nacionais, tipo o ENEP, e dos outros cursos também.

Bárbara conheceu o funcionamento dos MEs do nordeste. Nos conta que lá apresentam uma organização e um enraizamento muito maior com a classe de estudantes das federais em geral do que apresenta o MEs geral aqui da USP.

Bárbara explica o que quer dizer com base de estudantes e sua visão da participação dos mesmos.

Tem gente que lidera. Que não dá pra todo mundo dedicar a vida pra militância, mas não tem como estar descolada da realidade concreta de quem tá vivendo o que é ser estudante. E base pra mim é isso, é construir a discussão no dia a dia com os estudantes.

Bárbara está consciente de que não é possível a todos os estudantes terem a dedicação e a participação que ela e outros membros de MEs se propõe. Alguns devem exercer a liderança do movimento. São estes que fariam o papel do político tradicional e profissional. Mas ao mesmo tempo sabe que não é possível estas lideranças representarem os estudantes se estiverem completamente descoladas do cotidiano destes a ponto de não poderem construir no movimento pautas que pertinentes a esta classe. Esta discussão de base, sobre o dia a dia dos estudantes não estaria sendo feita por esta classe de lideranças, descoladas já da vida de estudante e tão focada na política burocrática e midiática.

... o movimento geral organizado, ele é bem problemático eu acho, nas relações pessoais. Porque você tem figurinhas marcadas. Você sabe quem tá dirigindo o Juntos, o PSTU, a LER, POR, a ULTRA, as figurinhas. Então vamos dizer que essas pessoas, elas constroem o movimento pra si. Elas constroem o movimento estudantil pra dizer assim: “A gente que vai conseguir articular os estudantes, a gente que vai conseguir radicalizar, a gente que sabe qual é o caminho pra ter uma saída pra educação”.

Bárbara enfatiza diversas vezes o Narcisismo de certas lideranças dos principais grupos de MEs e que acabam invertendo a relação que se propõe a construir. Ao invés de possibilitar os estudantes discutir um assunto para uma posterior decisão, essas pessoas tomam para si as decisões desses coletivos.

É eles colocam a diretriz do movimento. Então qual a diretriz do grupo? É construir o grupo independente do que eles vão fazer. É construir, aparelhar pra dizer que o grupo está na luta. Não vejo nada além disso.

Parecer atuante e não ser atuante é a essência do ME segundo Bárbara.

(Sobre um grupo de ME)...ela é muito sectária, eles dizem que não vão defender cotas se a gente não defender o fim do vestibular. Meu amigo. Quanto de força você tem pra defender o fim do vestibular? Quanto de força que você tem? Quase nula. Você vai realmente peitar uma fundação tipo FUVEST? Você não vai amigo, então a gente tem que defender cota agora. Esse tipo de discussão que não acontece no movimento. Eles dizem: “Eu tenho a minha política e é essa que eu vou seguir, e eu tenho a minha, e eu a minha”. E as relações pessoais são: Quem que vai levar a fatia do bolo? Então as relações pessoais não existem no sentido de poder falar entre as lideranças centralizadas qual que vai ser a política comum, não existe na experiência que eu tive.

Bárbara considera que as propostas destes grupos do MEs tradicional são completamente fora da realidade. Radicalizam de uma maneira a parecer que estão sendo revolucionários quando na verdade esta radicalização é completamente propagandística e impossível de se realizar dada as condições. Cada grupo, dentro de sua proposta e sua ideologia, criariam lutas revolucionárias fantasiosas, completamente longe da realidade possível e palpável. O diálogo entre as pautas reais e esses grupos é próximo do nulo segundo Bárbara. Cada grupo mantendo suas pautas e lutando sozinhos pela sua fatia de poder dentro do bolo de poder dos MEs na USP.

Bárbara nos conta a sua visão sobre a separação entre a militância organizada e os estudantes de maneira geral na Faculdade onde há maior movimentação política na USP. A FFLCH.

Não constrói a crítica no sentido de não construir a política cotidiana (os MEs). Vem com uma política pronta. Por exemplo a FFLCH⁵⁰. É um reflexo disso. O pessoal tá esgotado de política lá. Não aguenta mais ouvir falar de política. E numa greve de 100 dias (duração aproximada da greve de 2014) a FFLCH estava esvaziada. Você ia lá durante a greve e a FFLCH estava vazia. Nunca ouvi falar de uma história da FFLCH

⁵⁰ Faculdade de filosofia letras e ciências humanas da USP. Faculdade que concentra a maior parte dos Movimentos Políticos e Sociais estudantis da USP.

que foi tão desgastante. Não dá pro partido ficar brigando. Vem comigo que vai dá certo, era isso que acontecia lá. E não é a toa que o PT tenha levado os CAs. Só pra tentar concretizar um pouco o sectarismo dos movimentos. Lá quem levou CA foi quem escreveu no seu projeto... é, quem comprou uma geladeira e uma cafeteira pro Centro Acadêmico. Não adianta você ficar discutindo se a gente é a favor da estatização da educação ou se a gente é contra o fim do vestibular e cotas, ou se é a favor. Não adianta mais. O que adianta é o que toca no cotidiano daquela pessoa. Sabe, aquela galera que a maioria trabalha e estuda. Dá conta de fazer a graduação, de casa, da vida, e mano, tá na universidade, é estudante. É isso. O pessoal não consegue ver além da militância organizada sabe? Não consegue tocar a vida das pessoas no sentido de falar: Olha, a gente sabe que é super difícil. A gente não tá te cobrando, a gente não tá falando vem construir a luta todo dia. Mas assim, na politica a gente tem que estar discutindo com você também, isso os movimentos não conseguem fazer.

A FFLCH esvaziou durante a greve de 2014. Justamente a faculdade que concentra a maior parte de movimentos sociais e políticos se tornou um deserto na greve de 2014. Bárbara nos diz que isto seria o reflexo dos conflitos e debates infrutíferos entre os diversos grupos políticos organizados que atuam na FFLCH. No início da greve os estudantes comparecem e participam dos debates. Mas as intrigas e discussões entre os grupos e o extremismo e falta de tato de realidade e praticidade de muitos deles desestimulariam os estudantes não militantes a se engajarem e a continuarem a contribuir com o movimento da greve. Depois de certo período da greve a FFLCH realmente tinha se tornado um deserto.

Os estudantes acabam preferindo então as propostas mais práticas. Nisso Bárbara nos conta que os grupos que ganharam as eleições para os CAs da FFLCH foram majoritariamente os grupos ligados ao PT⁵¹ pois tiveram propostas mais praticas e realizáveis do que os partidos e grupos mais extremados no espectro da esquerda política, que tem geralmente propostas muito radicais.

Para Bárbara, o ME tradicional esqueceu ou nunca se preocupou com o fato de que os estudantes têm uma vida fora da universidade. Muitos trabalham, tem outras prioridades. Estas pessoas não se sentem representadas e ouvidas por estes grupos. Elas

⁵¹ Partido dos trabalhadores

estão mais preocupadas em uma ação concreta dentro da universidade que melhore o ensino ou mesmo uma proposta de intervenção social mais prática do que se esforçar por realizações macro políticas difícilimas de serem conquistas e muito fora do possível dentro de nossa realidade como por exemplo fim do vestibular ou estatização da educação.

Por alguns desses motivos Bárbara nos dá uma opinião muito radical a respeito do porque de sua não participação nessas correntes políticas e movimentos organizados.

E aí, da minha experiência mais pessoal, é meio complicado porque eu decidi... que eu ia ser independente do Movimento. Não ia me organizar em nenhum partido, nenhuma corrente exatamente pra não ficar nesse limbo de sempre ter que seguir a direção central e ao mesmo tempo querer conversar com as outras, que a partir do momento que você está organizado (em partidos ou grupos) a conversa não existe mais.

Interessante este motivo dado por Bárbara para não se filiar a nenhum grupo. A partir do momento que você definir um grupo para o qual pertencer, não haveria mais conversa possível com os outros grupos. Os membros destes grupos se agrediriam, se criticariam entre si, e seriam surdos para com os outros grupos. Seriam grupos hiperidentificados internamente. A formação de grupos que não dialogam entre si configura uma situação terrível para a possibilidade de crescimento e transformação das pessoas nesses grupos. Opiniões tão fechadas impossibilitam qualquer abertura a situações novas e era isso que Bárbara estava tentando evitar quando decidiu não participar de nenhum desses grupos. Ter que seguir a direção dos partidos ou dos grupos era algo que não estava nos planos de atuação de Bárbara, sempre muito independente e questionadora. Estes grupos, por ter esta característica, não teriam possibilidade nenhuma de construir conjuntamente com os seus representados, com a categoria dos estudantes. Sabemos no entanto que Bárbara encontrou alguns grupos de ME que não exigiam de seus participantes uma identidade ideológica comum ao grupo e sim que participassem das discussões para desenvolverem seus pensamentos e práticas.

O caminho do diálogo, da construção conjunta não tá mais possível (Nos MEs tradicionais). E aí eu vi essa possibilidade na participação com os coletivos da saúde, e por isso eu fui por aí. Então lá da pra ter uma conversa mais sincera. Mesmo o pessoal mais organizado do “Domínio Público” dá pra conversar e dizer o que a gente vai

fazer agora, qual a direção desse movimento. Então a gente consegue com todo mundo tomar uma decisão conjunta. Seja o pessoal mais ligado à Medicina que é mais comprado pela fundação assim como existe na Odonto um pessoal mais comprado pelas fundações assim como existe a gente que é um pessoal mais radical de esquerda. A gente, a Saúde Pública e a Enfermagem... Psico. E aí as minhas relações pessoais foram mais nesse sentido. De construir uma rede de amizade, de se conhecer, de falar do curso um do outro, de se conversar. E aí nisso a gente conseguiu construir a calourada da saúde desse ano, que fundamentalmente veio daí e aí as relações ficaram menos partidárias e mais de projetos comuns.

Bárbara encontrou nos grupos de coletivos da saúde uma participação democrática e aberta de um modo no qual não estava encontrando em nenhum dos grupos de ME mais tradicionais. Nestes espaços foi onde encontrou ser possível o diálogo, a construção de objetivos através das trocas de conhecimento, informação, abertura ao diálogo, amizade. Mesmo entendendo que certas entidades não tem uma liberdade completa de ação por estarem ligadas à instituições de financiamento, sempre foi possível um diálogo. Foram nesses espaços Bárbara se sentir á vontade.

Fizeram um projeto em comum, todas estas entidades com pensamentos e amarras institucionais completamente diferentes. As relações dentro deste movimento da área da saúde se dão não através das relações partidárias e sim através de projetos comuns, como construir a calourada, construir uma feira de profissões. Isto torna as relações entre as pessoas do grupo mais concretas, mais direta, menos abstrata.

Bárbara nos conta como esta característica dos grupos do ME tradicional não conversarem entre si acabam afetando a organização dos projetos em comum que tenta organizar. Cita a Calourada unificada. Evento organizado pelo grupo do DCE para recepcionar os calouros no início do ano letivo.

Não existe dentro do DCE uma conversa fluida e organizada. Se você vai ver como que é construída a calourada unificada, é essa bagunça né. Cada um leva a sua mesa... tem 6 mesas pra colocar na calourada unificada. Quais vão ser essas mesas? 2 foram do Juntos e 2 da oposição. Quais são as oficinas que existem, quem vai fazer as oficinas? Quem vai levar a maioria vai ser o Juntos que é o DCE hoje. Então é uma disputa dentro do Movimento Estudantil, e aí nisso as relações pessoais ficam desgastadas.

O modo como conta sobre a organização da calourada do DCE da USP já nos mostra o quanto não se identifica com toda a forma de funcionamento desta organização. Eis aqui um exemplo dado por Bárbara sobre como se efetua na prática esta divisão de poder entre os movimentos que buscam estar nos órgãos estudantis centrais dentro da universidade. Cada grupo tentando ficar com a sua fatia e aquele grupo que se tornou majoritário terá a maior participação de mesas e falas durante a calourada unificada. As relações pessoais ficam muito desgastadas por causa desta disputa constante de poder. Difícil ter uma amizade duradoura e verdadeira entre integrantes muito atuantes de grupos diferentes.

Bárbara conta como são as suas relações com as pessoas dos movimentos partidários e ideológicos e em contrapartida conta como é a sua relação com as pessoas do grupo da saúde.

E aí quanto as minhas relações pessoais, são complicadas porque eu tenho proximidade com muita gente, de muitas correntes. Desde a Ultra até o DCE, só que é uma relação de amizade de convivência. Então eu encontro fulano no bandeirão e converso com ele, no circular e troco ideia, minhas relações pessoais vão por aí. Aí na Saúde, por a gente ter feito um movimento diferente. Por a gente não ter as pessoas que mandam, as pessoas que centralizam. As nossas relações são mais verdadeiras assim. Então eu tenho problemas com fulano, ele sabe disso. Na hora de tomar decisões políticas a gente tem as divergências, mas depois a gente vai tomar cerveja no bar sabe, vai falar mal de fulano e ciclano, vai discutir DCE de um jeito: “Porque aquela menina mano, olha o que ela tá fazendo” e enfim. Essas são as relações que acabam sendo mais verdadeiras eu acho. Então discutir por exemplo aqui na Psico o modo como a gente tá fazendo os RDs tá sendo meio isso né? O que que fulano quer fazer? A fulano quer tocar o blog, quer discutir currículo, sabe?

Bárbara deixa muito claro que estabeleceu relações completamente distintas entre as pessoas que conheceu nos grupos vinculados à partidos e as pessoas que conheceu nos grupos de discussão da área da saúde.

Enquanto com as pessoas que conhece dos grupos partidários diz que tem uma amizade de convivência, conversando quando encontra pela USP casualmente, com as pessoas que conheceu na área da saúde diz ter construído uma amizade muito mais verdadeira.

Atribui isso á forma horizontalizada e democrática com que o grupo efetivamente funciona, possibilitando às pessoas poderem se expressar de maneira muito mais genuína. Apesar de todas as intrigas, comum de haver quando há discussão de ideias e divergências, as pessoas não se sentiam inimigas entre si nos grupos de discussão da saúde. Discordavam mas logo depois estavam num bar tomando cerveja juntas.

Bárbara via no grupo de Representantes discentes da Psicologia (RDs) esta característica também, assim como no Núcleo. No CA não foi possível ter uma forma democrática e construída por todos, então para ela o grupo de RDs era o espaço que dentro da psicologia estava criando esta possibilidade de construção conjunta e amizade.

E é através desta amizade que Bárbara vê a possibilidade de entender posições diferentes das próprias.

O cara pode ser a favor da fundação pra faculdade dele porque a fundação tá dando dinheiro pro projeto de permanência estudantil? Tudo bem. Mas no limite não, no limite a gente vai questionar a fundação, porque a fundação ta fazendo isso e não a universidade. E aí essa discussão acontece. Porque as relações pessoais são mais possíveis, são mais sinceras. Tipo, olha , você tá fazendo certo de ir lá cobrar a fundação porque ela que ta financiando a universidade porque foi assim que a instituição conseguiu se organizar, mas no limite a gente vai colocar uma posição declarada, e ai eu acho que só é possível porque existe isso sabe? Existe essas relações pessoais que são mais de companheirismo do movimento do que de falar qual é o caminho que tem que seguir.

Bárbara nos conta que por a relação entre as pessoas do grupo de saúde ser mais sincera, há maior compreensão das situações específicas de cada faculdade. As críticas a determinadas ações de um grupo não tem a finalidade de deslegitimar uma ação que a princípio o movimento como um todo discorda, mas sim considerar e ponderar os limites e consequências da ação. Muitas vezes uma determinada ação é a única opção razoável apesar dos conflitos com a postura moral e ética do grupo. Cita o exemplo do financiamento de fundações à permanência estudantil. Conta que a princípio o grupo todo é contra, faz uma crítica dura a este tipo de ação, mas que em casos específicos deve se compreender a necessidade de aceitar este financiamento.

Relações sinceras dentro do movimento geram esse tipo de companheirismo e compreensão. Entender e se colocar na situação do outro, da outra instituição gera esta amplitude de força dentro do movimento. A construção coletiva passa por isso. Isso dá um respaldo gigantesco para as ações e atitudes dentro do grupo. É um acolhimento muito potencializador que Bárbara sente nesse grupo de Saúde.

Bárbara também sente muita falta de uma aproximação que julga ser crucial para as pautas da universidade. A união entre as pautas estudantis e de trabalhadores. Reflete um pouco sobre esta desunião entre as “classes”.

...conciliar movimento estudantil com movimento de trabalhadores, e isso o movimento estudantil não consegue fazer e a experiência é de no cotidiano é saber que a universidade não funciona só na sala de aula sabe? Pra estar na sala de aula tem muita gente trabalhando nos bastidores. E essa convivência de estudante com trabalhador, seja ele funcionário ou professor, não existe. Tomar café com professor como a gente faz é um em um milhão sabe. Porque é uma coisa bizarra a relação que a gente tem com as pessoas não “nossos pares” vamos dizer assim.

Bárbara sente que de maneira geral os ME e os movimentos de trabalhadores também convergem pouco e fazem poucas ações conjuntas. Bárbara sempre apoiou as pautas dos trabalhadores do IPUSP. Muitas vezes estava militando junto ao grupo de trabalhadores e não nos grupos dos MEs na Psicologia. Reconhece que no IPUSP temos uma situação muito melhor na relação ME e movimento de trabalhadores do que em outros lugares na USP. Muitos dos estudantes que se engajaram no ME interno da psicologia fizeram muitas parcerias com alguns docentes e funcionários também ativos na militância interna na universidade, tornando-se até amigos de fato. Bárbara tem muitas amizades com funcionários no IPUSP construídas através destas parcerias e atuações conjuntas.

11. Seu futuro de atuação.

Bárbara agora pensará no seu futuro de atuação política, nos MEs, na militância com os grupos de trabalhadores. Bárbara pretende continuar participando na gestão do CA mas

desta vez de uma maneira diferente. Quer fazer a passagem, deixar de ser a protagonista que foi nestes últimos anos.

O que eu to fazendo hoje? Tô formando a chapa nova do CA que tem umas 20 pessoas. Acho que a gente vai fazer reunião hoje até. Tem muito calouro, muito, muito, muito ingressante. Só que eles veem muito eu como tipo quem vai dar a diretriz ainda pra gente. Vou ter que atuar muito no bastidor, e eles começaram a tomar mais pra si. Falei: Gente, vocês tem que escrever a carta programa, vocês que tem que fazer a politica, eu vou dar uns pitacos, mas quem vai dirigir o CA não sou eu. E aí tomaram mais pra si, então eu acho que aqui no âmbito da Psico é isso que eu to fazendo. Jogando a bola pra frente pro pessoal tomar a responsabilidade. Isso é muito bom porque quando a gente tava fazendo as conversas, foi quando eu consegui “catar” os RDs novinhos e o pessoal começou a entrar e por isso a gente tem RDs em todas as cadeiras hoje e isso foi bom. Sai do CTA, isso também ajuda a tirar um pouco dessa coisa meio Central. CTA e Congregação são os órgãos mais importantes.

Ela está tentando formar uma nova chapa para a gestão do CA ajudando os interessados a formar este grupo. Ela tem completa noção que está identificada com o poder do CA e o poder político na Psicologia. Sabe que terá de trabalhar isso com os novos integrantes na chapa pois sente que esperam que ela diga o que deve ou não deve ser feito. Bárbara está indicando os caminhos e deixando para que eles construam etapa por etapa o que for necessário para a consolidação desta nova configuração do CA. Também está deixando as responsabilidades como RD. Esteve por algum tempo no CTA, importante colegiado decisório, e agora também deixará esta função.

Bárbara está no momento tentando deixar para trás a sua atuação mais contundente no ME. Ela se coloca agora como colaboradora. Está no penúltimo ano da graduação e pretende dar rumos diferentes para sua atuação política. Está pensando como será quando estiver no mercado de trabalho. Seu foco se volta para a atuação no grupo de Saúde.

...o que eu vou fazer daqui pra frente. Acho que é levar o movimento da saúde pra outra perspectiva. É entender quais são os movimentos da saúde que existem hoje. Porque o Movimento estudantil pra mim é uma fase que vai acabar. Eu não vou despender muitos esforços, falar “tem que construir o movimento da categoria” porque eu não vou

conseguir. Então pra mim o quanto antes eu consegui entrar num movimento organizado de trabalhador... essa é a minha perspectiva. Estar em algum movimento organizado de trabalhador da saúde, que aí eu consigo discutir outras coisas, pensar intervenção em políticas públicas da prefeitura, pensar em projetos que vem da rede de saúde mental do governo estadual, enfim, do ministério da saúde, é outro âmbito de discussão quando você está no movimento de trabalhadores né? Então é essa minha perspectiva, me formar logo pra estar em algum movimento. E aí estar aliado ao trabalho que eu vou escolher. Pretendo trabalhar na saúde em algum órgão público, provavelmente fundação, porque não tem contrato mais público praticamente. Então perspectiva de militância dentro do movimento de trabalhadores. E aí com isso fortalecer o fórum popular de saúde. Que é composta de trabalhadores basicamente, mas tem muita participação estudantil, assim principalmente do pessoal mais organizado... Então a perspectiva é meio essa de estar na militância dos trabalhadores da saúde, e aí construindo o Fórum aqui da região Oeste, pra estar... pra levar pra frente o que eu construí no movimento estudantil. Que eu acho que tem sim uma responsabilidade das lideranças estudantis, mas acho que a gente não pode largar, falar agora eu sou trabalhador e estudantes se virem.

O ME é um lugar de passagem. É o lugar onde as pessoas constroem a sua formação política e que invariavelmente vai deixar de ser o lugar de atuação política. São apenas alguns anos nesta condição de estudante. Bárbara prepara sua passagem para o grupo de militância ao qual quer pertencer em breve, o grupo de trabalhadores da área da saúde. De certa forma já construiu este espaço de militância desde quando começou a participar do projeto PET saúde e posteriormente do grupo do Núcleo de estudantes da saúde. Bárbara inclusive se identifica muito mais com as organizações de defesa do trabalhador da USP do que com o ME já à algum tempo.

A sua participação no ME foi em sua maior parte relacionada às questões da área da saúde. Área que já vislumbra como perspectiva de trabalho e de militância futura. Tem muito conhecimento das problemáticas desta área por toda a sua participação e envolvimento nos grupos estudantis de saúde. Ela está em sua zona de conforto nesta área. Esta transição é simples para ela pois dará continuidade como trabalhadora as suas realizações de militante já exercidas como estudante da área de saúde.

Mesmo assim ela se sente no compromisso de acompanhar a passagem de gestão para

os futuros membros do C.A. Mesmo porque se sente no compromisso de manter a união entre os trabalhadores e os estudantes. União que defendeu e defende muito enquanto estudante e pretende manter enquanto trabalhadora da área da saúde num futuro próximo.

Em seus momentos finais como estudante pretende contribuir de outra forma para o ME. Um projeto que ao mesmo tempo é uma perspectiva de trabalho dentro da área da saúde e uma ajuda aos MEs e movimentos sociais.

...eu to com varias idéias para a minha formação. Uma delas era fazer da minha iniciação científica um projeto pra dar apoio psicológico pra coletivos. Principalmente coletivos feministas, que é uma coisa que a gente tá tocando agora com um pessoal que tava discutindo direitos humanos aqui da Psico e a ideia é que tenha um serviço de atendimento psicológico para coletivos, coletivos feministas, de negros e negras, trabalhadores da rede de saúde mental, assim, então, se eu conseguir encampar isso e fazer isso virar uma realidade concreta acho que minha atuação profissional e politica vai ser por aí. De ter um serviço de apoio psicológico pra militante.

Um grupo de apoio psicológico para os coletivos estudantis e de trabalhadores da área da saúde. Esta é a ideia de Bárbara que demonstra o quão importante foi para ela o ME do qual participou e o quanto quer continuar contribuindo com ele, mesmo que não diretamente.

Bárbara não se vê mais atuando diretamente nos MEs. Quer fazer a transição para a classe trabalhadora. Já se sente como uma trabalhadora da área da saúde de alguma forma.

Este projeto alinha então a sua perspectiva de continuar contribuindo para o ME e constrói um caminho muito singular na área da saúde. Uma perspectiva nova de cuidado para com os trabalhadores e militantes de MEs pode ser aberta através deste projeto.

Bárbara quer ver os projetos continuarem a serem desenvolvidos. Quer ver os mais novos se desenvolverem. Reconhece-se nos mais novos que estão começando a trilhar o caminho da militância. É o seu modo de homenagear todo o percurso que a fez ter a compreensão política que tem hoje trilhado seu caminho de sentido dentro de uma profissão que a principio não queria exercer.

12. Autorreflexão.

Bárbara conta que quando a convidei para a realização da entrevista sobre Movimento Estudantil ela direcionou o seu pensamento para a história de sua militância.

É, tem algumas assim. É interessante que desde que você me convidou pra essa entrevista eu fiquei pensando um pouco né? Nisso, e também porque eu tava fazendo um balanço da minha própria militância. O que também eu queria seguir e tal.

É um momento inusitado e importante falar sobre o percurso de sua vida que irá se tornar um trabalho acadêmico. Com Amaro aconteceu algo parecido. O convite à entrevista o estimulou a escrever algumas coisas sobre a sua história no ME.

Bárbara já estava em um momento de sua atuação que demandaria rever e repensar a sua história e suas atitudes no ME. No período da entrevista ela estava engajada em constituir um novo grupo para gerir o CA. Queria passar seu conhecimento e experiência para estas pessoas que iniciariam uma nova jornada no ME. Nesse período de reavaliação conta que estava perguntando pra algumas pessoas como elas viam sua própria atuação.

...esses dias eu estava perguntando pras pessoas como elas viam a minha atuação. Até porque eu acho que eu tenho que sair um pouco de cena, deixar os outros se posicionarem. E diziam: Você surgiu do nada e surgiu causando. E aí eu percebi, que eu cheguei meio sem construir. Cheguei meio sem conversar com as pessoas, tipo o que vocês acham sobre isso. Eu cheguei falando: Tem que ter reforma curricular, tem que ter a entrada da psicologia no campo da saúde. E num é... acho que isso foi um erro central.

Já vimos como sabe muito bem que através de suas posturas e formas de atuar ficou identificada com a figura de poder do CA. Sente a necessidade de sair desse lugar de centralização. Era sempre ela quem se posicionava politicamente. Mas que tipo de postura foi essa que proporcionou este papel tão central dela no grupo da gestão? Pede

a pessoas da Psico que conte qual foi a impressão de sua atuação no ME.

Não era qualquer olhar externo, era de amigos e pessoas de confiança de Bárbara. Estava aberta a esta avaliação, seja ela qual fosse. Não estaria numa situação de confronto ou de assembleia em que teria que demonstrar sua força, fazer valer sua posição, situação de confronto esta tão comum à ela em diversos episódios, desde a sua adolescência escolar. Ela estava aberta para ouvir... e ouviu: “Você surgiu do nada e chegou causando”.

As reflexões dos amigos, feita de maneira sincera, honesta, sem a intenção de denegrir Bárbara tornaram possível algumas boas reflexões de seu próprio caminho trilhado. Não entrou em nenhum ME organizado partidariamente justamente por querer manter sua independência de pensamento e buscar um diálogo maior com as ideias dos estudantes. Mas se viu, através das impressões de seus amigos, pelo menos no seu momento inicial de militância, como tendo uma atuação destrutiva para com tudo, também colocando as pautas já pré-determinadas. Bárbara reconheceu que teve este tipo de atuação. Por mais que suas pautas fossem, justas, pertinentes, a questão da falta de diálogo, tão enfatizada por ela, não teve espaço em sua atuação no próprio início de sua participação no ME. Bárbara estava no processo de se sentir em casa no ambiente da USP, e a sua maneira de se apropriar deste espaço foi atuar nos problemas que identificava imediatamente, das questões que mais a indignavam.

Bárbara vive nesta tensão entre explodir e agir impulsivamente a partir de suas indignações pessoais e se controlar e agir mais ponderadamente e pensativamente, com o debate e participação dos estudantes, aquilo que é um de seus grandes ideais no ME. O seu principal desafio parece ser tornar-se uma e coerente entre estes seus polos de atuação.

Acho que o principal desafio é ter uma autocrítica afinada com a sua ação. O que to querendo dizer com isso? A dinâmica do movimento não é uma dinâmica que você pode se furtar a se dar o luxo de falar: Eu sei qual é o caminho. Quando você coloca que você sabe qual é o caminho você exclui outras possibilidades, que é o que eu acho que a gente tava falando agora. Eu sei, o caminho é não ter feira, não seguir o caminho da reitoria. Mas aí você exclui todas as possibilidades. O que é a favor do que a gente vai desconstruir alguma coisa ou construir? Então acho que o principal desafio de

militante é ter uma análise de conjuntura, que não é essa conjuntura geral, mas é uma conjuntura do movimento. Pra ter essa autocritica e ela se transmitir nessa ação. E tanto nas intervenções, e como você toma as responsabilidades pra si. Não se deixar dividir por uma coisa que vem pronta. Tem princípios, tem ideais. Não dá pra você ser militante sem saber o que você está defendendo, saber o que você tá definindo e o que você esta sendo contra. Ter um posicionamento politico claro, que no meu caso é de esquerda radical, no sentido de questionar as estruturas, e não se contentar com as reformas vamos dizer assim, mas ao mesmo tempo não deixar de contar com a realidade.

Justamente o que considerou sendo o seu maior erro é o que considera ser o principal desafio de uma atuação. Bárbara vive nesta ambiguidade entre o agir reativamente e agir segundo os princípios de abertura e diálogo que defende. Afinar a crítica com a ação muitas vezes é difícil, ainda mais quando muitos destes assuntos ganham uma carga emocional muito grande.

Um tênue equilíbrio existe entre a afirmação das posições e opiniões que construiu e a abertura para o diálogo e novas ideias de outras pessoas que ajudaram a reconstruir uma nova afirmação política. Este é o ciclo dialético de uma postura que Bárbara vê como o seu norte de postura política.

Bárbara também defende a clareza de posicionamento. Bárbara organiza a sua postura e atuação política de maneira a conhecer bem um determinado ponto de discórdia para posteriormente se afirmar contra ou a favor. Organiza-se através destas estruturas de embate.

Bárbara também se vê como sendo ansiosa para realizar as tarefas necessárias para cumprir os objetivos à que se propõe. Isto muitas vezes gera problemas com pessoas que não conseguem ou podem acompanhar o seu ritmo.

... O pessoal fala que eu não tenho tanta paciência com quem está começando, não tenho paciência com os novinhos. É difícil as vezes sabe. É difícil porque desgasta. Essa questão de ficar na meta discussão de como se faz e não se faz e não fazer de fato. Esse é o meu grande problema eu acho, de não ver as ações acontecendo pra um objetivo final. Acho que é uma autocritica. E aí de tomar muitas ações pra mim. Precisa fazer

boletim pra votar, aí eu vou escrever, diagramar e imprimir. Eu sou muito assim. E acho que também falta conversar, construir, essa coisa do meio do caminho aí que eu nunca faço, sempre peço pra alguém fazer, mas eu acho que dá pra conversar.

Bárbara faz e quer ver as coisas acontecerem. Pessoa muito prática e com objetivos muito claros em sua mente. Com isso admite ter dificuldades quando precisa fazer uma formação de pensamento, explicar os porquês de defender determinadas ações para as pessoas que estão iniciando no aprendizado político do ME. Também toma pra si todas as tarefas. O que ela mesma tem dificuldade de fazer é o que ela idealiza e busca em suas ações. Bárbara está direcionando o seu caminho para tentar ser o mais aberta possível e tomar decisões baseadas no coletivo e em discussões. É este o principal motivo de ter gostado muito e ficado no núcleo de estudantes da saúde por exemplo. Um grupo aberto, com diálogo, onde sente que é ouvida e ouve os demais. Neste ambiente do núcleo de saúde, por já ter este funcionamento, Bárbara sente que as pessoas agem desta maneira e de forma muito natural. Em ambientes e instituições onde esta democracia e abertura de escuta e fala não existe plenamente, como foi o caso da gestão do CA, Bárbara tem dificuldades de agir de maneira não centralizadora, ainda mais se sentindo só nesta tarefa árdua de formação das novas pessoas e de fazer acontecer as decisões. Mas é esta abertura e diálogo o que ela mais preza.

... E sabe que eu acho? Acho que a conversa acontece no dia a dia, então aí eu fico conversando, mas converso com as pessoas no dia a dia. Então tem uma galera que sabe porque eu converso com essa galera e tem uma galera que não sabe exatamente porque eu não converso... Acho que é meio isso. Mesmo com a galera que é a mais do movimento, tipo a Maria. Não consigo mais conversar com a Sheila por exemplo, porque ela tá de cabeça no DCE. Não consigo mais conversar com uma galerinha que apoia ferrenhamente o DCE. Gente, não. E acho que falta essa consciência (de ter paciência), essa é a autocrítica.

Ela está a todo o momento tentando se reeducar para agir de maneira não reativa e não tão passional com as pessoas que para ela tem posturas muito antagônicas às dela. Pessoas que a conversa não flui, não há trocas, não há escuta.

Dá-nos diversos exemplos do quão difícil é para ela esse tipo de atitude. Conhecemos seu modo de agir na adolescência. Nas discussões com os professores. Na troca de escola muito motivada por sua postura extremamente crítica e agressiva na escola anterior. Sua forma ácida e enfática de realizar as críticas das situações que ela chama de indignantes e absurdas. Seu ingresso no ME foi através de uma desavença com uma docente. Mas a sua luta dentro do movimento estudantil é para haver menos atitudes reativas e sim para mais atitudes de diálogo e conversa de troca. É este o caminho que enxerga para que o ME se torne de fato representativo de todos os estudantes e que possa realizar grandes transformações na educação e na sociedade.

A sua busca no ME é a sua busca por uma transformação em sua própria personalidade pública. O que almeja para o ME é o que almeja alcançar em sua participação pessoal no ME. Uma evolução constante. Bárbara já fez muitos progressos e propicio muitos progressos no ME. Bárbara e o ME evoluem juntos.

o que(o ME) contribuiu foi que ele me fez acreditar que a psico tinha algum sentido na minha vida. Com certeza se não fosse o movimento estudantil eu estaria longe, Não estaria na Psico. Provavelmente estaria fazendo um curso tipo administração.(pg47)

Muito significativa esta frase de Bárbara. Sem o ME talvez ela nem continuasse a fazer o curso de psicologia. Foi o ME e as pessoas envolvidas nele na psicologia que fizeram com que ela quisesse ficar cada vez mais um pouquinho na USP. O que antes não fazia parte da sua vida, era só uma obrigação, foi se tornando o lugar em que depositou suas maiores energias. Mesmo não admitindo no início de sua jornada no IPUSP, a psicologia foi começando a fazer sentido para ela. Contou sobre o quanto a atitude de escuta e parte de sua formação em psicologia contribuíram para pensar alguns projetos, principalmente no núcleo da saúde.

“ME organizou e desorganizou a vida de um jeito bom” Foi que me fez acreditar que dá pra ser psicólogo e atuante em alguma coisa que faça sentido na vida Além disso, contribuiu pra organizar minha vida pessoal. De me afastar das pessoas que eu precisava me afastar. Comprar uma briga que até hoje não resolvi com a minha família, mas tudo bem, pelo menos está ali posto que tem uma discordância que não vai ser conciliável. Não vou seguir um projeto de vida que minha família quer por uma questão óbvia de discordância ideológica e tudo mais. E num outro âmbito, que tem

contribuído, é essa visão mais real, mais concreta de como é possível ser trabalhador, ter responsabilidade com um projeto de vida que é ser independente, de ter atuação militante dentro de uma realidade concreta.

O ME, para Bárbara, uniu dois mundos que para ela estavam completamente distantes. Seria possível ser uma psicóloga e ser atuante? Talvez tivesse uma impressão anterior de psicologia como sendo a profissão em que a pessoa simplesmente pensa os problemas particulares de cada indivíduo. Através do ME viu que o curso de psicologia lhe proporcionou muitas ferramentas, técnicas e conhecimentos que contribuíram para sua atuação no ME.

Além disso, o ME se tornou parte de sua rotina, de sua vida. Foi um fator que marcou a sua posição de independência dentro de sua família. De seguir projetos próprios e significativos para ela. O amadurecimento de uma visão conjunta entre prática e teoria, e lutar, dentro das possibilidades da realidade, pela transformação. O ME desencadeou para Bárbara um processo de autoconsciência de si mesma, que está rumando para um grande desenvolvimento dela como pessoa, como trabalhadora. A sua forma de se expressar, tão veemente e muitas vezes exagerada e desadaptada, foi ganhando novos contornos com todo o seu percurso na sua atuação pelo CA, no núcleo de saúde e através de sua formação em psicologia. A sua visão autocrítica nos dá bem a dimensão de seu progresso e da tentativa que está sempre tendo de se reeducar, de controlar seus impulsos para que a sua prática no mundo seja condizendo com as suas reflexões.

PARTE IV – Reflexões finais.

01.Sobre a militância estudantil.

O movimento estudantil, motivo desta entrevista, foi mostrado de maneira muito ambígua por nossos entrevistados.

Amaro inicialmente nos conta que não se sente pertencente à militância estudantil. Tenta se afastar desta designação, desta identidade. Para ele o movimento estudantil são todas iniciativas dos estudantes. Vê de forma muito negativa o termo militante estudantil por ver este termo associado às práticas da militância associada às grandes organizações políticas, que para ele são repetitivas. Amaro se desenvolveu na política principalmente através da atlética, foi o lugar onde ganhou confiança para poder atuar no mundo da psicologia e na universidade, lugar onde quebrou muitas barreiras pessoais.

Bárbara, quando perguntada sobre o que concebe a respeito dos movimentos estudantis, também não nos traz um cenário muito mais animador do que Amaro. Também não se vê identificada à nenhum grupo de militância estudantil. Diz que não entrou em nenhum grupo de militância mais organizada, geralmente vinculado a partidos políticos, pois afirma que entrando em um desses grupos não seria possível mais conversar com pessoas dos demais grupos sobre política, tamanho o fechamento de ideias dos grupos. A necessidade de seguir as pautas programáticas de cada grupo tornariam o diálogo com grupos diferentes difícil.

Com isso uma questão intrigante surge à esta pesquisa. Se escolhi estes entrevistados justamente por pertencerem à movimentos de militância estudantil e eles não assumem a identidade de militantes estudantis, sobre o que discutiremos tão longamente durante as entrevistas?

Devemos colocar uma ressalva aqui. Os dois entrevistados consideram como militância estudantil em seus discursos o que está relacionado diretamente aos vínculos com instituições organizadas e partidárias, ou o que poderíamos chamar da política. Nenhum deles se vinculou a nenhum partido político, nenhum deles construiu a identidade política alicerçada na identificação programática ideológica de uma organização. Que tipo de militância política é esta então? Almeida⁵² nos dá indícios do que está

⁵² ALMEIDA, L.L. *A juventude universitária e a nova sociabilidade: Continuidade ou ruptura?*

ocorrendo:

O que ocorre é que os jovens implementaram uma mudança de comportamento fundamentado em outros princípios, migrando da política estudantil stricti sensu para ações mais universalizadoras, alicerçadas na construção da cidadania. (Almeida, 2004).

Assim, podemos dizer que esta aparente contradição nos nossos entrevistados é por não assumirem para si o papel que a militância estudantil teve ao longo da história. Recentemente há um novo conceito e caracterização de militância estudantil. Almeida⁵³ nos diz que muitas vezes nos anos 90 e início dos anos 2000, após os movimentos de diretas já, a classe estudantil foi caracterizada como sendo alienada e não politizada, mas afirma que houve esta mudança de atitude perante o que se considera ação política. Agora os estudantes não só se organizando em partidos e outras formas de organização de política tradicional. Agora agem politicamente através de uma iniciativa pontual para promover a limpeza de um espaço físico aonde se encontram, promovem integração entre estes estudantes através do esporte como Amaro fez quando foi membro da atlética, ou criam grupos específicos para pensar a futura ação profissional como Bárbara fez na área da saúde. O pensar a política se dá através de ações de cidadania⁵⁴. Estranho ver Amaro e Bárbara, motivo desta pesquisa, não se colocarem como sendo da militância estudantil. Esta ponderação clarifica o problema.

Amaro afirma que entrou no movimento estudantil pela atlética. Bárbara realizou seu trabalho mais significativo numa organização que a princípio não se identificava como movimento estudantil, o Núcleo de estudantes da saúde.

Nos dias atuais podemos conceber o movimento estudantil como tendo uma gama extremamente ampla de significados, relacionadas também a organizações políticas e ideológicas, mas principalmente a outras formas de agir no mundo como através de coletivos de identidade, coletivos culturais. O movimento estudantil hoje parece ter perdido sua força como política tradicional mas se manifesta fortemente de outras formas. O ME está bem vivo, e Amaro e Bárbara são duas provas de que eles podem ser

Coimbra. VIII congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais. 2004.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Ibidem.

vividos intensamente, produzir muito, transformar a vida de pessoas mesmo estando distante do que ele representava antigamente.

02. A macro política.

As manifestações de junho de 2013 foram decisivas para nossos entrevistados, talvez este tenha sido o grande evento político que afetou ambos os nossos entrevistados de maneira decisiva, principalmente para Amaro, que explicita claramente que este evento desencadeou um interesse muito grande nele por política. Bárbara também conta sobre a importância deste evento de junho de 2013 em sua caminhada. Estas manifestações deram ânimo para a classe estudantil reivindicar diversas pautas relativas a permanência estudantil e democracia na universidade no segundo semestre de 2013.

É inegável a importância dos grandes eventos políticos, seja a nível municipal, estadual, nacional ou mesmo mundial para a importância que os jovens delegam às suas próprias ações políticas.

Grandes crises políticas nos lembram de que a política de fato afeta as nossas vidas diretamente quando e trazem unidade para de sentido de luta para uma parcela da população que se não fosse por isso não teria esta percepção de sua experiência política. Luiz, no trabalho de Mortada (2002) afirma que os momentos políticos de esperança na macro política, citando as eleições presidenciais de 1989, geram esta comoção entre os jovens e estimulam os mesmos a agirem mais na política.

As lembranças de nossos entrevistados relativas aos seus primeiros contatos com a política estão relacionados a eventos da grande política, da política formal, e que mexe com a paixão de quem nos cerca.

Bárbara tem muitas lembranças de eventos que aconteceram na sua cidade. Viveu na pele problemas com o transporte público. Pela sua proximidade com a filha do prefeito, sua colega de colégio, tentou interferir diretamente no curso dos rumos de sua cidade, conversando com o prefeito sobre este problema de transporte público. Posteriormente, nas eleições para a prefeitura ficou muito emocionada com a vitória do candidato da oposição.

Amaro teve uma experiência mais incipiente, conta sobre quando a Dilma, então candidata a presidência, visitou sua cidade, foi a primeira lembrança de política que Amaro nos contou. Lembra de ter escrito um cartaz pedindo mais educação.

Por mais simples que tivesse sido este evento para Amaro, ficou marcado em sua memória. O grande tema de sua militância posterior, a educação, já estava presente neste momento.

03. Amaro e Bárbara, a metamorfose individual e social.

Durante todo o relato de ambos os entrevistados pudemos perceber a mudança em suas formas de se relacionarem com o mundo, a mudança de se enxergarem a si mesmos.

Ser é ser metamorfoseada!

A metamorfose é a expressão da vida. Como tal é um processo inexorável, tenhamos ou não consciência dele.⁵⁵

Ciampa afirma que o fato de estarmos vivos indica a necessária transformação. Os Fatos cotidianos, as experiências, as conquistas, as derrotas, todas elas vão aos poucos nos modificando. Cada nova experiência é uma nova constituição de ser.

Amaro transformou-se. De uma pessoa sem apropriação do conhecimento e muito reativa e defensiva emocionalmente, se viu transformando-se através do curso de psicologia, através da militância estudantil, num sujeito que pretende pautar com confiança temas delicados de política e educação e que enfrenta com muito mais vigor e coragem as suas posições. Esta é a direção que todo o seu percurso na militância e na psicologia foi desenhando à ele.

Bárbara viveu uma busca de achar o seu espaço de conforto de amizade para poder se expressar livremente. Encontrou isto depois de algum tempo na graduação da psicologia através das amizades que foi construindo na militância estudantil, nas greves. Bárbara também tenta achar um equilíbrio entre a sua impetuosidade e agressividade àquilo que a deixa ferida e a abertura compreensiva ao outro.

São pessoas diferentes hoje, evoluíram nos caminhos que desenharam para si, e evoluíram através dos paradoxos marcantes em suas vidas. Amaro variando entre o

⁵⁵ CIAMPA, A.C. *A história do Severino e a história da Severina*. São Paulo. Editora brasiliense. 1987. p113.

paradoxo do retraimento e a busca de conquistar um lugar ao sol, Bárbara entre o paradoxo da agressividade e da compreensão.

Para Safra⁵⁶ a transformação e reconfiguração de identidade do sujeito como processo de devir acontece através do paradoxo. O ser humano deve ser abordado pelo paradoxo para não se fixar em conceitos e estruturas, pois com o paradoxo há a abertura para um próximo devir, uma próxima mudança do ser, através de um novo paradoxo como questão em sua vida.

Amaro e Bárbara revelam a partir das metamorfoses pessoais a transformação que efetivaram no campo social e político. Transformações da coletividade a partir dos choques e contradições que eles mesmos enfrentaram a partir de um contato verdadeiro com o mundo. Deixaram a partir daí legado gigantesco para quem compartilhou com eles este processo de transformação pessoal, que ressoará em todos e ficará como história no futuro. Produziram muito.

Amaro ajudou a mudar a história de instituições na psicologia, como a atlética e o grupo de RDs.

Bárbara foi a referência da militância estudantil interna da psicologia da USP, ajudou a fomentar muitas discussões que construíram o caráter do movimento estudantil da psicologia.

Estarão marcados para sempre.

A tarefa e a grandeza potencial dos mortais têm a ver com sua capacidade de produzir coisas – obras e feitos e palavras – que mereceriam pertencer e, pelo menos até certo ponto, pertencem à eternidade, de sorte que através delas, os mortais possam encontrar o seu lugar num cosmo onde tudo é imortal exceto eles próprios⁵⁷.

Seus discursos, textos, obras, estarão marcados, seja na memória de colegas, seja no contágio a amigos para manterem-se empenhados em lutar pelo bem do curso e dos estudantes, seja no sentimento de acolhimento em muitos que sentiram-se integrados

⁵⁶SAFRA, G. Notas de aula do curso: *Diálogos Clínicos: A contribuição de Pavel Florensky*. Pós Graduação. IPUSP. 2014.

⁵⁷ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p28.

através de uma conversa, uma discussão, um respeito ao seu tempo compreensão. Trilharam um caminho de transformação para si e com isso transformaram também um pouco e para sempre o campo social e político a seu redor. Isto é o que mantém a esperança, buscando este futuro que ainda não é mas tornando-se por si mesmos esta presença rumo ao futuro. Futuro em que são mais dignos, mais justos, para eles como indivíduos e para a sociedade.

Bibliografia.

ADORNO, T. *Palavras e sinais. Modelos críticos 2*. São Paulo. editora vozes. 1995.

ALMEIDA, L.L. *A juventude universitária e a nova sociabilidade: Continuidade ou ruptura?* Coimbra. VIII congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais. 2004.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Da Revolução*. São Paulo. Ática. 1990.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BOSI, E. Entre a opinião e o estereótipo. In: *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. Sugestões para um jovem pesquisador. In: *O tempo vivo da memória Ensaaios de Psicologia Social*. Ateliê Editorial, 2003.

BRINGEL, B. O futuro anterior: Continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil. São Paulo. In: *EccoS – Revista Científica*. 2009.

CIAMPA, A.C. *A história do Severino e a história da Severina*. São Paulo. Editora brasiliense. 1987.

DE CASTRO, L.R. Participação Política e Juventude: Do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. In: *Revista de Sociologia e Política*. junho de 2008.

FORACCHI, M. M. (1965). *O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

_____. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: EDUSP, 1972.

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa*. Madrid: 2003.

HONNETH, A. *Observações sobre a reificação*. 2008.

MISCHE, A. De estudantes a cidadãos: Redes de jovens e participação política. *Revista brasileira de educação*, 1997.

MESQUITA, M.R. *Identidade, cultura e política: Os movimentos estudantis na contemporaneidade*. (Doutorado). PUC-SP. 2006.

_____. *Cultura e Política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil*. In: *Revista crítica de ciências sociais*. 2008.

MORTADA, S.P. *Memória e Política: Um estudo de Psicologia Social a partir do depoimento de militantes estudantis*. (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

_____. *Tempos da Política: Memórias de militantes estudantis do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*. (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. 2008.

PARO, V. H. Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. 28. 2002.

POERNER, A.J. *O poder jovem*. São Paulo. Centro de memória e juventude. 1995.

REIS, M.A. SOARES, C.B. CAMPOS, C.M.S. Processo saúde doença: concepções do movimento estudantil da área da saúde. In: *Saúde Soc*. São Paulo. 2010.

RIBEIRO, M.A. *ENEP: História e memória de um movimento*. (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. 1998.

SADALA, M.L.A. A alteridade: O outro como critério. In: *Revista da escola de enfermagem da USP*. 1999.

SAFRA, G. Notas de aula do curso: *Diálogos Clínicos: A contribuição de Pavel Florensky*. Pós Graduação. IPUSP. 2014.

_____. *A Face estética do self*. São Paulo. Teoria e clínica. 2005.

_____. *Hermenêutica na situação clínica*. São Paulo. Sobornost. 2006.

_____. *Momentos mutativos em psicanálise*. São Paulo. Casa do

psicólogo.1995.

WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. BOSI, E. (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.